

Perca o controle em...

# SANCTUM

Sequência de *Asylum*, best-seller do *New York Times*

MADELEINE ROUX



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## **Sumário**

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Agradecimientos](#)

[Créditos](#)



# SANCTUM

MADELEINE ROUX

TRADUÇÃO: Alexandre Boide



V&R  
EDITORAS





Edição: Flavia Lago

Editora-assistente: Natália Chagas Máximo

Preparação: Luciana Araújo

Revisão: Bóris Fatigati e Juliana Bormio Sousa

Diagramação: Ana Solt

Capa: Cara E. Petrus e Sammy Yeun

Arte da capa: Girl © 2014, Eva van Oosten/Trevillion Images

Texture © 2013, Noaki Okamoto/Getty Images

Photo Borders © 2013, iStockphoto

Keys © 2013, Dougal Waters/Getty Images

NIÑA © Chip Pix/Shutterstock

BIBLIOTECA © Tom Grundy/Shutterstock.com

NIÑO ENVUELTO EN NIEBLA © Faceout

Título original: Sanctum

© 2014 HarperCollins Publishers. Publicado com a autorização da HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.

© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A

[vreditoras.com.br](http://vreditoras.com.br)

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

[editoras@vreditoras.com.br](mailto:editoras@vreditoras.com.br)

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roux, Madeleine

Sanctum [livro eletrônico] / Madeleine Roux ; tradução Alexandre Boide]. -- São Paulo : Vergara & Riba

Editoras, 2015. -- (Coleção asylum)

44,4 Mb ; ePUB

Título original: Sanctum.

ISBN 978-85-1512-875-3

1. Ficção juvenil 2. Suspense - Ficção I. Título. II. Série.

15-04657 CDD-028.5

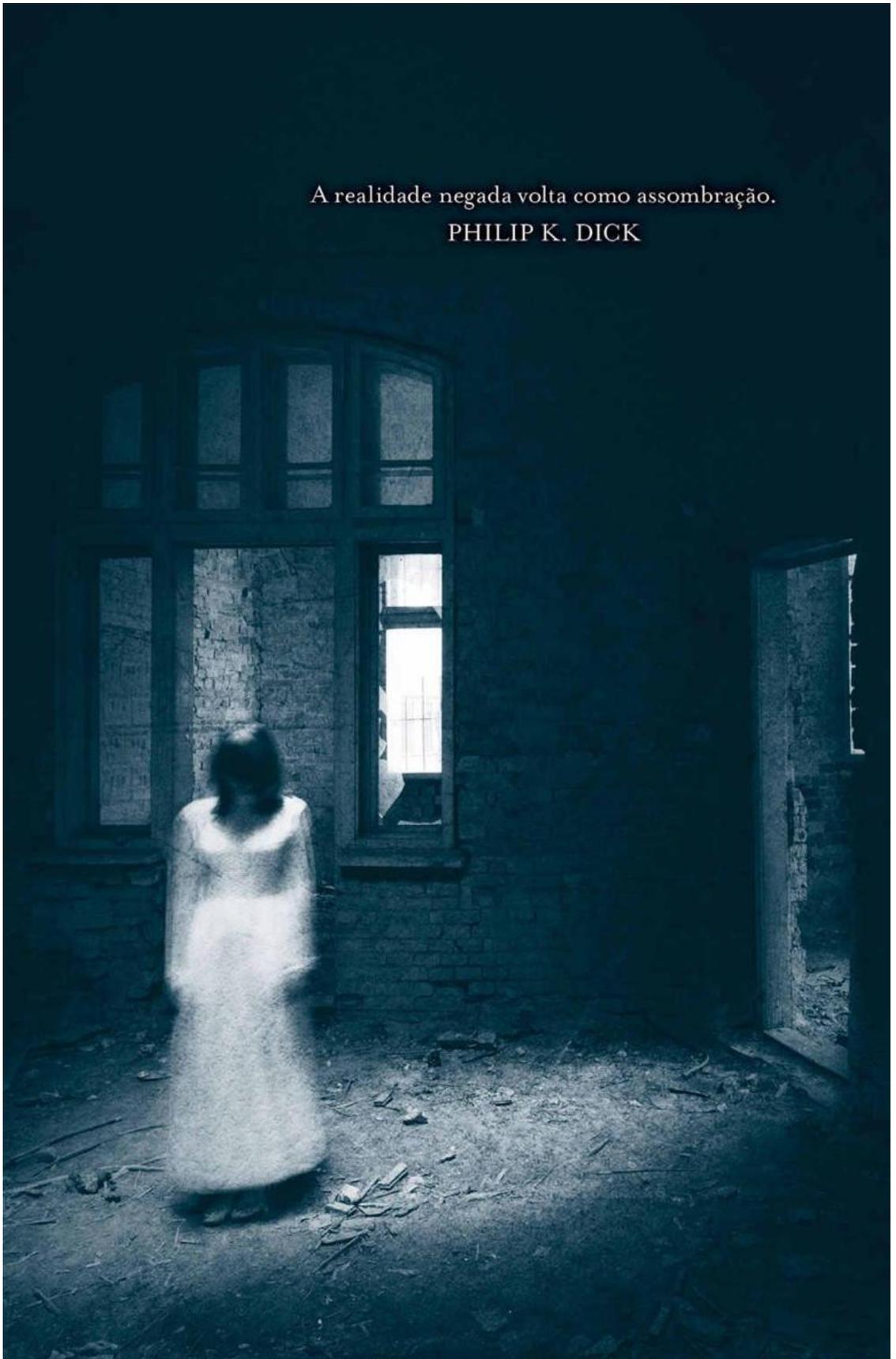
Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5



A realidade negada volta como assombração.

PHILIP K. DICK







*Para a minha família, que nunca deixa de me impressionar  
com sua confiança, seu apoio e seu amor. Caso existam  
pessoas melhores no mundo, eu ainda não as conheci.*

*M. R.*











PRÓLOGO



**E**ra um mundo feito de luzes, sons e aromas, barracas de doces e risadas feito estouro de canhão, ecoando para além dos caminhos sinuosos. Curiosidades espreitavam a cada canto. Um homem cuspiendo fogo em um pequeno palco. O cheiro tentador de bolinhos fritos e pipoca no ar, que de tão onipresente se tornava enjoativo. E na última barraca havia um homem de barba longa – um homem que não prometia riquezas nem estranhezas, nem mesmo um vislumbre do futuro. Não. O homem da última barraca prometia a única coisa que o garotinho queria acima de tudo.

Controle.



CAPÍTULO

1



**V**ocês não vão acreditar nisso, digitou Dan, sacudindo a cabeça diante do monitor. *Um "especialista em manipulação de memória"? Isso existe mesmo? Enfim, vejam o vídeo e me digam o que acham!*

O cursor do computador pairou sobre a última frase – pareciam as palavras de alguém desesperado. Mas tudo bem, porque Dan estava começando a ficar desesperado mesmo. Suas três últimas mensagens tinham ficado sem resposta, e ele não sabia nem se Abby e Jordan ainda estavam se dando ao trabalho de ler o que ele escrevia.

Dan apertou o botão de enviar.

Ele se afastou do *notebook*, mexendo o pescoço e ouvindo os estalos suaves de sua coluna entrando no lugar. Fechou o *notebook* – talvez com força demais – e ficou de pé, o enfiando na mochila junto com um monte de pastas e folhas soltas. O sinal tocou no momento em que ele terminou de guardar as coisas e estava saindo da biblioteca para o corredor.

Os estudantes apareceram no corredor largo em uma massa compacta. Dan viu alguns de seus colegas de aula de Cálculo, e acenou para eles enquanto ia até os armários. Missy, uma morena baixinha e sardenta, havia decorado seu armário com todo e qualquer adesivo e cartão-postal de *Doctor Who* que conseguia encontrar. Um garoto alto e magro chamado Tariq estava pegando seus livros no armário ao lado, e logo adiante estava Beckett, o aluno mais baixinho do terceiro ano do Ensino Médio.

– Oi, Dan – Missy o cumprimentou. – A gente sentiu sua falta na hora do almoço. Onde você se enfiou?

– Ah, eu estava na biblioteca – respondeu Dan. – Tinha que terminar um trabalho para a aula de Literatura Avançada.

– Cara, vocês precisam fazer coisas demais para essa aula – comentou Beckett. – Ainda bem que eu não entrei nesse curso avançado.

– Então, Dan, a gente começou a falar sobre *Macbeth* assim que você saiu. Está planejando ir?

– É, eu ouvi dizer que a montagem ficou incrível – contou Tariq, batendo a porta do armário com força.

– Eu nem sabia que iam encenar essa peça aqui – respondeu Dan.

– É tipo um lance do clube de teatro?

– É, e a Annie Si está participando. Só isso já é razão suficiente para ir.

Beckett abriu um sorriso malicioso para os demais, que Dan devolveu sem nenhuma animação, e o grupo saiu caminhando pelo corredor. Dan não lembrava quais aulas os outros tinham em seguida, mas, apesar de não ter feito trabalho nenhum na biblioteca na hora do almoço, ele de fato precisava subir para o segundo andar para a aula de Literatura Avançada. Não era a sua matéria favorita, mas Abby havia lido a maioria dos livros do currículo e prometeu ajudá-lo quando fosse preciso, o que tornava tudo muito mais agradável.

– Acho que a gente deveria ir – disse Tariq. Ele estava vestindo uma blusa que tinha três vezes o seu tamanho e calças apertadas. Parecia uma daquelas miniaturas cabeçudas de jogadores de futebol.

– E, Dan, isso vale para você também. De repente consigo até uns ingressos grátis. Eu conheço o cara que cuida da parte técnica da peça.

– Sei lá, eu nunca gostei muito de *Macbeth*. É uma história realista demais para pessoas obsessivas como eu – Dan respondeu, esfregando furiosamente uma mancha invisível na manga da blusa.

Missy e Tariq encararam Dan com uma expressão de perplexidade.

– Vocês sabem... – ele soltou uma risadinha. – “Vai-te, mancha maldita!”

– Ah, isso é da peça? – questionou Tariq.

– É, sim... É uma das falas mais famosas – ele franziu a testa. Abby e Jordan teriam entendido na hora. *Macbeth* por acaso não era leitura obrigatória nas escolas? – Enfim, a gente se vê mais tarde.

Dan se afastou do grupo e subiu. Ele pegou o celular e mandou uma mensagem rápida para Jordan e Abby: *Ninguém aqui entende o meu senso de humor. Socorro!* Vinte minutos depois, no meio do

tédio da aula, Jordan ainda não tinha respondido, e Abby havia se limitado a um simples “LOL”.

Qual era o problema? Onde estavam seus amigos? Eles não tinham muito o que fazer... Na semana anterior, Jordan estava reclamando no *chat* do Facebook que suas aulas eram um saco. Segundo ele, nada mais parecia desafiador depois de passar pelo curso preparatório do New Hampshire College. Dan até entendia o motivo disso, mas, sendo bem sincero, as aulas eram a última coisa de que se lembrava do último verão em New Hampshire. Ele não conseguia parar de pensar no que aconteceu em seu alojamento, o Brookline – um antigo manicômio administrado por um diretor megalomaniaco, Daniel Crawford.

Quando não estava refletindo a respeito desse *pequeno* detalhe, ele se via pensando em Jordan e Abby. Assim que voltou do campus, ele recebia e-mails e mensagens de texto dos dois o tempo todo, mas nos últimos dias eles mal haviam se falado. Missy, Tariq e Beckett até que eram legais, mas Jordan e Abby eram diferentes. Jordan sabia como provocá-lo, mas sempre de uma maneira bem-humorada que o fazia rir. E, se Jordan pegasse pesado demais, Abby estava lá para repreendê-lo e restabelecer o equilíbrio. Ela era o eixo que mantinha o grupo unido – uma amizade que, pelo menos para Dan, valia a pena preservar.

Então por que seus amigos o estavam ignorando?

Dan olhou para o relógio, soltando um grunhido. Faltavam duas horas para encerrar o dia. Mais duas horas antes de ir correndo para casa e entrar na internet para falar com seus amigos.

Ele suspirou e se recostou na carteira, guardando o celular com um gesto relutante.

Era estranho pensar que, enquanto um lugar perigoso como o Brookline os uniu, a vida cotidiana estava começando a separá-los.

x x x x x

Um sanduíche de pasta de amendoim comido pela metade estava abandonado no prato ao lado de seu *notebook*. Aos seus pés, o livro da aula de História Avançada. O ar frio do outono em geral o

ajudava a se manter concentrado, mas, em vez de fazer as tarefas de casa, ele estava ocupado mexendo no arquivo que criou sobre o Brookline. Depois que o curso preparatório acabou, Dan reuniu todas as suas anotações, pesquisas e fotografias em um arquivo bem organizado e catalogado.

Ele revisitava aquele material com mais frequência do que deveria. Apesar de toda a documentação, ainda faltava descobrir muita coisa sobre o diretor. E, depois de ficar sabendo que poderia ter alguma relação de parentesco com o homem por meio de seus pais biológicos – que aquele homem horroroso poderia ser seu tio-avô, e que poderia dever seu nome a ele –, Dan passou a sentir um vazio em sua existência, um mistério pessoal que precisava ser resolvido.

No momento, porém, o arquivo estava servindo apenas como uma boa distração enquanto esperava que Jordan e Abby ficassem *on-line*. Como era aquela frase engraçadinha que seu pai sempre usava? *Anda logo e espera...*

– Dá para ser mais patético que isso? – Dan resmungou, passando as mãos pelos cabelos escuros e bagunçados.

– Acho que você está muito bem, querido.

Certo. Era melhor manter seus lamentos em silêncio no futuro. Dan virou a cabeça e viu Sandy, sua mãe, parada na varanda, sorrindo para ele. Tinha na mão uma caneca de chocolate quente, que Dan torceu que fosse para ele.

– Estudando muito? – ela perguntou, apontando com o queixo para o livro esquecido aos seus pés.

– Estou quase terminando – ele respondeu, encolhendo os ombros, pegando a caneca com as duas mãos, escondendo os dedos nas mangas da blusa. – Acho que eu mereço uma folguinha de vez em quando.

– É verdade – disse Sandy, abrindo um sorriso compreensivo. – É que... Bom, uns meses atrás você parecia todo animado com a ideia de estudar na Penn, mas já estamos em outubro, e o prazo final está chegando.

– Ainda tenho tempo de sobra – rebateu Dan, sem muita convicção.

– Talvez para escrever seu ensaio de admissão, mas você não acha que o pessoal que analisa os currículos vai achar estranho você ter abandonado todas as atividades extracurriculares no último ano de colégio? Você não ter feito um estágio? Mesmo que fosse só uma vez por semana, faria uma grande diferença. E talvez seja bom visitar outras universidades também... Sabe como é, a primeira decisão nem sempre é a mais acertada.

– Se eu mantiver as minhas notas, não preciso de atividade extracurricular nenhuma. Além disso, o CPNH vai fazer uma tremenda diferença no meu currículo.

Sandy franziu a testa, e o vento gelado agitou seus cabelos na altura dos ombros quando ela desviou o olhar, virando--se para as árvores que cercavam a varanda. Ela cruzou os braços e sacudiu a cabeça. Era assim que ela sempre reagia quando o CPNH era mencionado; ao contrário de Jordan e Abby, que conseguiam dourar a pílula quando falavam sobre o Brookline, Dan contou aos seus pais mais ou menos a história toda. Eles estavam na sala quando Dan foi interrogado pela polícia; ouviram quando ele contou que foi atacado, imobilizado no chão... Mencionar aquele lugar na presença de seus pais era como evocar uma maldição.

– Mas tudo bem – Dan continuou, soprando o chocolate quente. – Eu posso arrumar um estágio. Sem problemas.

A expressão de Sandy se tornou mais amena, e ela descruzou os braços.

– Você faria isso? Seria ótimo, filhão.

Dan balançou a cabeça, chegando a abrir seu *notebook* para fazer uma pesquisa no Google. Ele digitou “estágio para tratador de animais”, e virou a tela para que ela não visse.

– Obrigado pelo chocolate – acrescentou ele.

– Sem problemas – ela acariciou seus cabelos, e Dan soltou um suspiro de alívio. – Você não tem saído muito ultimamente. O aniversário da Missy não está chegando? Lembro que você foi à festa de aniversário dela perto do Dia das Bruxas no ano passado.

– Deve estar – ele respondeu, encolhendo os ombros.

– Ou então seus outros... seus outros *amigos* – ela disse a última palavra com uma entonação estranha. – Abby, certo? E o menino?

Ela sempre fazia isso, perguntava sobre Abby como se não lembrasse seu nome. Era como se não acreditasse – ou aceitasse – que ele tinha uma espécie de namorada. Na verdade, até o próprio Dan considerava isso difícil de acreditar às vezes.

– Isso mesmo – ele resmungou. – Mas eles estão ocupados... com a escola, o trabalho, essas coisas.

*Bela atuação, Dan. Seu Oscar vai vir pelo correio.*

– Trabalho? Então eles trabalham?

– Quanta sutileza, mãe – ele murmurou. – Já entendi a dica...

– Claro que sim, querido. Ah, antes que eu acabe esquecendo, chegou uma coisa para você pelo correio...

Isso era um acontecimento incomum. Ele nunca recebia cartas. Sandy remexeu nos envelopes guardados no bolso da jaqueta e pôs um em seu colo. A carta parecia ter sido jogada em uma máquina de lavar e depois esfregada na lama. Dan viu o endereço do remetente e sentiu um frio na barriga.

Sandy se aproximou para olhar.

– Deve ser só propaganda – Dan desconversou, jogando o envelope no meio de seus livros.

Ela entendeu a deixa e se afastou com um sorriso discreto. Assim que ouviu a porta se fechar e Sandy voltar para dentro de casa, ele pegou de volta a carta: *Lydia e Newton Sheridan*.

Sheridan? Como Felix Sheridan, seu antigo colega de quarto? Aquele que quis matá-lo no último verão porque ficou maluco ou porque estava, tipo, possuído? Quando fechava os olhos, Dan ainda conseguia ver o sorriso enlouquecido de Felix. Possuído ou não, Felix acreditava piamente que era a reencarnação do Escultor.

As mãos de Dan começaram a tremer enquanto ele rasgava o envelope. Talvez fosse um pedido de desculpas, ele pensou – era perfeitamente plausível que os pais de Felix entrassem em contato para se desculpar pelo transtorno causado pelo filho.

Dan respirou fundo e olhou ao redor mais uma vez para se certificar de que estava sozinho. Pela janela semiaberta, ele conseguia ouvir o barulho de Sandy lavando louça na cozinha.

*Caro Daniel,*

*Você deve estar surpreso por eu entrar em contato, e fiz o que pude para evitar isso, mas agora está claro que é minha única opção.*

*Sei que não tenho o direito de pedir isso, mas por favor me ligue assim que receber esta carta. Se você não entrar em contato... Bom, não posso dizer que não entendo.*

*603-555-2212*

*Por favor, me ligue.*

*Cordialmente,*

*Lydia Sheridan*



---

CAPÍTULO

---

2



Dan não sabia se jogava a carta no lixo ou se telefonava na mesma hora. Lá dentro, ainda era possível ouvir sua mãe lavando e secando as louças. Ele leu a carta mais uma vez, batendo com o papel nos dedos e analisando suas opções.

Por um lado, ele não veria problema nenhum em esquecer Felix para sempre. Por outro...

Por outro lado, ele estaria mentindo se dissesse que não estava curioso para saber como estava seu ex-colega de quarto. As coisas tinham ficado todas sem solução. O frio na barriga que ele sentia se recusava a ir embora.

*Felix deve estar precisando da sua ajuda. Você também precisava de ajuda. É justo considerá-lo uma causa perdida?*

Ele olhou para a janela à sua direita. Sua mãe estava cantarolando, e a música chegava baixinho até o lugar onde ele estava sentado. Algumas folhas de bordo caíam da árvore que sombreava a varanda. Por mais que Paul podasse os galhos, a árvore sempre crescia na direção da casa. Mas nem por isso seu pai deixava de tentar.

Dan pegou o celular e digitou o número de Lydia Sheridan antes que acabasse arrumando uma desculpa para não fazer isso.

Ficou chamando um tempão, e por um momento ele teve certeza de que ela não atenderia. Estava quase torcendo por isso.

– Alô?

– Alô, Lydia? Quer dizer, sra. Sheridan?

Sua própria voz parecia estranha aos seus ouvidos.

– É ela... Quem está falando? Não conheço seu número.

Ela falava da mesma maneira tranquila e pausada de Felix, mas era uma versão mais feminina e menos tensa da voz que se recusava a sumir de suas lembranças.

– É Dan Crawford. Você me mandou uma carta pedindo para entrar em contato. Então... Bom, eu estou entrando em contato.

Houve um silêncio que pareceu durar uma eternidade. Por fim, ele ouviu a respiração pesada da mãe de Felix do outro lado da linha.

– Obrigada – falou, como se ela estivesse à beira das lágrimas. – É que... Nós não sabemos mais o que fazer. Parecia que ele estava melhorando. Os médicos que estão fazendo o tratamento achavam que sim. Mas agora parece que ele empacou. Só o que faz é perguntar sobre você, todo dia, toda hora... Daniel Crawford. Daniel Crawford.

Era uma notícia mais do que inquietante.

– Lamento muito por isso, mas não sei o que eu posso fazer para ajudar – respondeu Dan. Talvez tenha sido uma resposta seca demais, mas o que poderia falar? Ele não era médico. – Isso deve passar. Aposto que não vai demorar muito.

– Foi isso que aconteceu com você? – questionou Lydia.

Dan jogou a cabeça para trás, surpreso com a repentina frieza na voz dela.

– Para você isso tudo já passou? – ela soltou um suspiro. – Desculpa. Eu... Eu não estou conseguindo nem dormir. Estou morrendo de preocupação com ele. Detesto ter que pedir isso para você...

– Mas? – complementou Dan.

Não era nem preciso fazer isso. Estava na cara que a pergunta viria mais cedo ou mais tarde.

– Eu queria saber se você pode ir até Morthwaite. Falar com o Felix. Enfim... não sei. A esta altura, já estou apelando, sabe? Implorando. Só quero que meu filho melhore. Quero que tudo isso acabe – Dan ouviu o choro embargar a voz dela mais uma vez. – Para ele ainda não acabou Dan. Para você já?

Só rindo mesmo. Se para ele tudo tinha acabado? Não, de jeito nenhum. Os sonhos continuavam, mais assustadores do que nunca, e muitas vezes o diretor em pessoa marcava presença. Ainda não estava tudo acabado e, por mais doentio que isso pudesse parecer, Dan sentiu uma pontada de alívio por saber que não era o único que ainda estava sofrendo.

– Isso pode não funcionar – Dan respondeu, falando bem devagar.  
– Ele pode até piorar. A senhora sabe disso, não é?

*Eu não quero ser responsável por mais isso. Simplesmente não posso.*

Ele já se sentia culpado o suficiente por ter arrastado Abby e Jordan para aquela maluquice no Brookline. Pelo menos no caso de Felix, ele podia afirmar que não teve culpa – aquela falsa da professora Reyes praticamente confessou que o atraiu até o porão, onde ele... Bom, onde a cabeça dele se perdeu de vez, ao que tudo indicava.

– Mas você vai? – a sra. Sheridan parecia bem contente. E cheia de esperança. – Ah, obrigada. Por favor, eu... Obrigada.

– Aonde exatamente eu preciso ir? – Dan perguntou, ainda sentindo um frio na barriga de medo. – E como eu faço para chegar lá?



CAPÍTULO

3



No sábado seguinte, Dan estava sentado no assento do passageiro do Prius preto de Lydia Sheridan. Alta e magra, ela se inclinava sobre o volante enquanto dirigia. Mechas castanhas escapavam a todo instante da presilha que tentava manter presos seus cabelos. Óculos de aro fino se equilibravam sobre seu nariz reto.

– Tem certeza de que seus pais deixaram? – a sra. Sheridan tinha perguntado quando Dan se aproximou de seu carro naquela tarde.

– Ah, sim, claro – ele respondeu, esperando que ela destravasse a porta do passageiro. – É que a nossa casa está em reforma. Tem caçambas e caminhões por toda parte. Não dá nem para parar o carro na frente de casa. Mas eles ficaram contentes em saber que eu ia visitar o Felix.

Depois de algumas formalidades desconfortáveis – trocadas no estacionamento de um McDonald's –, Dan entrou no carro, e a viagem foi feita em silêncio até aquele momento.

Ele queria saber mais sobre a situação em que estava se metendo, claro, mas simplesmente não conseguiu criar coragem para perguntar.

Em vez disso, ficou olhando para o celular, lendo as respostas de Abby e Jordan para a mensagem que mandou naquela manhã, avisando que estava indo ver Felix. Pelo menos era uma prova de que eles ainda liam o que ele escrevia. Mas, àquela altura, Dan só conseguia pensar que gostaria de ter lido suas respostas *antes* de entrar no carro de uma desconhecida.

**Jordan Lipcott**

**para mim, avaldez**

**Então, eu li sua mensagem e pensei: "Tem certeza?". E isso foi antes da minha mãe me entregar a correspondência. Alguém me mandou uma foto, Dan. Abby também recebeu uma. Parece ser algum tipo de piadinha sem**

**graça. Circos, atrações bizarras, essas coisas. Vou anexar a foto para você, mas veio sem remetente. Que diabos está acontecendo?**

**J.**

**PS: Espera só você ver o verso, blergh.**

**[Baixar Arquivo 2/2]**

E a resposta de Abby foi ainda mais surpreendente...

**Abby Valdez**

**para mim, jlipcott**

**Estou tentando virar a página, Dan, mas recebi uma carta pelo correio também.**

**De verdade, não estou nem um pouco a fim de reviver o passado, mas... Sei lá. Você recebeu uma foto também? Seria estranho se só eu e Jordan recebermos. Isso está me assustando, Dan. Parece que tem alguém de olho em nós. Toma cuidado, certo? Depois conta como foram as coisas com Felix para eu não ficar tão preocupada.**

**Por que nós não podemos simplesmente virar a página?**

**Abby**

**[Baixar Arquivo 2/2]**

Não havia problema em querer *virar a página*, mas para ele isso não fazia o menor sentido. Como esquecer que foi amarrado a uma maca e escapou por pouco da morte? Como esquecer que, depois que se libertou, *ele* quase cometeu um assassinato? Como continuar vivendo como se nada tivesse acontecido depois disso? A palavra *simplesmente* foi um toque de crueldade da parte de Abby. *Simplesmente* virar a página. *Simplesmente* decidir esquecer. *Simplesmente* deixar de ter pesadelos. Como se isso fosse simples e descomplicado como guardar o suco e o leite na geladeira depois de voltar do mercado.

Dan clicou nos dois anexos e esperou as imagens carregarem. Seu pé começou a balançar nervosamente quando ele viu as imagens em preto e branco preencherem a tela – primeiro a de Jordan, depois a de Abby.

Ele estreitou os olhos, virando as imagens de todos os ângulos. Pareciam ter sido tiradas no mesmo dia e no mesmo lugar – estavam inclusive rasgadas, como se na verdade formassem uma só fotografia. Quando examinou mais de perto o verso das imagens, ele entendeu o que Jordan quis dizer.

Havia palavras escritas em tinta preta no verso de cada fotografia. “Para vocês” na de Jordan e “é o fim” na de Abby.

*Para vocês é o fim.*



Dan desviou o olhar da tela e se virou para a mãe de Felix. Ela não notou que estava sendo observada. *Por que eles receberam essas fotos e eu não? Se for algum tipo de aviso, por que eu fui deixado de fora?*

*Isso na verdade é bom, Dan,* ele lembrou a si mesmo, sarcástico. *Ninguém ia querer receber um bilhete dizendo "Para vocês é o fim".*

Apesar do tom alaranjado em vez de verde, a paisagem da mata ao redor lhe parecia familiar. Ele quase conseguia sentir o cheiro do aromatizador barato do táxi que o levou até o New Hampshire College.

– Ainda falta muito? – Dan perguntou, desviando os olhos do celular.

– Mais meia hora – informou a sra. Sheridan. – Talvez quarenta minutos.

O joelho de Dan se movia sem parar. Eles já estavam na estrada fazia uma hora. Pelo jeito, o único meio de chegar à Clínica Morthwaite era atravessando quilômetros de floresta em estradas secundárias.

Nesse exato momento, chegou uma mensagem de texto de sua mãe.

*Espero que esteja se divertindo com Missy e Tariq. Por favor tenha juízo, e me avise se precisar de uma carona para voltar da festa. Amo você!*

Enfim eles chegaram a uma clareira na mata, e Dan se aproximou da janela para observar melhor enquanto subiam uma ladeira inclinada que os levou até um espaço cercado por muros e um portão. Dan estava torcendo para que fosse uma clínica moderna e aconchegante, mas a Morthwaite estava mais para uma irmã gêmea do Brookline. Tinha um aspecto mais limpo, pelo menos, apesar de ninguém se dar ao trabalho de arrancar as trepadeiras que cresciam na fachada de pedra. Cinzento e alto, o prédio parecia uma sentinela cansada sobre o morro, e mesmo à distância Dan conseguiu ver que havia grades nas janelas.

A sra. Sheridan parou o Prius na frente do portão, e um segurança pediu para ver os documentos dos dois. O guarda atarracado e cheio de espinhas observou a carteira de motorista de Dan com olhos desconfiados, conferindo várias vezes sua fotografia antes de falar pelo rádio com alguém no prédio para confirmar se ele estava cadastrado.

– Parece que está tudo certo. Aqui está seu crachá de visitante – o segurança falou, arremessando pela janela o documento de Dan junto com um cartão de plástico. – Tenha um bom dia.

Dan guardou a carteira de motorista e prendeu o crachá de visitante no casaco. O carro seguiu lentamente pelo caminho de cascalho e parou diante de uma pedra que bloqueava a entrada da clínica. Dan limpou o suor das mãos na calça jeans e olhou para a sra. Sheridan.

– Então aqui estamos – ele murmurou.

– Se precisar de um minuto para se preparar...

– Não – Dan falou. – Vamos lá, sem perder tempo.

O cascalho estalou sob os pés de Dan quando ele desceu e começou a caminhar até a clínica. Estremecendo, ele se viu atingido pela mesma sensação que experimentou na primeira vez em que pisou no Brookline. Não conseguia acreditar que aquilo era um hospital psiquiátrico de verdade, aonde as pessoas iam se tratar e, em alguns casos, até se internar. Talvez ele tenha chegado bem perto disso no último verão. Dan enfiou a mão no bolso de sua calça jeans e sentiu a forma familiar de seu potinho de comprimidos. Era como uma âncora, um porto seguro. Ele estava fazendo terapia e tomando os remédios à risca: não havia motivos para não ter uma vida normal.

Por que Felix não podia fazer o mesmo?

*Até parece. Normal. Como se ter pesadelos todas as noites e desenvolver uma obsessão por um tio-avô desconhecido fosse normal. E, para completar, seus melhores amigos estão recebendo ameaças de morte.*

Enquanto caminhava até a porta da frente, Dan olhou para as janelas do primeiro andar. Um rosto o encarava, e por um segundo ele seria capaz de jurar que era o diretor Crawford, com seu

sorrisinho presunçoso e tudo. Mas, quando se aproximou um pouco mais, Dan percebeu que era só um velhinho com olhar bondoso.

Uma enfermeira com calça de uniforme azul e uma blusa de lã grossa os cumprimentou assim que entraram. Havia mais uma série de portões menores a atravessar, e a enfermeira pediu a Dan que esvaziasse os bolsos e passasse por um detector de metal. Ele entregou sua carteira, suas chaves e sua garrafa d'água, e em seguida seus remédios, com um gesto apressado, torcendo para que ela não fizesse nenhum questionamento. A enfermeira apanhou o frasco, guardou em um saco plástico e escreveu algo em uma etiqueta.

– Você pode pegar de volta quando sair – ela falou.

Mais uma pontada de medo o invadiu, dessa vez ainda mais aguda que a anterior. Sem suas coisas, Dan se sentia cada vez menos um visitante e mais um paciente. A enfermeira, porém, abriu um sorriso e o conduziu para o lado de dentro do portão de segurança, conversando amigavelmente com ele enquanto isso.

– Vou esperar aqui no saguão – avisou a sra. Sheridan. – Você pode ir sozinho.

Dan deteve o passo.

– Tem certeza? Ele vai querer ver você.

Ela encolheu os ombros miúdos e o encarou com firmeza.

– Não. Ele já se cansou de me ver. Acho que só está interessado em você.

– Você é aquele de quem Felix vive falando? – a enfermeira franziu a testa, olhando mais de perto para Dan.

O crachá informava que seu nome era "Grace".

– Ah, sim, sou eu. A gente se conheceu em um curso no último verão.

– Ele tinha melhorado tanto – ela contou com um suspiro. Eles saíram do saguão, deixando para trás a sra. Sheridan. – Ninguém vem aqui falar com ele, a não ser os pais e um ou outro professor. Ele vai ficar bem feliz por poder falar com um amigo. O quarto é por aqui. Você é o Daniel, certo? Ele fala de você o tempo todo.

– Dan – ele corrigiu. – Mas... tudo bem. Ele fala de mim, é? Que coisa. O que ele fala sobre mim?

A enfermeira era um pouco mais baixa que ele, e teve que olhar para cima para encará-lo. Ela se encostou ao batente de uma porta e deu uma risadinha.

– Só coisas boas. Que você sempre o tratou muito bem, e foi o único amigo de verdade que ele teve na vida.

Dan ficou vermelho. Ele quase nunca pensava em Felix e, quando isso acontecia, não era por boas razões. Ele diminuiu o passo e escondeu as mãos nos bolsos ao sentir que estavam transpirando outra vez. Talvez pudesse ter vindo antes, ter mostrado alguma *consideração*.

A enfermeira Grace tossiu de leve e apontou para a porta com o queixo.

– Está pronto para entrar?

– Claro...

– Existem algumas regras, obviamente – ela falou, sacando seu cartão operacional. – Não encoste no paciente e não leve daqui nada que ele tenha lhe dado. Vamos monitorar tudo, para o caso de ele ficar muito agitado ou abalado. Preciso de uma confirmação verbal de que você entendeu as regras.

– Entendido – respondeu Dan.

Ele engoliu em seco. Da última vez em que esteve frente a frente com Felix, foi na sala de cirurgia, e havia um bisturi afiado entre eles. Ele ouviu um bipe quando a enfermeira pôs o cartão na fechadura eletrônica. Com um sibilar de leve em um clique, a porta branca e pesada se abriu. Eles entraram em uma pequena antessala com cadeiras de plástico e uma janelinha voltada para o quarto do paciente. E lá estava Felix, sentado do outro lado, vestindo um pijama de flanela branquíssimo com listras azuis. Suas mãos estavam cruzadas sobre o colo, descansando sobre um cobertor xadrez. Ele estava virado para a janela do quarto, a que era protegida por grades, e seu olhar era distante.

Não era o Felix todo arrumado e certinho que ele conhecia. Parecia que havia encolhido, perdido toda a musculatura que ganhou durante o último verão. Toda a carga de exercícios que Felix tinha feito naquelas semanas, além de uma dieta rigorosa, pareciam estar pesando sobre ele agora, ameaçando esmagá-lo contra o chão.

A enfermeira liberou o acesso de Dan por outra porta com fechadura eletrônica para entrar no quarto de Felix. Ele escutou a porta ser fechada e trancada atrás de si. Parecia que todo o ar do recinto havia sido sugado para fora, deixando-o em uma câmara fria e hermeticamente fechada.

Felix não se virou quando ele entrou, mas Dan viu um esboço de sorriso se formar em seus lábios.

– Olá, Daniel Crawford – Felix disse calmante. – Estava esperando você.



CAPÍTULO

4



Havia uma cadeira vazia não muito longe de Felix, perto da janela.

Não era bem uma cela acolchoada, mas também não parecia o quarto de alguém. Havia um cheiro antisséptico pairando no ar – como o do banheiro da escola de Dan. O único objeto com alguma personalidade parecia ser o cobertor dobrado sobre as pernas de Felix. Todo o restante era branco ou azul claro.

– Oi – Dan falou, caminhando com passos inseguros até a cadeira. Ele sentou e começou a remexer os dedos. – A sua, hã... A sua mãe me mandou uma carta. Ela falou que você queria me ver. Não sei se essa é a palavra certa. Enfim, você estava perguntando por mim, foi isso que ela disse.

Felix se virou para observá-lo. Não estava mais de óculos, e seu nariz era fino e reto como o de sua mãe. Onde estavam os olhos curiosos de Felix? Dan viu apenas o reflexo de si mesmo naquele olhar vazio.

Felix se remexeu de leve, como quisesse encolher os ombros.

– Não uso mais óculos, porque eles podem ser quebrados e usados para provocar algum ferimento em mim mesmo. Estou de lentes de contato.

Dan balançou a cabeça, juntando as mãos e forçando-as a ficar paradas sobre suas pernas.

– Pessoalmente, acho que cortar a própria carótida com pedaço de plástico pontudo seria uma maneira ineficiente e primitiva de se matar, mas me disseram que já aconteceu antes, então... – Felix bateu com o dedo sob o olho direito. – Segurança em primeiro lugar.

– Eles devem saber o que estão fazendo, com certeza.

– Você não me parece muito bem, Daniel – observou Felix, de forma convicta. – Está com dificuldade para dormir?

– Pesadelos – explicou Dan. Ele não via motivos para não ser sincero. Dan estava sofrendo com as consequências do Brookline

tanto quanto Felix, por mais que tentasse fingir que não. – Mas aposto que disse você já sabe.

Felix balançou a cabeça, olhando de novo pela janela.

– Eu sei, eu sei... Os pesadelos são a pior parte. Eu sonho com todas as esculturas que ainda tinha que fazer e, mesmo quando estou no controle da minha mente, ciente de que aquele não era eu, esses lapsos ainda me incomodam. Mas sei que me entende. Você também é especial, como eu. Vê coisas que não deveria. Conhece coisas que não deveria ter como saber. Como as lembranças de outras pessoas... – ele fez uma pausa, ajeitando o cobertor sobre as pernas. – Os médicos daqui estão fazendo o que podem. Os impulsos violentos já se foram. Mas os sonhos, a queimação na minha cabeça, isso nunca vai passar. Como uma imensa estrela incandescente... Ela continua a queimar quando meus olhos estão abertos e também quando estão fechados. Está queimando agora mesmo, enquanto olho para você.

– Como é? Acho que não entendi essa última parte. Mas quer saber? Esqueça. Sinceramente, cara, eu não sei o que dizer. Pensei que, quando a gente saísse daquele lugar, esse pesadelo fosse acabar.

Uma risada seca e breve quase fez Dan cair da cadeira. Ele não esperava que Felix fosse rir, ainda mais de forma tão repentina. Em seguida ele ficou em silêncio, contraindo os lábios.

– Foi muita ingenuidade sua.

– Acho que foi mesmo – admitiu Dan. – Mas existem coisas piores do que ser ingênuo.

Felix se inclinou para a frente, e com um gesto pediu para que Dan fizesse o mesmo. Um cheiro forte de sabonete alcançou suas narinas. Felix sorriu, e os cantos de seus olhos se enrugaram. Ele deu outra risada, dessa vez quase de alegria, como se estivesse prestes a revelar um segredo.

– Existem mesmo?

– Como assim? – murmurou Dan. Ele olhou para trás, para a janela interna do quarto. Felix soltou outra risadinha aguda, estreitando os olhos com força. – Acho que não foi uma boa ideia eu vir aqui – acrescentou Dan.

– Está... Agora tá tudo bem. Eu... A estrela ainda está queimando, mas... Sim, aguento por mais um tempo.

Felix chegou ainda mais perto, e seu queixo quase roçou no ombro de Dan, que estava tão apreensivo que mal notou o objeto caindo sobre sua perna.

– Não deixe que eles vejam – sussurrou Felix. – Cubra com a mão. Pronto. Pronto, assim está bom. Não deixe que eles tirem isso de você. Se isso acontecer, você nunca vai encontrar seu caminho, o que significa problemas sérios para mim. Muito, muito sérios. Mais queimação.

– O que é? – Dan apalpou o objeto com a mão.

Um cartão? Uma carta?

– Vá atrás deles, Daniel. Você vai ver. Você vai ver! – Felix se recostou de novo na cadeira, cobrindo o rosto com as mãos. Um choro reprimido escapou de seus lábios. – Perdão, Dan. O que nós fizemos com você... Um horror. Terrível. Não sei se isso pode ser desfeito.

– Quê? Você está bem? Está com alguma dor? – Dan olhou freneticamente ao redor e, assim como esperava, ouviu o mecanismo da fechadura eletrônica ser acionado. – Acho que estamos precisando de ajuda aqui.

– Vá atrás deles – Felix murmurou aos prantos por entre os dedos.

– Vá atrás deles, Daniel! – cada palavra sua parecia estar sendo arrancada sob tortura. – É normal sentir medo! – ele gritou. – Eu sinto medo o tempo todo.

A enfermeira Grace se aproximou de Dan por trás, puxando-o pelo ombro.

– Você precisa ir – ela falou, e em seguida se ajoelhou diante de Felix. – Por favor – ela pediu quando um ajudante apareceu para acompanhá-lo para fora. – Está na hora de você ir.

Dan se afastou com passos vacilantes, ainda observando enquanto Grace tentava acalmar o histérico Felix, que a agarrou pelos ombros e a abraçou, olhando para Dan novamente.

– Vá atrás deles, Daniel! Atrás deles! É, está na hora de acordar agora. Acorde, Felix. Acorde!

Os gritos de Felix ainda reverberavam dentro de sua cabeça no corredor. Um enfermeiro o conduziu até o saguão, e Dan o seguiu aos tropeções, escondendo na mão o bilhete que Felix havia lhe passado. Ele o enfiou no bolso da blusa assim que chegaram ao saguão. A sra. Sheridan se levantou do sofá baixo e desgastado. Dan não disse nada, mas o lábio inferior dela começou a tremer.

– Você acha que ajudou? – ela perguntou baixinho.

– Não sei, talvez – respondeu Dan, ficando vermelho com a própria mentira. – Não, acho que não. Desculpa.

A sra. Sheridan assentiu com a cabeça, pousando uma mão trêmula em seu ombro.

– Obrigada por tentar.

Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu andando na direção do portão de segurança. Dan pegou o saco plástico com seus pertences e a seguiu, ainda atordoado.

Quando chegaram ao lado de fora, a enfermeira Grace os alcançou. Ela puxou a sra. Sheridan de lado e começou a cochichar algo. Era a chance de Dan examinar o papel que tinha recebido de Felix.

Ele se virou para a parede, com os nervos tinindo de adrenalina e medo ao enfiar a mão no bolso e retirar o bilhete.

Não era um bilhete – era uma imagem impressa em papel fotográfico. Rostos em preto e branco o encaravam, vazios – dois meninos na frente de uma espécie de circo. Era a confirmação de que ele precisava: as imagens recebidas por Abby e Jordan tinham ligação umas com as outras. A foto em suas mãos era o elo entre as duas.

– Que diabo é isso? – Dan resmungou.

Ele virou a foto e encontrou uma série de números rabiscados no verso. A voz de Felix ecoou em sua cabeça.

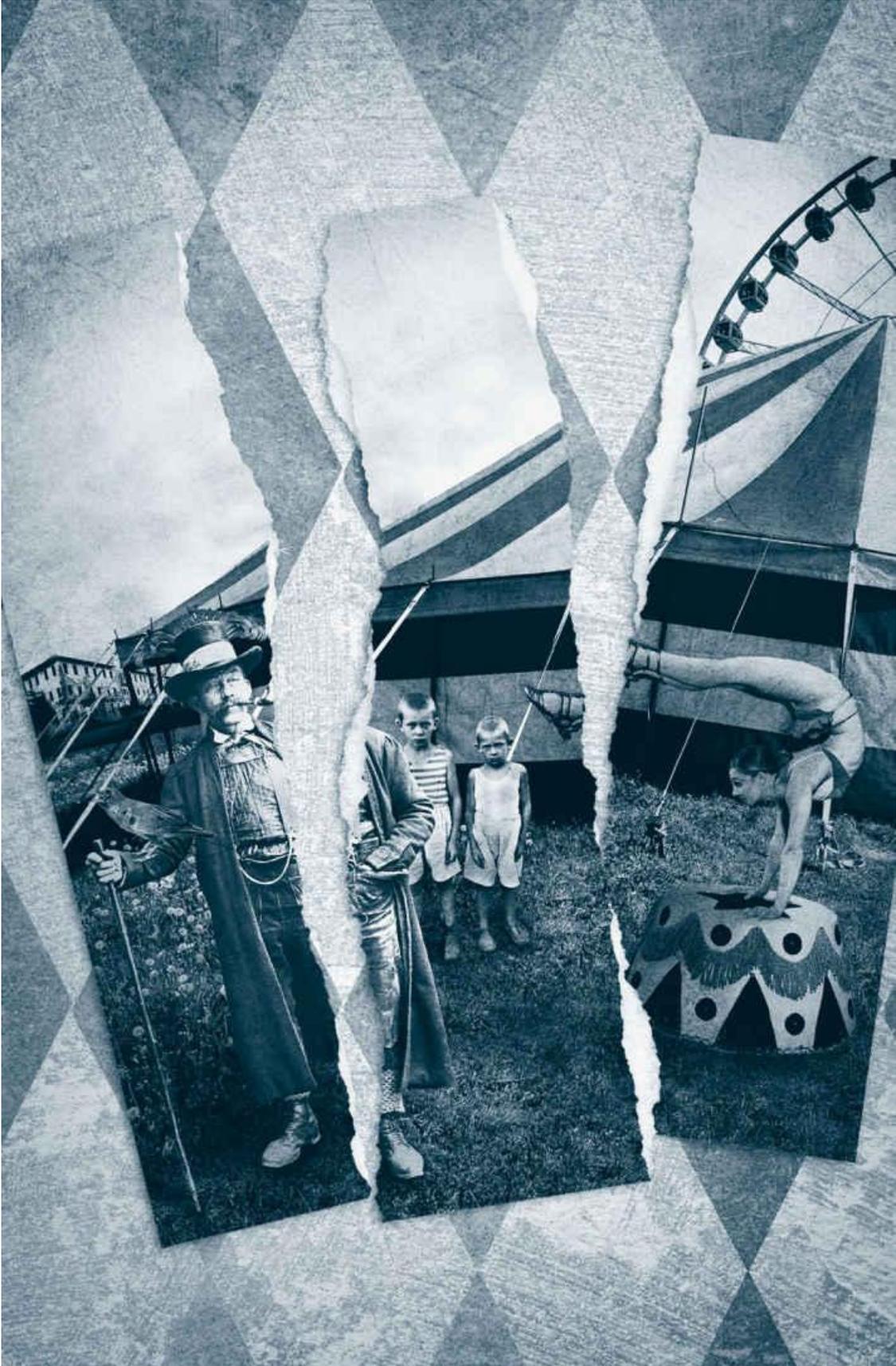
*Vá atrás deles, Daniel. Você vai ver. Você vai ver!*

– Ir atrás de quem? – ele questionou a si mesmo. – E onde?

Sob os números ele encontrou as palavras: *ainda não*. Ele imaginou a sua foto alinhada com as de Jordan e Abby, e se deu conta de que só depois de juntar os três pedaços a mensagem estava completa. Felix deve ter mandado as fotos para eles também. Ou então estava contando com a ajuda de alguém.

Os pelos da nuca de Dan se arrepiaram quando ele completou mentalmente a frase:

*Para vocês ainda não é o fim.*







---

CAPÍTULO

---

5



Dan olhou para seus amigos, que piscavam os olhos em duas janelas diferentes em seu monitor, temporariamente mudos diante das webcams. Abby prendeu uma mecha de cabelos pretos atrás da orelha, exibindo o pulso fino manchado de tinta.

– Coitado do Felix – murmurou ela. Havia um atraso de meio segundo entre o som de sua voz e o movimento de sua boca. Em uma conversa normal, Dan acharia isso engraçado. – Pensei que ele já tivesse melhorado pelo menos um pouco.

– Ah, não – interrompeu Jordan, balançando os cabelos cacheados. Ele tirou os óculos de aro grosso e limpou as lentes na camiseta. – No caso daquele ali eu não esperava muito. Ele tentou matar a gente, Abby. E agora essas fotos? Sinceramente, acho que era até melhor quando a mensagem dizia “Para vocês é o fim”.

– Para mim parece que ele ainda está perturbado com o que fez. Você ouviu o que o Dan falou... Felix quer ser perdoado. Mesmo se ainda estiver... Mesmo se ainda não tiver melhorado, parece que está arrependido, pelo menos em parte – ela bocejou, chegando mais perto da câmera, revelando suas olheiras. – Pode se fazer de cínico o quanto quiser, Jordan, mas duvido que esteja dormindo normalmente.

– Não mesmo, minhas notas de Cálculo estão altíssimas. Quem diria que a insônia podia ajudar tanto nos estudos? – ele soltou uma risadinha forçada. – Escute só, Dan, estou dando uma olhada nesses números, mas não estou entendendo muita coisa. Parece que o Felix pirou de vez. Acho melhor esquecer que a gente conheceu o cara e virar a página. Vamos queimar essas fotos e nunca mais falar sobre isso de novo.

– Você não estava lá para ver – insistiu Dan. – Ele não estava só desesperado... Parecia quase... *possuído*.

*O que nós fizemos com você... Um horror. Terrível. Não sei se isso pode ser desfeito.*

Dan sentiu um frio na barriga. *O que* Felix não sabia se poderia ser desfeito?

– Não gosto nem de pensar nessa palavra associada àquele maníaco – murmurou Jordan. A câmera capturou seus cabelos cheios quando ele olhou para baixo. Pelo microfone, ele ouviu o som de uma caneta riscando o papel. – Minha nossa, preciso dormir um pouco. Esses números idiotas ficam se misturando o tempo todo – ele comentou com um suspiro. – Mas eu juro que esse padrão me parece familiar. É como se estivesse na ponta da língua... Isso é muito frustrante.

– Você consegue, Jordan – falou Abby, se empertigando toda em sua janela de vídeo. – Se existe alguém capaz de fazer isso é você.

– Sei lá – respondeu.

Parecia mesmo exausto.

– Vamos recomeçar do zero – sugeriu Dan. – Você disse que deve ser uma espécie de código, certo? Estamos falando do Felix. Ele é louco, sem dúvida nenhuma, mas nem por isso deixa de ser inteligente. Um gênio. Com certeza só iria passar um código sabendo que a gente ia conseguir decifrar.

– Já nem sei mais se é um código – respondeu Jordan. – Tem uns agrupamentos, mas bem poucos. A maneira como estão colocados parece intencional, mas...

Dan tinha certeza de que Jordan saberia o que fazer com aqueles números. O garoto conseguia resolver um sudoku nível mestre com os olhos fechados, e tirava dez nas provas de Cálculo que deixavam Dan de cabelos em pé. Se Jordan não conseguisse resolver o quebra-cabeça, voltariam à estaca zero.

– Mas o quê? – perguntou Abby.

Ela estreitou os olhos para a câmera. Dan havia mandado para os dois uma cópia dos números no verso da foto de Felix, e da imagem da frente também.

– Mas eu não sei. Às vezes essas coisas são bem complexas. Não é tipo A é igual a um, B é igual a dois – explicou. – Talvez nem dê para descobrir só com esses dados. Às vezes não dá para decifrar sem a chave...

– Vocês ouviram isso? – Abby sussurrou de repente, olhando por cima do ombro para o quarto escuro atrás de si.

– O quê? – questionou Jordan, distraído.

– Essa voz – os olhos dela se arregalaram, e ela se encolheu na cadeira. – Vocês não ouviram mesmo? – questionou.

Dan aproximou o seu rosto da tela, franzindo a testa de preocupação.

– O que você ouviu? Abby, você está *bem*? Eu não ouvi nada – não mesmo. – E você, Jordan?

– Não...

Abby virou a cabeça para o lado com toda a força.

– De novo!

Dan estava começando a ficar preocupado. Ele não ouviu nada além do batucar nervoso da caneta de Jordan na mesa.

– Não ouvi nada mesmo, Ab.

Ela piscou com força, estremecendo um pouco na janelinha na tela de Dan.

– Parecia até... Deixa pra lá.

– O quê? – insistiu Dan .

– Nada, é besteira – ela respondeu, envergonhada. – Esquece.

– Abby. Parecia até o quê?

Ela desviou os olhos da câmera.

– Minha tia Lucy.

Os três ficaram mudos por um instante. Quatro meses atrás, quando eles se conheceram, Dan se sentiria tentado a fazer uma piadinha para preencher o silêncio. Mas ouvir vozes não tinha nada de engraçado depois do verão que tiveram, e Abby não era do tipo que se assustava facilmente.

– Isso já aconteceu antes? – Dan quis saber.

– Uma ou duas vezes, talvez – respondeu Abby, olhando para baixo. – Talvez mais. Desde que a gente veio embora... Sei lá. Eu escuto a voz dela às vezes. Sussurrando.

– Abby – ele começou a dizer, sentindo um nó no estômago –, isso não é...

– Já sei!

Dan e Abby tiveram um sobressalto com o grito repentino de Jordan.

– Já sei – ele gritou de novo. – Quer dizer, não exatamente, mas acho que já sei o que precisamos fazer.

Dan ainda estava com a cabeça voltada para a possibilidade de Abby estar sofrendo de alucinações com vozes misteriosas. Essa provavelmente era uma ocasião em que um namorado de verdade ofereceria um abraço, ou pelo menos ficaria ao lado dela até que se acalmasse. Distância idiota. Webcam idiota.

– Então conta – Dan pediu, desviando sua atenção de Abby. – O que a gente precisa fazer?

– Felix disse para ir atrás deles, certo? – começou Jordan, falando rápido, todo empolgado. Tap-tap-tap-tap. Jordan estava digitando de forma tão acelerada e ruidosa que Dan quase não conseguia ouvir sua voz. – Eu não vi logo de cara por causa do que está faltando. Olhem para as fotos de novo, para as três, a minha, depois a do Dan, e depois a da Abby.

Dan pegou a foto de cima da mesa e a posicionou sobre o monitor, alinhando-o com as imagens que seus amigos receberam. Juntas, elas formavam um panorama completo, com uma tenda de circo e um estranho grupo de pessoas posando para a câmera. O que um parque de diversões itinerante tinha a ver com o código?

– Estão vendo? – gritou Jordan. – Bem ali, atrás da tenda e da roda-gigante. Viram?

– O quê? – Abby perguntou. – Um borrão na imagem e, sei lá, um telhado? Não dá para ver direito...

Dan já havia examinado aquelas fotos dezenas de vezes desde que voltou para casa, mas mesmo assim tentou observar tudo com novos olhos. Abby estava certa, parecia um telhado, bem alto e inclinado.

– Um campanário?

– Não – respondeu Jordan. – Deem uma olhada nessa imagem que estou mandando.

A janela de novas mensagens piscou, e Dan abriu a imagem enviada por Jordan. Era quase impossível descrever a sensação de

empolgação e medo que o atingiu como um murro na garganta. Ele mal conseguia respirar.

Ângulos retos, a cor clara emoldurada por detalhes escuros, caindo aos pedaços...

– O Brookline – murmurou, com os olhos a poucos centímetros da tela. – É o campus. Esse parque de diversões... está no gramado na frente do Pavilhão Wilfurd.

– Como eu vi que o lugar parecia familiar, olhei no site da faculdade e *voilà!* Não é fácil de ver nessa resolução, mas com certeza é o Brookline – explicou Jordan.

– Bela sacada – comentou Abby.

– Obrigado, muito obrigado. Estou à disposição.

– Certo – falou Dan, se recostando na cadeira. Ele apoiou o polegar nos lábios e começou a pensar, com o olhar alternando entre a imagem colorida na tela e a foto em preto e branco sobre a mesa. – Certo, então é o Brookline. E o campus. E os números, o que são?

– São coordenadas – respondeu Jordan, com a voz aguda de empolgação enquanto digitava. – Não fazem sentido sem os indicadores cardinais, mas dei uma olhada nas coordenadas de Camford e faz sentido. É aquela região mesmo. Se colocarem cada coisa no lugar certo, vocês vão entender o que estou dizendo.

– Vai devagar, Jordan, nem todo mundo aqui é um gênio incompreendido – provocou Dan.

– Não, eu entendi o que ele está dizendo – falou Abby, tão empolgada quanto Jordan.

Dan não compartilhava do entusiasmo dos dois, pelo menos não ainda.

– Tipo assim – falou Jordan, e uma nova mensagem apareceu.

43°12'24" N 71°32'17" O

– Minha nossa. Esquece a parte do incompreendido, você é um gênio mesmo.

– Ah, e isso não é tudo. Com coordenadas tão precisas assim, podemos saber exatamente de que lugar estamos falando. Em cinco minutos no Google Maps eu consigo uma lista de endereços.

Então pelo menos a primeira metade do mistério estava resolvida. Eram coordenadas. *Para vocês ainda não é o fim.* Estava na cara que

Felix tinha entregado para eles um mapa.

– Dan? Que foi? – perguntou Abby. Ela olhou para a imagem dele na tela, franzindo a testa de preocupação. – Você está tão quieto.

– Só estou pensando.

– Para variar – Abby rebateu com um sorriso. – Anda, fala logo.

– Não é um pensamento muito positivo – ele avisou.

– Pensamento positivo? Dan, com tanto estresse e falta de sono, eu nem sei mais o que é um pensamento positivo. Com essas cartas e os estudos ocupando minha cabeça, eu vou acabar no manicômio – ela tossiu, estreitando os olhos. – Desculpa. Não foi o que eu quis dizer.

– Mas foi uma boa sugestão, na verdade.

– Ai, ai. Lá vamos nós – disse Jordan.

– É que... Quando Felix me disse para “ir atrás” deles foi... sei lá. Parecia um pedido de ajuda. Pensei que sair do Brookline fosse ajudar, mas pelo jeito não foi bem assim, certo? Ainda estamos abalados, e talvez a única forma de seguir em frente seja voltando para trás. “Para vocês ainda não é o fim”... era isso que estava escrito nas fotos, né? Então, talvez ainda não seja mesmo.

– Era bem isso que eu temia que você dissesse – respondeu Abby, comprimindo os lábios.

Sua palidez pela privação de sono não combinava em nada com as cores vibrantes que decoravam o quarto atrás dela.

– Mas também não ficou surpresa – acrescentou Jordan. Abby olhou feio para ele. – Que foi? Agora não é hora para se preocupar com sentimentos e esse tipo de bobagem. Aliás, já decifrei as coordenadas. Segundo a minha pesquisa, o primeiro endereço é rua Ellis, 1020. O segundo é rua Virgil, 1311. Depois rua Blake, 920 e por último rua Concord, 1319. Todos eles, grande surpresa, ficam pertíssimo do campus.

– E então, o que vai ser? – questionou Dan, fazendo de tudo para tentar esconder a empolgação na voz. – Vamos esquecer o que aconteceu hoje e torcer para que tudo isso acabe logo ou vamos ver o que tem atrás da porta número dois?

– A porta número dois é o lugar onde quase mataram a gente – falou Abby. – Não sei, não, Dan. Qual é o plano, voltar para lá com

alguns endereços no bolso, bater na porta das pessoas e dizer: “Com licença, um conhecido meu meio psicopata me mandou vir aqui, mas eu nem sei por quê?” – Abby respirou fundo. – Sem querer ofender, eu simplesmente não estou entendendo.

Pela primeira vez, Jordan não tinha nenhum comentário ácido a fazer. Ele estava apenas esperando pela resposta de Dan, que por sua vez já tinha pensado em tudo. Na verdade, ele tinha muito a agradecer a Sandy pela sugestão de conhecer outras universidades.

– Que tal uma turnê de fim de semana como alunos interessados em conhecer a faculdade?

x x x x x

No sonho, Dan conseguiu até sentir o calor das chamas que surgiram diante de seu rosto. Ele começou a transpirar, e abaixou quando o jato de fogo saiu da boca do cuspidor. Em seguida, se virou e olhou feio para o homem – ele não tinha visto que Dan estava lá? Mas o homem só deu risada, limpando o combustível dos lábios e batendo na própria coxa. O parque inteiro começou a oscilar, e o chão se movia sob os pés de Dan. *Ficar bêbado deve ser mais ou menos assim*, ele pensou, andando sem rumo por entre as barracas.

Não, sem rumo não... Havia algo guiando seus passos. Ele não sabia para onde estava indo, mas sabia que precisava chegar lá. Respostas. Respostas para perguntas que só agora ele tinha coragem de fazer. E se Dan fosse capaz de obrigar sua família a fazer tudo o que ele quisesse? E se o controle da mente não envolvesse magia, e sim ciência?

Ele estava chegando mais perto, porém se viu quase incapaz de se sustentar sobre os dois pés quando ultrapassou a última fileira de barracas e se aproximou de um palco caindo aos pedaços. Em sua mão suada, Dan segurava um pedaço de papel cartão com a inscrição “Um Ingresso”. O velho o esperava em cima do palco, atento, paciente. Não parecia ser grande coisa, mas as aparências podiam ser enganadoras...

Um ruído forte fez seu campo de visão ficar borrado, e o sonho se desfez.

Dan se sentou na cama, um pouco tonto. O barulho continuou mesmo depois do fim do sonho, e ele tateou com as mãos à procura do celular no criado-mudo. Nisso, acabou derrubando o frasco de remédio, que ele deixou aberto depois de tomar um comprimido para conseguir pegar no sono.

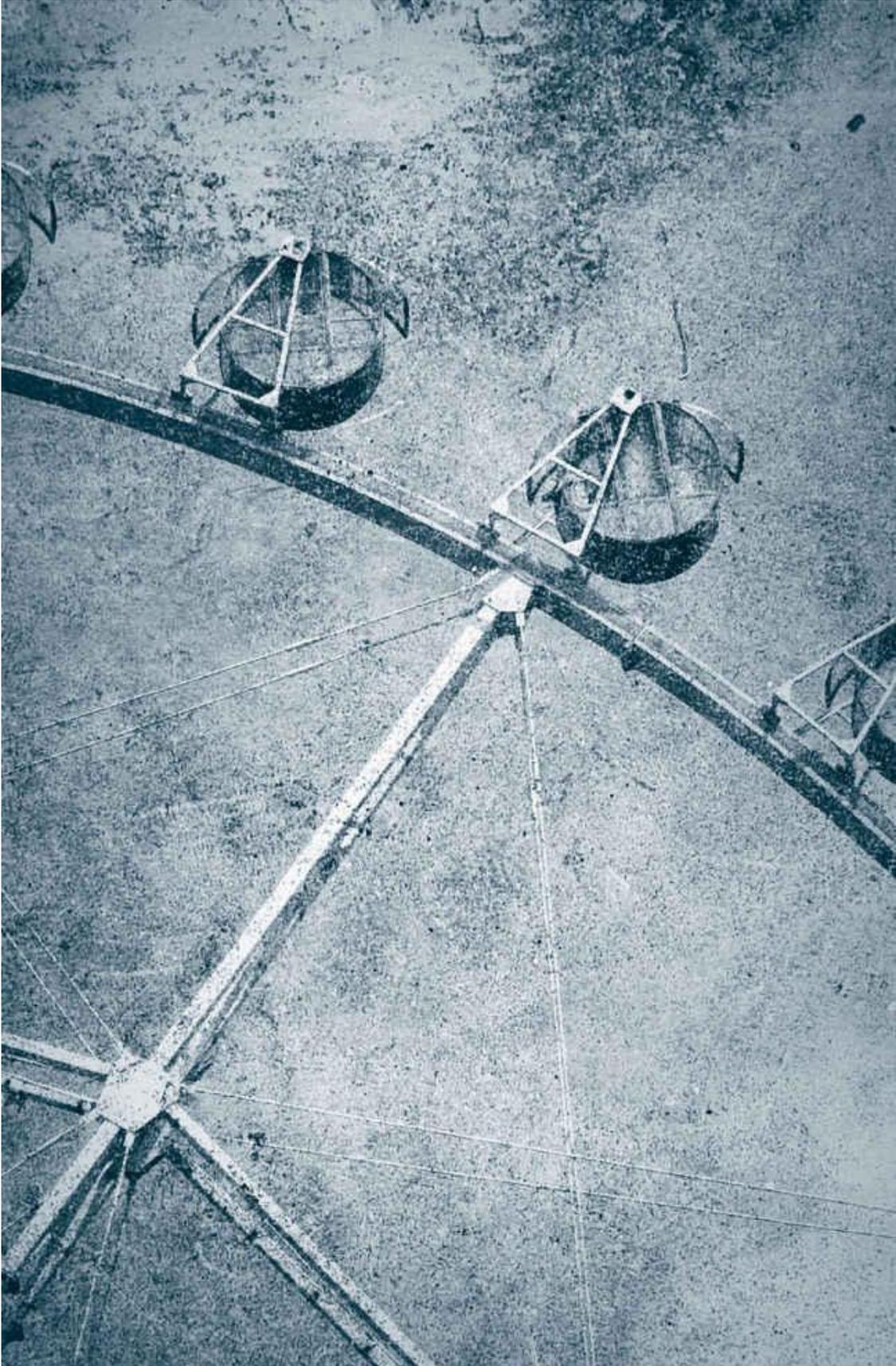
Abrindo os olhos exaustos, ele encontrou o celular ao lado do frasco virado e rolou na cama, aproximando a tela do rosto.

Missy havia mandado uma mensagem.

*Queria que vc tivesse ido à festa. Sentimos sua falta!*

Dan soltou um grunhido e pôs o celular de volta no móvel. Ele poderia pelo menos ter mandado uma mensagem de feliz aniversário, mas nem se lembrou disso. Cansado demais para responder, Dan se cobriu outra vez e tentou voltar a dormir.

Um pensamento o manteve acordado e, pelo menos dessa vez, não era nada ruim: em breve ele não teria mais que se preocupar com Missy e Tariq. Ele estaria com Abby e Jordan, seus verdadeiros amigos.







CAPÍTULO

6



A garoa fina molhava seus cabelos, e Dan os repartiu e os penteou com os dedos outra vez. Estava de pé na calçada, inquieto, com frio e ansioso, batucando nas coxas com as mãos dentro dos bolsos da calça. Os carros passavam por ele, fazendo o barulho característico dos pneus contra o chão molhado.

Por fim, chegou outro ônibus, com os freios assobiando, e ele viu o rosto reluzente de Abby o encarando lá de dentro.

Ele acenou, ajeitando a mochila pesada com o *notebook* sobre o ombro. Mesmo depois de ter verificado três vezes se havia levado todos os remédios, ele ainda deu mais uma olhada na mochila, quase como um tique nervoso.

Assim como da primeira vez em que vieram ao New Hampshire College, Jordan e Abby pegaram o mesmo ônibus. O cheiro de diesel queimado chegou até Dan, misturado com o aroma de terra molhada que subia do chão. Ele enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e bateu com os pés no chão para se esquentar. Estava mais frio ali do que em sua cidade, um clima de inverno, apesar de ainda estarem em outubro. Filamentos de chuva ainda escorriam pelas árvores geladas, pelos galhos e pelas rachaduras na calçada. A um quarteirão do ponto de ônibus, as lojas da cidade haviam pendurado lanternas de abóbora e luzes roxas para comemorar o Dia das Bruxas.

Uma camada de névoa descia do campus, localizado no alto do morro, encobrendo a cidade com uma espécie de brilho leitoso.

– Oi – cumprimentou Dan. – Finalmente vocês chegaram.

Abby foi a primeira a descer do ônibus, e ele foi ajudá-la com a bagagem. Ela estava usando um sobretudo amarelo com um enfeite feito de penas de pavão preso na lapela e uma touca de lã. Em algum momento depois da última vez em que se viram, ela havia pintado de azul uma mecha dos cabelos. Eles se abraçaram, e Dan a beijou de leve no rosto.

– Que bom ver você de novo – ela falou, ficando vermelha. – Vamos pegar as coisas do Jordan também.

Ela se virou para ajudar Jordan, que estava vestindo roupas escuras e estilosas, como sempre: jaqueta de couro, calça jeans apertada e meias aparecendo um pouco acima das botas, que iam até os tornozelos.

Dan tinha se esquecido do quanto parecia convencional na presença deles. E também notou a presença de pedaços de papel saindo dos bolsos da jaqueta de Jordan.

– O que é isso, estavam jogando forca? – Dan perguntou.

– Isso aqui? – Jordan puxou um dos papéis pela beirada. – Foi só para passar o tempo.

Pelo que Dan pôde ver, o que Jordan fez “só para passar o tempo” incluía centenas de linhas de cálculos matemáticos. Ele se perguntou como seria ter uma mente genial como a de Jordan. Depois de esperar a partida do ônibus, eles atravessaram a rua e pegaram o caminho que levava ao campus.

– Como foi a viagem? – perguntou Dan, aproximando-se o máximo possível de Abby sem tropeçar nela. – Não para de chover desde que eu desci do avião.

– O Jordan não parou de falar sobre o cara que vai ser o monitor dele – respondeu Abby. – Ficou vasculhando o perfil dele no Facebook. É todo rico, atlético e bonito.

Dan soltou uma risadinha tensa.

– E provavelmente muito hétero, para a decepção ser maior – acrescentou Jordan.

– Duvido que teremos muito tempo para falar com ele, de qualquer forma – apontou Dan. – Nós temos uma missão a cumprir – ele tentou falar como se fosse uma brincadeira, mas nem Jordan nem Abby deram risada. – Além disso, esse pessoal não vai querer ficar dando muita atenção para um bando de alunos de colégio como nós.

– Pois é – Jordan jogou os cabelos para o lado e olhou torto para Abby. – Vamos torcer para eles não prestarem muita atenção nos garotos intrometidos da turma do Scooby-Doo.

– Não lembrava que esta ladeira era inclinada desse jeito – comentou Abby, ofegante. – Cara, no inverno deve fazer muito frio aqui.

A cada passo que eles davam na direção da faculdade, Dan sentia sua respiração se acelerar e seu estado de espírito se agravar. Uma coisa era falar em voltar até lá – estar ali de corpo presente era bem outra. Felix, possuído ou inspirado pelo Escultor, tinha tentado matá-los. Dan havia visto um cadáver de verdade. Porém, por mais apreensivo que aquele lugar o deixasse, era como se alguém tivesse instalado um ímã em seu peito – ele se sentia atraído pelo Brookline e seus segredos ainda não revelados.

Um zumbido em seu bolso interrompeu seus pensamentos. Ele sacou seu celular e viu que tinha recebido uma mensagem de Sandy.

*Chegou bem à casa de Jordan? Só estou escrevendo para saber. Divirtam-se!*

Dan mordeu a parte interior da bochecha, batucando com o dedo na tela uma resposta vaga, mas tranquilizadora.

– Casa do Jordan? – o próprio Jordan perguntou, espiando o celular de Dan por cima de seu ombro enquanto ele respondia. – O que você falou para os seus pais sobre o fim de semana?

– Não exatamente a verdade, para ser bem sincero – ele não se sentia bem mentindo para sua mãe, mas também não era uma coisa muito difícil. – Falei que você ia conhecer o campus de Georgetown, e disse que queria ir junto. E depois foi só mudar o voo usando o cartão de crédito que tenho para emergências.

– Pelo menos não sou eu que estou escondendo meu paradeiro desta vez – Jordan falou com um sorriso malicioso. – E tenho certeza de que vamos nos divertir muito em *Georgetown*. Mas, falando sério, Dan, se precisar de ajuda para pagar a fatura do cartão de crédito é só me avisar.

– Você deveria ter falado a verdade – repreendeu Abby.

– Mas assim eu não estaria aqui com vocês. Meus pais não querem me ver nem perto deste lugar. – *E talvez com razão.*

Quando chegaram ao alto do morro, Dan deteve o passo de forma abrupta, atordoado como se tivesse levado um soco no estômago e perdido o pouco do ar que restava em seus pulmões.

É igualzinho, ele pensou, olhando estupefato para o mar de barracas armadas no gramado da área central do campus. É tudo igualzinho ao meu sonho. Ou melhor, ao sonho do diretor. E, o mais alarmante: era tudo como nas fotos misteriosas que receberam.

Ele tirou a foto do bolso do casaco e a ergueu para que todos vissem. Jordan e Abby fizeram o mesmo, e se alinharam para formar a imagem completa.

– Existe alguma coisa mais forte que um *déjà vu*? – murmurou Jordan.

– Isso que estamos vendo agora – respondeu Abby.

As barracas do parque de diversões só eram visíveis através dos espaços entre os prédios de tijolos. Do local onde estavam, só podiam ver as lonas listradas em tons de laranja, roxo e preto. Dan se preparou para sentir o cheiro do combustível queimado e ver o cuspidor de fogo de seu sonho, além do homem em cima do palco... Mas os únicos cheiros que detectou foram o da lama em seus sapatos e o de uma comida impossível de identificar, mas que sempre parecia pairar pelo campus.

Dan enfiou a foto de volta no bolso do casaco.

– Eu não esperava um parque de diversões – comentou Abby. – Vocês acham que é para os candidatos que estão vindo visitar?

– No panfleto que eles mandaram não diz nada sobre isso – respondeu Jordan, assumindo a frente enquanto eles entravam no campus. Havia árvores altas em ambos os lados do caminho, com folhas caídas e úmidas se espalhando pelo chão. – Eles não iam deixar de divulgar uma coisa dessas, né?

Dan não sabia, pois nem tinha se dado ao trabalho de ler o panfleto. Aquele material era para candidatos realmente interessados em ingressar na faculdade.

– Pelo menos pessoalmente é tudo vinte por cento menos assustador do que nas fotos – murmurou Jordan. – Alguém consegue me explicar por que toda foto antiga parece ter sido tirada com o filtro Macabro do Instagram?

– Parece que não tem nenhum brinquedo montado – comentou Abby, estreitando os olhos na direção das barracas.

– É mesmo. – Jordan encolheu os ombros. – Não estou vendo a roda-gigante... Que besteira montar um parque sem brinquedos. Mas parece que vamos ter que ir de qualquer jeito. Pode ter alguma pista importante por lá, Dan.

– Se a gente tiver tempo – Dan falou, preferindo ignorar o sarcasmo de Jordan. – E só depois de termos ido a todos aqueles endereços. E pode ser que nem dê tempo de fazer isso sem a gente se separar – nesse momento, ele se deu conta de que nenhum de seus amigos estava respondendo ao que dizia. Estavam ambos olhando para o chão. – Não é que eu queira ser o desmancha-prazeres – Dan justificou. – Mas nós estamos aqui por um motivo.

– Estamos aqui para descobrir por que estamos tendo pesadelos e ouvindo vozes. Estamos aqui para virar essa página e seguir com a nossa vida – Jordan fechou a jaqueta por causa do vento. – Isso pode ou não incluir a caça ao tesouro inventada pelo Felix, Dan. Você precisa considerar a hipótese de que o garoto é maluco, e que nessas casas não tenha nada muito assustador além de eleitores do Partido Republicano.

– Você acha que o Felix juntou um monte de endereços aleatórios só para tirar uma da nossa cara? Sem chance – retrucou Dan, cheio de convicção. – Acho que o que quer que tenha... *possuído* Felix... foi quem passou essas coordenadas. Está tudo interligado. Dá para *sentir* isso.

– Ah, é? Você está entrando em contato com o diretor do além agora?

– Jordan, isso não tem graça – repreendeu Abby, dando um cutucão de leve nele com o cotovelo.

– É verdade. Que merda. Desculpa, é que... voltar para este lugar... Eu sabia que ia ser esquisito, mas não tanto assim. E essas barracas também não estão ajudando em nada.

Dan sabia bem do que Jordan estava falando. Os três ficaram em silêncio enquanto andavam pelo caminho que ligava os prédios acadêmicos às fraternidades. Eles deveriam encontrar seus anfitriões no prédio da admissão, que ficava do outro lado do campus e

contava com um caminho separado para os carros dos pais que vinham trazer seus filhos. Ao que parecia, Dan, Jordan e Abby eram os únicos estudantes que tinham vindo a pé.

No caminho, eles passaram por um pequeno cemitério, cujo acesso era barrado por um portão. Dan não reparou muito naquele lugar no verão, já que se tratava apenas de um caminho de grama bem aparada com túmulos aleatoriamente distribuídos ao redor. Algumas lápides eram tão antigas que pareciam apenas escombros. Mas, daquela vez, um brilho avermelhado intenso em um dos túmulos mais novos chamou sua atenção. A princípio ele pensou que se tratava de um buquê de flores qualquer, porém, olhando mais atentamente, percebeu que pareciam rosas vermelhas arranjadas de modo a parecerem um crânio.

Uma fina camada de névoa pairava sobre o chão do cemitério.

– Que coisa mais esquisita – murmurou, mais para si mesmo do que para alguém ouvir.

Jordan seguiu seu olhar.

– Pois é. Quanto bom gosto. Minha nossa. Por que não colocar uma seta de neon e um letreiro dizendo: “Ei, vejam só! Um cadáver!”?

Abby parou para olhar, e Dan esbarrou de leve em suas costas.

– Ah, desculpa – falou, distraída. – É que, olhando bem, parece até uma *oferenda*.

– Hã? – Jordan e Dan perguntaram ao mesmo tempo.

– Uma coisa para o Dia dos Mortos – Abby explicou. Ela se aproximou do portão do cemitério e se inclinou para a frente, observando melhor o arranjo de flores. – Uma *oferenda*.

– Você ficar repetindo várias vezes a mesma coisa não explica nada – reclamou Jordan.

– Tudo bem – ela revirou os olhos de leve e apontou para as flores na lápide. – Basicamente, a ideia é colocar flores no túmulo dos entes queridos. Em geral as pessoas costumam trazer calêndulas, mas as caveiras fazem parte da tradição mexicana do Dia dos Mortos, então alguém deve ter resolvido combinar as duas coisas. Eu nunca vi um arranjo como esse.

– Talvez tenha sido ele que deixou – comentou Jordan, apontando com o queixo para um universitário grandalhão deitado todo

encolhido junto à grade do cemitério.

Ao lado de sua cabeça havia uma garrafa de rum vazia. Alguém havia rabiscado seu rosto com caneta marca-texto.

– Cara, pelo jeito esse aí acabou de ter a pior ou a melhor noite da vida – comentou Dan.

– Ugh. Credo. Eu não entendo esse tipo de coisa – falou Jordan. Sua mala criava rastros estreitos e molhados no caminho quando voltaram a andar na direção do Pavilhão Wilfurd, deixando para trás o garoto da fraternidade e seus roncos. – Por que eu ia pagar para morar com um bando de atletas bombados se eles vão me deixar bêbado, escrever na minha cara e me largar desmaiado em um *cemitério*? Como assim?

Eles chegaram ao Pavilhão Wilfurd bem a tempo – uma chuva leve começou a cair, e a umidade fez as lembranças do verão ganharem força na mente de Dan. Outros candidatos estavam espalhados pelo gramado do lado de fora, buscando a orientação dos alunos do NHC, que vestiam camisetas cor de laranja.

– Sei lá – respondeu Dan. – Eu meio que entendo o apelo de uma fraternidade. Todo mundo quer fazer parte de alguma coisa.

– Sim, mas pagar para fazer parte de uma turma? – ironizou Jordan.

– É melhor a gente se apressar – falou Abby. – Parece que a maioria do pessoal já deixou as coisas lá dentro.



– É verdade, a gente precisa se misturar – reforçou Dan, indo com Abby e Jordan na direção dos alunos de colégio que se aglomeravam para entrar no Wilfurd.

Dan sentiu um frio na barriga ao notar a quantidade de universitários mobilizada para recebê-los.

Ele segurou firme sua mochila, olhando com desconfiança, e até com irritação, para os candidatos ao seu redor, que conversavam animadamente. Durante o verão, fazer novas amizades havia sido uma de suas prioridades. Dessa vez, ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar isso.



CAPÍTULO

7



— Não precisa se preocupar com a sua amiga.

— Hã? — Dan nem percebeu que estava olhando para Abby, mas pelo jeito estava. Ela estava com sua monitora, e as duas estavam rindo e conversando como velhas conhecidas. Abby tinha esse dom de deixar as pessoas à vontade. Dan se esforçou para ouvir do que elas estavam rindo. — Ah, eu não estou, não.

— Sério? — Micah, o seu monitor, ergueu as sobrancelhas grossas e escuras e deu um tapinha no ombro de Dan. — Porque está parecendo que sim.

— Nós meio que, hã, estamos tendo um lance, é isso — Dan explicou.

Ele e os outros candidatos estavam sendo conduzidos dos prédios acadêmicos do campus para a rua onde ficavam os alojamentos. Acompanhados dos respectivos veteranos, a maioria dos novos alunos em potencial parecia mais interessada, acima de tudo, em conhecer pessoas, e isso valia também para Abby.

— Oi — Dan gritou, acenando para ela.

Alguns passos à frente, ela sorriu e acenou rapidamente.

— Quem é? — ele ouviu a monitora dela perguntar.

A resposta de Abby foi baixa demais para ser ouvida.

— Acho que a sua garota está ocupada — Micah comentou delicadamente. — Não esquenta, cara, depois você fala com ela. Vocês estudam na mesma escola?

— Não exatamente — Dan respondeu. — Na verdade não. Nos conhecemos aqui mesmo, no curso preparatório de verão.

— Sério? Uau, isso é ótimo. Então vocês estão tão ansiosos para estudar no NHC que até voltaram?

Ele deu uma risadinha, e até seu riso parecia ter um sotaque sulista. Dan quase chegou a pensar que seu monitor estivesse exagerando no entusiasmo para fazer graça ou coisa do tipo, mas Micah não lhe pareceu ser do tipo irônico.

– Nós conhecemos o Jordan aqui também – explicou Dan, apontando para Jordan e tentando fazê-lo entrar na conversa. Jordan não parecia ter gostado muito de seu monitor, Cal, apesar de sua boa aparência. Cal era o único que estava falando, enquanto Jordan permanecia em silêncio. – Nós três meio que ficamos inseparáveis – contou Dan, incapaz de esconder uma pontada de orgulho na voz.

– Vocês estão inclinados a se candidatar? Não quero parecer intrometido, mas, como sou estagiário do departamento de matrículas, esse tipo de pergunta acaba saindo naturalmente – falou Micah.

Eles estavam passando pelas fraternidades. Dan se perguntou se alguma delas estaria interessada em um novo membro.

Em seguida ele voltou sua atenção para Micah, ainda sem saber se seu monitor estava ou não zombando dele. Quem dizia coisas como “estão inclinados a se candidatar” em uma conversa normal, aliás? Bom, talvez Micah fosse assim mesmo, com seus óculos moderninhos e seu cavanhaque, que ele alisava toda vez que falava alguma coisa.

– Talvez. Eu gosto de História e Psicologia. Jung, sabe? Pois é, ele mesmo, mas também tenho outros interesses. Preciso ver se o NHC é uma boa escolha para mim.

– Sugiro que você converse com a professora Reyes, do Departamento de Psicologia. Ela está conduzindo uma atividade com os veteranos em um manicômio desativado que fica no campus, mas amanhã tenho aula de Psicologia II com ela. Posso perguntar se você pode acompanhar uma sessão como visitante – ofereceu Micah.

Dan tentou pensar em algo para dizer, mas sua mente estava sem reação.

– O nome do manicômio é Brookline, mas você deve ter lido a respeito quando veio aqui no verão – seu monitor continuou, todo amigável.

– É – confirmou Dan. – Eu li a respeito.

– Droga – Micah estalou os dedos para o monitor ao seu lado, um garoto baixinho de cabelos ruivos. – Já temos gente se dispersando.

Vai buscar aquela candidata antes que os carinhas da fraternidade ponham as mãos nela.

O ruivo reagiu sem questionamento, se afastando do grupo e correndo até uma menina que conversava com um grupo de universitários na calçada.

– Vocês não podem andar soltos por aí – explicou Micah. – Principalmente em festas de fraternidade. Essas coisas saem do controle bem depressa. Nós reclamamos com o novo reitor sobre as festas, fizemos até um abaixo-assinado. Acho que algumas casas vão ser proibidas de realizar eventos.

– “Nós” quem? – questionou Dan, percorrendo com os olhos os gramados de algumas casas, em especial os que estavam cobertos de lixo.

– As pessoas de bom senso – Micah respondeu sem rodeios. – Você ia entender do que eu estou falando se estudasse aqui.

– Acho que sim – respondeu Dan. Ele apontou com o polegar para o lugar por onde tinha vindo. – Vimos um cara desmaiado na frente do cemitério. Ele não parecia nada bem.

– Esses babacas da Sig Tau não sabem beber. Desculpe o meu linguajar. É que eu não gosto desses caras. Estão sempre dando altas festas, e sempre alguém acaba em coma alcoólico. É uma desgraça. Como eu disse, nós não vamos deixar isso acontecer este ano – Micah fez um gesto para o mesmo ruivo que foi buscar a candidata desgarrada. Ofegante, o garoto o acompanhou enquanto atravessavam o campus. – O Dan aqui falou que tem um candidato a membro da Sig Tau desmaiado na frente do cemitério. Manda alguém resolver isso, certo?

– Claro – respondeu o garoto, balançando a cabeça vigorosamente.

– Assim que nós...

– Não, Jimmy. Agora. Estamos cheios de candidatos aqui, precisamos dar um bom exemplo. Não quero que eles pensem que o campus está cheio de bêbados idiotas.

Jimmy fez que sim com a cabeça com tanta força que Dan ouviu seu pescoço estalar.

– Uau – comentou Dan, vendo Jimmy se afastar do grupo. – Você é tipo o chefe dos monitores?

– Quem, eu? – Micah deu risada, jogando a cabeça para trás. – Não, não... Nós gostamos de manter as coisas em ordem, só isso.

Para Dan, não parecia só isso, mas, como sua intenção era passar despercebido, e não atrair atenção, ele se limitou a um aceno educado com a cabeça.

– Oi! – Abby segurou o passo para andar ao lado dele, junto com sua monitora. – Essa é a Lara. Lara, esse é o Dan. Ela estava me contando sobre a instalação artística que vai fazer neste semestre.

– Ah, que legal – Dan estendeu a mão na frente de Abby para cumprimentar a garota. Ela era baixinha, chegava apenas ao ombro de Abby, e seus cabelos escuros e grossos revoavam ao vento, emoldurando seu rosto. – Prazer em conhecê-la, Lara.

– Sério mesmo. Estou ansiosa para ver a instalação dela – Abby continuou. – É uma sala multimídia com esculturas, música e performances ao vivo. Ela vai me levar para ver amanhã!

– *Na verdade*, é uma crítica autodestrutiva sobre as máscaras que nós, de outras etnias, usamos para apagar nossa herança cultural para nos tornarmos brancos – Lara explicou em um tom impassível.

Ou ela era uma mestra da ironia ou então estava falando muito sério. Talvez os universitários se comunicassem através de outro tipo de idioma, no fim das contas.

– Isso parece... complexo – Dan comentou.

– *Complexo*. É melhor não dar corda para ela – Micah falou com os dentes cerrados. – Caso contrário ela vai alugar seus ouvidos até não querer mais falando sobre coisas como futurismo dadaísta e sabe-se lá mais o quê.

– Ao contrário do que disseram para você lá na roça, a ignorância não está na moda. Muito pelo contrário, na verdade – respondeu Lara, irritada. – *Muito* pelo contrário.

– Nossa, quanta tensão! – Jordan apareceu entre Abby e Dan, apoiando os cotovelos sobre os ombros dos dois. – O que é isso, relacionamento mal resolvido?

– Prefiro não comentar a respeito – respondeu Micah, todo tenso. – Enfim, como eu estava dizendo... Se você tiver um interesse em particular por alguma das aulas, Dan, é só me avisar.

– Obrigado, é muita gentileza sua – respondeu Dan, se livrando do cotovelo de Jordan.

– Espero que vocês não estejam com muita fome – acrescentou Micah. – Ainda temos alguns assuntos para tratar antes da hora de comer. Vai ser no Erickson, mas acho que vocês sabem onde fica, já ficaram por lá no verão.

– Na verdade, nós ficamos no Brookline.

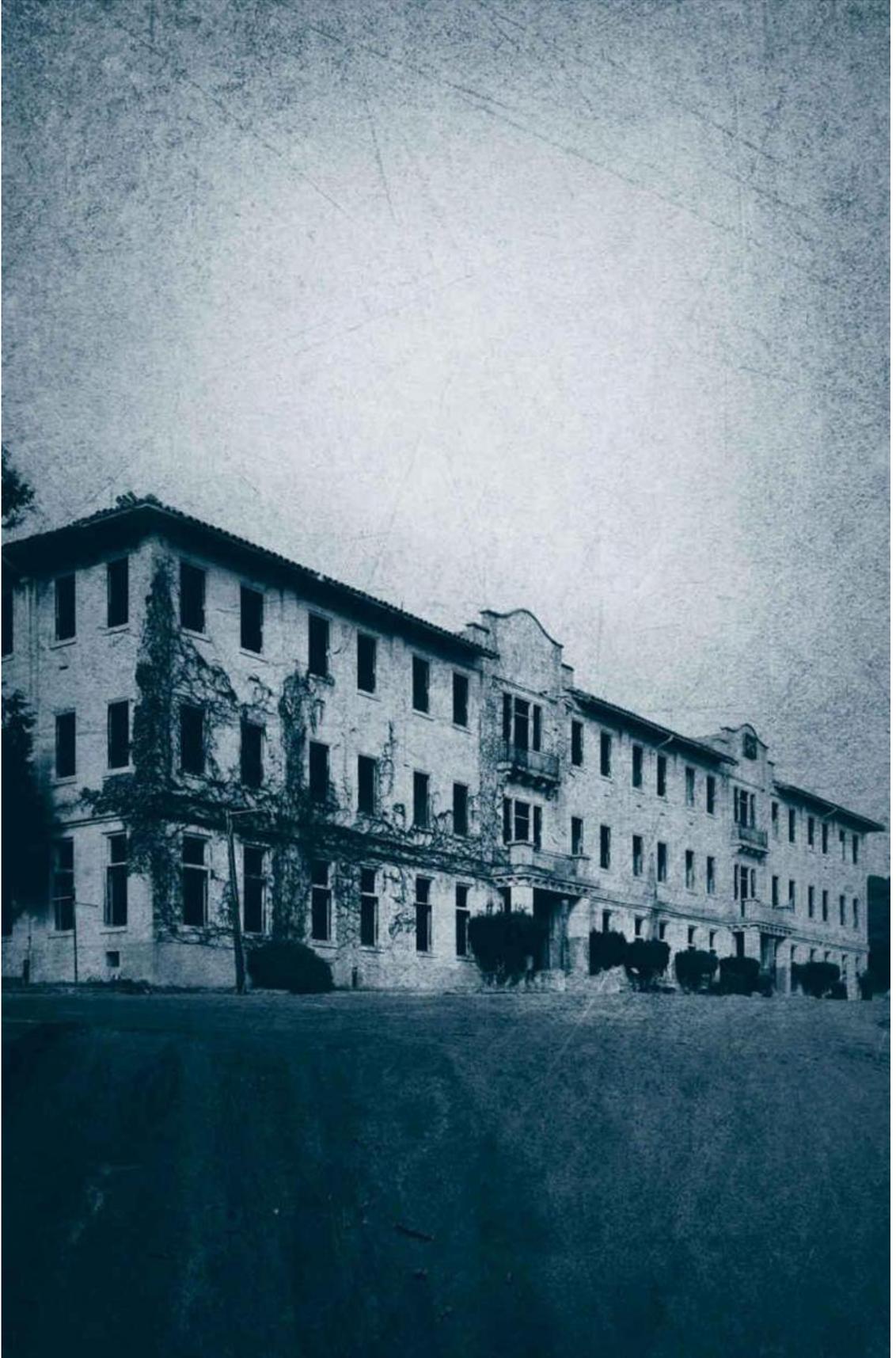
Eles atravessaram a última rua que separava as casas das fraternidades e irmandades dos alojamentos principais.

Micah lançou um olhar curioso em sua direção, e Dan se deu conta de que, minutos antes, tinha fingido que não sabia muita coisa sobre o Brookline. Ele teria que explicar direito essa história.

– Vou querer conversar sobre isso com você mais tarde. Já ouvi umas histórias bem malucas sobre esse lugar – Micah disse por fim.

E então, bem nesse momento, lá estava o Brookline.

Dan pensou que estivesse preparado para esse momento – afinal, era só um prédio, e ele não ia precisar nem entrar. Os endereços passados por Felix ficavam todos fora do campus. Mas não fazia diferença. Dan estremeceu ao ver a fachada branca e descascada e as colunas desgastadas que sustentavam a estrutura a duras penas. E havia ainda o ímã em seu peito, que o atraía não apenas para a faculdade, mas para o Brookline, e a voz de víbora no fundo da sua mente sussurrando: “Bem-vindo ao lar, Daniel”.







CAPÍTULO

8



Dentro do recém-reformado, e aquecido, alojamento Erickson, Dan enfim sentiu a influência sinistra do Brookline arrefecer. Os voluntários os conduziram até o terceiro andar, onde sofás estofados foram colocados em forma de U junto às paredes. Alguns universitários levaram as bagagens para outra sala, onde mais tarde seriam separadas de acordo com o alojamento em que cada um ficaria.

Dan sentou entre Abby e Jordan, que já estava tirando o casaco e o cachecol, ligeiramente vermelho em virtude da diferença de temperatura. A sala comunal do alojamento estava quente até demais, com uma superlotação de corpos e mobília.

– Meu monitor parece ser legal – Dan murmurou para os dois.

– O meu é mais ou menos – comentou Jordan, encolhendo os ombros. – Não é muito inteligente, e parece ser meio conservador, mas tudo bem.

– Lara é demais.

Como se quisesse provar o que dizia, Abby fez um aceno para sua monitora. Os voluntários estavam todos alinhados sob a arcada que dava acesso à sala comunal. Havia um elevador do lado direito, e janelas ocupavam toda a parede do lado em que os candidatos estavam sentados. Dan sentiu uma lufada de ar frio quando um dos monitores abriu uma das portas.

O monitor de Jordan começou a retirar pastas cor de laranja de caixas de papelão e distribuí-las entre os candidatos.

– Você não acha que ela é meio... fria? – questionou Jordan. – Pelo que eu senti, parece até um *robô*.

– Ela leva a arte a sério, Jordan – murmurou Abby. – Não tem nada de errado com isso.

– Encontrem sua pasta, por favor – o monitor de Jordan instruiu. – Os nomes de vocês estão nas etiquetas.

– Pelo menos vocês caíram com monitores com quem têm alguma afinidade. Não me perguntem por que me puseram com Cal, porque eu não faço a menor ideia – sussurrou Jordan. – Ele estuda *Economia*.

– Economia envolve matemática – Dan arriscou dizer. – Certo?

– Para a maioria das pessoas, talvez. Eu fiquei com a impressão de que Cal só está interessado em aprender como administrar sua herança.

– Como você pode saber disso? – murmurou Abby. – Dá uma chance para o cara.

– Sem chance. Ele está usando docksides. Eca. Você está vendo algum barco aqui por perto? Me explica isso, capitã Tolerância.

– Mas o que você... Quer saber? Esquece.

Abby entregou uma pasta laranja para ele, e sem demora Dan localizou a sua e passou a pilha adiante. Ele abriu a pasta e viu um calendário de eventos que não pretendia seguir. Abby estava certa, aliás: o “Parque no Campus” para os candidatos ocupava um lugar de destaque, com letras garrafais.

– Em caso de emergência – Cal falou lá da frente –, vocês têm uma lista de telefones nas pastas. Todos os números do campus têm acesso à central, é só discar 555...

Ele continuou falando a respeito de precauções de segurança e regras do campus, mas Dan parou de prestar atenção. Um cotovelo afiado o atingiu repetidas vezes nas costelas.

– Ai. Que foi?

– Aquele cara ali – murmurou Abby, apontando discretamente com o queixo para um garoto sentado diante deles, que estava encarando Dan por baixo da franja escura. – Ele está olhando para você desde que a gente chegou.

– E daí? Ele deve ser esquisito, só isso – Dan sabia como era. Ele mesmo ainda não havia superado essa coisa de ser nerd e tímido. – Ou será que tem alguma coisa na minha cara?

– Dan, isso não tem graça. Ele está... *em outro mundo*. Acho que não piscou nenhuma vez nos últimos cinco minutos.

– Ela tem razão – cochichou Jordan, entrando na conversa de forma tão repentina que Dan teve até um sobressalto. – Os olhos

dele estão vidrados.

– Ele é um monitor também – apontou Abby. – Está usando uma camiseta de voluntário.

– Já entendi tudo – falou Jordan. – O cara está chapado.

Com cautela, Dan virou a cabeça para olhar mais uma vez para o garoto – ele não parecia estar nem *respirando* de tão imóvel. Dan era obrigado a admitir que aquilo o estava deixando apreensivo. Não havia como negar – a não ser que estivesse observando pássaros pela janela atrás de Dan, o garoto o estava encarando diretamente, sem piscar.

– Acho que Jordan tem razão, ele deve estar chapado ou coisa do tipo. Enfim, a gente não está aqui para se preocupar com esse tipo de coisa, e nem com os sapatos idiotas do Cal...

– Ei – interrompeu Jordan.

– Certo, vamos manter o foco – concluiu Dan.

Ele não queria mais ficar olhando para aquele garoto e, com o vento frio que batia em sua nuca, estava começando a considerar o local onde ficaria hospedado no fim de semana bem sinistro.

*E isso porque este é um dos melhores alojamentos...*

– Espero que todos estejam dispostos a ir ao parque de diversões – continuou Cal, abrindo um sorriso de um milhão de dólares. – Vocês tiveram sorte de chegar aqui a tempo para ver tudo isso. Geralmente, o Comitê Estudantil improvisa um passeio em busca de doces no Dia das Bruxas.

– Os voluntários e o pessoal da faculdade capricharam – Micah garantiu a todos. – Vai ter comida, diversão, tudo a que a gente tem direito. O Departamento de Dança recrutou alunos para fazer espetáculos acrobáticos, e o clube de esgrima preparou uma apresentação. Esperamos que vocês encontrem um tempinho para ir até lá com seus monitores. Nós não temos um evento como esse no campus desde... pelo menos desde o tempo em que estou aqui, então quem é que sabe?

– Alguma pergunta? – Cal não pareceu muito interessado no que Micah tinha a dizer.

Jordan, que pelo jeito já estava entediado, havia sacado um pedaço de papel com um sudoku, que resolvia com a folha apoiada na

perna.

– Ótimo. Agora já podem se juntar de novo aos seus monitores, e nós vamos ajudá-los com as aulas que querem ver como visitantes e também a encontrar seus quartos e bagagens.

Cal fez um gesto para que se aproximassem e se juntassem aos monitores. Dan ficou de pé e se espreguiçou. Abby foi correndo falar com Lara.

Sobre a lareira à sua esquerda havia uma foto em preto e branco gigantesca de um homem, tirada exatamente no local onde a imagem estava pendurada. O sujeito retratado tinha uma leve semelhança com Cal, ele pensou, o mesmo sorriso bem cuidado e o mesmo penteado aparentemente casual.

– Daniel Crawford?

Dan teve um sobressalto ao sentir uma baforada úmida na nuca. Ele se virou e deu de cara com o voluntário de cabelos escuros, tão próximo que os dois quase se tocaram. Seu hálito tinha cheiro de sanduíche de patê de atum.

– Hã... Po-pois não? – gaguejou Dan, dando um passo atrás e vendo o outro dar mais um à frente.

Seus olhos, notou Dan, além de vidrados também estavam *vazios*.

– Daniel Crawford – não foi uma pergunta, e sim uma afirmação.

– Hã, sim, sou eu. O que foi?

– Daniel Crawford... Daniel Crawford... – o monitor repetia seu nome sem parar, cada vez mais alto, com um toque de histeria e depois de pânico, que fez sua voz ficar aguda. – Daniel Crawford. Daniel Crawford.

Dan começou a caminhar para trás, batendo no sofá e caindo sentado com tanta força que seus dentes até rangeram.

– Daniel Crawford... Daniel Crawford... Para você ainda não é o fim. Daniel Crawford, para você ainda não é o fim, ainda não...

– Pare! PARE COM ISSO!

Dan esperava que seu grito fosse encobrir a voz do outro garoto. Por um instante, funcionou. Mas, em seguida, o garoto ficou em silêncio, abriu um sorriso triste e estranho para Dan e falou baixinho:

– Para você ainda não é o fim, Daniel Crawford. O tempo está passando, Daniel, mas ainda não é o fim. Saia, saia daqui agora, vá,

vá... – ele segurou a cabeça entre as mãos, fazendo uma careta.

Em meio ao ruído, ele ouviu a voz de Cal reverberar pelo recinto, e o estalar de seus dedos...

– Ei! – Cal estava gritando. – Ei! Doug! Pare com isso! *Acorda!*

Então, como se tudo estivesse acontecendo em câmera lenta, Dan viu o garoto se dirigir aos tropeções para o sofá ao lado, abrir a janela com o ombro, estourar a tela com a mão e se arremessar no espaço vazio e gelado mais abaixo.



CAPÍTULO

9



Dan ficou paralisado. Em algum lugar no fundo de sua mente, ele sabia que precisava ajudar, mas nenhum de seus membros obedeceu quando tentou movê-los.

Alguém gritou, talvez Abby, e então Dan voltou a si. O garoto de cabelos escuros não tinha conseguido atravessar a janela em sua primeira tentativa, e metade de um braço e meio tênis ainda eram visíveis do local onde ele estava. Com um grunhido, Dan deu um pulo para a frente, passando por cima do sofá e agarrando a primeira parte do monitor que conseguiu alcançar. Em seguida, se jogou para trás com toda força. Os dois despencaram no chão e, enquanto Dan recuperava o fôlego, Cal e Lara chegaram para ajudar a manter o outro garoto no chão.

Dan sentiu um aperto em seu braço, e o puxou de volta com violência.

– Sou eu! Sou só eu! – Abby estava ao seu lado, observando seu rosto com preocupação. – O que aconteceu? Por que ele estava gritando com você?

– Para trás! – esbravejou Cal, ficando de pé e afastando os curiosos. – Ele precisa de ar! Precisamos de mais espaço aqui... Minha nossa, Doug.

Micah chegou e ajudou Lara a pôr o garoto de pé. Ele não tentou resistir. Estava inerte como um boneco de pano nas mãos deles, que o arrastaram porta afora. Cal afastava os candidatos à medida que avançavam. Os outros monitores tentavam de tudo para manter a ordem, mas, assim que a porta se fechou, a sala explodiu em ruído.

– Que diabo foi isso? – Jordan chegou até eles, com o rosto pálido. – Ele acabou de tentar se jogar pela janela?

– A-acho que sim – todo trêmulo, Dan piscou algumas vezes e passou a mão no rosto, sentindo o suor frio na testa e no nariz. – Ele ficava repetindo meu nome. Não entendi nada. Nunca vi esse cara antes. Não sei como ele me conhecia...

– Você está bem? – Abby se ajoelhou, tocando sua perna de leve. – Meninos, isso não é nada bom. Só estamos aqui há dez minutos e...

– Não que o Dan tenha *feito* alguma coisa – interrompeu Jordan. – Mas você tem razão. Talvez tenha sido um erro voltar aqui. O que acha, Dan? Vamos pegar nossas coisas e cair fora? Eu posso ligar para os meus pais. Vou precisar explicar um monte de coisa, mas eles vão deixar você ficar lá em casa se a Abby também for.

– Não – mesmo naquele momento, quando sua vontade era de ir embora, Dan sabia que isso estava fora de cogitação. Apesar de não acreditar nessa hipótese, ele falou: – E se tiver sido só uma brincadeira?

– Brincadeira? – Abby ficou em pé de repente, jogando as mãos para o alto. – Dan, cai na real.

– Que foi? Eu não sei o que dizer, Abby. Vamos... Vamos manter a calma. Nós acabamos de chegar. Os nossos monitores estão com ele, certo? Mais tarde eu pergunto para Micah o que aconteceu, assim nós conseguimos algumas respostas.

Dan a encarou no fundo dos olhos, em uma súplica silenciosa. Ele não conseguiria fazer tudo aquilo sozinho, mesmo que quisesse. E não era essa sua vontade. Ele queria a ajuda de seus amigos.

– As pessoas estão olhando para nós – Dan avisou, respirando fundo. – Precisamos decidir agora se vamos ficar ou ir embora.

Abby mordeu com força o lábio inferior, enrolando uma mecha do cabelo com o dedo. Ela deu uma olhada para Jordan, que ainda estava preocupado com o sudoku que tinha começado a resolver.

– Quero pelo menos ver a Lucy – Abby falou. – Não queria ir embora sem fazer isso. Não sei quando vou poder voltar aqui depois que voltar para Nova York.

– Eu na verdade fiquei curioso para saber que endereços são esses – acrescentou Jordan. – E também não estou muito ansioso para voltar para Richmond e para a vigilância dos meus pais, então acho que vamos ficar por aqui mesmo.

Dan soltou um suspiro de alívio e se levantou, ainda trêmulo, mas conseguiu se equilibrar. Os demais monitores tinham se juntado aos candidatos para levá-los até o Pavilhão Wilfurd para o almoço. Dan se perguntou quando veria Micah de novo.

– Vamos ficar sempre juntos – recomendou Dan. Ele sentiu vontade de olhar pela janela ainda aberta, mas se segurou para não fazer isso. – Podemos discutir por onde começar durante o almoço.

– Vamos ter que arrumar um jeito de escapar sem ninguém ver – Abby murmurou quando eles se misturaram aos demais candidatos.

– A Lucy não mora muito longe do campus, mas parece que os monitores vão ficar de olho em nós o tempo todo.

– De repente, se conseguirmos encontrar a casa dela, podemos descobrir alguma coisa sobre os endereços que o Felix passou – especulou Jordan.

Era um pedido ousado, considerando o estado frágil de Lucy da última vez em que a viram. Entraram no corredor, seguindo a fila de candidatos e monitores até a escadaria.

– Acho que a Abby é quem sabe – ele respondeu, olhando de relance para ela. – Só ela mesmo para dizer se Lucy está ou não em condições de conversar sobre esse tipo de coisa.

– Obrigada, Dan, eu... Acho que é uma boa ideia. Só me dá um tempinho para pensar.

Quando saíram do alojamento, Dan levantou a gola do casaco, sentindo seu corpo estremecer.

– O que eu quis dizer foi: ela morou aqui a vida inteira, certo? – continuou Jordan. Ele tentou alisar o sudoku com as palmas das mãos, mas acabou desistindo e guardando a folha no bolso. – Ela deve ter ouvido boatos a respeito, sei lá. Pelo jeito, ninguém sabe mais sobre o Brookline do que ela.

– Só que ela acabou de perder o marido e de reviver momentos traumáticos da infância, então não deve estar nem um pouco a fim de falar sobre o Brookline agora – Abby respondeu, exaltada. – Pelo amor, Jordan, eu quero entender tudo isso tanto quanto vocês, mas não à custa da sanidade da minha tia.

Apesar de estar ansioso para poder interrogar Lucy, Dan acabou ficando do lado de Abby – afinal, a mulher havia sido internada no Brookline quando criança contra sua vontade, passado por uma lobotomia executada pelo diretor Crawford e fugido de lá. Anos depois, porém, acabou perdendo Sal, seu marido, nas mãos de Felix. Ou do Escultor. Dos dois juntos, concluiu Dan.

– Tudo bem, tudo bem – murmurou Jordan, levantando as mãos. – Não está mais aqui quem falou.

– Jordan e eu podemos conferir os primeiros endereços enquanto você faz uma visita a ela – sugeriu Dan, com um tom de voz que torceu para ter sido calmo e diplomático. – Ou de repente podemos perguntar por aí sobre o que estão descobrindo nas expedições ao porão do Brookline.

– Com licença.

A conversa foi interrompida por Lara, a monitora de Abby, que veio correndo até eles, um pouco ofegante, com os cabelos desalinhados e caindo sobre o rosto. Dan ficou imediatamente na defensiva, mas em seguida tentou conter esse impulso – ela provavelmente só estava querendo saber se estava tudo bem, já que um garoto havia acabado de gritar com ele e tentado se jogar pela janela.

– Você falou que seu nome era Daniel, certo? – ela perguntou, afastando os cabelos do rosto.

– Não, Dan. É Dan.

Os outros monitores e candidatos seguiram em frente sem eles, caminhando pelo campo aberto e enlameado na direção do Pavilhão Wilbur. Alguns olhares mais curiosos se voltaram para Dan, mas a maioria parecia querer o máximo de distância possível, o que para ele estava ótimo.

– Me pediram para ver se está tudo bem. Você quer ligar para os seus pais? Vai querer ficar?

Dan encolheu os ombros friamente.

– Está tudo bem, eu acho. Aquele estudante... Ele... Ele está bem?

– O Doug? – Lara franziu a testa, sacudindo a cabeça de leve. – Ele é calouro. É um sujeito solitário, não interagia muito com ninguém. O pessoal fica meio estressado nesta época do ano, com as provas semestrais e todo o resto. Os pais deles vão chegar daqui a pouco para cuidar de tudo.

– A gente nunca tinha se visto antes – Dan falou. Ele não *queria* parecer na defensiva, mas como não se sentir julgado naquela situação? – Não sei nem como ele sabia meu nome.

Lara, no entanto, o surpreendeu.

– Isso é bem simples – ela respondeu. – Não exige nenhum conhecimento prévio, certo? – ela apontou para a pasta cor de laranja enfiada debaixo de seu braço. A inscrição na etiqueta branca praticamente brilhava: DANIEL CRAWFORD. – O seu nome está aí para todo mundo ver.

– É mesmo – falou Dan, com uma risadinha nervosa.

Para Lara, isso parecia bastar como explicação, mas não para Dan. Doug estava olhando para ele desde muito antes de receber sua pasta. Além disso, ele tinha repetido o recado que Dan e seus amigos encontraram no verso das fotos que receberam.

– Espero que ele se recupere logo.

– Não é o primeiro caso de estudante perdendo a cabeça na época de provas – acrescentou Lara, tomando o caminho do Wilfurd, junto com os demais. – Lembro do meu primeiro ano aqui como se fosse ontem... muitas horas perdidas de sono, momentos de pânico, e até delírios por causa da falta de descanso. Cheguei a perder tufo de cabelos entre as provas finais. Meus pais queriam que eu fizesse Medicina, e me pressionavam demais. Depois eu mudei de Ciências Biológicas para Arte Contemporânea. Já dá para imaginar como foi a conversa. Mas agora chega disso... Eu estou aqui para convencer vocês de que o NHC é o máximo, e o tempo todo! – ela cerrou os dentes e abriu algo que parecia ser um sorriso, afastando os cabelos do rosto outra vez. – Enfim, hora do almoço. Vocês podem vir comer com a gente.

– A gente? – questionou Abby.

– Micah e eu. Cal talvez apareça também, mas acho que ainda está com Doug, esperando os pais dele. Do jeito que gosta de falar, vai querer ficar tranquilizando os dois por pelo menos uma hora.

A garoa leve de antes começou a se transformar em chuva forte, e os quatro aceleraram o passo. Molhado e gelado até os ossos, Dan ficou contente até demais ao chegar à marquise branca do Pavilhão Wilfurd.

Ele se escondeu ali embaixo, esfregando as mãos nos braços. O Brookline estava imediatamente à direita. Ele olhou para as fileiras e fileiras de janelas vazias, que o encaravam como dezenas de olhos ausentes. O pessoal da manutenção não parecia muito preocupado

em aparar o mato que cobria a entrada e os arredores do prédio, dando ao Brookline uma aparência de decadência e abandono. Bela tentativa de preservação da memória.

Nuvens instáveis atravessavam o céu, e um raio desgarrado iluminou o último andar do Brookline – o andar em que Dan havia enfrentado um homem com um pé-de-cabra, com a certeza de que iria morrer. Pela maneira como a luz se refletiu nas janelas, parecia que havia um rosto pálido de órbitas vazias o observando lá de dentro.

É só uma ilusão de óptica, Dan, você sabe disso.

– Ei – Abby o chamou, tocando em suas costas. – Vamos lá para dentro. Não fica pensando nesse lugar. Ele não oferece mais perigo.

Ela não conseguiu nem olhá-lo nos olhos ao dizer isso. Dan sabia que ela não acreditava no que havia acabado de falar. Ele também não.



CAPÍTULO

10



Dan empurrou uma fatia triangular de macarrão frito com queijo para o lado do prato. Diante dele, Lara demolia sua pilha de salada. Entre uma mordida e outra, ela explicava melhor sua instalação artística para Abby.

– É dedicada aos meus pais – contou ela – e centrada na minha ascendência coreana, mas, como eu disse, é uma crítica também. Meus pais têm a obsessão de se tornar uma família de classe média como qualquer outra. Eles precisam ter um carro do ano, uma TV moderna...

– Não tem nada de errado em ter uma TV moderna – rebateu Cal.

Ele se espreguiçou, bocejou e se virou de lado no banco da mesa em que estavam sentados. Com um movimento distraído com os dedos, ele apontou para os candidatos que caminhavam com as bandejas na mão.

– Sete – ele falou. E apontou de novo para a próxima pessoa que passou. – Uns seis. Esquece, não tinha visto o nariz. Cinco. Hã, no máximo três, se eu estiver em um bom dia.

Abby largou o pedaço de carne de porco ainda inteiro, olhando para a torta que tinha pegado de sobremesa.

– Ele está dando *notas* para as meninas? – ela perguntou, pasmada.

– Para as meninas não – Micah falou enquanto cortava sua carne de porco.

– Talvez ainda exista uma esperança para você – comentou Dan em tom de brincadeira, mas Jordan não pareceu gostar nem um pouco.

– Não me faça pegar nojo – ele sussurrou de volta.

Cal, ao que parecia, tinha um ouvido afiado. Ele se virou para Jordan e deu uma risadinha.

– Relaxa. É brincadeira. Além disso, você não tem do que reclamar, porque ganhou um oito.

Dan estendeu o braço e segurou Jordan pelo cotovelo.

– Não caia nessa. Ele só está provocando você.

– Ah, é? – ironizou Jordan. – Bom, isso está na cara. Um oito? Ha!

– Se eles vão ser chatos assim, é melhor nem irem à festa de hoje à noite – Cal falou, olhando para as próprias unhas.

Mais adiante, sentado no mesmo banco, um voluntário baixinho que Dan não conhecia se empertigou todo, acenando para Cal.

– Vai ter festa hoje à noite?

O garoto praticamente grunhiu de empolgação. Ele era o oposto perfeito de Cal, baixo e atarracado, com cabelos loiros enrolados e óculos fundo de garrafa.

– Vai, Henderson, e você não tem a menor chance de ser convidado – zombou Cal.

Dan nunca tinha visto ninguém com dentes tão brancos, e o bronzeado de Cal só acentuava isso. Aos olhos de Dan, ele era o típico californiano.

– Vamos *parar*, Cal? – esbravejou Lara, pegando sua tigela de salada e caminhando na direção do balcão.

– Pensei que os universitários fossem legais – Jordan comentou com Dan em um tom de descontentamento. – É isso que querem que a gente seja?

Micah estava falando com Cal, tentando convencê-lo pelo menos a parar de dar notas para os estudantes que passavam.

– Vejam pelo lado bom – falou Abby, chegando mais perto de Dan para que os dois pudessem ouvi-la. – Eles são só nossos monitores. Logo vão se esquecer de nós, e vamos poder sair daqui.

– Eu pensei que você tivesse gostando de estar com a Lara – argumentou Dan.

– Eu gostei, mas isso não significa que sou obrigada a aturar esse Cal. Vocês acham que eles vão perceber se a gente não for à festa?

– Claro que não – murmurou Jordan. Os três estavam sentados juntos, depois de Lara abandonar temporariamente seu lugar no banco comprido da mesa branca. – Não estamos em uma excursão de colégio. É para a gente experimentar como vai ser a vida na faculdade, certo? Com certeza vamos poder sair e fazer o que quisermos.

– Jordan tem razão – concordou Dan –, mas precisamos tomar cuidado para não chamar muita atenção. Acho que podemos pelo menos aparecer na festa, e então dar um jeito de sair de fininho.

– E sobre o que vocês estão cochichando?

Em um gesto ridículo, os três tiveram um sobressalto, transmitindo uma imagem exatamente oposta à da inocência que queriam transmitir. Dan abriu um sorriso forçado quando Micah apoiou os cotovelos na mesa, alisando com os dedos o cavanhaque escuro.

– Eu não queria interromper – Micah acrescentou, todo educado. – É que vocês parecem estar sempre tramando alguma.

*O que não deixa de ser verdade.*

– A gente estava conversando sobre essa festa que Cal falou – entregou Abby. – Parece interessante.

– Argh – Micah tirou os óculos e passou as mãos no rosto. – Sinto muito sobre isso tudo. Não é muito, hã, acadêmico. Nós nem íamos dizer nada... Não é exatamente... bom, um evento para candidatos. Pode haver bebidas impróprias para menores sendo servidas, se é que vocês me entendem.

– Claro que entendemos – Jordan respondeu sem nenhuma empolgação.

Dan lembrou que Jordan escondeu bebida em seu quarto durante todo o verão, e teve que se segurar para não rir.

Lara voltou, e ela e Micah trocaram olhares estranhos enquanto se acomodava. Talvez Jordan tivesse razão... De repente havia alguma história que não terminou bem entre os dois. Sendo assim, por que se sentar à mesma mesa?

– Bom, só estou dizendo. Se não quiserem ir à festa, temos outras coisas planejadas também – Micah falou. – E amanhã vai ter o parque de diversões funcionando. Vocês vão ter um fim de semana bem agitado.

– Qual é a desse parque? – Dan perguntou sem pensar, e seu questionamento acabou soando meio hostil. Ele tentou de novo, em um tom mais leve: – Quer dizer, não parece ser uma coisa muito comum, ainda mais em uma faculdade. A ideia é comemorar o Dia das Bruxas ou receber os candidatos?

– Bom, todas essas coisas, eu acho – respondeu Micah, limpando os óculos na camisa social. – É uma velha tradição da faculdade, mas que foi abandonada desde... desde... putz, na verdade nem sei. Acho que desde os anos vinte, parece. Tinha videntes, atrações bizarras, essas coisas. Vejam só...

Micah se agachou debaixo da mesa para remexer em sua mochila. Quando reapareceu, estava com duas fotografias na mão, que posicionou na mesa diante deles. Uma era de um homem a cavalo, cujo rabo estava sendo puxado por um palhaço. A outra mostrava um homem, que podia ser o mestre do picadeiro, sentado alegremente no colo de uma mulher que tinha o dobro de seu tamanho.

– Passamos um dia inteiro pesquisando esse tipo de velharia na biblioteca enquanto estávamos planejando a coisa toda. O pessoal de Camford tentou colocá-los para correr, mas a faculdade permitiu que montassem o parque de diversões aqui, então eles continuaram vindo para o campus todo ano. Acho que o Comitê Estudantil considerou que ia ser divertido reviver essa tradição.

– Anos vinte? – questionou Dan. – Tipo 1920?

Ele lançou um olhar para Abby e Jordan, para que eles entendessem aonde queria chegar.

– Isso mesmo – respondeu Micah, estreitando os olhos. – No século passado. Por quê? Você curte parques de diversões antigos ou coisas do tipo?

– É que... eu tenho interesse pela história daqui, só isso. – Dan sentiu o cotovelo de Abby cutucando suas costelas. Ele já estava quase acostumado com isso, a essa altura. – Nós vamos querer ir ver, com certeza.







– Ah, não, obrigado. Eu ligo para eles mais tarde – era Cal. Do outro lado da mesa, em frente a Jordan, ele pegou o celular que vibrava e olhou para a tela. Com a mão livre, ele afastou os cabelos castanhos dos olhos e guardou o aparelho. – É o pessoal da coordenação. Deve ser para falar sobre o Doug. Coitadinho.

– Como ele está? – Abby perguntou, por educação.

Depois de engolir o espinafre, Cal limpou a boca com um guardanapo, dobrou-o com precisão em um quadrado perfeito, pôs de volta no colo e falou:

– Ele é um bom garoto. Só está sentindo a pressão, eu acho. Essas notas deixam qualquer um maluco. Mas ele vai ficar bem depois de ver os pais. E a faculdade leva esse tipo de coisa bem a sério. Vão ficar de olho nele até voltar para casa.

Cal gesticulava bastante quando falava, e um anel de formatura reluzia em seu dedo médio.

– Ele... – Abby limpou a garganta e elevou o tom de voz, para ser ouvida mais claramente. – Você descobriu por que ele cismou com o Dan daquele jeito?

– Não faço ideia – Cal respondeu de forma casual, voltando a se concentrar em sua salada. – Foi meio assustador, né? Daniel Crawford! Daniel Craaaaawford... – ele estendeu os braços como um zumbi. Em seguida sacudiu a cabeça e deu uma risadinha, divertindo-se com a própria piada. Depois fez uma pausa, franziu a testa e elevou os olhos da comida. – Olha só... Crawford? Dan Crawford? Como Daniel Crawford, o antigo diretor do Brookline?

Dan sentiu suas entranhas congelarem.

– Não temos nenhum parentesco – ele conseguiu dizer.

– Isso é bom, isso é bom. O sujeito era bizarro.

Cal deu uma risadinha, comendo mais uma garfada de espinafre.

– Quem é esse? – perguntou Lara, distraída.

– Pois é – incentivou Jordan, irônico. – Quem é esse?

– Era um cara genial que dirigia o Brookline nos velhos tempos de glória. Ele tinha umas ideias meio radicais, mas trabalhava com os criminosos mais loucos do país, então merece algum crédito por tentar – dessa vez, quando Cal deu mais uma risadinha, Dan sentiu

vontade de bater nele. – Eu aprendi tudo sobre ele em um trabalho que fiz neste semestre. A professora Reyes mandou escrever uns dez relatórios sobre o cara. Uma chatice, mas é melhor que um trabalho braçal, eu acho.

– Você não deveria dar crédito nenhum para esse sujeito.

Inacreditável. A professora Reyes estava ensinando a seus alunos que o antigo diretor era uma espécie de gênio incompreendido. Dan sentiu seu rosto ficar vermelho, e o suor brotar em suas têmporas. Ao seu lado, ele viu que Abby estava rígida de medo.

– Como é? – Cal enfim baixou o garfo com a comida.

Dan sentiu sua perna começar a tremer.

– Você sabia que ele baseava seus experimentos em ideias como eugenia e supremacia étnica? Ele não merece desconto nenhum por trabalhar com criminosos insanos. Isso não justifica nada.

– Acho que você precisa entender que as coisas não são tão simples assim... – Cal começou, mas não pôde terminar.

– O que você sabe sobre isso? – Dan interrompeu, batendo a mão na mesa.

– Hã, provavelmente mais que você, cara. E, sem querer ofender, eu não vou ficar sentado aqui discutindo isso com um garoto de *colégio*.

– Quem quer sair para tomar um ar? – Micah disse de repente, ficando de pé e esbarrando em sua bandeja sobre a mesa. Ele conseguiu apanhá-la antes que caísse. – Eu vou mostrar para o Dan onde ele vai ficar hospedado no fim de semana. Vocês dois poderiam fazer o mesmo.

– Certo – Cal falou, encolhendo os ombros. – Beleza, tanto faz. Até mais.

Dan ficou de pé, mas não sem antes se virar para seus amigos. Depois que Cal voltou a se concentrar em sua comida, Jordan fez com a boca as palavras “economia” e “docksides”.

– Escrevo para vocês dois daqui a pouco – Dan se apressou em dizer.

– Eu não queria que a gente se separasse – Abby murmurou, meio tensa.

– A gente volta a se encontrar logo em seguida – ele respondeu. – Prometo.

Do lado de fora, a mesma chuva leve continuava a cair, e Micah abriu um guarda-chuva grande o suficiente para os dois – na verdade, poderia até substituir uma das barracas do parque de diversões em caso de necessidade. Dan não olhou para o Brookline quando saíram do Wilfurd, temeroso de que aquela discussão sobre o diretor tivesse evocado sua presença, como se ele fosse uma espécie de lenda urbana. Quem ele estava enganando? Tomando por base seus pesadelos, estava na cara que o diretor nunca havia deixado de se fazer presente.

– Ignora o Cal – Micah falou, caminhando com passos firmes ao seu lado. – Ele estava só querendo se exibir. Provavelmente para impressionar o seu amigo.

– O meu...? – Dan franziu a testa. – Ah, o Jordan? Minha nossa, então espero que ele não consiga. Jordan merece coisa melhor.

– Ah – Micah deu risada, como se tivesse se dado conta de algo. – Então com certeza o seu amigo vai saber como sair dessa.

– Se o Cal é tão babaca assim, por que vocês dois são amigos? Micah encolheu os ombros.

– Boa pergunta.

Eles andaram lado a lado pelo caminho pavimentado e serpenteante que atravessava a parte principal do campus. Tinham deixado o Brookline para trás, e Micah resolveu cortar caminho pela grama até o Erickson. Micah posicionou seu crachá diante do sensor ao lado da porta e a abriu, permitindo o acesso dos dois.

– Tem um crachá temporário na sua pasta – explicou Micah. – Só vai funcionar em alguns prédios, mas se quiser conhecer a academia ou coisa do tipo é só me avisar.

Dan foi com Micah até os elevadores do saguão. Micah se virou para encará-lo, como se tivesse algo importante a dizer.

– Então, Dan, o Cal não é tão ruim assim o tempo todo – ele explicou. – Foi uma das primeiras pessoas que conheci aqui. Ficamos muito amigos no primeiro ano, e dividimos um quarto no segundo, mas, sabe como é, as pessoas mudam... – ele encolheu os ombros, cruzando os braços e se encostando na parede do elevador que os

conduzia ao terceiro andar. – E se um dos seus amigos mudasse? Você ia se afastar e pronto?

Dan ficou sem saber o que responder. Ele jamais esperaria que Jordan e Abby se tornassem irritantemente passivos como Cal, que saía repetindo o que a professora Reyes dizia como um papagaio, sem maiores questionamentos. Dan fez uma careta. A professora Reyes. Dan sabia que precisaria confrontá-la mais cedo ou mais tarde.

– E, sem querer me intrometer – Micah continuou, sem esperar pela resposta para o que Dan imaginou ser mesmo uma pergunta retórica –, mas como é que você sabe tanta coisa sobre o Brookline só de ficar um tempo aqui? A maioria dos candidatos chega ao campus sem saber nada sobre o lugar, mas você parece um especialista falando.

A porta do elevador se abriu, proporcionando a Dan um momento para pensar em uma boa resposta. Depois de aquele garoto esquisito gritar com ele e tentar pular pela janela, Dan não estava se sentindo *inclinado* a confiar em ninguém naquele campus.

– Eu não sou como a maioria dos outros candidatos – Dan respondeu. Ele seguiu Micah por uma sala comunal, não a mesma de antes, ainda bem, e entrou em um corredor. Eles viraram à direita e pararam diante da porta 312. – Quer dizer, além de ter ficado no Brookline no verão, eu venho me preparando para a faculdade a vida toda. Sempre levei esse tipo de pesquisa bem a sério.

– Você é como eu, então? – Micah deu um sorriso torto para ele e abriu a porta, revelando um quarto minúsculo, mas muito bem arrumado. Havia um colchão inflável perto da janela, e Micah foi caminhando nessa direção. – Eu mal podia esperar para terminar o colégio. Cidade pequena. Mentas pequenas. Família nada unida. Todo mundo boa gente, claro, mas eu precisava de uma mudança.

– Eu sei como é – respondeu Dan, distraído.

Ele ouviu uma batida de leve na porta. Micah foi atender, e Dan viu que era outro estudante, trazendo sua bagagem. Ele aproveitou para dar uma olhada no quarto, e notou dois violões em um canto, uma escrivaninha com o maior computador que já tinha visto na vida e paredes cobertas de pôsteres de filmes de ficção científica. Na

cômoda, uma fileira de troféus de torneios de Artes Marciais e um mapa da Louisiana pendurado mais acima. Dan se inclinou para observar melhor o mapa, lendo o nome de uma cidade circulada de vermelho.

– Cata... Cata...

Ele não conseguia fazer sua boca pronunciar aquele nome.

– Catahoula?

– *Gesundheit* – Dan falou com um sorriso. – É a sua cidade?

Micah pôs a mala de Dan ao lado do colchão inflável, se espreguiçou e confirmou com um aceno de cabeça.

– Sim, por um tempo, depois Shreveport, e depois Baton Rouge.

Dan deu uma volta pelo quarto, reparando em outros detalhes enquanto isso – o certificado de honra ao mérito por seu desempenho acadêmico colado ao lado do computador, cartas de recomendação dos departamentos de Ciências Biológicas e de Filosofia, algumas fotos que ele imaginou ser da família dele, e uma fileira de miniaturas de personagens de *Star Wars* sob o monitor. Ao lado das distinções acadêmicas havia uma foto em preto e branco emoldurada de uma velha casa de fazenda com um carvalho alto à direita e o que parecia ser um riacho logo atrás. Um retrato formal em família ocupava a moldura ao lado, no qual uma mulher com um vestido com babados estava sentada entre várias crianças, todas olhando para a câmera com o olhar vazio característico das fotos antigas.

– Sua família? – Dan perguntou, examinando as imagens mais de perto.

Ele derrubou um dos bonequinhos de *Star Wars* e se apressou em colocá-lo outra vez em pé.

– Da parte da minha mãe. Essa é a sede da velha Fazenda Arnaud. Só minha avó mora lá hoje em dia, mas ela nunca gostou muito de mim. O lugar está caindo aos pedaços... e é mal-assombrado também. A minha avó fala isso toda orgulhosa – Micah deu risada e chegou mais perto de Dan. – Você falou que queria estudar Psicologia... está querendo me analisar, é isso?

– Desculpa aí, acho que estou sendo curioso demais – Dan respondeu, meio envergonhado. – Eu não sou muito bom nessa

coisa de convenções sociais.

– Não esquentar, Dan, eu estava brincando. E você parece ser bem sociável, aliás. Na minha primeira semana aqui, acho que não falei com ninguém – Micah se sentou à escrivaninha, e ficou vendo Dan andar de um lado para o outro no quarto. – Eu passei um tempo no reformatório por roubo, e me endireitei depois disso. Um tio meu estudou aqui no NHC, e foi ideia dele me fazer estudar e me candidatar para cá. Não teve nenhuma despedida emocionada da família. Ninguém estava nem aí para onde eu estava indo, só o meu tio. Cal foi uma das primeiras pessoas a me tirar da concha. Acho que é por isso que ainda somos amigos, apesar de ele ser bem babaca às vezes.

Reformatório? Isso fez Dan parar para pensar, não porque o estava julgando, mas para encarar Micah com outros olhos depois de descobrir que ele havia sido capaz de mudar de vida depois de uma experiência como essa.

Dan foi olhar pela janela. Em meio à névoa que se erguia entre as construções, ele conseguiu ver a janela do prédio em frente, onde a silhueta de uma pessoa parecia observá-lo. Estreitando os olhos, Dan se aproximou do vidro para ver melhor, e sentiu um frio na espinha. Doug, *o coitadinho do Doug*, era quem o encarava.

– Como assim...? – ele murmurou. – Esse é... que prédio é esse aí na frente?

Micah chegou à janela em dois passos.

– Ah, droga. É a enfermaria. Pensei que a esta altura esse garoto já fosse estar longe daqui.

Dan não conseguia desviar o olhar, não depois de reparar que, mesmo à distância, Doug continuava gritando “DANIEL CRAWFORD”. Alguém apareceu e tentou afastar Doug da janela. A última coisa que Dan viu foram os dedos pálidos do garoto, dobrados em forma de garras, tentando se agarrar ao vidro embaçado.

– Você está bem?

Dan fez que sim com a cabeça. Ele se inclinou sobre a cômoda sob a janela, endireitou o corpo e ficou de pé. Um pouco desorientado, ele cambaleou, se segurando na cômoda de novo e derrubando uma vela, que ele pôs de novo no lugar, virando-a com a mão. Era

vermelha e estava queimada pela metade, mas ainda dava para ver que a base era uma caveira vermelha.

Quando conseguiu recuperar totalmente a visão, viu seu reflexo assustado no vidro.

– Estou bem. É... estou bem.

– Você já pensou nas aulas que quer ver como visitante? Alguns professores estão fazendo seminários especiais no fim de semana, para vocês verem que tipo de discussões e trabalhos vão encontrar por aqui.

Quase totalmente alheio, Dan sentiu sua cabeça balançar para cima e para baixo. Acenando... Acenando... O medo dentro dele ia se transformando lentamente, mas de forma inexorável.

– Sim – ele respondeu, cerrando os dentes. – Você falou que a professora Reyes estava coordenando uma atividade, certo? É isso que eu quero ver.







CAPÍTULO

11



“Estou atrasado”, dizia a mensagem de Jordan, “chego para o jantar às cinco.”

Dan estava sentado em uma das compridas e reluzentes mesas do refeitório, com a foto mandada por Felix escondida sob a bandeja. Com o canto do olho, ele espiava Abby, que estava rodeando o balcão de cereais, batendo com o dedo no lábio inferior enquanto se decidia entre um de sabor de canela e outro de milho. Ele achou legal que ela não se importasse em comer coisas de café da manhã no jantar inclusive naquela noite, quando a maioria dos outros alunos de colégio parecia estar bem preocupada em impressionar os universitários.

Dan ouviu uma voz suave atrás de si, que poderia até ser de Abby, caso não estivesse olhando para ela. Mas, pensando bem, não poderia ser a voz dela. Era baixa, sussurrada e monótona demais.

– Daniel, Daniel, vamos brincar... – parecia uma música, uma cantiga de roda. – Vamos brincar, você não quer brincar? Daniel, Daniel...

Ele se virou apressado na direção de onde vinha a voz, segurando um grito de raiva no fundo da garganta. Sozinho em um canto, escondido das vistas pelo balcão de sobremesas, estava um garotinho, aparentemente abandonado. Alarmado, Dan olhou em todas as direções. Ninguém mais parecia vê-lo – um menino magro, de nove ou dez anos, vestido com uma blusa listrada e uma calça curta e rasgada. Sua cabeça parecia ferida, quase deformada, e *sangrava*.

O garotinho segurava alguma coisa com força entre as mãos, abrigadas junto ao peito. Seus olhos eram arregalados e vazios como os de Doug, como...

– Dan? – Abby se sentou diante dele à mesa, franzindo a testa. – Parece até que você viu um fantasma – ela deu risada, mas Dan mal conseguia respirar, muito menos responder.

– Você... Tem um menino ali no canto? – ele murmurou. – Tem um menino atrás de mim ali no canto? Um garoto pequeno... de blusa listrada. E uma calça engraçada.

– Hã, não, acho que não – em seguida, sem muito interesse, ela falou: – Me deixa dar uma olhada – Abby se levantou, olhando por cima do ombro de Dan por um longo e tenso momento. Ela voltou a se sentar no banco e limpou a garganta antes de dizer: – Não tem nada ali, Dan. Quer dizer, só um ou outro papel no chão, mas um menino não. Você anda *vendo* coisas agora também?

*Sim.*

– Não – o suor começou a brotar em profusão na testa de Dan. – Sei lá, é que estou morrendo de fome! Você não? Eu estou *morrendo* de fome.

Ele olhou para a foto sob a bandeja. Aquele menino era igualzinho ao da foto.

– Eu não estou em condições de julgar ninguém – ela garantiu, dando uma colherada no cereal. – Estou ouvindo vozes, esqueceu? Nenhum de nós está muito bem da cabeça no momento. Se você estiver vendo coisas, é melhor contar.

– Tudo bem, você venceu. Eu *estou*, sim. Tem um menino bem atrás de mim, e ele cantou uma espécie de cantiga de roda, mas com o meu nome nela – só que na verdade não era seu nome, não exatamente. Ninguém o chamava de Daniel. – Minha nossa... – ele sacudiu a cabeça, tentando organizar as dezenas de pensamentos que passavam ao mesmo tempo por sua cabeça (*Não devia ter contado para ela; claro que precisava contar para ela* etc.) – Este lugar parece um Triângulo das Bermudas universitário.

– Ei – ela falou. A mão quente de Abby apareceu do outro lado da mesa e envolveu a sua. O leve aperto em seu pulso quase o fez se esquecer de onde estava. Por um segundo, eles voltaram a ser adolescentes normais. Um casal de namorados jantando juntos. – Mesmo se for, nós vamos dar um jeito de sair.

– Obrigado, Abby, eu... Isso ajuda bastante. Você me ajuda muito.

– Ei, crianças, se preparem... trouxe lição de casa! – Jordan chegou como um furacão, se jogando no banco ao lado de Dan e largando

uma pilha enorme de jornais, almanaques e livros sobre a mesa. – Ufa. Cara, como isso pesa.

– O que são essas coisas? – Abby perguntou, recolhendo a mão para voltar a comer seus cereais.

– Não consegui tirar aquela droga de fotografia da cabeça – Jordan explicou rapidamente, dividindo as coisas que trouxe em três pilhas. A chuva havia deixado seus óculos molhados e embaçados. – E eu também precisava de uma desculpa para me livrar do Cal, então pensei: por que não pesquisar mais a respeito do tal parque de diversões? Fui até a biblioteca e convenci o pessoal a me deixar dar uma olhada nos arquivos. Alguém deve ter escrito algo a respeito do parque nos anos vinte, certo?

Mordendo uma maçã, Jordan posicionou sua cópia dos endereços sobre a mesa, ao lado de um mapa da cidade, com as coordenadas circuladas em vermelho.

– Aqui tem uma porrada de informações sobre o que aconteceu em Camford da última vez em que o parque de diversões foi montado por aqui, além de um monte de coisas sobre o parque em si.

– Uau – comentou Dan. – Bom trabalho.

– Ei, não foi nada – ele deu de ombros. – Se ocupar com alguma coisa é a melhor opção. Se eu ficasse sem fazer nada, minha mente ia acabar implodindo, sei lá. É melhor se manter ocupado.

A primeira pasta na pilha de Jordan estava abarrotada de fotografias e recortes de jornal – tanto que até ameaçava rasgar. Com cuidado, Dan apanhou o arquivo e abriu, e uma cachoeira de fotos antigas despencou sobre a mesa. Ele observou uma após a outra... Mulheres barbadas, homens musculosos, um malabarista na corda bamba, um carrossel. Lembranças espectrais de um tempo mais feliz em Camford, antes que a reputação do lugar fosse manchada pelo legado do diretor do manicômio.

– Hã, aconteceu outra coisa também – Abby falou.

Ela apontou com o queixo para Dan, o que o fez se sentir ao mesmo tempo envergonhado e protegido. Aqueles eram seus amigos. Era preciso confiar neles.

– Ela tem razão. É... É uma coisa estranha de admitir, mas estou começando a ver coisas. Quer dizer, até agora foi uma coisa só,

talvez não seja nada. Talvez pare por aqui.

– Uau. – Jordan largou a maçã mordida sobre a mesa. – Que tipo de coisas? Hã, coisa?

– Um garotinho – respondeu Dan. Nesse instante, ele se lembrou da imagem do menino, o que o fez estremecer. – Mas ele parecia... antigo, como se fosse de outra época. E o mais estranho é que parece com o menino da foto que Felix me deu. Não sei se isso é coincidência.

– Argh. Parece uma daquelas merdas dos filmes do M. Night Shamalamadingdong. – Jordan deu outra mordida na maçã, com movimentos mais lentos desta vez. Com a boca cheia, ele acrescentou: – Você acha que pode ser estresse? Ou falta de sono? Tem certeza de que ele... Tem certeza *mesmo* de que não estava alucinando?

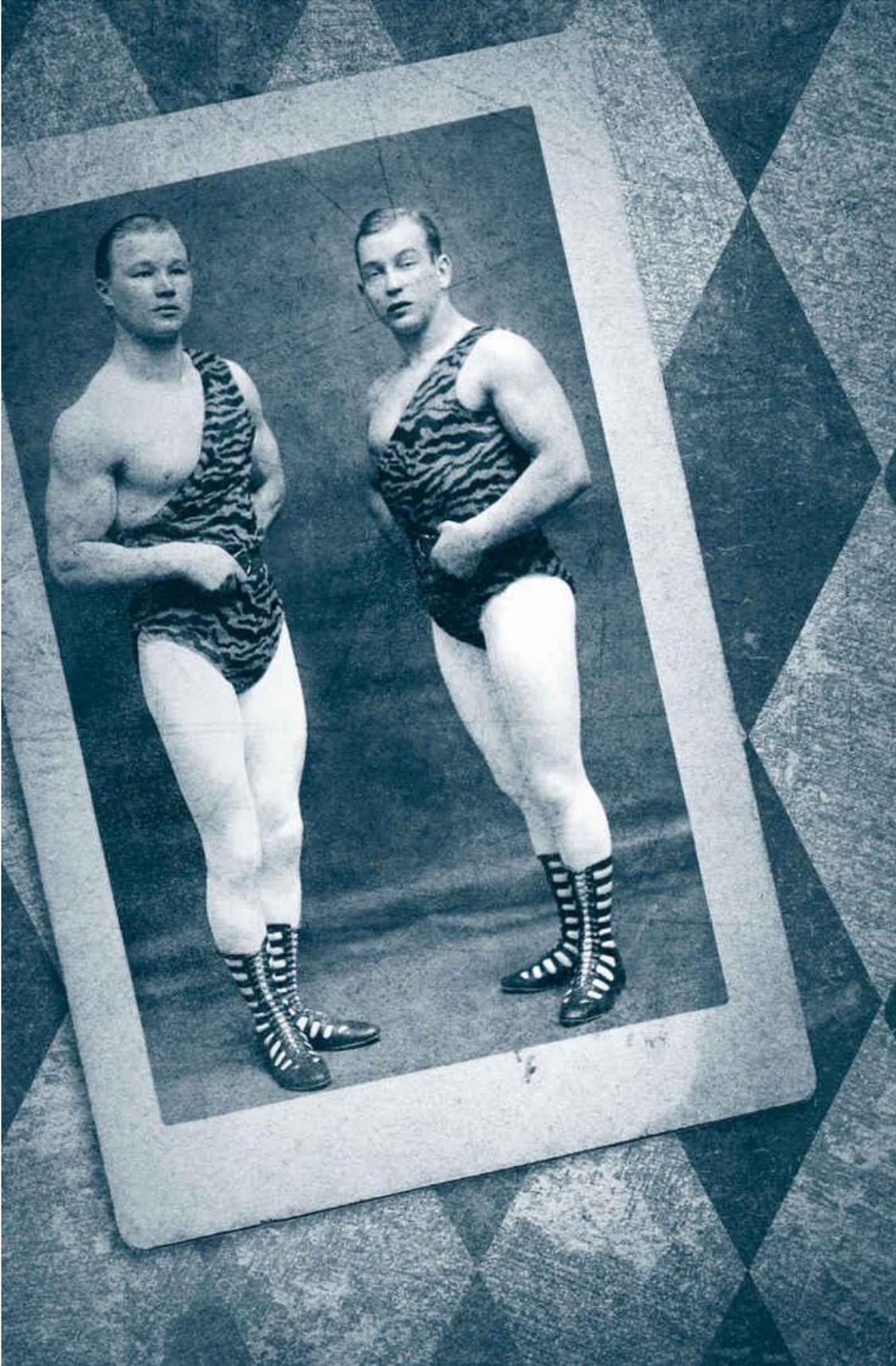
– Bom, eu acho que não – murmurou Dan. – Ele estava cantando uma música com meu nome, e me fez lembrar do tal Doug, o que ficou falando meu nome sem parar. Será que na minha cabeça eu associei isso com o menino da foto?

– Eu ainda não parei de ouvir a Lucy – Abby confessou, mordendo o lábio. Seu cabelo ainda estava molhado de chuva. – Está ficando pior. Como se estar aqui pudesse... acelerar as coisas. Estou ouvindo a voz dela o tempo todo agora – ela segurou o pulso de Dan mais uma vez. – Não sei se voltar aqui foi uma boa ideia. De repente era melhor ter deixado essa história para lá.

– A gente ainda pode ir embora – falou Jordan, deixando de lado a maçã. – Se vocês acham melhor não ficar aqui...















– Não – respondeu Dan. Seus olhos estavam voltados para a foto, concentrados no menino estranho exibido na imagem. – Precisamos começar a pesquisar esses endereços. E ainda hoje.

– Então tá – concordou Jordan. Ele pegou um jornal da pilha e o abriu, dando início aos trabalhos. – Ainda hoje. Antes que a gente perca a cabeça de vez.



CAPÍTULO

12



Dan não conseguia ouvir nem seus pensamentos por causa do TUMP-VUB-TUMP incessante do baixo. Se era isso que as pessoas faziam para se divertir na faculdade, ele preferia pegar um livro, um chá indiano e arrumar um cantinho silencioso na biblioteca.

– Parece que esse som está tocando dentro da minha cabeça! – ele gritou para Jordan na sala lotada e suarenta.

– Pois é! – Jordan gritou de volta. – Não é o máximo?

Bom, discutir gosto não valia a pena. A polícia provavelmente apareceria a qualquer momento para acabar com a festa. Que tipo de vizinho não reclamaria de um barulho como esse?

Dan olhou ao redor, tentando localizar Abby em meio às cabeças que balançavam ao ritmo da música. O fato de ele não se lembrar de como ela estava vestida não ajudava em nada. Ele não havia trocado de roupa, mas quando reencontrou o pessoal viu que todos no grupo – Abby, Jordan, Micah, Lara e Cal – tinham feito alguma alteração em seu visual.

Lara estava usando um short jeans de cintura alta por cima de uma meia-calça roxa. A estampa do short o fazia parecer um arco-íris, algo que ele tentou comentar com ela, mas recebeu uma resposta seca informando que era uma estampa “*ombré*, não de arco-íris”. Para não morrer de frio lá fora, ela usava um sobretudo grosso e enorme. À primeira vista, parecia não estar vestindo nada por baixo.

Andando lado a lado, Abby e Lara saíram cochichando pelo campus. Ambas tinham cabelos pretos, e Abby havia feito tranças nos seus cabelos em vários formatos diferentes e prendido todas elas no alto da cabeça. Estava linda, e Dan desejou poder vê-la toda arrumada daquele jeito em circunstâncias em que pudessem de fato se divertir juntos. Em vez disso, eles passariam a noite toda se esgueirando pelas sombras. Por outro lado, ele provavelmente não teria muita chance com ela caso tivessem se conhecido em um contexto mais favorável.

Jordan estava usando uma calça jeans preta e uma camiseta larga e escura com um Transformer estampado na frente.

– Pensei que a gente só tivesse vindo para disfarçar – Dan sussurrou para ele quando se aproximaram do local da festa. – Por que vocês se arrumaram?

– É um despiste, Dan – Jordan falou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. – Sabe como é? Um disfarce? Se a gente aparecesse todo desleixado, eles iam desconfiar.

– Desleixado? – Dan olhou para sua blusa e sua calça cáqui. – É assim que eu estou?

– Não, você está bem. Sempre consegue o visual que quer sem nenhum esforço.

– E que visual é esse?

– Tenta só aceitar o elogio, Dan – Jordan falou com uma risadinha, com o ar se condensando em vapor imediatamente ao sair de sua boca. – Você está sendo você mesmo, e isso é ótimo.

Agora que estava na festa, em uma casa fora do campus, com gente por toda parte, luzes piscando e música no último volume, Dan entendeu por que Lara estava usando trajes tão sumários sob o casaco: estava um calor infernal ali dentro.

Ele puxou a gola da blusa e continuou procurando Abby. Onde ela estava? Não sabia que eles precisavam sair de fininho? Talvez algum carinha mais velho metido a galã a tivesse chamado para dançar.

Ele não queria nem pensar nisso.

– Está perdido? – gritou Micah, atravessando o mar de corpos em movimento. – Toma aqui! Trouxe uma coisa para você, mas isso fica sendo nosso segredinho.

Um copo vermelho apareceu, e seu conteúdo cheirava a álcool e fuligem. Dan enfiou o nariz lá dentro e sentiu sua garganta se fechar.

– O que é isso? – berrou.

– Uísque com coca! Não sabia o que você queria, então peguei uma coisa que todo mundo gosta.

– Obrigado – falou Dan, dando um gole pequeno e forçando o líquido goela abaixo, apesar dos protestos de suas papilas gustativas. O escapamento de um caminhão velho provavelmente

tinha um gosto melhor. Ele percorreu a festa com os olhos, à procura de algo para dizer. – Não estou vendo muitos candidatos aqui.

Nenhum, na verdade.

– O público aqui é mais selecionado – respondeu Micah, virando sua bebida como se fosse água. Com o copo vermelho entre o polegar e o indicador, ele apontou para as pessoas que dançavam. – Parece que seus amigos estão se divertindo.

Ele tinha razão. Abby e Lara giravam em torno uma da outra, rindo às gargalhadas de alguma coisa que Dan não podia nem imaginar. Enquanto isso, Jordan parecia querer gritar com Cal e dançar com ele ao mesmo tempo. A mão de Cal pousou no quadril de Jordan, e nesse momento Dan ficou sem saber se bebia mais um gole ou se ia correndo arrancar seu amigo dali.

– Não esquenta – falou Micah, como se estivesse lendo sua mente.

– Como eu falei, o Cal nem sempre é um babaca.

– Ele não deixou uma boa primeira impressão – Dan murmurou, mas Micah conseguiu ouvi-lo, e encolheu os ombros.

– Sinceramente, ele teve uns anos bem difíceis. Perdeu o pai. Foi um golpe e tanto. Eles eram bem próximos. Esse é o tipo de coisa que tira a pessoa dos eixos, sabe? Espero que ele consiga se reerguer. Estou sentindo falta do meu amigo – ele contou.

A garganta de Dan ainda estava ardendo por causa do único gole que deu no álcool.

– Eu não sabia que o pai dele tinha falecido... Que pena.

– Pois é, aconteceu quando a gente ainda era colega de quarto – Micah sacudiu a cabeça, vendo Jordan e Cal se afastarem das pessoas que dançavam para ir conversar em um canto, perto da escada. – Ele era uma figura importante da faculdade. Foi enterrado no cemitério do campus.

Antes que Dan pudesse responder, um garoto bêbado e desorientado usando uma camisa de futebol americano esbarrou em Abby e Lara, que o empurraram para longe. Os três ainda trocaram alguns gritos antes que as meninas conseguissem afastá-lo de vez das pessoas que dançavam.

– Ela é durona – Micah comentou com uma risada. – A sua garota.

– Pois é – ele ficou desolado ao ver que ela se virou de novo para Lara e voltou a dançar. Por que ela não queria ficar com ele? – A minha garota.

– Tem alguma coisa estranha rolando? Quer dizer... Não precisa falar nada se não quiser.

Dan deu mais um gole em seu copo, sentindo o uísque descer queimando por sua garganta. Minha nossa, seus pais o matariam se o vissem ali. *Me desculpe, mãe, desculpe, pai.* Ele deu as costas para as pessoas que dançavam, como se Abby fosse capaz de perceber à distância que estavam falando dela.

– É que nós nunca definimos exatamente o que somos. Às vezes parece que está tudo bem, mas às vezes nem parece que somos um casal. E tenho medo de que, se perguntar, o encanto pode acabar se quebrando e a gente pode se dar conta de que não está rolando nada.

– Pode perguntar, cara – incentivou Micah. – Não é ser um enigma nem nada do tipo. Quando tiverem um tempo a sós, aproveitem para conversar. Confie em mim, é melhor saber exatamente o que está rolando.

– Talvez, mas eu...

– Estão trocando segredinhos?

Dan se virou às pressas, quase derramando sua bebida na roupa ao ver Abby logo atrás dele, com o rosto vermelho e a testa brilhando de suor. Seu bolso vibrou. Assustado, Dan quase derrubou o celular ao tirá-lo do bolso.

*É só para saber se está tudo bem, querido. Gostou do campus? Está se comportando?*

Era sua mãe. Os pais têm o poder de se manifestar sempre nos piores momentos. Ele decidiu que responderia mais tarde, quando não estivesse sendo observado por Abby e Micah.

– Dan só estava me contando o quanto você é especial – Micah respondeu, rasgando seda. – Certo, amigão?

– Hã, sim. Era isso mesmo – gaguejou Dan.

Ele tentou abrir um sorriso de gratidão para Micah, mas seu monitor não notou.

– Ah, é? – ela abriu um sorriso e se segurou no braço dele, apoiando o rosto em seu ombro. – Isso é... Que gracinha, Dan – em seguida, ela fez uma careta, apontando para o garoto com a camisa de futebol americano que esbarrou nela e em Lara. – Já aquele babaca é o oposto disso. Acredita que ele me chamou de princesa? Princesa! Ele nem me conhece. Como se isso fosse algum elogio... – ele nunca havia visto Abby falar tão depressa, e fazendo tantos gestos. Abby se virou para ele, batendo com o dedo em seu peito. – Me diz que você nunca vai me chamar assim.

– Hã – Dan hesitou, contente por não ter bebido muito. – Khaleesi?

– Melhor assim – ela sorriu, e pôs as mãos na cintura. – É, isso eu aceito.

– Quantos copos você bebeu? – ele perguntou com toda a gentileza.

Micah estava indo na direção das pessoas que dançavam, em especial do garoto com a camisa de futebol americano.

– Sei lá... dois? Dois ou três?

Não era exatamente engraçado, ainda mais considerando que precisavam sair dali o quanto antes, mas ela ficava pondo a língua para fora e fazendo uma cara de boba...

– Pessoal! – quando ele e Abby se viraram, deram de cara com Jordan, que segurava três copos plásticos na mão. – Aqui! Bebam!

Dan cheirou a bebida, cheio de curiosidade.

– Rum? Vodca?

– Não, seu tonto, é refrigerante. Não podemos beber mais, para não chamar atenção. Daqui a pouco os outros vão estar bêbados, e podemos cair fora. Termina o que está bebendo, Dan, e depois toma isto aqui.

Jordan tinha razão. Estavam todos com um copo vermelho na mão. Algumas pessoas até com dois. Dan viu Cal virando sua bebida como se estivesse morrendo de sede.

– Bela escolha, Jordan – falou Abby, olhando por cima do copo. – Bem discreto.

– Ei, vocês não podem entrar aqui...

Um tumulto parecia estar se formando na porta, quando duas garotas com o moletom de uma irmandade tentaram entrar na festa. Elas foram obrigadas a dar meia-volta por Micah e Cal, que barraram sua entrada.

- Podem sair – Cal esbravejou, apontado para a noite fria e escura.
- Eu mandei sair. E sem escândalo, ou eu chamo a polícia.

Aquilo só podia ser blefe. Se a polícia realmente aparecesse, ia encontrar menores de idade bebendo e uma música tão alta que fazia as janelas do quarteirão inteiro tremerem.

- Uau, eu não sabia que era uma festa VIP – murmurou Jordan.
- É melhor a gente ir embora – sugeriu Abby. – Enquanto eles estão distraídos.

Dan a seguiu até o canto da sala, contornando as pessoas que dançavam, tomando o cuidado de evitar Lara, que conversava com alguém não muito longe dali. Os pés de Dan grudaram no chão quando eles passaram pela cozinha na direção da porta dos fundos, onde duas garotas estavam praticamente emboladas uma na outra junto ao batente.

- Isso é o que eu chamo de “dar uns amassos” – comentou Jordan com uma risadinha.

- Para de ser tonto, Jordan – repreendeu Abby.
- Que foi? É verdade.
- Para de olhar.
- Estou só admirando – ele respondeu, todo solene, e em seguida limpou lágrimas invisíveis sob os olhos. – É que... Isso é lindo. Ha. Eu deveria tirar uma foto e mandar para os meus pais. Surpresa!

- Nada disso – gritou Abby.
- Pessoal, que tal a gente se concentrar?

Dan os conduziu até o meio de umas árvores atrás da casa. Eles se reuniram na escuridão sob os galhos. Ele sacou o celular e abriu o programa do GPS. As coordenadas que localizaram na internet estavam gravadas nos favoritos, e apareceram como triângulos vermelhos na tela. Ao lado dos triângulos, números marcavam a distância deles até cada um dos destinos.

- Este aqui parece ser o mais próximo – Dan falou, apontando para um local na mesma rua da festa. – Com sorte, nós conseguimos ir e

voltar sem que ninguém perceba nossa ausência.

– Eu tenho o celular da Lara – Abby contou. – Se demorar demais, posso mandar uma mensagem dizendo que alguém passou mal e precisamos voltar para o campus.

– Tudo certo, mas a verdadeira questão é: tem alguém morando nesses endereços? A gente não pode chegar dizendo: “Oi! Nós achamos que a sua casa pode ter alguma coisa a ver com um cara que morreu e com os planos malucos dele, podemos dar uma olhada na sua cozinha?” – Jordan abriu um sorriso bem falso. – Qual é o plano?

– Se o lugar for habitado, vamos ter que voltar de dia – sugeriu Abby. – Ou passar para o próximo endereço.

Dan desviou o olhar do celular, refletindo a respeito. Ele ficou olhando para a escuridão, com os olhos perdidos por um momento, até encontrarem uma luz prateada e quase reluzente. Ele estreitou os olhos e viu a silhueta se transformar na imagem de um garotinho. Era o mesmo de olhos arregalados da hora do jantar, com a cabeça ainda ferida e sangrando, mas dessa vez estava com as mãos estendidas para a frente, segurando algo.

*O que é isso? O que você está querendo me mostrar?*

– Daniel, vamos brincar, vamos brincar...

Ele não conseguia ver o que estava escondido em sua mãozinha, e em seguida o garoto desapareceu, e Jordan o estava sacudindo pelo ombro.

– Ei! Dan! Acorda! Dan? Terra para Dan!

– Aconteceu de novo? – perguntou Abby, interpretando com precisão sua palidez e o leve tremor em suas mãos.

Ele segurou com força o celular.

– Eu estou bem – murmurou. – Já passou. A gente precisa... A gente precisa ir.

Mas abandonar a sensação de segurança proporcionada pelas árvores e a luz vinda da casa se mostrou mais difícil do que Dan imaginava. Cada passo na direção da escuridão representava uma ameaça de ver aquele brilho prateado novamente, e depois o menino, e da próxima vez havia o risco de ele não desaparecer mais.

Abby chegou mais perto dele para ver o mapa do GPS, e juntos eles atravessaram o gramado dos fundos da casa até a rua de trás. Depois de caminhar meio quarteirão, chegaram a uma esquina. Um único poste de luz iluminava a placa.

– Rua Ellis – ela anunciou. – E aquela casa é a 1014. Devemos estar perto.

– Não sei se estou empolgado ou prestes a vomitar – murmurou Jordan quando atravessaram a rua.

A chuva tinha parado horas antes, deixando o chão escorregadio e reluzente. Eles saíram debaixo da luz do poste e mergulharam de novo na escuridão. Já era tarde da noite, e as casas estavam em silêncio, com as luzes apagadas.

Sem se dar conta do que estava fazendo, Dan começou a caminhar bem depressa, quase correndo. Precisamente na metade do quarteirão, ele parou, e o celular de Abby iluminou a caixa de correio em frente ao gramado.

– É aqui – ela anunciou. – Nenhum carro na garagem. Nenhuma luz acesa. O que vocês acham?

– O que vocês estavam *pensando* em fazer? Tocar a campainha? – murmurou Jordan. – Vamos logo encontrar uma janela que dê para abrir e torcer para que não tenha um cão de guarda.



– Parece uma casa abandonada – comentou Dan.

– E assustadora. Argh.

Jordan tinha razão. A casa em estilo vitoriano já tinha visto melhores dias. A pintura estava toda descascando, pendurada às tábuas de madeira pelo efeito da umidade. Com seus três andares, a construção era grande demais para o terreno. Algum dia devia ter sido verde escura, ou talvez azul.

Dan se recusou a olhar para as janelas, convencido de que veria o menino pálido e ensanguentado o encarando lá de dentro.

Assim que puseram os pés na varanda lateral da casa, as tábuas começaram a ranger. O trio seguiu com passos cautelosos, tentando minimizar o ruído que produziam enquanto se encaminhavam para os fundos da construção. Jordan espichou a cabeça para espiar.

– Parece que a barra está limpa – ele falou –, e não estou ouvindo nada nem ninguém. Acho que consigo pôr a gente para dentro.

Ele sacou uma pequena ferramenta do bolso, e não um grampo para abrir fechaduras, mas uma espécie de pá de pedreiro em miniatura.

– Por que eu não fiquei surpreso com isso? – murmurou Dan, com um sorrisinho.

– Isso é bom para janelas – murmurou Jordan. – Já precisei usar algumas vezes lá em casa.

Ele enfiou a ponta do instrumento no caixilho, forçando a madeira apodrecida. Com alguns empurrões, a janela cedeu, e Dan ouviu um clique bem fraco.

– Não tem alarme. Ainda não estou ouvindo nada... – Jordan levantou a janela alguns centímetros, esperou um pouco e em seguida a ergueu até o alto. – Depois de vocês.

– Quanta gentileza – falou Abby com uma risadinha sarcástica.

Pelo menos ela parecia ter ficado sóbria de novo. Dan se ajoelhou e fez escadinha com as duas mãos para que ela pulasse com segurança. Ele ajudou dando um impulso extra e entrou logo em seguida. Quando Jordan aterrissou ao seu lado, eles baixaram e travaram a janela. Dan sacou seu celular para iluminar o caminho.

– Não acendam as luzes – ele alertou. – Os vizinhos podem perceber.

Ele esquadrinhou o ambiente com a tela do celular, revelando uma cozinha que parecia ser um memorial dedicado a uma era perdida. Dan estremeceu, sentindo o mesmo frio úmido e intocado dos porões do Brookline, como se o ar ali não fosse respirado fazia décadas. Parecia que nada havia sido tocado durante anos, mas, estranhamente, as coisas ali tinham uma aparência *limpa*, ou no mínimo organizada.

– Alguém está tomando conta deste lugar – ele comentou, caminhando até a pia à sua esquerda. Ele abriu a torneira de água quente, e os canos rangeram e tremeram antes de expelir um fino jato de gosma alaranjada, que se transformou em água limpa poucos segundos depois. – Ainda tem água na torneira, o que significa que tem alguém pagando as contas da casa.

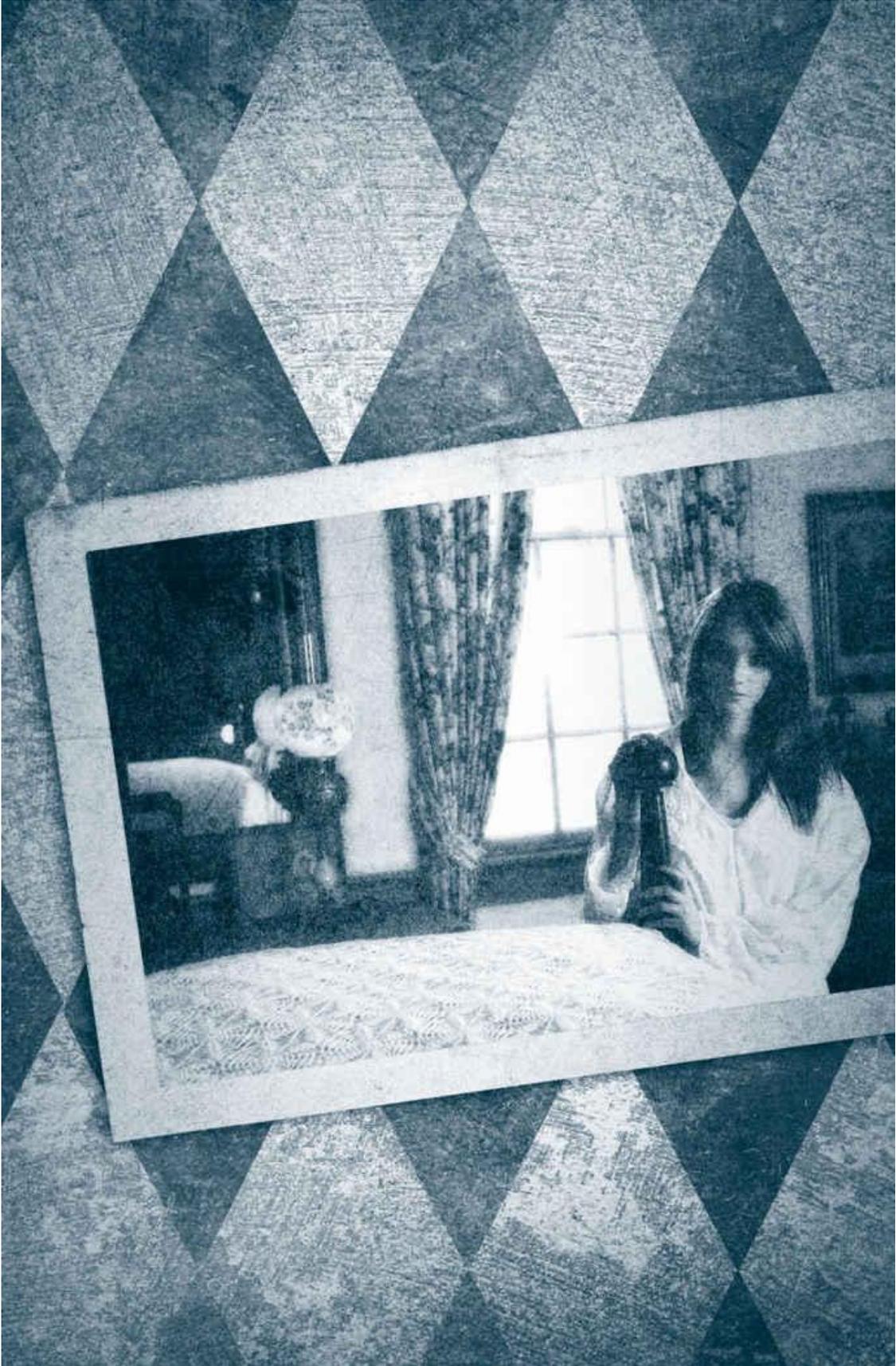
As luzes das telas dos celulares de Jordan e Abby dançaram pela cozinha. Havia pratos empilhados ao lado da pia, e a xícara deixada sobre o balcão ainda tinha restos de chá ressecados.











– Vejam só isso! – era Abby, exclamando em voz baixa do cômodo ao lado, uma sala de jantar espaçosa com lustre de cristal e um relógio de pedestal parado. – Um monte de jornais, e pilhas de cartas. O que são todas essas coisas?

Dan seguiu o som de sua voz e se juntou aos dois na sala de jantar.

– Malotes de correspondência – respondeu Jordan, chutando um com a ponta da bota. – Parece que não são abertos nem tocados há anos. Olha só quanta poeira.

Abby já estava começando a mexer em algumas cartas soltas, caídas no chão. Com as mãos trêmulas, ela abriu um dos envelopes sem selo.

– Esta é de 1968. Esta também. E esta. E estas são do ano seguinte – ela começou a remexer mais rapidamente nos envelopes, um pouco ofegante. – Os endereços parecem ser daqui da cidade, mas tem dezenas de destinatários diferentes.

– Quem ia se dar ao trabalho de recolher tanta tralha? – questionou Jordan, espiando por cima do ombro de Abby.

– Tem malotes aqui também – anunciou Dan, depois de se afastar deles e ir até o *hall*. Ele se agachou e apanhou algumas cartas, soprando uma fina camada de poeira que se acumulava sobre os papéis. – São da mesma época, de 1968 e 1969 – examinando as cartas, ele começou a notar um padrão, ainda que não muito evidente, e guardou aquelas destinadas a endereços que reconhecia. – Estão todas endereçadas para mulheres. E todas daqui, ao que parece. Ah, e deem uma olhada nisso...

Dan havia encontrado uma pilha de fotografias presas com um clipe em um envelope pardo sem nome nem endereço. Eram imagens de mulheres (de jovens, na verdade, que pareciam ter idade para ser universitárias) e, apesar de nenhuma delas ser muito comprometedoras, transmitiam uma impressão de intimidade – de voyeurismo até – que fez o sangue de Dan gelar.

– Elas parecem tão tristes – comentou Abby. – O que vocês acham que...

Ela se interrompeu, alarmada por um ruído no lado de fora. Mais exatamente, na varanda por onde tinham entrado.

Dan se agachou por um instinto, e os outros fizeram o mesmo instantes depois. Rastejando pelo *hall*, eles foram se esconder atrás de uma cristaleira perto da sala de jantar. Apesar da escuridão, dava para sentir uma diferença na luminosidade do ambiente, e um vulto passou pela janela bem acima deles.

– Tem alguém aqui – Jordan sussurrou, batendo com a mão na boca em seguida.

O vulto se moveu outra vez, e então parou. Dan prendeu a respiração, fechando os olhos com força. Ele não teve coragem de olhar.

Pela janela, ele ouviu alguém respirar fundo, e uma voz de menina começou a cantar com uma voz aguda:

– Daniel... Daniel... Vamos brincar, Daniel...



CAPÍTULO

13



Pareceu uma eternidade, o tempo que se passou depois que a voz cessou e o barulho do lado de fora voltou, dessa vez se afastando. Nenhum deles se moveu, permaneciam paralisados e em silêncio. Os minutos seguintes se arrastaram, e Dan continuou prendendo a respiração até sentir seus pulmões em chamas.

– M-me digam que também ouviram isso – sussurrou Dan, erguendo um pouco a cabeça.

– Ah, sim – respondeu Jordan, todo pálido. – Com certeza.

– Dan... – Abby o sacudiu ao seu lado, segurando-o pelo joelho. – Você disse que tinha visto um garotinho. Essa foi uma voz de menina. Tem mais de um fantasma?

– Minha nossa – Jordan se apoiou pesadamente à cristaleira. – Vocês só estão piorando as coisas. Fiquem quietos, fiquem quietos!

– Precisamos sair daqui – falou Abby. – A última coisa que queremos agora é ir para a cadeia por arrombamento e invasão.

– Me deixem olhar... – Dan ficou de joelhos, olhando ao redor e erguendo a cabeça para espiar pela janela.

Sem nenhum poste de luz perto da casa, era difícil determinar se a barra estava limpa. Mas não havia ninguém à espera na janela nem nos arredores, pelo que Dan conseguia ver.

– Acho que está tudo certo – ele os conduziu até a cozinha e a janela por onde tinham entrado. – Preciso fazer alguma coisa especial com a janela ou é só abrir?

Jordan se inclinou para a frente e puxou a janela para cima. Ela rangeu e por um instante pareceu prestes a se soltar. Com um empurrão mais forte, a janela enfim se abriu.

– Eu até diria “depois de vocês”, mas dane-se, quero sair logo daqui.

Jordan tomou impulso no balcão da cozinha saltou para a escuridão da noite. Abby foi logo atrás. Ela se virou para Dan antes de pular para fora.

– Que foi?

– Sabe aquela sensação esquisita de estar sendo observada?

– Pois é, eu também estou sentindo – ele falou. – Precisamos ir logo.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ele ouviu um único e solitário passo acima de sua cabeça, que pareceu reverberar pela casa toda.

– *Vamos* – ele disse em tom de urgência, fazendo sinal para que ela pulasse.

Dan pulou depois dela e se jogou pela janela, ignorando um pedaço de madeira pontudo que arranhou seu braço. De volta ao frio do lado de fora, Dan fechou a janela e seguiu seus amigos pela varanda.

Ninguém precisou dizer nada. Jordan saiu correndo em disparada. Dan fez o mesmo, olhando por cima do ombro para a casa da qual tinham saído. Sentindo o contato do papel contra sua pele, pôs a mão na barriga, onde tinha guardado algumas cartas dos malotes, enfiadas na cintura da calça. Seu braço latejava no local do arranhão. Ele pôs a mão sobre o ponto dolorido, e sentiu a palma se encharcar de sangue.

Quando chegaram à esquina, Dan diminuiu o passo e sacou as cartas.

– Não foi um fracasso total – ele falou por entre os dentes cerrados. – Pelo menos consegui pegar isto.

– Eu trouxe algumas também – acrescentou Abby. – Será que alguém vai perceber?

Dan encolheu os ombros, olhando para as cartas em sua mão com a testa franzida.

– Sem querer dar uma de desmancha-prazeres – começou Jordan –, mas que diabos aconteceu lá dentro? Só eu fiquei com a impressão de que o Felix armou uma cilada para nós?

– Essas cartas devem ser importantes – falou Abby, sem responder à pergunta. – Podemos ler as que pegamos e procurar alguma menção ao Brookline. Se não tiver... Bom, podemos sempre voltar outro dia.

Dan se lembrou do passo que ouviu na casa, e que fez a estrutura toda estremecer.

– Vamos torcer para que não seja preciso – ele murmurou. – Enfim, esse foi só o primeiro endereço. Talvez aquilo que o Felix quer que a gente encontre esteja em uma dessas coordenadas, mas ele não sabia qual.

– Cara, todas essas possibilidades estão começando a me deixar com medo – falou Jordan.

Ele se virou e saiu andando com um andar confiante na direção do poste de luz sob o qual pararam no caminho de ida, e Dan foi atrás, com a mão no braço machucado.

– Ei!

– Cuidado aí!

Dan sentiu a mão de Abby o segurando pela blusa e o puxando para trás enquanto Jordan se agachava sob o poste de luz, com a mão no peito, ofegante.

– Cara! Você quase me mata de susto! – ele gritou.

– Desculpe, desculpe – era Micah, que apareceu sob a luz com as mãos erguidas em sinal de rendição. Dan soltou um suspiro de alívio. – Não queria assustar ninguém, mas vocês sumiram da festa. Estou procurando há um tempão...

Ele olhou para Dan, que segurava com força o braço machucado na altura do bíceps.

– Está tudo bem?

– Sim, a gente só estava... – o *que* eles estavam fazendo? E por que não bolaram uma boa desculpa de antemão para o caso de isso acontecer? Ele engoliu em seco e encarou Micah nos olhos. – A gente só estava dando uma volta. A festa estava meio lotada, a gente saiu para tomar um ar – Dan sorriu, e fez seus ombros relaxarem. *Relaxe. Se você ficar tranquilo, ele não tem como saber que é mentira.* – Acho que a gente se distraiu e acabou se perdendo. Foi difícil achar o caminho de volta.

Ele olhou para Jordan e Abby, esperando uma confirmação de sua história. Os dois assentiram com a cabeça em uma sincronia bem suspeita.

– Pois é! – Abby enfim resolveu dizer. – A gente se perdeu. A festa estava... estava muito quente lá dentro, sabe? Tinha gente demais na casa!

– É verdade, eu também achei meio incômodo lá dentro – Micah falou, ajustando os óculos. – Quer que eu mostre o caminho de volta para vocês? Acho melhor. Não sei se vocês têm permissão para ficar perambulando pela cidade no meio da noite.

– *Permissão?*

Jordan acabaria complicando tudo se continuasse com aquela atitude.

– Ah – Micah deu uma risadinha nervosa. – Não é bem isso... O que eu quis dizer foi que a gente tem obrigação de garantir a segurança de vocês.

– Obrigado por ter encontrado a gente – Dan se apressou em dizer. Ele saiu andando na direção que esperava ser a do campus. Micah não fez nenhuma objeção, então ele supôs que estava certo. – Andar por essas ruas escuras à noite é uma loucura. Aposto que de dia deve dar para ver a capela do campus de qualquer lugar.

– Eu acho que sim.

– Mas você deve conhecer tudo por aqui de olhos fechados a esta altura. É estranho ter outro lugar em que você se sinta em casa? Quer dizer, quando você chegou devia estar tão perdido quanto a gente, mas agora deve ser tudo muito natural.

Dan percebeu que sua fala estava ficando acelerada demais, mas não fez nada para impedir isso.

– Ah, com certeza.

Dan se sentia obrigado a continuar falando, não só porque queria provar sua inocência, mas também porque não suportaria o silêncio àquela altura. O silêncio era algo que dava poder às sombras e à escuridão. O silêncio significava poder ouvir seu nome ser chamado a qualquer momento. O falatório incessante e enlouquecido parecia agir como uma proteção contra essa possibilidade, e até o fez relaxar um pouco.

Foi só quando se aproximaram da casa em que estava sendo realizada a festa que Abby o puxou pela manga e Dan se deu conta do quanto estava falando.

– Ei, tagarela – Jordan falou quando Dan diminuiu o passo para ficar ao lado deles. – O seu comportamento está mais do que suspeito.

– Ah, é? – perguntou Dan. – Droga, acho que está mesmo.

– Ninguém fica tagarelando desse jeito por aí, a não ser que esteja escondendo alguma coisa – acrescentou Abby. – Ou você está tentando fazer novos amigos? Isso seria muito irônico, já que você mesmo disse que não estamos aqui para isso.

– Pois é, verdade. Eu só pensei que...

Eles estavam quase na porta dos fundos da casa. Micah não parecia muito preocupado em perdê-los de vista de novo. Abby passou por ele abrindo um sorriso amarelo. A cozinha estava bem menos lotada a essa altura.

– Uau – murmurou Jordan. – Quem quer uma bebida?

Ele foi até a tigela de ponche no balcão e pegou um copo para si. Cal se juntou a Micah na porta e, enquanto eles conversavam, Cal ficou olhando o tempo todo por cima do ombro.

– Você pensou o quê? – questionou Abby.

Eles estavam ao lado de um pacote vazio de batatinhas e tigelas de molho.

Mais atrás no balcão havia uma fileira de velas acesas. Dan ficou observando a da ponta direita, redonda e vermelha, queimada quase por inteiro. Só o que restava era a forma de um maxilar e um queixo.

– Eu só pensei que qualquer coisa seria melhor que o silêncio – ele deu risada, ironizando a própria explicação. – Se todo mundo ficasse quieto, eu poderia ver aquele garoto de novo. Ou então ouvir vozes. Mas com certeza deve parecer uma explicação bem idiota.

– Nada disso, Dan – Jordan falou baixinho. – Eu entendi o que você quis dizer.

Abby abriu a boca para responder e, a julgar pela testa franzida, não parecia muito inclinada a concordar. No entanto, ela não teve a chance de se manifestar. Micah tinha terminado de conversar com Cal e estava se aproximando por trás de Jordan.

– Ei, pessoal, posso roubar o Dan um minutinho?

– Ele é todo seu – respondeu Jordan, sorrindo com os dentes cerrados.

– Obrigado.

Ele não deu a Dan a oportunidade de se despedir, simplesmente o pegou pelo braço e o arrastou para longe. Um bando de estudantes bêbados apareceu vindo da sala, e Abby e Jordan sumiram na multidão.

Micah o levou para o outro lado da cozinha, até uma abertura debaixo da escada que parecia não ser capaz de esconder nem ao menos uma pessoa. Isso não estava cheirando nada bem – e se Micah resolvesse delatá-los por sua escapada? Talvez ele não fosse tão simpático e tolerante quanto parecia.

– O que foi? – perguntou Dan em um tom neutro.

– Eu não ia falar nada – começou Micah, limpando um suor invisível da testa. – Mas você precisa avisar para o seu amigo Jordan tomar cuidado com o Cal. Estava conversando com ele agora, e o cara estava todo aceso.

– Todo aceso? – murmurou Dan, levantando uma de suas sobrancelhas.

– Bêbado – explicou Micah. – Enfim, o comportamento dele anda, hã, meio inconstante ultimamente. Com a morte do pai... Ele anda imprevisível, e às vezes perde a linha quando bebe. Se o Cal já é sacana quando está sóbrio, *bêbado* então... Se eu disser, ele pode não levar a sério, mas com certeza vai ouvir você. Não é nada de mais, só acho que vale a pena a gente ficar de olho.

– Ele anda bebendo mais do que antes? – perguntou Dan, sem entender muito bem o que estava acontecendo.

Micah fez que sim com a cabeça.

– Está bebendo demais, tirando notas baixas e andando com as pessoas erradas. Ainda é cedo para dizer que é uma “espiral descendente”, mas a coisa está chegando nesse ponto, sabe?

Foi a vez de Dan assentir com a cabeça.

– Acontece bastante – continuou Micah, alisando o cavanhaque. – Mais do que você imagina. A pressão para a pessoa se sair bem, tirar boas notas, muitas vezes acaba sendo exagerada. E depois o

pai dele... Foi muita coisa ao mesmo tempo. Quando vi seu amigo dançando com ele, achei melhor avisar.

– Mas, se o Cal está em uma espiral descendente, como conseguiu virar monitor de um candidato?

Micah deu risada, quase uma gargalhada, e ficou olhando para Dan por um tempo antes de voltar a falar.

– Então, lembra que eu falei que o pai dele era uma figura importante no campus?

– Lembro...

– Ele era o reitor. A direção da faculdade está pisando em ovos com o Cal desde que isso aconteceu. Ele pode aprontar qualquer coisa aqui que provavelmente não vai acontecer nada.

– Há – Dan soltou uma risada nervosa e forçada. – Bom... Eu, hã... Vou falar para o Jordan ficar esperto.

– É só isso que estou pedindo – Micah respondeu, dando um tapinha no ombro de Dan. – Valeu. Eu já achava que você era um cara de confiança, e fico feliz em saber que estava certo.

x x x x x

Naquela noite, depois de chamar Jordan para uma conversa particular sobre Cal, Dan voltou para o quarto de Micah e dormiu sem nem olhar para as pistas que tinham coletado. Ele caiu em um sono profundo, e mesmo inconsciente sabia que os sonhos viriam, conseguiu sentir quando se formaram em sua mente como nuvens de tempestade.

O sonho o engoliu por inteiro.

*Ele estava de pé na entrada de uma casa caindo aos pedaços, batendo a lama da sola das botas. Havia um guarda-chuva em sua mão, e ele o sacudiu para se livrar da água. Consultou o relógio de bolso, antigo e bem polido, e se sentiu dominado pelo aborrecimento por ter de fazer aquela visita. Ele tinha muita coisa a fazer. Seu tempo era precioso. Por que desperdiçá-lo com cretinos e imbecis?*

*Então apareceu Harry, cambaleando na sala de jantar. Fileiras e fileiras de malotes postais preenchem a sala, cinzentos e inchados*

*como porcos de abate. Ele foi até um deles e o chutou com a ponta do pé, o que fez Harry se encolher visivelmente. Não importava. Como todos os demais, Harry era um homenzinho insignificante. Mas as miudezas algum dia poderiam levar a coisas grandes, essas sim sua vocação.*

*– Cartas e mais cartas, nenhuma para mim – Harry falou, todo preocupado com os malotes, cuidando deles como um pai atencioso.*

*– Nunca tem nenhuma para mim.*

*– Elas são todas para vocês, Harry. É você quem cuida dessas coisas. É o guardião. Isso lhe dá poder. Você leva as cartas para onde precisam ir. Por um momento, pelo menos, todas as cartas são para você – isso pareceu acalmar o homem. Ele parou por um tempo de prender compulsivamente os cabelos embaraçados atrás da orelha. – Mas você se comportou mal de novo, não foi, Harry? Andou xeretando, lendo o que não devia.*

*– Sim. Muito mal. Sim, eu não deveria...*

*Harry prendeu o cabelo atrás da orelha de novo, e de novo, e de novo.*

*Não havia nada a fazer a não ser suspirar e assentir com a cabeça.*

*– Quem foi desta vez?*

*– As meninas. As meninas escrevem umas para as outras, mas nunca para mim. Cartas e mais cartas, nenhuma para mim.*

*– Eu já falei, Harry, elas são para você, mas só por um tempo. Como isso faz você se sentir?*

*– Bem. Eu me sinto bem.*

*Grunhindo e se contorcendo, Harry endireitou um pouco o corpo.*

*– Eu não estou aqui para curar você – ele consultou outra vez o relógio, e segurou com força sua estrutura de metal. – Então trate de se acalmar. Eu não estou aqui para curar você, Harry... – então ele sorriu e pediu para Harry se aproximar. – Estou aqui para libertar você.*

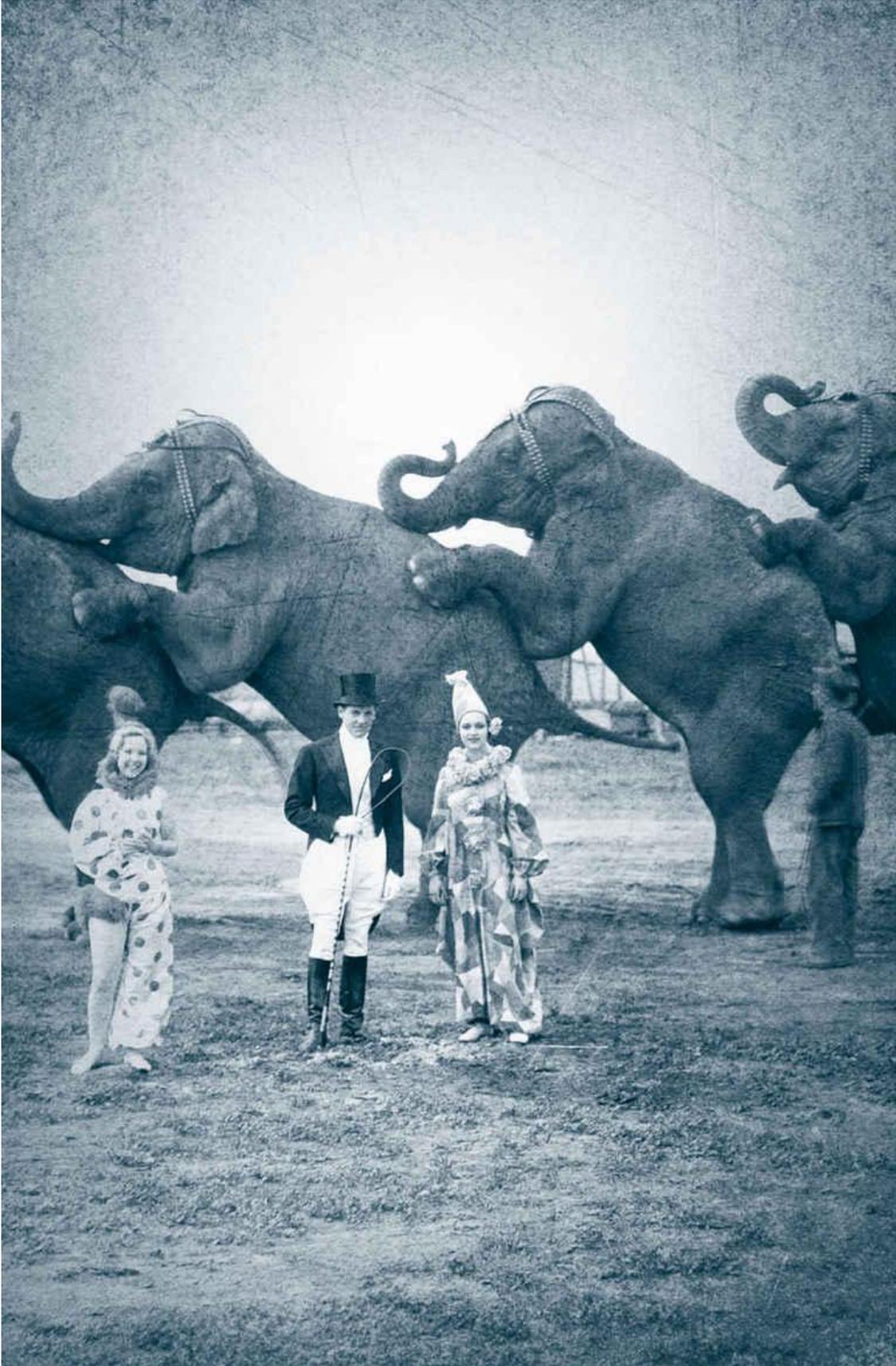
Dan acordou suando frio. Era só sua imaginação, claro. Ele havia entrado naquela casa com Abby e Jordan, e agora sua mente estava inventando histórias. Micah tinha deixado uma fresta da janela aberta, permitindo a entrada da brisa constante e incomodamente úmida. Com as mãos trêmulas, Dan se enfiou debaixo do cobertor, e

o tremor ficou ainda pior quando pensou na voz estranha e confiante de Felix.

*Você vê coisas que não deveria. Conhece coisas que não deveria ter como saber. Como as lembranças de outras pessoas.*

Não era esse seu problema, certo? Transtorno dissociativo era seu problema – e já era uma coisa bem difícil de lidar. E talvez fosse esse o problema de Felix também, de repente um caso mais grave ou coisa do tipo. Mas os sonhos e as visões de Dan pareciam ser bem reais, e sobre coisas que ele não teria mesmo como saber. A não ser que fosse tudo sua imaginação, havia algo acontecendo ali, e algo muito errado.

Dan não sabia o que era pior – a ideia de estar sendo assombrado, *possuído* ou coisa parecida ou a ideia de que tudo aquilo era coisa de sua cabeça.







CAPÍTULO

14



— Micah nem *precisava* dizer nada – explicou Dan, tentando parecer indiferente, mas parecendo quase petulante. – Ainda bem que o Jordan estava esperto. E que história foi aquela de os dois dançarem juntos, aliás? Pensei que o Jordan nem gostasse do cara.

– Ah, qual é. Você acha que o Jordan tem muitas chances de ser ele mesmo? Dá para entender que queira se soltar um pouco. Duvido que ele tenha chance de dançar com garotos nas festinhas da escola – Abby segurava um copo de café fumegante entre as mãos enluvadas.

Eles tinham se encontrado no centro acadêmico assim que o lugar abriu. Dan mal conseguia se manter acordado tão cedo assim, mas a cafeína ajudava.

– Eu não tinha pensado nisso – admitiu Dan.

– Jordan não é idiota, ele sabe que não pode se deixar levar. Só vamos ficar aqui por três dias – comentou ela.

– Mas os monitores parecem bem interessados em conhecer a gente, não? – respondeu ele. – Não sei se isso é uma coisa boa, não.

– Pois é, né? Em circunstâncias normais, eu acharia ótimo, mas não é o caso aqui.

Ela havia pedido um cappuccino com baunilha e, sem saber o que queria, Dan pediu o mesmo.

O cheiro de baunilha fervida saía pela pequena abertura na tampa do copo. Ele respirou fundo, usando o calor da bebida como um escudo contra o frio de outubro. A neblina pairava sobre a grama, espalhando-se ao redor como um tapete de brumas. Abby os conduzia pelos caminhos que atravessavam o campus, pegando a rota mais curta possível para a rua a que se dirigiam, que se estendia na direção leste.

– Bom, eu pelo menos estou contente por me livrar de Micah por um tempo – comentou Dan. – Quer dizer, fico feliz por poder passar

um tempinho com você.

Ela parou e inclinou a cabeça um pouco para o lado. Por fim, respondeu:

– Eu também. Acho que não ia conseguir fazer essa viagem sozinha.

– E o lance de arte da Lara, como é?

– A instalação? Ah, é uma beleza, Dan, uma coisa assustadora. Ela tem tanto talento, me dá até inveja.

Quando Abby mandou uma mensagem naquela manhã perguntando se ele queria acompanhá-la em sua visita à tia Lucy, ela avisou que antes passaria na instalação de Lara. Ao que parecia, Lara trabalhava melhor nas primeiras horas da manhã. Dan não imaginava que fosse acordar tão cedo depois da noite que tiveram, mas pelo jeito não era o único – Micah já estava vestido e pronto para sair assim que Dan acordou. Ele fez questão de marcar um encontro com Dan na hora do almoço, quando saberia se Dan poderia ou não acompanhar as atividades coordenadas pela professora Reyes, e também mencionou que o parque de diversões estaria em funcionamento naquela noite. Quando se viu a sós, Dan ligou para sua mãe e contou que Georgetown era bem legal.

– Você e a Lara parecem estar se dando bem. Acha que vão manter o contato depois que a gente for embora?

Eles estavam na extremidade do campus, onde os caminhos pavimentados em meio à grama davam lugar a calçadas. A capela se erguia à sua esquerda, e mais adiante ficava a biblioteca.

– Ainda não pensei sobre isso – respondeu Abby, dando um gole no café. – Às vezes acho melhor simplesmente esquecer este lugar.

Mais uma vez aquela palavra horrorosa, *simplesmente*.

– Não sei como você conseguiria fazer isso – Dan falou, sem saber se ainda estavam falando da mesma coisa, e incapaz de esconder a mágoa na voz. – Eu penso no que aconteceu no verão o tempo todo.

Abby balançou a cabeça e levantou o café para mais perto do rosto, tocando a superfície quente do copo na pele de ambas as bochechas rosadas.

– Mas, se desse para virar a página, tipo em um passe de mágica que o fizesse esquecer de tudo e seguir em frente, você faria isso?

Ele não soube como responder.

Com um sorriso, ela encostou o cotovelo na manga de sua jaqueta.

– Foi o que eu pensei. A obsessão não é uma coisa saudável, Dan, você sabe disso. Quando a gente for embora daqui, mesmo sem conseguir uma explicação para o que está acontecendo, você precisa dar um jeito de se distanciar disso tudo. Já conversou sobre isso na terapia? Sei que não é da minha conta, mas...

– Já falei, mas ela nunca comenta quase nada, só me deixa falar. Isso é bom, eu acho...

Dan deteve o passo, sentindo seu bolso vibrar. Ele sacou o celular e leu a mensagem de Jordan.

*Onde vocês estão? Precisamos conversar AGORA.*

– É o Jordan – contou, distraído, enquanto respondia.

*Estamos perto da capela do campus, indo visitar Lucy.*

*Me esperem, por favor.*

– Ele quer que a gente espere. Parece urgente. Tudo bem para você? – Dan guardou o celular e deu um passo à frente, para se aquecer no sol.

Menos de dez minutos depois, Jordan apareceu no meio da neblina, correndo na direção deles. Quando chegou, estava ofegante, com os botões do casaco presos nas casas erradas.

– Que foi? – quis saber Abby, tocando seu ombro.

– É... O Cal... – Jordan se curvou para a frente, com a respiração acelerada. Quando ergueu a cabeça, cravou os olhos arregalados em Dan. – Seu amigo não estava mentindo. Tem alguma coisa errada com aquele cara.

– O que aconteceu? – Abby começou a acariciar as costas de Jordan com movimentos circulares.

Jordan ficou de pé e sacudiu a cabeça, ainda com a respiração acelerada.

– Ele estava bebaço quando voltou para o quarto ontem à noite. Pensei que estivesse dormindo, para amenizar a ressaca, mas quando abri os olhos dei de cara com ele. Tipo, de pé ao lado do futon, olhando para mim.

Isso deixou Dan alarmado.

– Ele falou alguma coisa?

– Não! Só ficou lá me olhando enquanto eu dormia. Foi a coisa mais bizarra que já vi, e olha que ultimamente ando vendo umas coisas bem estranhas.

– Ele parou depois que você acordou? – indagou Abby, ainda acariciando suas costas.

– Não. Eu comecei a gritar, bater palmas. Nada funcionou. Fiquei sem saber o que fazer. Entrei em pânico, pensando que talvez estivesse dormindo, sabe? Imaginando aquilo. Fechei os olhos de novo e, quando abri, ele estava na cama outra vez. Roncando. Simplesmente... roncando.

Jordan apertou o nariz entre os olhos e se inclinou para trás, na direção da mão de Abby.

– Talvez ele seja sonâmbulo – sugeriu Dan. – Não é uma coisa incomum.

No entanto, ele já estava pensando no verão que passou com Felix, quando aconteceu exatamente a mesma coisa. Dan sentiu o suor se acumulando na palma de suas mãos, apesar do frio. Talvez fosse um grande erro ficar ali. Jordan podia estar em perigo... Cal podia ser uma versão 2.0 de Felix.

– Não era sonambulismo – Jordan rebateu com convicção. – O Micah até avisou para você. Enfim... Eu não vou voltar para aquele quarto agora. Não quero ficar sozinho com ele. Posso ir com vocês?

– Claro – respondeu Abby. Ela ofereceu seu café a ele, que deu um gole. – Estamos indo ver a Lucy. Vocês podem esperar lá fora se não quiserem entrar.

Eles atravessaram a rua, deixando para trás a capela, e seguiram Abby pela calçada. A rua virava uma descida depois de uma fileira de casas usadas para escritórios e abrigo para hóspedes.

– Tem certeza de que está tudo bem? – perguntou Abby.

Dan ficou um passo para trás.

– Vai ficar – garantiu Jordan. – Vamos falar sobre outra coisa. E a sua tia? Ela sabe que a gente está indo?

– Sinceramente? – ela suspirou e encolheu os ombros estreitos. – Não faço ideia... Ela não me atende pelo telefone e não responde minhas cartas. Duvido que ela saiba usar computador, então um e-mail está fora de cogitação. Só espero que ela esteja bem. Depois de perder o marido, ser confrontada com o passado... É muita coisa ao mesmo tempo, e depois do que fizeram com ela no manicômio...

– Então como você sabe que ela está em casa? – perguntou Jordan, dando mais um gole no café.

– Na verdade não sei. Ela se mudou para outra casa no fim do verão e me mandou o endereço. Foi a última notícia que tive dela. Mas a minha intuição me diz que ela não iria embora de Camford. Acho que é isso que vamos descobrir, não?



A caminhada era mais longa do que Dan esperava, e quando chegaram ao pequeno chalé de Lucy estava desconfortavelmente suado e com frio ao mesmo tempo. O corpo coberto com a jaqueta estava todo úmido e grudento, mas seu rosto e suas mãos estavam vermelhos por causa do vento gelado de outono.

Jordan limpou o nariz escorrendo quando eles chegaram à beirada do gramado.

– Ela não é adepta de manter a casa em ordem, então – resmungou.

Ninguém tinha cortado a grama nem feito nenhum preparativo para o inverno. A maioria das pessoas cobria o gramado de folhas secas, para proporcionar uma camada de proteção contra a neve. Ali, porém, a grama crescia à vontade, junto com ervas daninhas e trepadeiras nas paredes externas. Algumas das placas de madeira do telhado estavam soltas.

Apesar disso, uma lufada de fumaça rosada escapava pela chaminé.

– Parece que ela está em casa – comentou Dan, apontando para a fumaça.

– Certo... – Abby bateu as luvas uma na outra, retinindo de energia nervosa. – Esperem aqui. Me deixem ver primeiro como ela reage, depois vejo se podemos entrar.

– Fique à vontade – respondeu Jordan, que não parecia nem um pouco empolgado com a ideia de entrar naquela casa dilapidada.

As janelas estavam fechadas. A soleira da porta estava quase escondida sob uma pilha de jornais não recolhidos. Tudo ali sugeria o abandono, a não ser a chaminé. Dan se lembrou da maneira como Lucy o encarava... Um olhar de acusação. De *medo*. Como se houvesse um monstro dentro dele, e ela pudesse vê-lo. Mas ele precisava estar ali, por Abby.

– Lá vamos nós.

Abby respirou fundo e foi andando até a porta, tocando a campainha com a mão enluvada.

Dan escutou o eco da campainha lá dentro, e eles esperaram por quase um minuto antes de ouvir passos ressoando do outro lado da porta.

– Está vindo alguém – falou Dan.

Parecia que a pessoa do lado de dentro precisava desarmar uma dúzia de trancas e correntes antes de abrir a porta.

Lucy, pálida e descabelada, mas com olhos atentos e lúcidos, os recebeu com um suspiro de susto e em seguida um sorriso.

– É você – disse ela, com os olhos fixos em Abby. Estava usando um cardigã por cima do vestido, meia-calça de lã e pantufas. – Veio fazer uma visita?

– Hã, sim – respondeu Abby, remexendo os pés. – Pois é. Eu, hã, queria saber se está tudo bem. Não conversamos quase nada desde o fim do verão e...

– Entra – Lucy deu um passo atrás e a chamou para dentro. Abby olhou para onde estavam Jordan e Dan. – Podem entrar, todos vocês.

Abby começou a andar na direção da porta, mas Jordan e Dan hesitaram até receber um olhar impaciente da parte dela.

Estremecendo, Dan foi o último a entrar. Atrás dele, Lucy fechou a porta e suas dezenas de trancas.

– Podem ficar à vontade – falou Lucy, passando apressada por eles na direção da cozinha no fim do corredor. – Vou pegar algo na cozinha para comer.

– Alguém liga para o A&E – Jordan falou com o canto da boca. – Acho que temos uma acumuladora aqui.

Abby soltou o ar com força.

– Que desastre – ela comentou, desbravando as pilhas de jornais e tralhas na sala de estar à esquerda.

Ela conduziu o grupo até um sofá, de onde teve que tirar diversas cestas de frutas artificiais para que pudessem sentar.

– Pensei que ela tivesse acabado de mudar para cá – murmurou Dan.

Eles se sentaram um ao lado do outro, com as mãos no colo.

– Foi isso mesmo – respondeu Abby. – Como alguém consegue juntar tanta tralha em dois meses?

– Você não achou que ela estava meio esquisita? – perguntou Jordan, afastando cuidadosamente uma maçã de cera que rolou sobre sua perna. – Tipo... empolgada? Como se tivesse ficado feliz de ver a gente?

– Isso me pareceu meio... inesperado. Talvez ela esteja melhor do que eu pensei.

*Ou pior*, Dan pensou, mas não disse.

Lucy voltou com uma bandeja com biscoitos recheados e bolinhos, que deixou na mesa de centro diante deles antes de se sentar em uma poltrona na frente do sofá. Havia algumas fotos de família em molduras rachadas nas paredes, a maioria retratos em preto e branco de pessoas que pareciam ser os pais ou os avós de Lucy. As imagens estavam tão desbotadas e vincadas que as pessoas retratadas mais pareciam fantasmas.

Uma das fotos em particular chamou a atenção de Dan. Era de um homem de pé em um gramado, com a cabeça virada para cima, equilibrando – de forma inacreditável – um carrinho de mão no queixo. Ele não teria como saber com certeza sem perguntar para Lucy, mas ficou com a impressão de que aquele era seu falecido

marido, Sal Weathers, na juventude. Três meses antes, Dan encontrou o corpo de Sal na mata. Na época, Lucy pareceu culpar Dan pela morte do marido.

Lucy se inclinou para frente e sorriu para Abby do outro lado da mesa.

– Está contente com a formatura? Está se candidatando para as faculdades? Muita coisa vai mudar na sua vida agora!

Aquela não era a mulher tímida e frágil de que Dan se lembrava. Não que ele tivesse muita experiência com pacientes de lobotomia, mas a Lucy silenciosa e ligeiramente aérea que conheceu no verão era muito mais a imagem de uma sobrevivente do que a atual. No entanto, quando ouviu o interrogatório que ela lançou para Abby, ele tentou encarar isso como um desdobramento positivo, e não algo assustador – principalmente por Abby. Ele se recostou no sofá e mordeu um biscoito, que estava murcho e sem gosto. Ouviu Jordan tossir, e um guardanapo amassado foi jogado na mesinha.

– O que trouxe você de volta a Camford? – indagou Lucy.

Dan não deixou de reparar que, apesar de dirigir suas perguntas a Abby, o olhar dela estava voltado para ele. Seu joelho começou a balançar nervosamente.

– Decidimos fazer uma visita ao campus. Passar o fim de semana – explicou Abby.



– Vocês escolheram uma época boa, com o parque de diversões e tudo mais... tem bastante coisa para ver.

– Você vai? Vai querer ver o parque? – questionou Abby.

– Não, não... Lembro que o Sal dizia que o pai dele ia quando criança... Não lembro de tudo o que ele falou, só umas partes... Bom, lembro de algumas coisas. Mas o pai dele ia quando criança. Disso eu lembro.

Dan se ajeitou no assento quando ela começou a relembrar. Como parecia lúcida e coerente, talvez fosse capaz de fornecer algumas respostas no fim das contas. Abby pareceu ter pensado a mesma coisa.

– Então a sua memória... – questionou ela, falando devagar – ...já está melhor? Você está conseguindo lidar com isso tudo?

Lucy fez um gesto afirmativo, inclinando a cabeça para o lado e lançando um olhar afetuoso para Abby.

– Sim. Estou, sim. A faculdade manda uns estudantes de vez em quando para ficar comigo, trazer mantimentos, esse tipo de coisa. Está tudo bem melhor desde que eu descobri a estrela incandescente.

Jordan tossiu outra vez, e deu para sentir que foi de propósito. Dan tinha percebido também. Ele já havia repassado mentalmente sua visita a Felix umas setenta vezes. Conseguia se lembrar da entonação exata... *Estrela incandescente*.

Não podia ser uma coincidência.

– Descobriu o quê? – perguntou Dan, se ajeitando no sofá.

– A estrela incandescente – Lucy respondeu sem hesitar. Ela estendeu a mão para trás e pegou uma fotografia emoldurada da mesa atrás da poltrona, uma que Dan não havia notado a princípio. Com um sorriso, ela a entregou a Dan. Era uma imagem desbotada e antiga de uma pedra vermelha em formato oblongo, como um geodo. Estava pendurada em uma delicada corrente. – É linda – ela murmurou, observando-o com atenção. – Não é?

– Onde... de onde veio essa foto?

Abby deve ter percebido também. Ela ficou olhando para sua tia, ofegante.

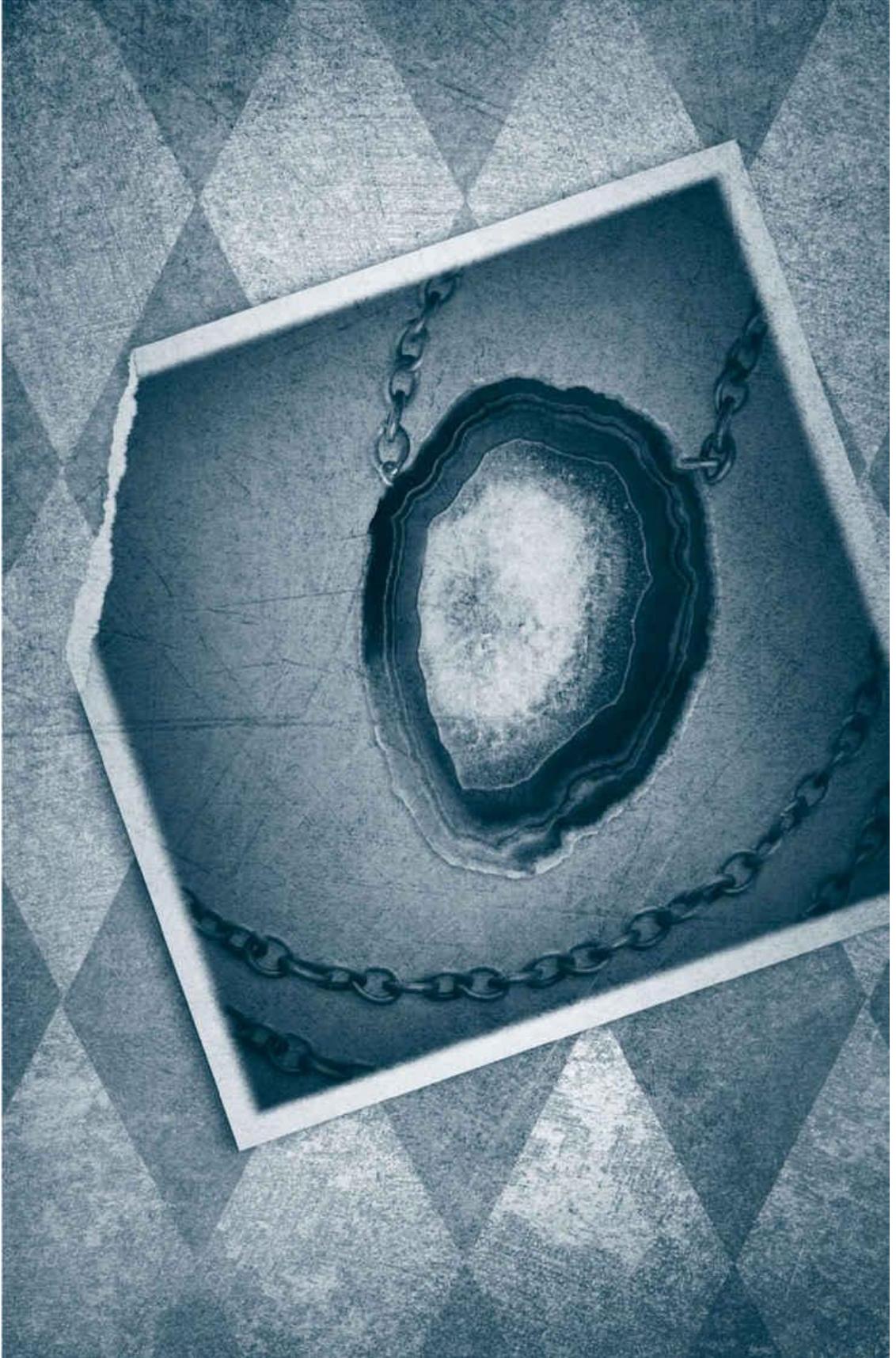
– Pois é, o mais engraçado é que... Na verdade não lembro. Parece que ela está comigo desde sempre.

– É linda mesmo – Abby comentou, se virando de lado para tirar o celular do bolso da calça. – Posso tirar uma foto?

Lucy pegou a moldura da mão de Dan e a exibiu orgulhosamente para que Abby a fotografasse com o celular. *Que ideia brilhante, Abby.*

– E por que esse nome? – questionou Dan, talvez de forma repentina demais. – “Estrela incandescente.” Essa é uma descrição bem específica, não?

– É, acho que sim... – ela olhou para a foto outra vez. – Não tem nem a forma de uma estrela, né? – aos risos, ela virou a moldura de um lado para o outro, como se quisesse que a pedra na fotografia refletisse a luz. – Eu simplesmente... sempre usei esse nome. Estava com tanto medo... – depois de pôr a foto de volta na mesa, ela se virou outra vez para Dan. Ele se encolheu todo diante da intensidade de seu olhar. – Estava com medo de você, Daniel Crawford. Estava com medo de tudo... E então veio a estrela incandescente e tudo ficou melhor. Mais tranquilo.



– Ah – Dan falou, olhando desesperadamente para Abby, que o encarou de volta, tão perplexa quanto.

Ele não conseguia fazer contato visual com Lucy. Ela o perturbava com seu olhar vazio e inabalável... Por cima do ombro, ele olhou para a janela e teve um sobressalto ao notar um rosto que o observava do lado de fora.

Não era o rosto de uma pessoa, na verdade, e sim uma máscara. Vermelha e preta, com a forma de um crânio, mas derretendo, com a boca se abrindo em um sorriso exagerado de palhaço.

– Mas o que...

Dan ficou de pé, apontando para a janela.

– Estou vendo também – avisou Jordan.

Mas, em seguida, a figura desapareceu no mato, sem deixar nenhum rastro além de um farfalhar.

– Ei!

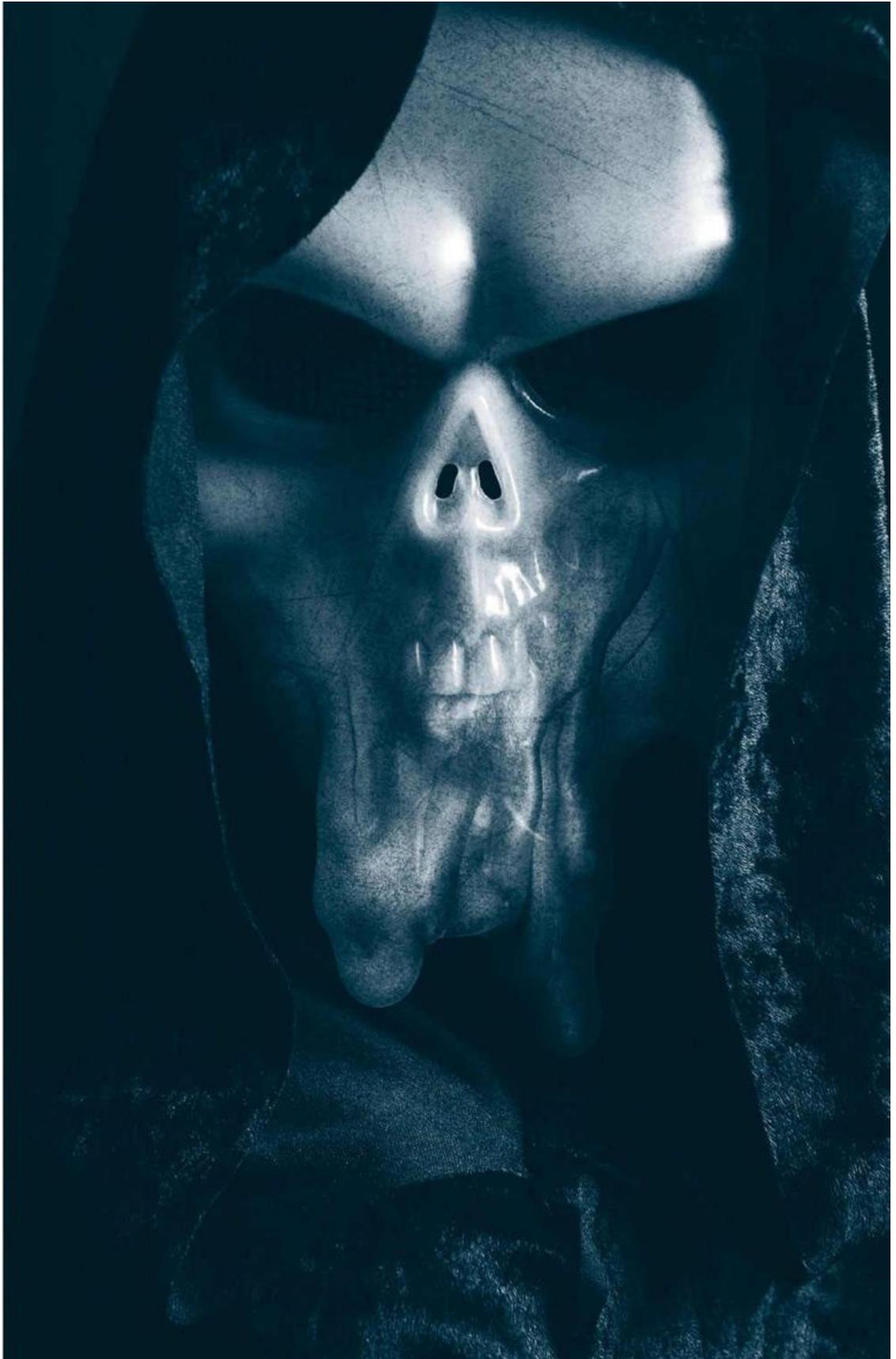
Dan saiu correndo na direção da porta, com Jordan logo atrás. Ele abriu as trancas e saiu a tempo de ver alguém correndo pelo gramado e pela calçada, desaparecendo mais adiante na rua.

– Não vai dar para alcançar – falou Jordan –, mas você não estava imaginando coisas, não.

– Uma máscara – ele tentou recobrar o fôlego. – E um manto vermelho.

– Que diabos está acontecendo aqui? – questionou Jordan, em voz alta.

Atrás deles, Dan ouviu a porta de Lucy se abrindo e Abby vindo até eles, enfiando as luvas. Ela se virou e deu um abraço na tia.



– Vamos tentar fazer mais uma visita antes de ir embora – ela falou.

– Se comporte – recomendou Lucy, com os olhos voltados para Dan, como se fosse um conselho para ele.

– Obrigado por receber a gente – ele murmurou nervosamente. – Desculpa por ter saído correndo desse jeito.

Lucy se despediu com um aceno, semiescondida atrás da porta aberta. Ela a fechou com um suspiro, e Dan ouviu uma tranca após a outra sendo acionada.

– Queria ter perguntado mais coisas – falou Dan. – Sobre os endereços, sobre aquela foto... Ela falou alguma coisa quando saímos correndo?

– Não, ela ficou paralisada – respondeu Abby, com tristeza. – Não sei se ficou assustada com vocês ou com a máscara.

– Aliás, o que foi aquilo? – perguntou Jordan depois de eles virarem à esquerda na calçada. – Tipo, aquela não era *ela*. Ou talvez fosse, mas antes de passar pelo que passou quando era criança.

– Estou preocupada – com o olhar distante, Abby esfregou os braços com as mãos enluvadas. – Como Felix poderia saber sobre aquele colar na foto? Isso não faz sentido.

– Acho que temos um assunto mais urgente aqui, que é estarmos sendo seguidos por uns malucos mascarados – argumentou Jordan.

– Precisamos definir um ponto de partida – respondeu Abby. – De repente procurar naquelas cartas alguma referência a essa tal estrela incandescente. Precisamos examinar tudo o que recolhemos e procurar por qualquer coisa que seja semelhante. É a única pista que temos até agora.

Dan concordou balançando a cabeça, sem saber se mencionava seu sonho. Ele sabia, obviamente, que havia se transformado no diretor de novo, e que foi até a rua Ellis, 1020. Só não sabia se a transformação tinha sido real ou apenas fruto de sua imaginação. Parecia verdade, mas o que havia de útil naquelas informações? Que o diretor sabia que alguém vivia naquela casa, alguém chamado Harry? Que Harry se tratava com o diretor? Nenhuma das duas coisas parecia relevante.

Se, em algum momento se tornassem relevantes, ele abriria o jogo. Até lá, preferia não chamar atenção para o fato de que, em seus sonhos, ele era o diretor Crawford.

– Quero saber quem está seguindo a gente – falou.

Jordan e Abby detiveram o passo.

– É Dia das Bruxas – respondeu Abby. – Podia ser só alguma criança da vizinhança xeretando.

– Espera aí – Dan falou quando seu olho detectou a presença de um objeto cinzento na grama. – Acho que quem estava vigiando a gente derrubou uma coisa.

Ele foi correndo até a beirada do gramado, se agachou e encontrou um cartão-postal com uma fotografia, parecida com a que Felix lhe deu em Morthwaite.

– O que é isso? – murmurou Abby, aparecendo bem ao seu lado.

– Acho que é o parque de diversões – falou Dan, se levantando devagar.

Ele mostrou a foto enquanto a observava também. Jordan a arrancou de sua mão para ver o verso.

– Não tem nada escrito desta vez – ele comentou.

– É só uma barraca – falou Abby. – Espera, tem uma placa aqui. Estão vendo? No poste ali do lado...

Dan estreitou os olhos para ler a inscrição desbotada. “A Prisão da Mente do Velho Maudire – Hipnólogo Extraordinário.” Havia uma gaiola vazia ao lado da abertura alta e estreita da barraca, por onde era possível ver a silhueta de um homem, com dois buracos escuros no lugar onde deviam estar seus olhos.

– Vocês acham que isso pode ter caído aqui por acidente? – perguntou Abby.

– E alguma coisa aqui acontece por acidente? – rebateu Dan. – Alguém queria entregar aquelas fotos para nós, e acho que o mesmo vale para isto aqui.

– Nessa eu estou com o Dan. Nós ouvimos passos na casa ontem à noite, e alguém lá fora chamando o nome dele... Tem alguém seguindo a gente. Atormentando a gente.

Jordan olhou ao redor, prestando atenção especial a um dos arbustos.

– Vamos torcer para que seja só uma pessoa – falou Dan, sinistro.  
Ele enfiou a foto da barraca no bolso e bateu os dedos no tecido.

Eles continuaram caminhando pela calçada em silêncio, pelo menos até Jordan tossir e sacudir a cabeça como um cachorro molhado.

– Minha nossa, aqueles biscoitos eram pré-históricos – ele comentou, arrancando o café da mão de Dan e virando a bebida. – Ah. Bem melhor assim.

O bolso de Dan vibrou. Ele procurou seu celular, deixando Jordan ficar com o café.

– Acho que as cartas vão ter que esperar, pessoal. É o Micah – ele falou, sentindo um frio na barriga. – A professora Reyes cancelou a atividade de hoje à tarde, e ele quer que a gente vá até lá agora.



CAPÍTULO

15



Apesar de estar acompanhado de Abby e Jordan, Dan sentiu todos os seus cabelos se arrepiarem ao ver a professora Reyes.

– Que bom ver você de volta ao campus – ela falou, entusiasmada até demais, na opinião de Dan.

Micah estava ali ao lado, olhando para um papel que ela havia entregado na aula. O restante da classe saía aos poucos pelas portas duplas atrás deles. Mas, apesar de estar cercada por seus alunos, a professora Reyes só tinha olhos para Dan, observando-o com atenção enquanto ele lutava para fazer contato visual e disfarçar seu desconforto.

À esquerda, o gramado da área central do campus estava tomado por estudantes que conversavam em pequenos grupos, e por trabalhadores que varriam as folhas secas. Pelo vão entre dois prédios, Dan conseguia ver a lona listrada de algumas barracas do parque de diversões.

– Depois do que aconteceu no verão – ela continuou baixinho –, fiquei me perguntando... Enfim, fico feliz em ver você de novo. Você foi um ótimo aluno, que aprende tudo muito facilmente. Estava mesmo esperando uma visita sua depois que o curso de verão terminasse.

Ela usava as mesmas roupas escuras e dramáticas, e as mesmas joias exageradas, que incluíam seis ou oito colares diferentes e um punhado de pulseiras nos braços. Dan observou atentamente os colares, à espera de que um deles fosse o da foto de Lucy. Alguns deles, porém, estavam escondidos sob a blusa, e Dan não achou muito apropriado pedir para ver.

– Não consegui ficar longe daqui, eu acho.

– Isso não é nem um pouco surpreendente – respondeu ela, aos risos.

Dan ergueu as sobrancelhas, curioso.

– Temos um corpo estudantil muito ativo e promissor – esclareceu a professora Reyes. – Então não é surpresa que queira vir para cá. Este lugar atrai pessoas como você. Só espero que o pequeno incidente de ontem não tenha causado má impressão.

– Incidente?

– Sim... Aquele menino, coitado...

– Doug – Micah falou, um tanto distraído, olhando por cima do papel.

– Sim! Era esse o nome dele. Doug. Uma pena.

A professora Reyes baixou a cabeça e estalou a língua. Seu perfume picante e amadeirado era tão forte que fazia o nariz de Dan coçar.

“Pequeno incidente” não parecia ser a melhor forma descrever alguém tentando se jogar pela janela, mas Dan resolveu moderar a língua. Estava desconfiado de que, por algum motivo, a professora Reyes estava querendo mexer com sua cabeça, e não queria dar a ela a satisfação de mostrar que estava conseguindo.

– No próximo semestre, o foco do meu seminário inicial para o primeiro ano vai ser a vida universitária e o estresse. Estou tentando organizar um congresso sobre saúde mental também, mas as verbas para esse tipo de evento são sempre muito curtas. Vou cruzar os dedos para que o parque de diversões hoje à noite tenha uma boa arrecadação – ela continuou. – Se você escolher o New Hampshire College, quem sabe não aparece no meu seminário? Está dentro da sua área, pelo que eu me lembro... História da Psicologia, certo?

– Sim – confirmou Dan. – É... é isso que eu quero estudar.

– Sem querer pressionar, claro – a professora Reyes disse, dando uma risada antes de se inclinar para a frente e sussurrar em um tom conspiratório: – Mas com certeza você deveria se matricular aqui.

Dan ficou todo sem graça, remexendo os pés.

– É, hã, com certeza está na minha lista – ele disse por fim.

– Ótimo! – ela se afastou um pouco. – Era essa a resposta que eu esperava.

Um professor que Dan não reconheceu – um homem alto e magro com óculos fundo de garrafa – passou pelos dois. Ele abriu um

sorriso cauteloso para a professora Reyes e fez um aceno de cabeça, que ela não retribuiu.

– Bom, é uma pena que Doug não possa ver o parque de diversões funcionando... ele foi uma das pessoas que mais ajudaram. Você vai participar das festividades, espero. Foi um tremendo esforço organizar tudo.

– Não sabia que você estava tão envolvida assim – respondeu Dan, todo tenso.

Ela fez um sinal com a mão, direcionando seu olhar para as barracas na extremidade do gramado do setor acadêmico. Caminhões de fornecedores locais estavam descarregando suas mercadorias. Dan reconheceu o nome de uma lanchonete da cidade, do serviço de limpeza local e de uma floricultura de Camford.

– Todo mundo fez sua parte para reviver um pouco da rica história da cidade.

– Professora – Micah ergueu a mão como se ainda estivesse na sala de aula. – Você pode me explicar que anotações são essas? Aqui tem uma observação sobre a minha citação, mas não estou conseguindo ler.

– Podemos falar sobre isso lá na minha sala – respondeu a professora Reyes, sem dar muita atenção.

– Ah! Ei, Dan, só uma coisa, amigão – Micah o chamou para mais perto com um breve aceno. – Eu só queria saber se está tudo bem depois de ontem à noite.

Dan fez que sim com a cabeça, entendendo que o questionamento vago se devia à presença da professora Reyes.

– Ah, sim – respondeu. Não era a hora certa para mencionar o comportamento estranho de Cal naquela manhã. – Estamos bem, obrigado.

– Que alívio – respondeu Micah, fingindo limpar o suor da testa.

– Noitada agitada? – perguntou a professora Reyes.

Ela olhou rapidamente para os dois.

– Noitada responsável – rebateu Micah. – Você me conhece.

– Para a minha sala, então? – disse a professora Reyes, se virando para Micah.

Dan aproveitou a oportunidade para se afastar, levando Abby e Jordan consigo.

– Eca – Jordan comentou quando chegaram a uma mesa de piquenique sob uma árvore alta e seca. O sol havia aparecido, tornando mais agradável a caminhada ao ar livre. – É impressão minha ou ela é meio Dolores Umbridge? A sala dela não é toda cor-de-rosa e cheia de gatos, né?

– Não faço ideia – respondeu Dan enquanto se sentava. – As aulas dela durante o verão foram legais, eu acho, mas ela me falou uma coisa quando eu estava indo embora que... – ele observou a professora entrar no prédio de Psicologia e sociologia junto com Micah. – Enfim, eu não confio nela. Não consigo acreditar que ela está fuçando no porão do Brookline.

– Eu acredito – disse Jordan com uma risadinha. – Algumas pessoas não sabem deixar as coisas como estão. Como nós, por exemplo.

– Não é a mesma coisa – rebateu Dan.

– Aqui – disse Abby, pondo a mochila pesada sobre a mesa. – Estou com nosso mapa, os arquivos que o Jordan juntou e as cartas que pegamos ontem à noite. Precisamos começar a procurar as ligações entre isso e qualquer coisa que faça menção à estrela – ela se virou para Jordan, com a testa franzida. – Vocês viram alguma coisa que também pode ter a ver com isso? Pôsteres? Livros? Alguma coisa com estrelas?

– Da minha parte não. O quarto do Cal é cheio de camisas de rúgbi e catálogos J.Crew – Jordan respondeu, encolhendo os ombros. – Mas posso dar mais uma olhada quando voltar lá... Apesar de não gostar dessa ideia.

– O que nós vamos fazer a respeito, aliás? – Dan perguntou enquanto Abby passava uma pilha de papéis para os dois examinarem. – Sobre o lance de Cal ficar olhando enquanto você dorme.

– Eu não posso dizer nada – respondeu Jordan. – Se ele estiver possuído ou coisa do tipo, não quero despertar nenhum instinto assassino.

– Eu também peguei algumas cartas ontem à noite – Dan contou, tirando uma pilha do bolso.

As duas primeiras não eram nada de especial, apenas contas, mas o terceiro envelope o fez hesitar. Seus olhos pousaram no selo amarelado e o carimbo no canto.

– Vejam só essa data – ele falou, estreitando os olhos, examinando a tinta envelhecida. – É do último ano do diretor no Brookline, tenho certeza.

– Abre aí – pediu Abby, ansiosa. – Ou melhor, será que é crime abrir uma correspondência que foi roubada ou que nunca foi entregue?

– Que diferença faz? – perguntou Jordan. – O lacre já foi rompido, e duvido que tenha alguém procurando isso. Vá em frente, Dan.

Cada um começou a examinar sua respectiva pilha. Dan deu uma lida na carta. Era endereçada a Anna Surrige, e a remetente se chamava Caroline Martin.

– Esta carta nunca saiu da cidade – observou ele. – Deem uma olhada no endereço da remetente... acho que passamos por uma rua Tamlen quando fomos para a festa ontem à noite.

O conteúdo da carta a princípio parecia bem inofensivo – uma data, um “querida Anna”, votos para que estivesse tudo bem etc. Mas o tom casual logo mudou.

– Uau – murmurou Dan –, escutem isso: “Minha queridíssima Anna, eu prometi que não revelaria isso para ninguém, mas não consigo mais viver em silêncio. Acho que cometi um grande erro, apesar de ter agido de boa-fé, na esperança de garantir um futuro melhor para mim e para minha família. Um homem me procurou em setembro, vestindo um manto vermelho. Como você pode imaginar, fiquei assustada e confusa a princípio, mas quando ele me entregou um envelope com um lacre de cera também escarlate, com a imagem estampada de um crânio...”

– Espera aí – interrompeu Jordan, largando o jornal que estava lendo. – Manto vermelho? Crânio vermelho? Isso lembra o nosso espião de hoje de manhã.

– E tem mais – Dan continuou, começando a ler mais depressa: – “Minhas suspeitas tinham razão de ser. Jamais deveria ter começado

a escrever aquele artigo idiota! Mas a minha pesquisa não chegou nem perto de revelar toda a verdade. O que eu imaginei ser apenas uma sociedade acadêmica de pessoas com interesses em comum perseguindo o conhecimento e o sucesso acabou se revelando um mar de segredos obscuros demais para relatar aqui. Para me juntar a eles, fui obrigada a revelar todos os esqueletos escondidos no armário, relatar todas as coisas de que me arrependi ou tenho vergonha de ter feito. A destruição mútua garantida é o segredo do poder deles. Mas isso, queridíssima Anna, foi só o começo. A cada semana eu via coisas piores, via meus companheiros Scarlets serem levados para salas escondidas e voltando com os olhos vazios e boquiabertos. Eu sabia que era só questão de tempo até chegar a minha vez. E aconteceu... Gostaria de dizer que me lembro de tudo com terror, mas não me lembro de nada. Vou escrever mais se conseguir, e isso é o que eu mais quero. Quero contar tudo para você, cada detalhe, inclusive nomes, mas já me arrisquei demais. Estou em contato com um homem chamado Harry, que diz saber tudo sobre os Scarlets e seus segredos. Ele garante que quer me ajudar, e eu quero poder confiar nele. Seria bom ter um aliado. Quero publicar um artigo expondo essas pessoas, mas Harry acha que isso só vai fazer com que eu corra ainda mais perigo. Torço para que esta carta chegue a você em segurança, e que minha traição, por mais insignificante que seja, nunca seja descoberta. Com amor, Caroline”.

Minha queridíssima Anna,  
eu prometi que não revelaria  
isso para ninguém, mas  
não consigo mais viver em  
silêncio. Acho que cometi  
um grande erro, apesar de  
ter agido de boa-fé, na  
esperança de garantir um  
futuro melhor para mim e  
para minha família. Um homem  
me procurou em setembro,  
vestindo um manto vermelho.  
Como você pode imaginar,  
fiquei assustada e confusa  
a princípio, mas quando ele  
me entregou um envelope  
com um lacre de cera também  
escarlate, com a imagem  
estampada de um crânio...

Dan continuou olhando para o papel, e as letras começaram a ficar borradas e a se transformar em meras linhas pretas na página. Por um tempo, ficaram todos em silêncio, e Dan piscou algumas vezes, dobrou a carta e a colocou sobre a mesa para que Abby pudesse dar uma olhada.

– Acho que acabamos encontrando outra coisa que não tem nada a ver – ela falou, examinando o papel –, mas não podemos descartar nada.

– Eu também acho – concordou Jordan. – Não parece ser só uma coincidência... o último ano do diretor no Brookline, Felix ter passado o endereço daquela casa, e agora essa carta. Que nunca saiu da cidade. Alguém a leu também. O envelope foi aberto.

– Eu tive um sonho sobre isso – revelou Dan. Ele se encolheu todo diante dos olhares curiosos dos dois. – Tipo, isso não prova nada, mas eu vi o diretor falando com um cara chamado Harry, meio que... passando uma tarefa para ele. Alguém estava seguindo essa mulher – murmurou Dan, mas então lhe ocorreu um pensamento ainda pior. – Talvez até roubando a correspondência dela... Ela diz que queria escrever um artigo. Se ela estava na cidade, de repente o que escreveu esteja na biblioteca.

– Você tem razão, isso não prova nada, mas acho melhor mesmo não descartar – Abby fez uma pausa. – Será que esse artigo ia ser publicado no jornal da cidade ou no da faculdade? – ela perguntou. – Seja como for, dá para encontrar números antigos dos dois. Deve dar até para fazer uma pesquisa com o nome dela como palavra-chave.

– Parece que ela descobriu uma espécie de seita – respondeu Dan. Algumas folhas alaranjadas caíram dos galhos mais acima, se misturando aos papéis na mesa. Jordan as descartou com um gesto impaciente.

– Você acha que a pessoa que vimos na casa da tia Lucy faz parte desse culto? Essas cartas são antigas, Dan – argumentou Abby. – Quais são as chances de uma coisa como esses Scarlets ainda existir?

– A descrição se encaixa – respondeu Jordan, coçando o queixo. – O crânio, a túnica vermelha... Pode não ser uma seita. Ela falou que era para ser um lance acadêmico, certo? E se for tipo uma sociedade secreta como Skull and Bones e os Sevens?

– Se for – Dan falou bem devagar –, duvido que alguém queira falar a respeito. A ideia por trás de uma sociedade secreta não é ser secreta?

Ele olhou para seus amigos, que pareciam estar hesitantes. Jordan coçou o rosto com a borracha do lápis, e Abby começou a mexer no zíper da mochila.

– Por enquanto é melhor não sair fazendo perguntas suspeitas por aí. Acho que a melhor opção é pesquisar nos arquivos – ela disse por fim. – Podemos passar a tarde na biblioteca, e ir ao parque de diversões à noite. Vai ser uma boa chance pra escapar de fininho para ir até os outros endereços. Não é aconselhável arrombar casas em plena luz do dia.

– Será que a estrela incandescente é o tipo de coisa que podemos pesquisar no LexisNexis ou sei lá o quê? – ironizou Jordan, se levantando da mesa. – Eu nunca ouvi falar nisso antes.

– Se ela tiver algum tipo de ligação com uma seita secreta, duvido que vamos encontrar alguma informação – respondeu Abby.

Eles saíram de baixo da árvore ressecada e atravessaram o gramado para chegar a um dos caminhos que atravessavam o campus. A biblioteca não ficava muito longe, a mais ou menos meia quadra da capela.

Dan tentou repassar mentalmente o sonho mais uma vez, antes que os detalhes se perdessem para sempre. O diretor tinha ido à casa daquele homem, e revirado os malotes postais roubados. Aquele sujeito poderia mesmo ter feito parte de uma sociedade secreta? Ele não se encaixava no tipo que vinha à mente de Dan ao ouvir falar em organizações como a “Skull and Bones”. Por outro lado... e o diretor Crawford?

Dan estremeceu ao pensar na ideia do diretor se juntando a uma sociedade secreta – ou pior, *formando* uma –, ampliando seus tentáculos para além das paredes do Brookline. Como Caroline mencionou em sua carta, sociedades como aquela tinham como

objetivo poder e influência. Eram duas coisas que o diretor não poderia ter de jeito nenhum.

– Certo, Dan?

Com um sobressalto, Dan notou que seus dois amigos estavam olhando para ele, mas não tinha ouvido nada do que disseram.

– Desculpa, qual era a pergunta?

– Estava perdido nos seus pensamentos, né? – Abby abriu um sorrisinho quando chegaram às portas grandiosas da biblioteca. Havia alguns estudantes parados do lado de fora, conversando e bebendo café. – O que foi?

– Só estava pensando... – seus sonhos tinham se tornado mais vívidos, mas serviam como evidência de algo ou eram só sua imaginação? – Nós sabemos que o diretor usava o Brookline como seu brinquedinho particular, mas e se não fosse só ele? E se ele tivesse envolvido com esses Scarlets?

– Ele tinha mesmo uma atração pelos melhores e mais inteligentes – concordou Jordan.

– Isso... é uma ideia assustadora – admitiu Abby.

Apesar das pessoas paradas do lado de fora, o interior da biblioteca estava quase vazio. Um atendente com olhar de enfado no balcão conferiu seus crachás de candidatos e os fez passar pelos detectores de metais instalados nos dois lados da porta.

Como já tinha ido até lá antes, Jordan guiou Dan e Abby até um local perto das escadas, onde ficava o setor de audiovisual. Eles se sentaram diante de uma fileira de computadores depois de deixarem os papéis e as mochilas em uma mesinha redonda.

– Isso explicaria por que ele conseguiu fazer tanta coisa... Com pessoas influentes protegendo suas atividades, encobrindo seus experimentos no manicômio...

– Ah! – Jordan se acomodou diante de um computador, todo empolgado. – Isso é uma coisa que podemos pesquisar também. Os manicômios eram submetidos a inspeções e coisas do tipo, não?

– Eram, sim – essa área era a especialidade de Dan, e ele contribuiu de bom grado com a discussão. – Em geral, as enfermeiras faziam denúncias anônimas para as instâncias superiores, dando dicas sobre o que procurar nas inspeções dos

hospitais. Mesmo assim, os diretores faziam de tudo para minimizar os horrores que aconteciam nesses lugares, e geralmente conseguiam se safar.

– Minha nossa, e eu pensando que o Brookline fosse um caso isolado – murmurou Jordan.

– Não sei se em outros lugares a coisa era tão feia como no Brookline – respondeu Dan. – Só estou dizendo que, se em todo lugar muita coisa era acobertada, o que dizer daqui, se o diretor tivesse influência sobre o reitor da faculdade? Não é à toa que ele passou impune por tanto tempo.

– Isso é bom – falou Jordan, digitando furiosamente. – Quer dizer... bom não é, mas é mais uma coisa para investigar. Podemos descobrir facilmente quem administrava a faculdade quando o diretor estava no Brookline, e a partir daí podemos começar a investigar a tal sociedade secreta.

Ele apertou a tecla *enter* e ouviu um apito antes de a tela se apagar completamente.

– Mas o que... – Jordan deu um tapa na lateral do monitor. – Desligou!

– Essas coisas são antigas – falou Abby, virando-se para o teclado e começando a digitar. – Deve ter sido só uma sobrecarga de memória. Vou pesquisar para... você...

Ela franziu a testa, apertando a tecla *enter* mais uma porção de vezes.

– Como assim? – questionou Jordan falou, batendo no monitor outra vez. – Não foi sobrecarga nenhuma. Está travado. *Control-alt-del*, idiota. Acorda!

Ele falou a última palavra meio alto demais, e três alunos se viraram na cadeira para olhar feio. Jordan se encolheu no assento, todo envergonhado.

Dan se virou para a tela do seu computador, já com a certeza do que iria acontecer. Diretor Daniel Crawford e Scarlets. Quando apertou a tecla *enter*, o cursor parou de piscar, e ao seu lado Jordan começou a xingar furiosamente, conforme o previsto.

– Daria muito trabalho fazer isso acontecer de propósito? – quis saber Dan, franzindo a testa.

– Bastante – Jordan deu uma olhada ao redor. – Seria preciso instalar um programa em cada computador com as palavras-chave e combinações exatas para provocar o travamento. Acho que nem eu mesmo conseguiria fazer uma coisa dessas.

– Bom, isso vai atrasar a gente, mas não é o fim da linha – Abby se virou na cadeira antes de continuar: – Nós podemos usar nossos *notebooks*, certo? Eles não têm essa restrição.

– Sim, mas nós não temos acesso aos arquivos digitais da faculdade pelos nossos computadores – rebateu Jordan. – A gente ia precisar de um *login* de estudante para isso.

– Eu posso usar meu celular para acessar a internet – Dan falou. – Todos nós podemos.

– E, quanto aos arquivos, vamos ter que fazer as coisas à moda antiga. – Abby se levantou da cadeira e foi pegar sua mochila na mesa. – Jordan, me mostra onde encontrou aqueles jornais. Podemos começar por lá e depois tentar encontrar o texto da Caroline. Ela escreveu a carta em 1968. Se tiver mesmo publicado o artigo, deve ter sido pouco tempo depois.

Dan balançou a cabeça e seguiu Jordan até o andar de cima, que estava ainda mais deserto, silencioso e escuro, com apenas algumas lâmpadas acesas, para economizar energia. As pilhas de livros formavam corredores estreitos, interrompidos em certas partes por prateleiras com pequenas áreas reservadas para leitura. Os cubículos com computadores ficavam junto à parede, de onde era possível ver o primeiro andar.

No alto da escada, Jordan virou à esquerda e os conduziu por um labirinto de pilhas de livros. Ele e Abby cochichavam baixinho mais à frente, e Dan ficou um pouco para trás, deixando seus olhos passearem por prateleiras e livros que pareciam se misturar uns com os outros. Prateleira, corredor, prateleira, corredor, um atrás do outro, todos abandonados. Prateleira, corredor, prateleira, menino, prateleira, corredor... Dan se deteve de repente, e em seguida deu dois passos para trás a fim de ver melhor a sombra escura formada por duas prateleiras altas.

O menino de blusa listrada e calças curtas. A boca de Dan secou, sua língua ficou inchada e dormente na boca. Seus lábios

começaram a latejar, e a adrenalina invadiu seu organismo, fazendo seu corpo todo tremer. O menino nas sombras era absolutamente pálido, como uma imagem em preto e branco, apesar de seus olhos parecerem exibir um brilho fraco. O sangue escorria de seus cabelos para a testa, para dentro dos olhos...

Os murmúrios de Abby e Jordan desapareceram...

Dan piscou algumas vezes, esperando que o menino desaparecesse, mas ele continuava lá, observando. Em seguida, se virou e foi andando pelo corredor na direção oposta à de Dan, mas ainda permanecia visível entre as pilhas de livros. Sem pensar duas vezes, Dan foi atrás.

Corredor após corredor, Dan foi seguindo a pequena aparição. Ele apertou o passo, mas depois se arrependeu e decidiu manter distância. Nesse momento, o menino entrou em outro corredor, e Dan precisou correr para não perdê-lo de vista. Seu coração estava disparado dentro do peito, e a adrenalina fez seus membros ficarem dormentes. Dan entrou no corredor às pressas, e deu um grito ao esbarrar de peito aberto em Jordan, o que o fez cambalear para trás, expulsando o ar de seus pulmões.

– Dan! De onde foi que você surgiu? – Jordan se virou, levando a mão ao ombro. – Pensei que você estivesse atrás de nós.



– Eu estava... – ele tentou arrumar uma explicação que não envolvesse as palavras *eu segui uma criança fantasma*. – Só peguei um atalho.

– Quase me matou de susto, isso sim!

– Está tudo bem? Vocês trombaram com bastante força.

Abby estendeu a mão para tocar o peito de Dan.

– Eu estou bem... – *estou nada. Estou enlouquecendo*. – Na verdade não estou, não... É aquele menino de novo. Acabou de aparecer.

Dan olhou para todas as direções, mas o garoto tinha sumido. Ele se virou para ver o local onde estavam parados, diante de uma parede de prateleiras que chegavam até o teto, com fichários e fichários enfileirados, com etiquetas com datas nas lombadas. *Inverno 1961 – Inverno 1963, Primavera 1963 – Primavera 1964* e assim por diante.

Imediatamente, Dan notou um espaço vazio e limpo no lugar onde deveria haver um fichário.

*E o garoto me trouxe justamente para cá.*

*"Você vê coisas que não deveria. Conhece coisas que não deveria ter como saber."*

*Droga, Felix, por que você precisava estar certo ao meu respeito?*

– Os anos em que o diretor comandou o Brookline – ele murmurou, enfiando a mão no espaço vazio. – Eles estão faltando. Aquele garotinho me trouxe para cá.

– Que sinistro, Dan – sussurrou Jordan de forma quase inaudível.

– Mas nem tudo está faltando – Abby falou, toda empolgada.

Ela enfiou a mão no vão entre os fichários. Ele ouviu suas unhas arranharem a superfície da prateleira, em seguida ela grunhiu baixinho e retirou um fichário estreito e empoeirado de lá do fundo. O último puxão foi um pouco forte demais, e a pasta caiu da prateleira. Dan conseguiu apanhá-la no ar antes que despencasse no carpete.

– Esqueceram de uma. Outono de 1968 – falou Abby, se inclinando para ler a lombada. – Já é alguma coisa. Vamos torcer para que Caroline tenha publicado o artigo logo depois de mandar a carta.

– E tem isto também... – Jordan tirou mais uma coisa da prateleira empoeirada e entregou para Dan.

Ele pressentiu o que era antes mesmo de pegar o papel nas mãos.

Uma fotografia, uma composição mais simples que as outras. Dan reconheceu a gaiola da outra foto, a que seu seguidor deixou no chão do gramado de Lucy. A gaiola, porém, não estava mais vazia. Naquela imagem havia uma ave lá dentro, ferida mortalmente e ensanguentada, com os olhos vidrados, e penas brancas e vermelhas quebradas preenchendo o chão sob suas garras.



63

CIMITERIO 1961  
1963  
1964

1960

16 9





CAPÍTULO

16



O celular de Dan vibrou dentro do bolso, causando um susto tão grande que ele até derrubou o garfo, que atingiu ruidosamente a bandeja. Isso, porém, não foi suficiente para interromper a monitora de Abby, que estava no meio de um monólogo sobre sua instalação e a epifania que teve naquela tarde.

– Meu irmão estudou Medicina aqui – Lara estava dizendo –, mas nem isso foi suficiente para satisfazer os meus pais. Eles achavam que ele tinha que estudar em Berkeley, Princeton... Mas a bolsa de estudos era um fator que não podia ser descartado. Integral.

Ele tateou cegamente em busca do garfo enquanto olhava para o telefone para ler a nova mensagem. Era de Jordan, que aparentemente sentiu a necessidade de mandar uma mensagem de texto apesar de estar a menos de um metro de distância.

*Ela nunca cala a boca?*

Dan deu uma risadinha para Jordan, que manteve uma fachada inabalável, sentado no banco do refeitório.

O sorriso de Dan não durou muito. Dava para sentir o peso das fotografias em seu bolso. Quem seria mórbido o suficiente para tirar uma foto do pássaro morto? Ele conseguia ver o corpo arrebatado do papagaio sempre que fechava os olhos por alguns segundos.

– Acho que vou conseguir passar em Psicologia II neste semestre – Micah falou, interrompendo a fala de Lara. Ele esperou que Dan o olhasse para dizer: – Está tudo bem? Mal vi vocês por aqui hoje. Não sei se estão aproveitando tudo o que o campus tem para oferecer aos candidatos...

– Nós conhecemos a biblioteca – Dan se defendeu, mexendo no purê de batata. A conversa no refeitório estava bem alta ao redor, um ruído constante de talheres batendo e risadas. – E outros prédios... Conhecemos um bom pedaço do campus hoje, na verdade.

– E a Lara me levou para ver sua instalação de manhã – complementou Abby. – É um trabalho fascinante.

– Vocês vão ao parque de diversões hoje à noite? – perguntou Cal. Para Dan, ele parecia exausto, com olheiras pesadas e uma coloração estranha na pele. Jordan olhava para todos os lugares do refeitório menos na direção de Cal, que parecia fazer o mesmo, falando diretamente com Dan. – Eu provavelmente vou estar ocupado vigiando a molecada bêbada. Nunca se sabe o que eles vão aprontar.

– Adolescentes bêbados aprontando por aí não é exatamente um incentivo, Cal – Micah disse, aos risos. – Mas vocês vão, né?

– A gente não ia perder – resmungou Jordan, distraído entre o celular, o sudoku e a conversa na mesa.

– Hã, dessa vez vocês vão ficar por perto, certo? – questionou Micah.

Dan notou uma ligeira mudança de tom, e se encolheu um pouco diante do olhar que ele lhes lançou.

– Do que você está falando? – Lara pediu a pimenta para Micah e temperou um pouco mais sua comida.

– É que eles... saíram para uma pequena aventura no meio da festa, só isso.

– Dá para entender – comentou Cal, encolhendo os ombros. – Aquela festa estava lotada demais. O parque de diversões também vai estar, eu acho, mas pelo menos é ao ar livre. Se precisarem de alguma coisa para espantar o frio, me avisem.

Ele fez um gesto com o dedão como se estivesse bebendo de uma garrafa.

Dan viu o rosto de Micah ficar mais vermelho a cada segundo.

– Muitos estudantes trabalharam duro para organizar tudo isso, Cal – ele falou, bem sério. – O mínimo que você pode fazer é ficar sóbrio. Enfim, vai ter um monte de coisas para fazer. Comidas, brincadeiras, um labirinto... O pessoal que estuda Dança e Arte Dramática preparou umas apresentações.

– Os idiotas do Comitê Estudantil me fizeram repintar as placas – Lara lançou um olhar sarcástico para Abby. – Disseram que minhas ideias eram macabras demais. Bando de filisteus.

– Vai ter crianças aqui – respondeu Micah. – Dá para entender o motivo do pedido.

Os olhos de Dan pousaram no sudoku de Jordan, semiescondido sob a bandeja. Ele não estava nem tentando resolver o quebra-cabeça, mas apenas pintando os quadradinhos.

Quando terminaram de comer, eles foram com Micah e Lara para a fila das lixeiras. Cal já tinha ido embora, resmungando alguma coisa sobre dar um gole em alguma coisa para tomar coragem.

– Bom, nós voluntários temos coisas para fazer no parque de diversões – Micah falou quando saíram do refeitório. – Mas vocês podem circular à vontade. É melhor chegar cedo, antes que as filas comecem a ficar grandes.

– Nós vamos, sim – garantiu Dan.

Eles voltaram para o frio, cada um sacando sua combinação de gorros, cachecóis e luvas.

– Até mais tarde – Lara se despediu, se dirigindo principalmente a Abby.

– O pessoal não está para brincadeira mesmo – observou Jordan, apontando com o queixo para o lado de fora do refeitório.

Os caminhos que cortavam o campus estavam ladeados por sacos de papel cor de laranja com velas no fundo, produzindo sombras compridas e bruxuleantes pelo chão. Serpentinhas pretas e roxas decoravam os alojamentos, e havia morcegos de plástico pendurados nos pilares e parapeitos.

Cada prédio tinha seu toque especial para o Dia das Bruxas, menos o Brookline. Dan bateu os pés no chão, tentando se aquecer. Atrás dele, a presença do Brookline era incontornável. Ele precisava dar pelo menos uma olhada por cima do ombro para o manicômio. Isso foi suficiente para fazer suas pernas ficarem bambas.

– Será que é uma boa perguntar para o Micah e a Lara sobre essa coisa dos Scarlets? Se for uma espécie de boato ou lenda urbana daqui, eles devem saber – os três seguiam pela lateral do caminho, na contramão do fluxo de estudantes que se dirigia ao refeitório. – O artigo da Caroline era bem vago...

Dan havia tirado cópias do fichário do outono de 1968, mas provavelmente não leria nada de novo. Caroline Martin devia ter

editado seu artigo depois de escrever a carta – ou então alguém fez isso por ela. Tudo era possível.

Abby enfiou as mãos nos bolsos do casaco e olhou para as luzes bruxuleantes ao longo do caminho.

– Se os Scarlets se deram ao trabalho de vasculhar a correspondência da cidade, com certeza devem encobrir bem seus rastros.

– Precisamos descobrir onde foram parar os arquivos com informações sobre o diretor – falou Dan. Ele estremeceu, pensando no garotinho que o guiou pela biblioteca. – Nem tanto pelo que tem lá, mas para descobrir quem pegou.

*E quem deixou o pássaro morto para trás.*

– Talvez tenha a ver com programador de computador misterioso – sugeriu Jordan. – Se as pesquisas sobre o diretor estão bloqueadas, faz sentido que os arquivos não estejam lá.

– Detesto ter que cortar o barato de vocês – Abby disse baixinho, fungando por causa do frio –, mas a professora Reyes está conduzindo uma atividade sobre o Brookline. Os arquivos podem ter sido retirados para isso. Está quase na época das provas semestrais, o pessoal pode estar em busca de material extra de estudo, ou então a própria professora pode estar fazendo cópias para usar na aula.

– Pois é – respondeu Dan. – Não temos muitas pistas para ir atrás. Quase nada, na verdade. Precisamos continuar investigando o mapa do Felix, caso contrário vamos continuar na estaca zero.

Dan sentiu um frio na espinha ao atravessar o campus na direção dos prédios acadêmicos. O gramado do Pavilhão Wilfurd tinha sido todo transformado em roxo e preto. Mais barracas tinham sido armadas, preenchendo os espaços entre os prédios. Estudantes fantasiados, cheirando a bebida barata, passaram por eles, cambaleando e dando risada. As famílias da cidade se mantinham todas juntas, afastando suas crianças fantasiadas dos universitários barulhentos.

– Uau, o que é isso, uma mistura de filmes do Tim Burton com balas Laffy Taffy e vômito por todos os lados? – murmurou Jordan.

– É tudo bastante... peculiar – falou Abby. – Não pensei que fosse ter tanta gente assim.

– Vamos tentar agir normalmente – sugeriu Dan, o que na verdade era mais difícil do que parecia.

As únicas pessoas não fantasiadas eram os outros candidatos, que caminhavam no meio daquele pesadelo em tecnicolor de boca aberta e queixo caído, maravilhados com as barracas, os malabaristas e até mesmo com os vendedores de algodão-doce.

As brincadeiras e os carrinhos de pipoca ficavam nas extremidades do parque de diversões, que parecia ter o formato aproximado de um círculo. Lara tinha repintado as placas que apontavam o caminho do labirinto, de um *tour* mal-assombrado pelo campus e para o palco dos malabaristas. Dan olhou para o caminho à sua direita e viu um palco baixo e simples onde alguns estudantes de *collant* se equilibravam uns sobre os outros para fazer uma pirâmide.

O som de um megafone cortou o ar, e os três se viraram para ver uma loira grandalhona gritando a plenos pulmões na caçamba de uma picape estacionada. Havia serpentinas vermelhas penduradas na traseira do veículo, e um cartaz branco entre elas com os dizeres “KELLY LANG PARA O SENADO ESTADUAL!”.

– A gente podia ir conhecer o labirinto – sugeriu Abby, tomando a frente. – Não parece ser muito grande, vai ser rapidinho.

– Precisa comprar ingresso ou coisa do tipo? – perguntou Jordan, olhando para uma barraquinha de algodão-doce.

– Parece que aqui tudo é de graça, menos a comida – falou Dan.

Ele reconheceu alguns candidatos ao redor de uma barraca onde tinha sido armado um jogo em que os professores eram derrubados em um tanque de água caso o jogador acertasse o alvo. Para sorte do trêmulo professor, a maioria dos estudantes que tentava derrubá-lo não estava com a pontaria muito boa, o que Dan desconfiava ter a ver com o conteúdo das garrafas plásticas que carregavam.

– Certo, eu topo o labirinto, mas nada de se separar... essas coisas sempre me deixam desorientado – falou Jordan, segurando Dan e Abby pelo braço.

Eles entraram na fila da maior tenda do parque de diversões. Estudantes mascarados – nenhum de caveira, Dan percebeu –

andavam pela fila fazendo barulhos de zumbis não muito convincentes.

– Já é para ficar com medo? – perguntou Dan com uma risadinha.

– Pelo menos lá dentro deve estar mais quente – comentou Abby.

Quando chegou a vez deles, uma menina com uma fantasia bastante realista de mulher barbada liberou seu acesso à tenda, onde, infelizmente, a temperatura estava tão baixa quanto do lado de fora. O labirinto era delimitado por pilhas de feno, e com uma altura suficiente para que nem a pessoa mais alta do mundo pudesse espiar por cima das paredes e trapacear.

– Boa sorte – disse a mulher barbada, fechando a cortina atrás deles.

Estava escuro lá dentro, mais do que Dan esperava. Abby deu alguns passos hesitantes para a frente, arrastando consigo os outros dois.

– Eu já estou desorientado – murmurou Jordan na primeira curva que fizeram.

A única fonte de luz vinha de cima, de algumas lamparinas penduradas nos fardos de feno. Um cheiro de grama molhada se espalhava pelos caminhos estreitos, e havia serragem espalhada pelo chão.

Alguma coisa passou à direita de Dan, roçando em seu ombro antes de desaparecer no fim do corredor. Dan não conseguiu ver muita coisa, mas o pouco que conseguiu enxergar o fez cerrar os dentes.

Um manto vermelho.



- O que foi aquilo? – murmurou Abby.
- Eu vou na frente – falou Dan, desvencilhando-se dos outros dois.
- Não, Dan... não!

A voz de Jordan foi se distanciando à medida que ele corria. Quando saiu do corredor onde estava, deu de cara com uma encruzilhada, e não fazia ideia de onde tinha ido parar a figura de túnica vermelha. Na passagem escura à sua direita ele ouviu um riso grave. Sua pele se arrepiou, mas ele seguiu na direção do som mesmo assim, caminhando na ponta dos pés enquanto fazia curva após curva. Olhando para cima, ele tentou se orientar pelo formato do teto da tenda, mas um tecido escuro estendido como forro estava lá para impedir isso.

- Está perdido?

Com um suspiro de susto, Dan se virou e deu de cara com a mesma máscara de caveira vermelha e preta que estava observando os três de manhã. Ele deu um passo para trás, surpreso com a proximidade entre a máscara e seu rosto. Em um momento de pânico, Dan tentou arrancar a máscara, mas acabou perdendo o equilíbrio quando a figura mascarada lhe deu um empurrão no ombro e o derrubou no chão.

Atordoado, Dan conseguiu se levantar.

Outra figura de túnica vermelha apareceu ao seu lado, e depois mais outra, e mais outras. Eles o cercaram, aos risos, e Dan conseguia até ouvir o farfalhar de suas roupas roçando umas nas outras. Ele se encolheu de lado, todo trêmulo, mas então viu de relance um objeto de borracha branco e azul. Ele conseguiu enxergar o calçado por inteiro pouco antes de levar um chute nas costelas.

Dan fez uma careta. Ele conhecia aqueles sapatos.

- Cal? – murmurou, reunindo forças para se ajoelhar.

Assim que disse isso, as túnicas vermelhas desapareceram, saindo correndo para longe das vistas.

Ele percebeu que alguém o estava segurando pelo braço e olhou para baixo, estranhamente alheio à sensação de estar sendo comprimido por aqueles dedos. Era a mão de Jordan. Dan olhou

para cima, desconcertado, sentindo como se tudo estivesse se movendo em câmera lenta. Quando Jordan o puxou com mais força, Dan caiu para o lado, de volta para o chão. O mundo começou a girar, e de repente a mão de Jordan não o apertava mais.

*O parque de diversões ficou escuro, não apenas em termos de luminosidade, mas de cores também. Tudo parecia pálido. Ele não precisava olhar para cima apenas para ver o homem na perna-de-pau, precisava olhar para cima para ver todo mundo. Os adultos ao redor o faziam se sentir pequeno.*

*Bolos de funil e pipoca. Seu estômago roncou, mas ele só tinha algumas moedas, e sabia onde queria gastá-las.*

*Ele sabia o caminho agora, e ignorou as vozes que o chamavam das entradas escuras entre as barracas e os carrinhos.*

*– Daniel, vamos brincar... Vamos brincar...*

*Em breve seus irmãos não o provocariam mais dessa maneira. Em breve seriam eles que ficariam com medo. Seriam eles que se encolheriam todos e se esconderiam debaixo das cobertas. Ele foi abrindo caminho em meio à multidão, em meio à floresta de pernas de adultos, de calças e saias. A barraca ficava lá no fim do parque, como se fosse uma coisa secreta, vergonhosa.*

*O homem esperava do lado de fora da barraca com sua cartola gasta. Tinha uma barba longa e espessa que fez o queixo do menino coçar só de olhar. Seu cheiro era de avô, uma mistura de couro e tabaco. Quando sorriu, sua expressão não pareceu nada gentil, mas também não era maligna.*

*– Ora, veja só o que temos aqui – falou o homem, se levantando do banquinho de metal. – Você tem ingressos, garoto?*

*– Sim, senhor.*

*– E, o mais importante, tem curiosidade suficiente?*

*– Tenho, sim, senhor.*

*– Então tenho isto para você... – o homem abriu seu velho fraque e sacou uma pedra pendurada em uma longa corrente de prata. A pedra era oblonga e vermelha, e brilhava como uma estrela em chamas. – Siga a estrela com seus olhos, menino, de um lado para o outro. Escute o som da minha voz, o único barulho no mundo...*

Dan sentiu o frio invadir seu corpo. Ele estava no chão, com as pernas estendidas, e a grama úmida molhava sua calça.

Pelo menos os Scarlets não estavam mais lá. Não havia mais ninguém o chutando. Scarlets. *No plural*. Era ainda pior do que ele imaginava.

– Ele acordou.

Dan piscou algumas vezes, olhando para Jordan, que estava inclinado sobre ele. Quando esticou as mãos, Jordan e Abby se ofereceram para ajudá-lo.

– Os Scarlets – murmurou Dan. – Eu acabei de... Eles estavam no labirinto, e os sapatos... Eu vi os sapatos do Cal. Não é só uma pessoa seguindo a gente, eles... É um bando! Eles me *atacaram* – ele esfregou a testa, ainda um pouco tonto. – Mas essa não foi a pior parte. Os pesadelos? Bom, não estão acontecendo apenas quando eu durmo. Esse último veio do nada. Não sei o que provocou isso agora.

– Está acontecendo com frequência? – indagou Abby, segurando-o com força pelo braço.

– Sinceramente, não sei. Estou começando a me perguntar se aquele garotinho não era uma parte disso... de um sonho acordado. Só que, dessa vez, eu estava em um lugar diferente. E não era mais eu mesmo.

– Como assim, você viu os sapatos do Cal? Era ele que estava usando? Ele estava no labirinto? – Jordan o ajudou a se levantar.

Eles estavam bem ao lado da saída. Dan não se lembrava de ter sido carregado para fora.

– Quatro Scarlets... Eles estavam usando manto e máscara, mas as roupas não eram muito compridas. Eu vi aqueles docksides que você tanto detesta.

– Tem certeza? – questionou Abby, que o segurava pelo outro braço. – Mais de uma pessoa pode ter sapatos como aqueles.

– Não, eram os dele mesmo. Eu vi.

– Fica aqui, eu vou buscar uma coisa para você beber – falou Jordan. – Parece que você está precisando.

Jordan abriu caminho entre os estudantes que aguardavam na fila das atrações e das comidas, e seus cabelos escuros e ondulados

desapareceram atrás de uma parede de casacos e gorros. Abby tentou confortá-lo acariciando seu braço.

– Eu estou bem – ele garantiu, sorrindo para ela. – De verdade.

Abby teve um sobressalto, e em seguida sacou o celular do bolso.

– É o Jordan. Ele não trouxe dinheiro. Você vai ficar bem? Só vou até a fila dar uns trocados para ele.

– Pode ir – falou Dan. – Eu já estou bem.

O sorrisinho que ela abriu não pareceu muito convincente, e seus lábios logo se voltaram para baixo. Ele ficou parado em seu lugar cada vez menos vazio, pois mais e mais estudantes, professores e habitantes da cidade iam chegando ao parque de diversões. À sua direita havia uma fileira de barracas de comida, todas elas do pessoal de Camford, com placas anunciando que seus ganhos seriam revertidos em doações para o seminário sobre saúde mental que a professora Reyes mencionou. Ele tentou localizar Abby e Jordan na fila da cidra e do chocolate quente, mas não conseguiu encontrá-los. No entanto, viu uma estranha barraca atrás das demais. Estava isolada sob a sombra de uma árvore enorme e desfolhada.

Dan não ia mais a lugar nenhum sem as fotos que juntou, e remexeu no bolso à procura delas, em especial a da barraca com a gaiola que encontrou no gramado de Lucy.

É a mesma barraca.

*Bobagem*, ele pensou. Porém, aquela barraca parecia mesmo um tanto deslocada ali. Uma anomalia. Seus pés o conduziram automaticamente por entre as filas de frequentadores, para além dos vendedores de alimentos. Ele se esgueirou pela fila do cachorro-quente e da pipoca, e mergulhou em um bolsão de silêncio.

Uma sombra surgiu à sua esquerda, passando mais perto do que Dan gostaria. Ele se encolheu e, ao olhar para o lado, viu um rosto pintado de branco o encarando. Um palhaço. Sua maquiagem estava amarelada e desbotada perto dos olhos, e a pintura em sua boca produzia a impressão de um sorriso macabro e ensanguentado.

– Ei – murmurou Dan quando o palhaço esbarrou nele.

– Está indo ver aquele hipnólogo bizarro, garoto? – grasnou o palhaço.

Ele cheirava a cigarro. Antes que Dan pudesse responder, uma luva branca encardida bateu em seu peito, deixando para ele uma fileira de ingressos enrolados. Dan os pegou sem pensar, sentindo que não tinha outra escolha.

– Seis por dez centavos, um preço imbatível – o palhaço jogou a cabeça para trás e caiu na risada, quase derrubando a peruca cor de laranja. – Isso se você gostar desse tipo de coisa. Já eu não quero saber de ninguém bagunçando meu crânio.

O palhaço deu um tapinha na própria cabeça e saiu do caminho de Dan, tossindo na luva encardida.

Dan abriu a mão em que estavam os ingressos, desenrolando-os enquanto caminhava na grama úmida como se estivesse deixando para trás uma trilha de farelos. Os ingressos antiquados pareciam ter ficado nas mãos suadas do palhaço durante anos. O papel estava rachado nas extremidades, e estampava em letras garrafais: “DR. MAUDIRE, O MAGNÍFICO – HIPNÓLOGO EXTRAORDINÁRIO”. A lista de qualificações e feitos do doutor estava no verso. Pelo jeito ele era capaz de curar insônia, fobias e até apetites carnis desmedidos.

Nada disso interessava muito a Dan. O que o atraiu até lá foi a placa ao lado da barraca, junto com a gaiola e *tudo* o mais que viu na foto. Ele olhou para a imagem que trazia consigo e franziu a testa. Era tudo idêntico, a não ser a gaiola do lado de fora, que estava vazia. Devia ser algum tipo de brincadeira.

*Ou alguém quer você aqui.*

Eles já sabiam que o mascarado não havia derrubado a foto por acidente. E Dan estava disposto a entrar naquela barraca de qualquer maneira. Havia um magnetismo inexplicável o chamando para lá, o mesmo impulso que o levou até o porão do Brookline no verão, onde ficavam a sala de operações e os quartos dos pacientes...

Dan enfiou a foto de novo no bolso da calça e respirou fundo. O vento abriu a barraca do hipnólogo. Dois olhos escuros se espicharam lá para fora e desapareceram em seguida. Havia alguém à sua espera.

*Seis por dez centavos, um preço imbatível.*

Por cima do ombro, Dan olhou para o parque de diversões, que parecia estar a quilômetros de distância. Depois se virou e entrou com seus ingressos na mão.



CAPÍTULO

17



O interior da barraca cheirava a fumaça e especiarias. Havia outra gaiola em um canto, também vazia. Pedacos de tecido pendurados ocupavam o centro da tenda, presos a postes e cordas para formar corredores estreitos e esconderijos. As velas espalhavam sua cera arroxeadada enquanto queimavam em candelabros que chegavam à altura da cintura de Dan.

– Hã, oi?

Dan espiou atrás de algumas das paredes de tecido, afastando-as com as mãos. Ele moveu uma cortina de tecido preto e grosso e deu um pulo para trás ao dar de cara com um homem idoso com um pássaro no ombro. A ave era vermelha e branca, e tinha apenas um olho.

*Eu conheço esse bicho, como ele ainda está vivo?*

– Imaginei que você apareceria aqui – falou o homem, ajustando sua cartola velha e mal ajambrada.

Ele sorriu e mostrou dentes que de tão desgastados pareciam quase translúcidos e quase soltos das gengivas. O cheiro de especiarias era sufocante, e o nariz de Dan coçava furiosamente. Ele deu um passo atrás e ergueu seus ingressos para o homem, quase em um gesto de defesa.

– O que você quer que eu faça com isso? – o homem deu risada, e o pássaro o imitou. – Não posso refazer o que já foi feito, filho.

– Não entendi – respondeu Dan, dando mais um passo atrás. – Como você sabia que eu ia vir aqui?

Os olhos do hipnólogo brilharam sob a luz das velas. Ele deu risada.

– Você não é tão esperto, filho, mas a semelhança é clara. É só observar bem.

Ele estreitou os olhos, medindo Dan de cima a baixo e ajeitando as lapelas do fraque.

– Você está falando de Daniel Crawford – não adiantava tentar se resguardar. Se o velho estava desconfiado, talvez se fosse direto ao

assunto ele conseguisse encorajá-lo a fazer o mesmo. – Mas isso é impossível. Você não pode ter falado com Daniel Crawford e agora estar aqui comigo. Não envelheceu nada desde o sonho...

O hipnólogo arreganhou as gengivas em um sorriso ainda mais escancarado antes de tirar do bolso uma velha charuteira e uma caixa de fósforos. Ele prendeu um charuto entre os lábios e estalou os dedos, fazendo um palito se acender.

– Você costuma olhar para o céu? Para as nuvens?

– Claro – respondeu Dan.

– Você pode ver uma nuvem passando e pensar: “Ora, é a imagem perfeita de um coelho”. Eu posso olhar para essa nuvem e ver um morcego ou um urso. Outros podem olhar para a mesma nuvem e não ver nada.

Maudire, caso aquele fosse mesmo ele, soltou uma lufada de fumaça e pôs o pássaro de volta na gaiola. A ave saltou de seu ombro, gritando “Turco, turco!”.

– Você olha para esta barraca velha no meio das sombras e vê o velho Maudire. Isso o torna muito especial, certo? Rá! Isso o torna uma pessoa única.

Dan afastou a fumaça com a mão e franziu a testa.

– Então está me dizendo que isso é alucinação? Mas estou vendo você. Sentindo seu cheiro...

– Se você diz que está vendo, então está vendo, filho – respondeu o hipnólogo, encolhendo os ombros. – Quem sou eu para julgar? – ele pegou a fileira de ingressos que Dan entregou. Ele não se lembrava de quando exatamente tinha feito isso. – Você pagou um bom dinheiro, então precisa ganhar alguma coisa em troca. Mas não posso refazer o que já foi feito, por isso você vai ganhar algo novo em folha – ele sorriu com o charuto na boca e olhou para o pássaro.

– Você não pode refazer o que já foi feito, mas pode desfazer. Não é fácil, mas você pode desfazer.

– Desfazer o quê? – Dan ouviu sua voz se exaltar. – Do que você está falando?

– Tudo vai fazer sentido quando chegar a hora... Toda fechadura tem sua chave, não? E toda prisão também. Você está preso dentro da sua cabecinha, mas existe uma forma de escapar. Algumas

peessoas chamam isso de chave, outras de senha, outras de salvo-conduto. O nome não faz diferença, o importante é que você *encontre*.

– Você foi assim com Daniel Crawford também? – murmurou Dan, incapaz de levar aquelas palavras a sério. – Ficou só enrolando quando ele veio falar com você?

– Não, com certeza não – respondeu Maudire, bem sério. Ele jogou o charuto no chão e apagou com a sola da bota. Em seguida se sentou em um banquinho alto, apoiou as mãos nos joelhos e soltou um suspiro longo e profundo. – Não, eu fui bem direto e certo com aquele pestinha. Como uma flecha. O maior erro da minha vida.

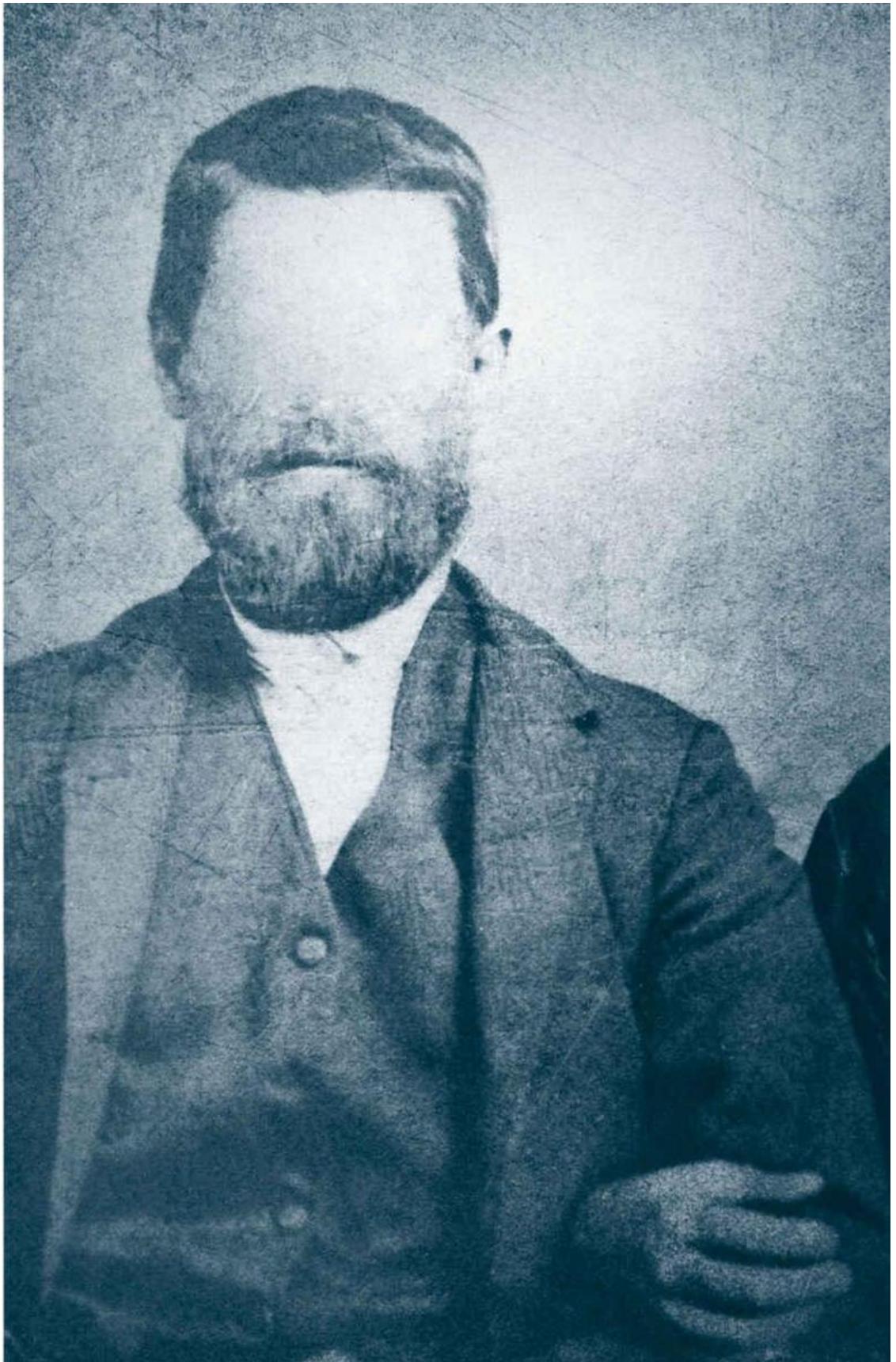
Seu olhar distante e atormentado se ergueu do chão para Dan, e por um segundo ele teve certeza de que os olhos do hipnólogo estavam se enchendo de sangue.

– Isso é tudo que sua moeda pode comprar, filho – disse o hipnólogo. – O melhor dinheiro que você já gastou.

– Eu não paguei pelos ingressos – respondeu Dan, caminhando para trás e saindo lentamente da barraca.

O hipnólogo deu uma risadinha, mostrando seus dentes amarelados outra vez.

– Ah, pagou, sim. Você pagou, não? Você sabe que sim.







CAPÍTULO

18



Dan cambaleou para fora da barraca de volta para o frio, ainda com o cheiro de fumaça e especiarias nas narinas.

*Merda, Abby e Jordan devem estar preocupados.*

Ele passou correndo pelos carrinhos de comida, e encontrou o parque de diversões ainda mais lotado do que antes. Em meio à multidão de pessoas indo e vindo, ele localizou seus amigos em uma pequena clareira perto do carrinho de pipoca.

– Ei! – ele gritou, correndo na direção deles. – Desculpa... Eu, hã, vi uma barraca e quis saber o que era. Não queria sumir desse jeito – o palhaço que lhe deu os ingressos passou ali por perto, sorrindo para eles. – Minha nossa, eles podiam ter feito outro tipo de maquiagem nesses caras... Isso está um horror.

– Dan, você precisa parar de sumir desse jeito, a gente estava morrendo de preocupação – falou Abby, sacudindo a cabeça. – Eu mandei cinco mensagens para você!

Ele não tinha pensado em verificar o celular, nem sentido o aparelho vibrar em seu bolso. Quando viu as cinco mensagens não lidas, enfiou de volta o celular no casaco.

– É sério, eu não queria deixar ninguém preocupado. É que tem uma barraca, aquela ali, igualzinha à da foto.

Abby ia entregar para ele uma garrafa de água, mas interrompeu o gesto quando ele sacou a foto do bolso e a ergueu para que seus amigos vissem por si mesmos.

– Dan... – Jordan limpou a garganta, impaciente. – Aquilo é uma árvore.

Dan piscou algumas vezes, olhando outra vez para a foto e para a barraca. A... barraca? A árvore. Jordan tinha razão. Não havia nada lá, apenas o espaço vazio no gramado onde *deveria* estar a barraca de Maudire.

– Não é possível – insistiu Dan. – Eu estava lá. Estava dentro da barraca. Conversei com o hipnólogo, o dr. Maudire! Juro para vocês

que não é invenção minha. Ele me falou sobre uma senha, ou salvo-conduto, sei lá. Não entendi quase nada.

– Beba um pouco, Dan – falou Abby, entregando a água para ele. – Você está desorientado, pode estar desidratado.

– Ele disse mesmo que estava tendo alucinações – lembrou Jordan. – Parece que está piorando.

– Eu não disse alucinações... – mas a inexistência da barraca de Maudire era bem evidente. Nem todas as negações do mundo seriam capazes de mudar o fato de que a verdade estava diante de seus olhos. – Eu nunca ia inventar uma coisa dessas.

– Eu sei que não – respondeu Abby, bem séria. – Acredito em você, Dan, mas isso só torna tudo ainda mais assustador.

– Sem querer interromper – Jordan disse baixinho, cutucando os dois com o cotovelo –, mas estamos sendo observados. É melhor a gente fingir que está se divertindo antes que seu amigo Micah tenha um ataque.

Dan seguiu o olhar de Jordan e viu Micah no meio da multidão, acenando para eles.

– Não vamos perder muito tempo falando com ele. Precisamos sair de fininho e verificar os endereços que faltam.

– Se você não estiver bem...

– Eu estou, sim, Abby, juro. E quero perguntar para ele por onde anda o Cal – acrescentou Dan. – Por enquanto vamos fingir que não sabemos de nada. Quero ver a reação dele.

Abby foi abrindo caminho até a mesa dos voluntários, onde os estudantes distribuíam mapas do parque de diversões e esclareciam as dúvidas dos frequentadores. Muitos deles estavam servindo como guias do *tour* mal-assombrado pelo campus e arredores. Micah fez um sinal para que fossem até seu lado da mesa, um pequeno posto de comando montado não muito longe dos carrinhos de comida. Cal se esgueirava pela massa de gente na direção deles, não mais de túnica e máscara, mas isso não fazia muita diferença. Lara estava com ele, e traziam copos de cidra.

Dan demorou um tempo para conseguir abrir um sorriso fingido. Ele evitou encarar Cal, ficou olhando apenas para os sapatos que tinha visto momentos antes.

– Valeu – falou Abby, abrindo um sorriso radiante para Lara. – Está um frio de rachar.

– A última coisa que a gente precisa é de um candidato morrendo de gangrena por causa do frio – resmungou Cal.

Dan torceu para que sua raiva não ficasse muito evidente em seu rosto.

– Cal está rabugento porque eu pedi para ele vir junto comigo – explicou Lara.

Ela estava usando uma camiseta laranja de voluntário por cima de uma camisa xadrez de manga comprida. Seus cabelos pretos estavam escondidos pelo gorro de lã cor-de-rosa com orelhas de gatinha que usava na cabeça.

– E esse *tour* mal-assombrado, como é? – quis saber Abby, puxando assunto com Lara.

Cal se virou para falar com uns candidatos que também estavam esperando pelo *tour*, e bateu em Jordan com a mochila enorme e lotada que carregava nas costas. Estava tão cheia que o zíper parecia prestes a estourar. Dan deu um gole em sua cidra. Estava aguada, e deixou um gosto estranho em sua boca.

– Ah, é bem legal, na verdade...

Mas Dan não estava mais ouvindo.

– Vamos brincar, você não quer vir brincar, Daniel, Daniel...

Ele deu uma volta inteira em torno de si, bem devagar, mas não conseguiu localizar de onde vinha a voz. Era o sussurro suave da menina outra vez.

– Daniel... Daniel...

Agora estava vindo de outra direção. Ele se virou de novo, só que rápido demais, e acabou esbarrando em Abby. O copo de cidra saiu voando da mão dela e caiu em cima da mochila de Cal.

– Ai, desculpa! – ela gritou, correndo até ele.

Lara foi até a mesa dos voluntários e voltou com alguns guardanapos. Cal já estava ajoelhado ao lado da mochila, mas não parecia disposto a limpar a cidra com suas luvas de couro caríssimas.

– Pode deixar – disse Abby, pegando os guardanapos e começando a limpar a mochila. – Foi um acidente.

Ela bateu a mão no zíper estufado, e a mochila enfim cedeu e se abriu. A ponta de um fichário apareceu lá dentro. Dan conseguiu ver apenas o número 19 na lombada pouco antes de os papéis começarem a se espalhar por toda parte, caindo do fichário para o chão como folhas de árvore secas. Abby soltou um grito de surpresa e começou a recolher os papéis, que estavam começando a ser espalhados pelo vento. Ela e Cal pegaram todos de volta. Dan viu a expressão de vergonha no rosto dela ao devolvê-los para ele.

– Desculpe, foi sem querer.

Cal apanhou a mochila de volta com um gesto protetor, escondendo-a entre os braços.

– Tudo bem – ele murmurou. – Deixa que eu limpo.

Quando Cal se afastou, carregando a mochila molhada no colo como um bebê, Dan puxou os dois amigos de lado.

– Vocês viram, né? Aquele fichário... Era um dos que estavam faltando. Estão com *e/e*.

– E ele ainda fez aquilo com você no labirinto? – Jordan soltou uma risada sinistra. – O que vocês acham que ele está tramando?

– Se ele estiver possuído como Felix, pode estar fazendo isso para alguém, sem nenhum motivo pessoal – comentou Abby, aflita.

– Seja como for, todos os indícios parecem apontar para ele – afirmou Dan. – Precisamos ver o que tem dentro daqueles fichários.

– Isso pode ser mais fácil do que você imagina – ela falou com um sorriso malicioso antes de abrir o casaco e mostrar no mínimo uma dúzia de folhas guardadas lá dentro.

– Estou gostando dessa sua tendência cleptomaníaca – comentou Jordan, aos risos.

– Vocês acham mesmo que eu fiz tudo aquilo por acidente? – acrescentou ela. – Esperava ver um manto dentro da mochila, mas não rolou.

– Ei! Vocês querem ir com a gente no próximo grupo? Tem vaga sobrando! – era Lara, que tinha voltado com outro copo de cidra para Abby. – Que tal?

– Perfeito! – Abby deu um passo à frente e em seguida se virou para eles. Ela entregou os papéis roubados para Jordan. – Vamos

ficar sempre uns passos atrás do grupo – ela murmurou. – Assim que surgir uma brecha, a gente se manda.



CAPÍTULO

19



— **A**lguém mais está achando estranho *não* terem falado do Brookline? Tipo nada? – questionou Jordan.

A guia do passeio, seguindo o caminho iluminado pelas lamparinas, fez o grupo parar diante de uma casa a uma quadra da capela. Todo mundo, inclusive Dan, aproveitou para dar um gole de cidra e se esquentar.

– O passeio acabou de começar – argumentou Abby, sussurrando.  
– Dá um tempo.

– Mesmo assim...

– Eles não podem falar nada de negativo sobre a faculdade – lembrou Dan. – Se começarem a falar do Brookline, o pessoal vai procurar no Google e um monte de coisas vai vir à tona. Aposto que esse assunto é tabu por aqui.

– Fiquem na minha frente – pediu Jordan. Ele estava com os papéis roubados por Abby em uma das mãos e o celular na outra, servindo como lanterna. – Quero verificar o que é tão importante assim para não poder ficar na biblioteca. Por favor, me acordem se por acaso esse tal *tour* ficar interessante.

Dan e Abby o esconderam do restante do grupo. Micah e Lara estavam ao lado da guia do passeio, mas cochichando o tempo inteiro, aparentemente brigando, a julgar pela expressão em seus rostos.

– Essa casa era de um antigo reitor da faculdade – explicou a guia. Era baixinha e atarracada, com pinta de atleta e cabelos loiros compridos e encaracolados. Atrás dela, uma casa antiga em estilo vitoriano praticamente reluzia por causa de todas as velas acesas lá dentro. – O reitor Amos Van der Holt. Ele era adorado pelos estudantes, mas morreu bem jovem, em circunstâncias misteriosas. Dizem que ainda dá para ver a silhueta dele nas janelas todo 22 de novembro, o dia em que ele morreu. O vulto está sempre com um cachimbo na boca, assim como era costume do reitor Van der Holt.

Abby deu uma risadinha. Em comparação com as coisas que vinha vendo naqueles meses, um fantasma de cachimbo seria uma visão quase divertida.

O grupo foi seguindo pela quadra, virou à direita, caminhou mais um quarteirão e depois virou à direita de novo. As casas por ali estavam começando a parecer familiares. De tempos em tempos, os tênis de Jordan esbarravam nos de Dan enquanto ele caminhava e examinava os papéis ao mesmo tempo.

– Pessoal, estamos na rua Ellis – anunciou Dan. – A casa de ontem à noite é logo ali.

– Certo, agora estou assustado – murmurou Jordan, baixando os papéis. – Muito bem, *tour* mal-assombrado, você tem minha atenção. E se eles pararem naquela casa?

– Aí a gente escuta o que ela vai falar – respondeu Abby, erguendo a cidra na altura do queixo. Dan sentiu o cheiro de canela subir junto com a fumaça sobre o rosto dela. – E depois arrumar uma brecha para ir ver as outras casas. O tempo está passando.

E, como previsto, o grupo parou bem na frente da entrada para carro asfaltada da casa.

A guia do passeio apontou com o polegar para a casa e deu uma olhada nos papéis que levava na outra mão.

– Essa casa está vazia faz uns vinte anos, mas pertencia aos Cartwright e seu filho Harry, que foi o responsável pela correspondência de Camford durante seis anos, até 1971, quando foi forçado a se demitir. Ele foi considerado suspeito pelo desaparecimento de várias mulheres da cidade...

Dan apertou seu copo de cidra um pouco forte demais, e o isopor rachou. Ele conhecia aquele nome de seus sonhos – tinha até conversado com Harry Cartwright. *Não, foi o diretor quem falou com Harry Cartwright, não eu.*

– Encontramos a carta da Caroline naquela casa, e ela mencionou explicitamente um homem chamado Harry – murmurou Abby. A palidez em seu rosto era visível, apesar da pouca iluminação no local. – Vocês acham que ela pode ser uma das mulheres desaparecidas?

– Eu acho – respondeu Jordan. – Se a sociedade secreta ficou sabendo do artigo e das cartas que ela andava escrevendo, ia querer que ela sumisse. Escutem só... – ele segurou discretamente os papéis tirados da mochila de Cal na altura da cintura, iluminando a primeira página com a tela do celular. Ele apontou para uma fotografia desbotada e quase indecifrável de uma casa de fazenda. – O jornal da faculdade publicou matérias sobre essas pessoas desaparecidas.

– Então, vendo pelo lado bom, esses papéis podiam estar na mochila do Cal porque ele ia precisar desse material para o *tour* – argumentou Abby. – Tipo, ele foi um dos organizadores do evento.

– Eu não acredito nisso, não – murmurou Dan.

Vários candidatos chegaram mais perto da guia do passeio para ouvi-la melhor.

– E encontraram essas mulheres? – perguntou um deles.

A guia até tentou encarar questionamentos com um sorriso, mas sua tensão era visível. Micah e Lara estavam ocupados demais discutindo para ajudá-la.

– Vamos – falou Abby, se afastando do grupo. – É a nossa chance... Enquanto eles estão ocupados.

Com os olhos voltados para a guia do passeio e a casa dos Cartwright, Dan foi seguindo de perto os passos de Abby. Eles continuaram se afastando até se separarem do grupo, e Abby foi correndo para trás de uns arbustos no jardim do vizinho. Dan soltou um suspiro de alívio, com a certeza de que tinham conseguido escapar de fininho.

– Fugindo de novo?

– Merda – murmurou Jordan, fazendo uma careta ao ver Micah do outro lado dos arbustos e enfiando os papéis dentro da jaqueta. – Como a gente faz para se livrar dele?

– Não tem jeito – respondeu Dan, e se virou para Micah. – E aí? O que está rolando?

– Nada de interessante. Acho que a Lara não gostou do jeito como eu estava olhando para Melissa, a guia do passeio, então rolou, hã, um desentendimento. Achei melhor a gente se afastar e tomar um ar, sabe?

– Então você e a Lara... são um casal? – indagou Dan.

– Nós fomos, no primeiro ano de faculdade. Mas ela faz o tipo ciumento, se é que você me entende.

Jordan puxou a manga de Dan, tentando dar a deixa para ele inventar uma desculpa qualquer para Micah e sair logo dali. Dan, porém, estava com a impressão de que não ia conseguir se desvencilhar de Micah tão facilmente. Eles tinham levantado suspeitas várias vezes, e agora precisavam lidar com isso.

– A gente encontrou umas notícias bem assustadoras sobre a cidade hoje na biblioteca – improvisou Dan. – Como a guia do passeio estava totalmente perdida, sem ofensas, a gente resolveu ir atrás de umas casas assombradas *de verdade*.

Abby lançou um olhar incrédulo para Dan. Ela claramente não concordava com o que ele estava fazendo.

– Acho que é a época certa para isso... Que casa você tem em mente?

– Tem uma não muito longe daqui – respondeu Dan, tirando o celular do casaco e abrindo o GPS. – Eu vou pegar o endereço.

– E como você sabe qual casa é mal-assombrada? – questionou Micah.

– A gente... tinha uma notícia sobre mulheres desaparecidas nos anos sessenta, e uma delas morava aqui perto – dessa vez era Abby quem estava improvisando. Sua voz saiu meio trêmula, mas Micah assentiu com a cabeça, aparentemente acreditando. – Assustador, não?

– A casa pode não estar vazia – respondeu Micah. – Mas podemos ir dar uma olhada. Só que nada de gritar, certo? Se a Lara perceber que a gente saiu de fininho, ela acaba comigo.

– Aqui – apontou Dan, mostrando o mapa para ele. – Estamos tentando chegar aqui. Você conhece essa rua?

– A Virgil? Sim. A Casa das Artes fica nessa rua – Micah coçou o queixo, olhando para o mapa. – Eu já fui a algumas festas por lá. Podemos cortar pelo beco na Butler, para economizar alguns minutos de caminhada.

– Ótimo! – falou Dan, com um entusiasmo fingido. – Vamos lá.

O vento ficou mais forte quando eles saíram da rua Ellis e entraram em uma ruazinha estreita ladeada de casas.

Uma árvore havia conseguido espaço para crescer bem no meio do beco, com seus galhos quase roçando as fachadas das casas. Dan olhou para trás para ver se ninguém do grupo havia percebido sua escapada, e imediatamente se arrependeu. O garotinho pálido de blusa listrada estava de olho neles e, apesar de não ter espiado por muito tempo, Dan podia jurar que estava sorrindo.

O beco terminava em uma calçada em péssimo estado de conservação. As árvores eram maiores e mais numerosas nessa rua, bloqueando a luz fraca do poste. Micah virou à esquerda, atravessando com passos firmes um cruzamento vazio. A maioria das crianças que saíram para pedir doces já tinha voltado para casa, e os últimos grupos que restavam não pareciam muito interessados neles, ocupados que estavam com os sacos cheios de guloseimas e os pais resmungões. Havia algumas abóboras ainda nas varandas, com velas acesas dentro.

– Estamos quase lá – disse Micah enquanto atravessavam a rua. Ele subiu a gola do casaco para se proteger do frio. – Ainda estão a fim de fazer isso?

– A ideia foi minha, lembra? – Dan apertou o passo e se colocou ao lado dele. Ele viu uma casa verde do outro lado da rua, com uma escultura de cobre enorme no jardim da frente. – Aquela é a Casa das Artes?

– Como você adivinhou? – Micah deu uma risadinha. – Parece que não tem nenhum carro na garagem. Vamos atravessar aqui.

Dan esperou alguns segundos antes de atravessar, para falar com Abby e Jordan. Ele não ficou surpreso com a expressão emburrada de Abby.

– E então, o que você vai fazer se a gente encontrar alguma coisa? – ela sussurrou, sem tirar os olhos de Micah.

– Sei lá – admitiu Dan. Infelizmente, era verdade. – Eu nem pensei nisso.

– A gente não sabe nem se Micah não é um deles! Ele podia estar junto com Cal no labirinto!

– Não, ele não. Acho que a gente pode confiar nele. Foi ele quem avisou sobre o Cal, lembram? – além disso, Micah tinha limpado a barra de Dan na festa, fazendo aquele elogio para Abby. Ele não era um riquinho como Cal, nem do tipo que se deixaria enredar por uma sociedade secreta. – Às vezes é preciso mudar de planos. É isso que estamos fazendo.

– E eu estou deixando bem claro que isso não é uma boa ideia – rebateu Abby.

– Anotado...

– Além disso, acho que você está sendo ingênuo por acreditar em alguém desta faculdade.

– Ele já tinha visto a gente – resmungou Dan. – É só não deixar que ele perceba o que estamos procurando.

– Vocês vêm ou não vêm?

Micah fez um gesto para eles na calçada. Logo atrás, havia um sobrado caindo aos pedaços à espera deles nas sombras. Escura e úmida, a casa parecia estar inteira mofada, até o telhado, que estava todo empenado. Os números ao lado da porta da frente estavam tortos. Um deles estava inclusive de cabeça para baixo, preso por apenas um dos parafusos.

– Parece mal-assombrada *mesmo* – comentou Jordan, fazendo uma careta. – Nós vamos mesmo entrar aí?

– Sim – respondeu Dan.

– Não dá mais para voltar atrás?

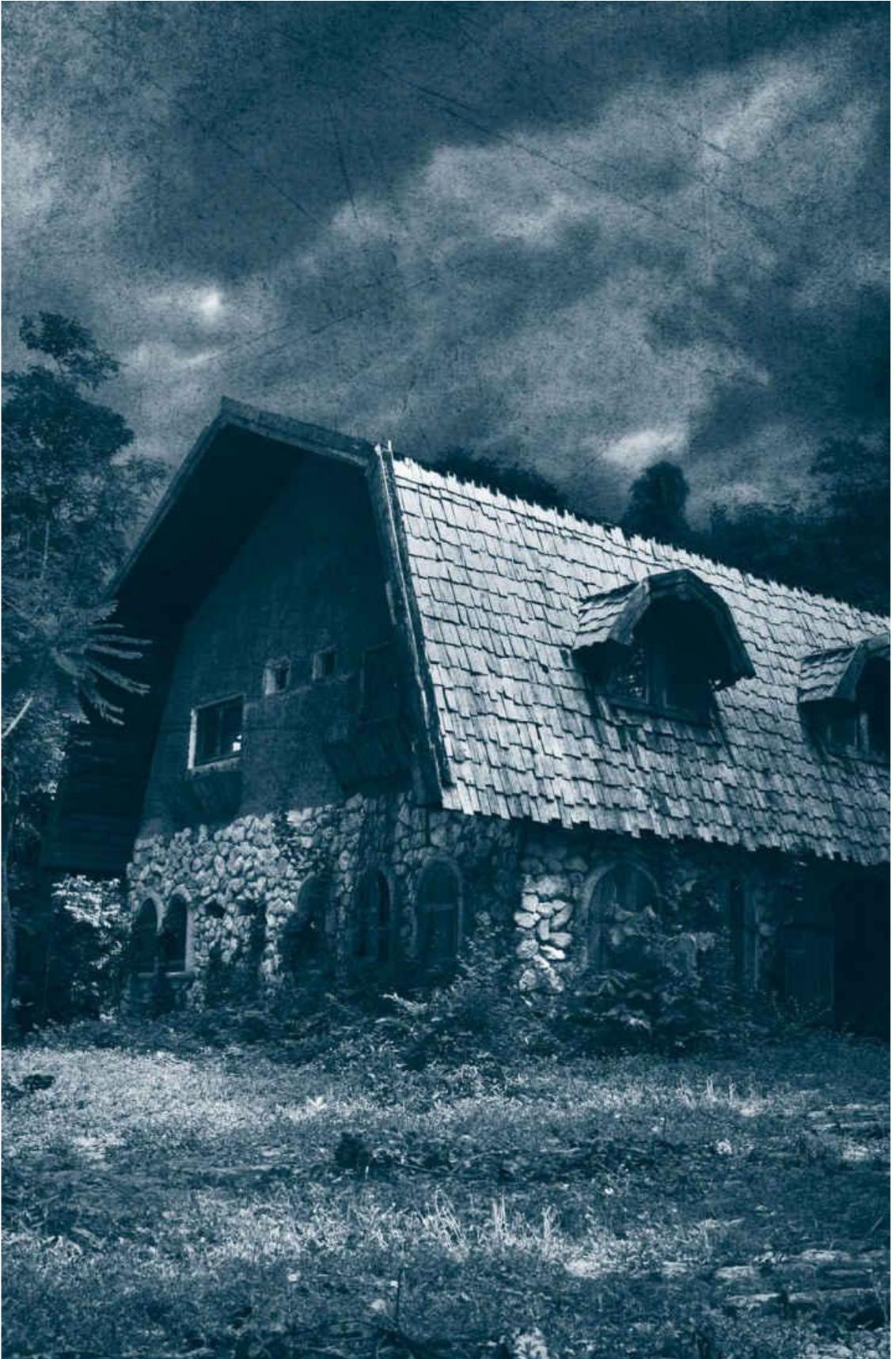
– Não mesmo.

– E agora? – questionou Micah, se virando para eles. – Vocês trouxeram um tabuleiro de ouija ou coisa do tipo?

É *o momento da verdade*, pensou Dan, e em mais de um sentido. Ele respirou fundo, tentando organizar seus pensamentos. Se Micah se recusasse a colaborar – se voltasse para o campus e contasse que eles estavam invadindo propriedades, ou pior, se chamasse a polícia – a viagem dos três teria um fim abrupto e nada feliz.

– Agora a gente entra e dá uma olhada lá dentro.

Micah estreitou os olhos, e por um minuto Dan teve a certeza de que eles estavam ferrados. Ele alisou o cavanhaque no queixo, olhou para Jordan e depois para Abby.



– Como falei para você... Já me meti em encrenca uma vez, e não quero que aconteça de novo, Dan.

– Mas parece que ninguém entra aí há anos – ele rebateu. – Não tem nenhum carro na garagem. Nenhuma luz acesa. O lugar está caindo aos pedaços. A gente só quer dar uma olhada lá dentro.

– Ah, sim, e se alguém perceber que estamos lá dentro e chamar a polícia, no mínimo eu perco meu emprego na faculdade – Micah franziu a testa, virando-se para a casa. – Por outro lado, acho que não trouxe vocês aqui só para admirar a vista, né?

– É esse o espírito – falou Jordan, sarcástico. – E será que agora podemos sair do meio da rua? Não estamos sendo muito sutis aqui.

Jordan não esperou por uma resposta. Ele foi andando pela entrada para carros, mantendo-se na beirada do gramado alto. O quarteirão como um todo parecia menos bem conservado que o anterior, com poucas casas decoradas para o Dia das Bruxas e muitos sobrados em estilo vitoriano sem nenhuma luz acesa. Nada ali parecia muito acolhedor. Mesmo com a cidra aquecendo seu organismo e o cheiro reconfortante das folhas queimadas no ar, Dan não conseguia afastar a sensação de que a atmosfera tóxica daquela casa tinha apodrecido muito mais do que apenas as tábuas da fachada.

Eles chegaram à garagem e ao portãozinho com cerca que dava acesso à casa. O mecanismo de fechamento era um trinco simples, que podia ser aberto facilmente, pois tinha como objetivo ser um obstáculo apenas para crianças pequenas e cachorros. Jordan puxou o trinco, e o portão se abriu com um rangido agudo.

– A porta de correr não parece ser das mais seguras – murmurou ele, segurando o portão para os outros entrarem. – Vou tentar abrir... caso contrário vamos ter que usar uma janela.

Micah hesitou a passar pelo portão, olhando para Jordan com um sorrisinho no rosto.

– Vocês costumam fazer isso sempre?

– Meus pais não me deixam sair de casa sem permissão – respondeu Jordan secamente. – Tive que aprender a burlar as regras.

– Ei, cara – Micah disse com uma risadinha que Dan não conseguiu identificar se era de divertimento ou de alguém na defensiva. – Pode burlar à vontade. Eu só não sabia que você era um seguidor do Houdini.

– Não precisa ser nenhum Houdini para fazer isso – com um simples puxão na maçaneta, a porta de correr se abriu. Com um sorriso, Jordan fez um gesto para que eles entrassem. – Abracadabra?

– Vamos falar baixo – Abby pediu. – Os vizinhos ainda podem estar acordados.

Dan foi o primeiro a entrar, aliviado por constatar que suas suspeitas estavam corretas: não havia ninguém na casa, que parecia estar vazia fazia um bom tempo. Mais ou menos uns trinta anos, a julgar pelo carpete marrom e a mobília antiga. Jordan fechou a porta atrás deles, e os quatro se viram em uma sala de jantar com uma cozinha americana.

– Todas as fotos foram tiradas – comentou Abby, indo até uma mesinha baixa. Ela pegou um porta-retratos vazio e empoeirado. – E vejam só... – ela largou o porta-retratos e passou para a sala de estar logo adiante. – Está tudo encaixotado. Parecem caixas de mudança.

Dan foi atrás dela. A poeira subia pelo ar. Lençóis brancos haviam sido estendidos sobre os sofás e as poltronas. Mesmo sem os sinais de abandono, Dan era capaz de *sentir* a solidão daquele lugar. Casas deveriam ser confortáveis e aconchegantes. Mas aquela...

– Que lugar frio – ele murmurou, vendo o ar se condensar em vapor ao sair de sua boca. – Está um gelo aqui dentro.

– Vou dar uma olhada nos quartos – falou Jordan, se afastando e desaparecendo em um corredor escuro.

Dan viu apenas o brilho da tela do celular dele iluminando o caminho.

– Vou olhar lá em cima – falou Dan, ansioso para fazer uma vistoria rápida no local e ir embora.

Ele não sabia se podia confiar em seus instintos, mas, caso pudesse, era aconselhável dar o fora dali o quanto antes.

– O que estamos procurando? – ele ouviu Micah perguntar enquanto se dirigia até a escada.

– Fotos, álbuns de recortes – Abby falou. Sua voz ia ficando mais distante à medida que Dan avançava. – Sabe como é, coisas assustadoras para guardar de lembrança desta noite.

As vozes dos dois desapareceram por completo, substituídas pelo som de sua respiração e o som de seus passos nos degraus. Dava para ver que os anos de uso tinham deixado a madeira da escada bem gasta. Lá no alto, o corredor era apertado, e o teto era baixo. Havia um banheiro imediatamente à sua frente, vazio, a não ser por uma banheira com pés enferrujados com forma de garra. Ele ligou o celular e usou o brilho da tela para iluminar os azulejos brancos e azuis e o revestimento de porcelana que adornava torneiras e maçanetas. Dan seguiu pelo corredor. À sua esquerda, viu uma abertura que dava acesso a um quarto, ou o que restava de um – uma cama velha e um colchão em estado de decomposição. Assim como no andar de baixo, havia algumas molduras penduradas nas paredes em ângulos bizarros, mas sem nenhuma fotografia.



Dan voltou para o corredor, virando à esquerda para ver o último cômodo. O chão rangeu sob seu peso. A última porta era pequena, mal dava para um adulto passar. Ele teve que se agachar para entrar. A luz fraca da tela saltitou como um inseto pelo quarto, revelando dois beliches velhos e uma mesinha de criança pintada com desenhos de caminhões de bombeiros e bolas de beisebol. Dan permanecia imóvel no centro do quarto improvisado no sótão. O telhado era inclinado naquele ponto da casa, como em um celeiro. Os baús, as camas e as tranqueiras deixadas ali tornavam o ambiente claustrofóbico.

Ele foi até a janela empoeirada entre os dois beliches e olhou para a casa ao lado. As construções ali eram tão próximas umas das outras que só dava para ver uma parede. Com um suspiro, ele se virou para sair. Aquela casa era um mato sem cachorro. A não ser que os outros tivessem encontrado algo lá embaixo, era apenas uma cápsula do tempo abandonada e esvaziada, sem fotos, cartas, nem qualquer tipo de pista.















Soltando um palavrão, Dan tropeçou na beirada de um tapete. Depois de recuperar o equilíbrio, ele constatou que, no local onde tinha chutado o tapete, havia um desenho nas tábuas do piso. Ele se ajoelhou, e seu pulso se acelerou ao passar a mão por uma superfície de madeira mais conservada e reluzente. O tapete preservou bem o local, e a imagem também. Mãos pequenas e meticulosas tinham pintado o contorno de um menino, que Dan reconheceu pelas listras da blusa. Seus dedos tocaram uma superfície fria, e ele estreitou os olhos sob a luz fraca para ver um pequeno alçapão.

Ele puxou o gancho, revelando uma pequena abertura retangular. A poeira se elevou na escuridão e se acumulou em sua garganta. Quando direcionou a luz do telefone lá para dentro, encontrou um pequeno esconderijo, com tamanho suficiente apenas para abrigar uma caixa metálica embrulhada em um pano. Uma velha lata de doces, talvez, mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapatos, com uma pintura ainda intacta e de cores vivas. Dan abriu a tampa com cuidado, revelando um diário de criança, um saquinho de bolas de gudes, algumas cartas de baralho, embalagens de chiclete...

Havia também uma coleção de fotografias antigas, amarradas com um barbante. A julgar pela imagem do alto da pilha, a de um menininho engolindo uma espada, Dan não sabia ao certo se queria ver as demais. Sua curiosidade, porém, falou mais alto, e ele desamarrou o barbante com dedos trêmulos.

O dono daquela coleção devia ter uma inclinação para o macabro. As imagens mostravam uma mulher que havia atirado machados e facas em seu parceiro de apresentação, outra que fazia malabarismo com uma série de tochas acesas junto ao corpo e, perto do final, a dupla mais bizarra de palhaço e cigana que Dan já tinha visto.

Com o corpo todo tremendo, Dan guardou as fotos de volta na caixa e pegou o diário. Fazia todo o sentido ele ter sido a pessoa a encontrá-lo, como se tivesse sido atraído até ali, como se aquilo estivesse à sua espera.

Dan soprou o caderno de leve, vendo um pequeno véu de poeira se erguer no ar. A capa interna do diário estava gasta, mas era possível

ler claramente em letras vermelhas garrafais:

**PROPRIEDADE DE DANNY CRAWFORD!!!**

PROPIEDAD  
DE DANNY  
CRAWFORD!!!





---

CAPÍTULO

---

20



*Hoje o parque de diversões chegou. Patrick falou que era um circo, mas ele é burro e, apesar de ser mais velho e dizer que sabe mais que eu, está errado. Não é um circo. O circo tem animais como leões e girafas, e este ano os únicos animais que vi foram alguns pássaros e os guaxinins que reviram as latas de lixo.*

*Patrick e Bernard passaram o dia todo nos brinquedos. A mamãe está ocupada demais com o bebê para perceber que eles roubaram moedas do pote debaixo da pia. Eles me viram enquanto estavam pegando e me fizeram prometer não contar. Prometi. Eles enfiaram uma meia suja na minha boca e me esconderam debaixo da cama mesmo assim. Eu não contei, mas fiquei com vontade.*

*Os brinquedos são uma idiotice. A única coisa Boa era o homem da cartola. Ele não tirou sarro da minha blusa esburacada e falou que sou um menino muito inteligente, mais do que meus irmãos tontos. Ele foi Muito Gentil. Tinha um relógio dentro do casaco dele, e quando o usa pode fazer uma mulher bater asas como uma galinha ou um menino envergonhado cantar cantigas de rodas. Ele falou que ia me ensinar a fazer isso e me mostrar seus segredos.*

*Eu escutei, não esqueci uma palavra. Estou torcendo para agora também saber obrigar as pessoas a Fazer coisas. Patrick e Bernard vão ter que calar a boca e me ouvir. Vão ter que fazer o que eu mandar.*

*Tem uma pedra vermelha atrás do relógio. Parece uma estrela cadente quando ele balança a corrente. Uma estrela incandescente.*

*Espero que o parque de diversões nunca vá embora.*

*Mas, quando for, eu ainda vou ter os segredos. Eles estarão sempre comigo.*

Dan virou a página, com a respiração acelerada enquanto folheava o diário. A entrada seguinte tinha uma data não muito posterior à da primeira, e começava assim: *Hoje balancei a pedra e tentei fazer Patrick cacarejar como uma galinha. Amanhã vou falar para ele subir no telhado.* Patrick? Quem era esse Patrick?

– Ei, encontrou alguma coisa aqui?

Micah. Não poderia ter aparecido em um momento pior. Dan fez uma careta, enfiando a caixa de volta no esconderijo e guardando o diário dentro do casaco. Ele se virou e abriu um sorriso tímido para Micah.

– Só umas velharias. Acho que aqui era o quarto das crianças – respondeu Dan, ficando de pé e chutando o alçapão para que se fechasse. Não dava para esconder o tapete fora do lugar nem o desenho no chão, então ele tentou desviar o foco. – O que vocês encontraram lá embaixo?

– Um monte de caixas. Molduras vazias. Eu também não ia querer morar aqui, então dá para entender por que esse pessoal queria ir embora – ele passou os olhos em torno do quarto e estremeceu. Seus olhos pareciam vidrados, quase vazios. Dan imaginou que o motivo para isso devia ser a luz fraca. – Tinha crianças morando aqui? Como assim?

– Assustador, né? – Dan foi andando na direção dele, se agachando para passar pela porta e voltando para o corredor. – É como ser criado dentro de um armário.

– Não vi nenhum sinal da menina desaparecida – falou Micah, indo atrás dele até a escada. – Tem certeza de que esta é a casa certa?

– Eles devem ter saído da cidade depois que ela sumiu – respondeu Dan. – Para virar a página, seguir em frente.

– Será? Achei que eles iam preferir ficar. Tipo, e se ela voltasse para casa? Se eles tivessem ido embora... Isso seria bem triste.

Dan não queria discutir nem ficar argumentando. Ele tinha conseguido o diário do diretor, um caderno que poderia proporcionar um acesso direto ao que se passava em sua mente. O que quer que tenha transformado o homem em um monstro poderia estar descrito naquelas páginas, e Dan estava ansioso, quase empolgado, agora que estava tão perto de uma resposta.

*Eu deveria ter ouvido o que eles falaram. Foi um erro trazer Micah aqui.*

Mas o que ele poderia fazer àquela altura? Eles voltaram para o andar de baixo, onde Abby e Jordan esperavam, e sem nenhuma paciência. Os olhos de Jordan se cravaram nos dele. Dan mostraria o diário mais tarde, depois que tivesse a chance de examiná-lo melhor. Parecia arriscado exibi-lo ali, na presença de Micah. Ele queria muito confiar em Micah, acreditar que havia encontrado um aliado no campus, mas não estava muito confiante em mostrar sua descoberta nem para seus *amigos*.

Era um assunto particular.

– Encontramos o endereço de outra casa – explicou Dan. – Não deve ser muito longe daqui.

– Eu vou ser o guia do próximo passeio – respondeu Micah. Ele puxou a manga do casaco para checar o relógio. – Daqui a meia hora. Posso dar cobertura para vocês por alguns minutos, mas os outros voluntários vão ficar putos comigo se não voltar.

– Bom, a gente não quer que você fique mal com os outros voluntários – disse Abby e, apesar do sorriso em seu rosto, Dan tinha certeza de que ela não o queria ali.

– Certo – ele falou, dando um tapinha de leve no ombro de Dan. – O que são trinta minutos a mais? Eles não vão ligar. Isso está sendo divertido, e até meio assustador. Estou curtindo.

– Ah – falou Jordan, arregalando os olhos e mostrando o mapa para Micah. – É mesmo?

– Claro! É Dia das Bruxas, cara, e isso é legal – ele se aproximou dos três, segurando o mapa impresso do Google e dando uma piscadinha conspiratória. – E, sabe como é, eu dei uma calibradinha antes do passeio. Só para relaxar. Nada de mais, só para a coisa ficar mais divertida, né?

Ele fez um gesto de quem fumava um cigarro, mas Dan percebeu que não tinha sido o tabaco o responsável por aquele bom humor.

E isso explicava *também* o olhar meio vazio.

– Então... Você não vai dedurar a gente por ter saído do campus? – perguntou Jordan, cauteloso.

– Nem a pau. Isso ia acabar me ferrando também. Não, eu estou com vocês esta noite. Para onde vamos agora?

Dan respirou mais tranquilo, apesar de ainda não conseguir relaxar totalmente, não com o diário do diretor escondido debaixo do casaco.

– Para cá – respondeu Abby imediatamente, apontando o próximo destino dos quatro. Ela parecia ansiosa. Dan também sentia que eles precisavam se apressar. – Você sabe o caminho?

– Moleza. Vamos lá. – Micah deu meia-volta e tomou o rumo da porta de correr arrombada.

Abby, porém, diminui o passo, puxando Jordan e Dan pela manga, para que ficassem ao seu lado.

– Ele não parece meio animado demais, não?

– Ele está chapado – murmurou Jordan. – Ia achar legal até ficar vendo grama crescer.

– Pessoal, eu sei que vocês não querem que ele venha com a gente, mas é a única saída – acrescentou Dan, ainda de olho em Micah para se garantir de que ele não estava ouvindo. – Ele não vai dedurar a gente. Não mais. Estamos em posição de vantagem.

– E você acha que alguém na faculdade acreditaria em nós? Um bando de candidatos contra o menino de ouro que trabalha para eles? – ela sussurrou.

– Tique-taque, tique-taque – Micah chamou da porta. – Vão fazer uma contagem lá no campus em vinte e cinco minutos.

Ele estava sorrindo e, por um segundo, Dan desejou estar na mesma viagem que Micah estava experimentando, simplesmente fazendo algo divertido e arriscado com seus amigos. Mas Dan não podia se dar a esse luxo. Com um pouco de sorte, o diário guardado junto ao seu peito o ajudaria a encerrar esse capítulo de sua vida, explicar por que ele conseguia ver as coisas que via, e talvez até acabar com aquelas visões para sempre.

E, caso Dan desse *muita* sorte, podia até continuar tendo amigos depois de tudo aquilo. Caso eles algum dia o perdoassem por ter arrastado Micah consigo naquela noite.

– Certo, então – falou Dan. – O que estamos esperando?



CAPÍTULO

21



Um vento forte os acompanhou até a rua Blake. Dan fechou a jaqueta e puxou o diário para mais perto do corpo, estremeando junto com os outros diante de uma casa de tijolos com janelas e portas fechadas com tábuas.

– Vocês acham que a estrutura está condenada? – questionou Abby, hesitante, na beirada do gramado. – Pode não ser seguro entrar lá.

– Nós precisamos entrar – respondeu Dan.

Mais do que nunca, ele estava convencido de que os três estavam na pista certa. Os endereços passados por Felix os tinham levado até a casa de Harry Cartwright, e depois até onde o diretor Crawford passou a infância. Não importava como Felix tivesse conseguido aquelas coordenadas, não eram simples coincidências, era uma constelação que ainda não estava completa.

– Hã? – Micah se virou para eles depois de examinar uma das janelas bloqueadas.

– Nada... Eu disse que, hum, a gente não precisa entrar.

– E como a gente ia conseguir entrar? – Jordan foi até uma porta lateral com um toldo de lona listrada, dando um chute de leve em uma das tábuas que cobriam a abertura. – Só arrombar a fechadura não basta.

– Por aqui – falou Micah, agarrando uma das ripas pregadas na moldura. – Esta madeira parece solta. Se conseguirmos tirar, podemos usar como alavanca para arrancar as outras tábuas.

Foi nesse momento que Dan percebeu que eles não iam conseguir avançar muito sem Micah. Nenhum dos três tinha força suficiente para arrancar ripas presas com pregos, nem para usar uma como pé-de-cabra para remover tábuas muito bem fixadas. Eles no máximo tentariam escalar uma das janelas.

Dan olhou para Jordan e Abby com a sobrancelha levantada.

– Por mim tanto faz – murmurou Jordan. – E não achei isso nada de mais.

– Eu teria encontrado outro jeito de entrar – acrescentou Abby.

– Com essas luvas?

Ela não respondeu.

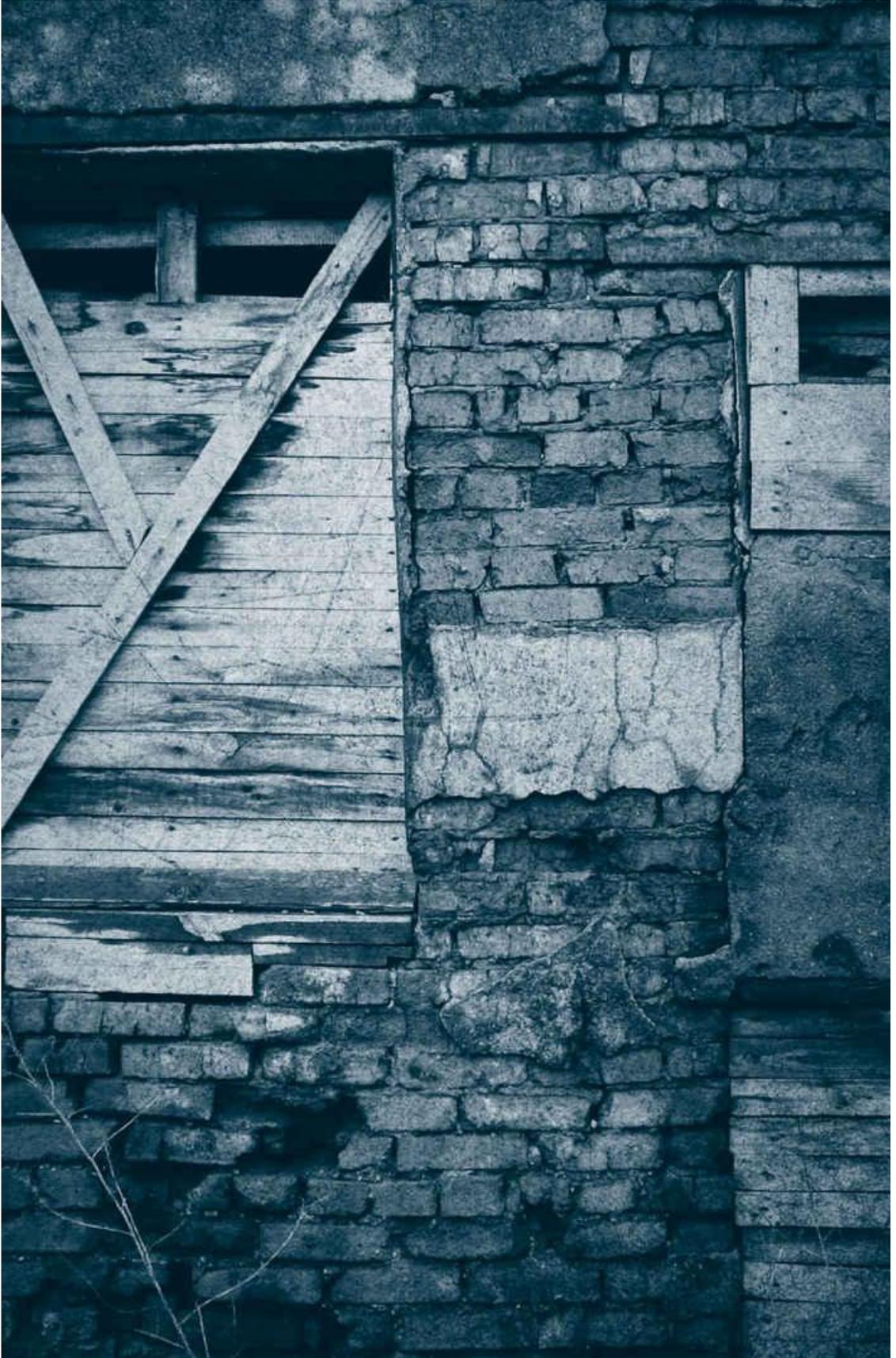
Enquanto isso, Micah usava a ripa solta como uma espécie de pé-de-cabra gigante, enfiando-a no espaço entre as tábuas e o batente da porta para arrancá-las. As tábuas rangiam e cediam uma a uma, derrubando uma pequena chuva de serragem no chão.

– Pronto! – grunhiu Micah. – Só mais uma.

A última tábua se soltou com um estalo. Dan, Abby e Jordan se abaixaram e se viraram para a rua ao mesmo tempo.

– Droga, isso foi alto demais – Micah se afastou da porta e largou a ripa, coçando a nuca, todo sem graça. – Foi mal.

– E agora a gente fica aqui esperando as sirenes da polícia – falou Jordan.



Dan afastou as madeiras caídas para mais perto da parede e apontou com o queixo para a porta.

– Vamos entrar. Se ficarmos parados aqui, aí *sim* alguém vai ver.

Com uma olhada nervosa ao redor, Jordan foi até a porta.

– Então que seja rápido.

Remover as tábuas não bastava para libertar seu acesso. Jordan se ajoelhou e começou a trabalhar na fechadura com o gancho metálico que tinha trazido no bolso. O mecanismo virou alguns segundos depois, frouxo e enferrujado. Ele parou com os olhos fechados, murmurando palavras que Dan não conseguiu ouvir.

– *O que você está fazendo?*

– Rezando para que algum moleque idiota resolva jogar ovos em uma casa ou sair chutando abóboras neste *exato* momento para desviar a atenção de nós...

– Não estou ouvindo nenhum cachorro latindo, nem vendo luzes acesas – argumentou Dan. – Vamos lá.

Jordan se levantou e abriu a porta com um empurrão de ombro. Àquela altura, Dan já estava até acostumado com o cheiro de casas úmidas e fechadas. O ar estava impregnado do odor azedo de mofo e madeira podre.

– As luzes ainda funcionam? – questionou Abby, por cima de seu ombro.

– A casa foi lacrada e abandonada – respondeu Jordan. – Duvido que alguém esteja pagando a conta de luz. Sorte nossa.

Dan acionou o interruptor mais próximo. Nada aconteceu. Por que eles não levaram uma lanterna? Ele sacou o celular e acendeu a tela. Eles deviam estar em uma espécie de entrada de serviço, com prateleiras e nichos presos às paredes. Em um deles, havia um par de tênis brancos encardidos.

– Eca, credo – grunhiu Jordan. – Parece que um cachorro molhado explodiu aqui dentro.

– Shhhhh – repreendeu Dan, mais alto do que gostaria.

Jordan o ignorou, soltando um suspiro.

– E pensar que eu poderia estar enchendo a cara de Goldschläger e vendo *Heróis fora de órbita* com algum calouro gatinho e inocente...

Mais adiante eles encontraram a sala de estar, ainda mobiliada, com uma mesa redonda e alguns sofás cobertos com um tecido de estampa psicodélica. O carpete estava gasto e esburacado, com uma miríade de manchas suspeitas. Havia garrafas vazias caídas junto aos sofás, e as paredes ainda estavam decoradas com palmatórias, letras, flâmulas...

– Aqui devia ser uma fraternidade – comentou Micah, soltando uma risadinha. – O que será que eles fizeram para ser despejados? Ouvi dizer que algumas fraternidades lá do campus tinham laboratórios de anfetamina nos anos oitenta.

– Eca – resmungou Abby, virando as páginas de um calendário da *Playboy* pregado na parede. – Quanta classe.

– A gente precisa se separar – Dan falou. – Vamos ter que voltar para o campus daqui a pouco.

Jordan pegou uma garrafa vazia e cheirou. Ele a deixou cair logo em seguida.

– Eu não deveria ter feito isso...

Micah parou de circular pela sala e olhou bem para os três, abrindo a boca como se tivesse acabado de se dar conta de algo.

– Vocês parecem estar atrás de algo bem específico.

– É só... é um boato sobre um assassino em série, na verdade. É tipo um hobby meu – Dan fez uma careta. Provavelmente não era a mentira mais adequada para contar para alguém que estava infringindo a lei para ajudá-los. – Eu sempre quis resolver um caso que ficou sem solução, sabe? Ser o herói, de repente descobrir o que aconteceu com as garotas desaparecidas ou coisa do tipo...

– E você acha que uma delas vivia aqui? Em uma *fraternidade*? – ele parecia compreensivelmente desconfiado.

– Não que ela *morasse* aqui. É que dizem que ela foi... hã... vista pela última vez nesta casa.

– Ah – encolhendo os ombros, Micah se agachou para examinar umas das mesinhas de canto antigas. – Ei, cara, todo mundo tem seu hobby. Só me avisa, hã, se a gente estiver correndo o risco de morrer nas mãos de um psicopata com um machado ou coisa do tipo.

– Acho mais fácil a gente morrer de envenenamento por amianto – resmungou Jordan.

– Por falar nisso – disse Dan, sarcástico –, podem deixar que eu vejo o porão.

Isso era mais fácil de falar do que fazer. Todas as portas estavam trancadas, ou então o mecanismo estava emperrado. Era a velha sorte de Dan em ação. Ele deu uma ombrada com força na madeira, e mais outra, e na terceira a porta cedeu, e um odor forte de ar estagnado e podridão chegou até ele. Ele sentiu vontade de vomitar e sair correndo, mas Felix o tinha mandado até ali por um motivo. Não era hora de voltar atrás.

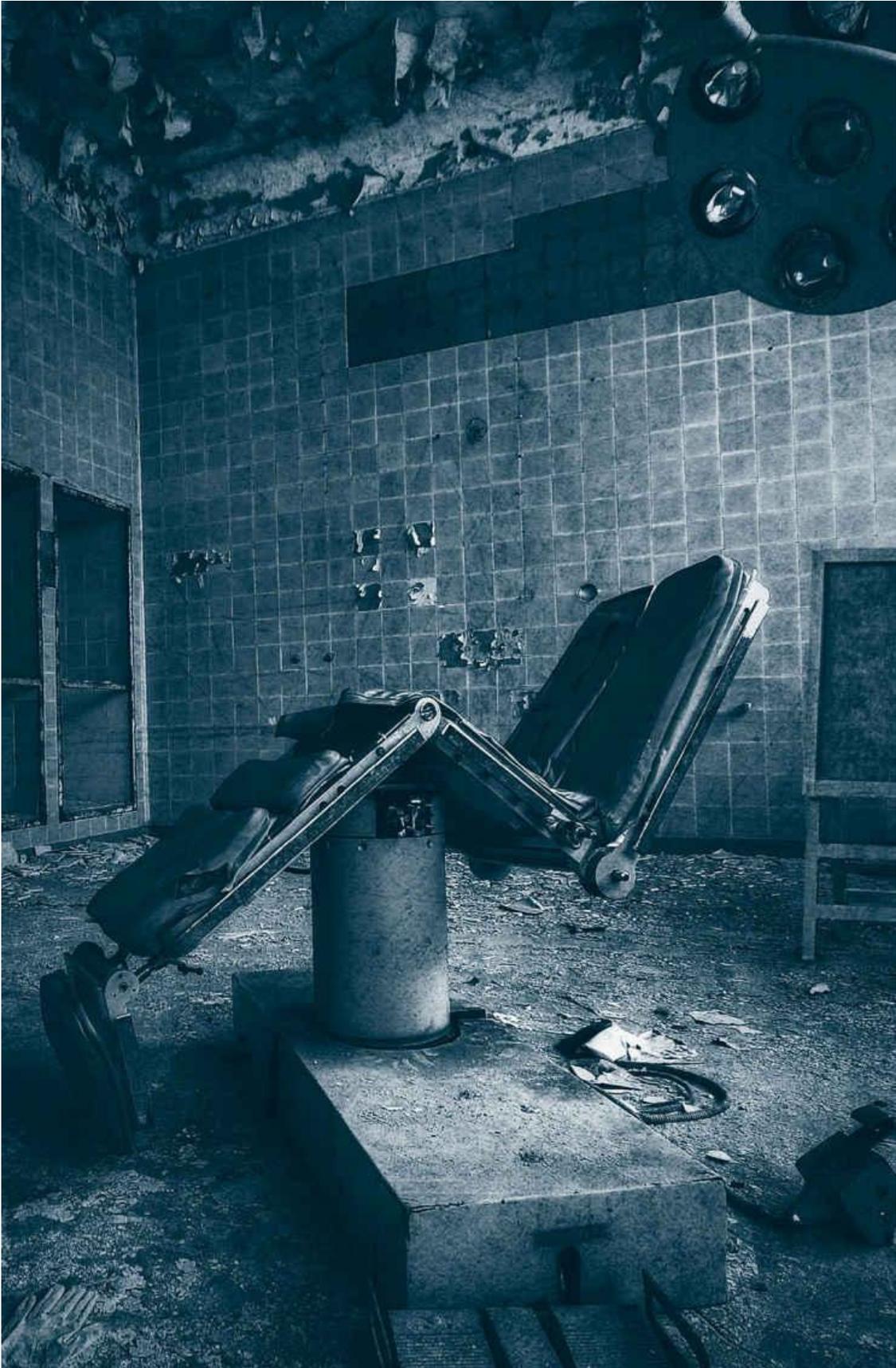
Dan cobriu o nariz com a manga do casaco e começou a descer, iluminando os degraus e testando a resistência de cada um antes de dar o passo seguinte. À medida que descia, o cheiro piorava, e pela primeira vez na noite ele se pegou perguntando se iria encontrar mais coisas além de papéis e fotografias – algo com o que não estivesse preparado para lidar.

Quando acabou de descer a escada, ele iluminou os arredores e encontrou um lampião de acampamento em cima de um caixote virado. Quando o mecanismo de acendimento virou, soltou um suspiro de alívio ao ver uma chama surgindo na câmara de vidro, preenchendo o ambiente com um foco de luz amarelada.

Ele se virou lentamente, cerrando os punhos, cravando as unhas na palma da mão.

A primeira coisa que Dan viu foi a cadeira, gasta e enferrujada, com amarras nos braços e nas pernas. Uma lembrança poderosa tomou conta de seu corpo, e ele ficou paralisado.

Não era o mesmo que encontrar um corpo, mas deu para sentir que aquele era um lugar terrível. A luz do lampião bruxuleava pelo cômodo, mas enfim se estabilizou o suficiente para que ele pudesse enxergar uma mesa, e logo atrás algo que parecia ser um quadro-negro antigo, montado sobre um suporte. Ele não via uma coisa como aquela desde o primário – a maioria das salas em que estudou tinha quadros brancos com canetas hidrográficas coloridas.



Suas mãos começaram a tremer quando se aproximou da mesa. Estava coberta de fotografias, papéis e anotações. Parecia que alguém estava procurando alguma coisa ali, largando folhas soltas e tocos de lápis pelo chão sob a mesa.

Dan pegou uma das fotografias desbotadas. Era uma imagem em preto e branco de dois homens sentados em um ambiente formal, dando as mãos. Ele sentiu um arrepio percorrer seu corpo todo ao ver que o rosto do homem da direita tinha sido riscado. Isso o fez lembrar imediatamente da foto que começou tudo, aquela que ele encontrou à sua espera em seu quarto no Brookline.

Ele enfiou a foto no bolso e começou a mexer nos papéis sobre a mesa. A maioria das anotações era ilegível, escrita com letra de médico, pareciam mais rabiscos aleatórios do que frases com algum sentido.

As páginas iam caindo de sua mão à medida que ele passava para as seguintes, e o farfalhar do papel parecia estar murmurando: *Depressa, depressa.*

Seus olhos foram atraídos pelo quadro-negro. Havia apenas uma mensagem rápida, escrita com um giz acinzentado.

## VIRE 180°

– Quem me dera – murmurou Dan, desolado. – Mas ainda não terminei.

*Vire 180°...* Ele deixou aquelas palavras ressoarem em sua mente. Quanto mais se repetiam, mais se dava conta de que deveria ter deixado passar alguma coisa. Cadeira com amarras, anotações e fotos que alguém revirou freneticamente...

– Vire 180° – ele repetiu, dessa vez com um sorrisinho no rosto. – Não eu – ele falou, se inclinando sobre a mesa e empurrando o quadro-negro. – Você.

As dobradiças rangeram, mas a lousa virou bem devagar, ganhando impulso à medida que o peso ia se deslocando para a parte de trás. Ele precisou dar um empurrão mais forte para que a outra face se revelasse, e não conseguiu conter um suspiro de susto.

Ele enfiou a mão no bolso para pegar o celular, ciente de que aquela poderia ser sua única chance de registrar o que estava vendo. Às pressas, ele tirou a foto mais bem iluminada possível naquelas circunstâncias, torcendo para que a luz do flash fosse suficiente para capturar tudo.

Parecia uma espécie de mapa, o tipo de esquema que um investigador usaria para juntar as várias pistas de um caso. Havia fotografias, folhas soltas e fichas de pacientes pregadas aos montes na lousa, com linhas ligando as coisas umas às outras, talvez indicando conexões. Algumas linhas eram vermelhas, outras brancas.

Dan se inclinou ainda mais sobre a mesa, estreitando os olhos, tentando ler e absorver tudo o mais depressa que podia – não havia como a foto ter capturado *cada* detalhe. Acima de sua cabeça, ele ouvia o som de passos. Seus amigos estavam ficando impacientes, e apareceriam ali atrás dele a qualquer momento. Por outro lado, ele concluiu que aquilo era algo que Abby e Jordan também precisavam ver.

Ele olhou para as fichas dos pacientes, que tinham ao lado fotografias de jovens sentados na cadeira com amarras. As anotações eram infundáveis...

*Paciente não coopera...*

*Quanto a Kentucky...*

*Paciente promissor...*

*Eles construíram com pedra...*

Dan tentou ler tudo às pressas, mas não ia dar certo.

Sem pensar duas vezes, ele começou a pegar tudo o que podia, arrancando as fichas, as fotos e as anotações. As ligações ele poderia refazer mais tarde, com a ajuda da foto que tirou.

É isso. É isso. Você está bem perto agora...

Na parte inferior da lousa, ele viu um maço de páginas amareladas grampeadas. Pareciam uma espécie de diário. Dan terminou de guardar tudo o que podia dentro do casaco e fechou o zíper. Por fim, estendeu a mão uma última vez e apanhou as folhas grampeadas.

*Tump... Tump...*

Seu coração disparou. *Droga*. Passos na escada. O tempo tinha acabado. Ele precisaria deixar para mais tarde a tarefa de tentar entender o que era aquele lugar.

– Bom, eu vi mais cuecas sujas do que gostaria para a minha vida inteira – Jordan falou ao se aproximar do lampião. – Miiiiinha nossa. Que lugar é este?

– Não é uma fraternidade da qual eu gostaria de fazer parte – respondeu Dan. – Tinha alguém fazendo experimentos aqui. E não foram poucos.

Jordan estremeceu visivelmente antes de murmurar:

– Me diz que você tirou fotos disso.

– Melhor ainda. Só precisamos conversar sozinhos... sem o Micah. Quero mostrar para vocês o que encontrei.

Mais passos na escada, e dessa vez nada lentos. Abby apareceu correndo, esbarrando com tudo em Jordan, que se virou no último instante e conseguiu segurá-la para que não caísse.

– A gente... precisa... sair daqui! – disse, ofegante, apontando lá para cima. – Eu estava... lá em cima... e olhei pela janela. Tem gente. Sei lá... Em toda parte. A casa está toda cercada!

Os olhos dela estavam arregalados. Ela agarrou a blusa de Jordan, tentando arrastá-lo escada acima.

Dan pegou o lampião e foi atrás deles, subindo os degraus de dois em dois. Micah os esperava no térreo, pálido como um fantasma.

– Acho que consigo tirar a gente daqui – ele disse baixinho. – Pelo menos... vale a pena tentar.

Olhando pela janela, Dan viu as silhuetas de pessoas perfeitamente alinhadas sob as luzes dos postes. Uma figura se destacava das demais, parada bem embaixo de um trecho mais bem iluminado. De máscara. Vestindo um manto. Os olhos vazados da máscara pareciam prestes a engolir Dan. À medida que mais e mais figuras surgiam das sombras, ele notou que estavam todos usando o manto e a máscara. Os Scarlets os haviam encontrado. Se aquilo fosse alguma espécie de brincadeira de Cal, Dan não queria ficar por perto para descobrir qual era a graça.

– Caroline estava certa – murmurou Dan, com dificuldade para respirar, sentindo sua garganta se fechar. – Eles existem.

Caminhando agachado, Micah os conduziu até a porta lateral que poderia levá-los de volta ao lado de fora. Eles se enfileiraram sob uma das janelas. Pelas frestas na madeira, Dan ouviu um murmurar que foi ficando cada vez mais alto, até se transformar em um coro.

– O que eles estão dizendo? – sussurrou Jordan, com os olhos arregalados atrás dos óculos.

Dan apertou os papéis junto ao peito. Estava passando muito mal.

– Meu nome – ele falou. – Os Scarlets estão chamando meu nome.



CAPÍTULO

22



— Não dê ouvidos para eles – a mão de Micah estava em seu ombro, sacudindo-o. O que provavelmente era uma boa ideia, porque Dan estava se sentindo tonto, mal conseguia manter os olhos abertos. – Só se prepara para correr, certo? Você consegue correr?

– Sim, claro – respondeu Dan, balançando a cabeça. Em seguida sentiu o toque de outra mão, a de Abby, muito mais bem-vinda. Ela o segurou pelo pulso e falou baixinho: – Vamos dar as mãos. Juntos, vamos conseguir sair daqui.

– Ela tem razão. Fiquem sempre juntos, e voltem para o campus – falou Micah. – Prontos?

Dan fez que sim com a cabeça, segurando com firmeza os muitos tesouros que conseguiu encontrar naquela noite.

– Vamos lá então – falou Micah, abrindo a porta arrombada.

– Aonde você vai? – Jordan quis saber.

– Lá para fora. Vou atrair a atenção, e vocês saem correndo em disparada.

Ele se inclinou na direção da porta aberta.

– É esse seu grande plano? Você está chapadaço mesmo, né?

– É só sair correndo, certo?

E então ele não estava mais lá, e sim em disparada pela grama alta. Dan forçou seu pé a sair do chão. Ainda não confiava na firmeza de suas pernas, mas não tinha escolha, pois Micah já estava chegando à rua, e os Scarlets vestidos a caráter que cercavam a casa foram atrás dele como uma horda de zumbis.

Dan notou que eles ganhavam terreno a cada passo, com os mantos balançando atrás de si enquanto perseguiam Micah.

– É a nossa deixa – falou Abby.

Ela foi a primeira a correr, segurando Dan pelo cotovelo e Jordan pelo pulso, puxando-os porta afora e disparando na direção da calçada com a maior velocidade que suas botas Ugg permitiam.

– Mais devagar! – pediu Dan, com dificuldade de acompanhar seu ritmo.

– Não para! – ela rebateu.

Dan olhou por cima do ombro esquerdo e viu Micah ser perseguido pelo que pareciam ser uma dúzia de fantasmas vermelhos. Ele não deveria ter olhado. Para começo de conversa, porque não tinha uma coordenação motora muito boa, e acabou tropeçando e caindo no chão com tanta força que seus dentes até rangeram. Os papéis que segurava junto ao peito saíram voando, descrevendo uma parábola espetacular no ar. Dan ficou vendo tudo se espalhar pelo chão enquanto tentava se levantar.

– Deixa isso aí! – gritou Abby.

Eles tinham feito barulho demais, atraído atenção demais. Alguns dos perseguidores de Micah haviam parado e dado meia-volta, olhando para os três por um momento que pareceu uma eternidade. E então começaram a vir em sua direção, vultos vermelhos e velozes com máscaras aterrorizantes.

– Não posso deixar isso aqui – respondeu Dan, engatinhando pela grama úmida.

Ele apalpava na escuridão, sentindo seus dedos ficarem molhados e enlameados enquanto buscavam as páginas perdidas. Os passos apressados estavam mais próximos, reverberando na terra e dentro de seu peito.

Um par de All Stars passou em alta velocidade, impulsionando Jordan.

– Já peguei tudo! – ele gritou. – Agora levanta daí!

Jordan e Abby o ergueram pelos cotovelos. Os pés de Dan se balançaram no ar. Não houve tempo nem de recuperar o equilíbrio sozinho. Abby e Jordan continuaram puxando Dan para longe do poste de iluminação na esquina. Ele não ousou olhar para trás de novo – sabia que estavam sendo perseguidos.

Seus pulmões queimavam, seus olhos lacrimejavam por causa do vento frio que castigava seu rosto. Um quarteirão ficou para trás, e depois outro. Dan sabia que estavam indo na direção certa, já que estava vendo a capela se erguer sobre as árvores. À distância, ele ouvia os sons do parque de diversão, uma música distante e risadas.

– Eles sumiram... – Jordan foi diminuindo o passo até parar, apoiando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Seus cabelos escuros estavam úmidos, e seu rosto, vermelho e suado. – Acho que conseguimos despistá-los.

– Para onde podemos ir? – perguntou Dan. Eles se reuniram sob uma árvore na frente da capela. O parque de diversões continuava funcionando à sua esquerda, e os prédios acadêmicos estavam em silêncio atrás da igreja. – Precisamos encontrar algum lugar reservado. É seguro.

– Podemos tentar entrar em uma das salas de estudos da biblioteca – sugeriu Abby, encostada na árvore, respirando fundo.

– Se alguém aparecer lá, não vamos ter para onde fugir – rebateu Jordan. – Precisa ser um lugar aberto.

Dan não estava muito concentrado na conversa. Ele observava atentamente as sombras, à espera que os Scarlets e seu coro de vozes aparecessem a qualquer momento. O que fariam com ele se o pegassem? Ele não queria pensar a respeito, não enquanto ainda havia uma chance de evitar isso. Jordan e Abby deviam estar pensando a mesma coisa, a julgar pela cabeça baixa, como se estivessem carregando no ombro todo o peso do que tinham testemunhado.

– Que tal a sala de informática na parte de baixo do nosso alojamento? – sugeriu Abby. – Tem uma sala logo antes dos corredores. Lembro de ter visto no mapa que deram para os candidatos.

– Vale a pena tentar... Dan? Dan, você está ouvindo?

– Hã? Certo. A sala de informática. Claro – ele se virou para Jordan, e viu os papéis que ele carregava junto à barriga. – Você pode me devolver isso?

– Como assim, agora? – Jordan deu uma risadinha irônica. – Tudo bem, toma aí. Isso é bem assustador, aliás.

Abby já estava tomando o rumo dos alojamentos do campus. Os dois tiveram que apertar o passo para acompanhá-la.

– Você ainda nem sabe o que tem aí – ela argumentou.

– Ah, sim, a cadeira com amarras e aquele porão sinistro provavelmente significam que esses papéis estão cheios de arco-íris

e coelhinhos. Qual é... Nada de bom pode sair daquele lugar.

– Jordan tem razão. Encontrei um monte de fotografias e fichas... – Dan abriu o casaco e revelou sua blusa ensopada de suor.

– Minha nossa. Também tem relógios e bolsas para vender aí dentro?

– Não, é que... É que... Eu peguei tudo o que deu. Não sabia o que era importante e o que não era. Deem uma olhada nisso.

Dan entregou algumas fotos para eles, mas manteve o diário da infância do diretor junto de si.

Abby pegou uma delas, estreitando os olhos. Foi só quando passaram por um poste de iluminação que ela soltou um suspiro de susto.

– Vocês precisam ver isso.

– O que é? – Dan se posicionou ao lado dela, que mostrou uma foto que ele já havia visto, a que tinha uma figura de rosto riscado ao lado de um homem com nariz adunco e terno preto. – Uau, olha só esse carpete.

– É o distintivo da CIA – falou Jordan, soltando uma risadinha incrédula.

– Quem você acha que é esse outro? – perguntou Abby, baixinho.

– Você tem três chances de acertar, mas as duas primeiras não contam – respondeu Jordan.

Dan balançou a cabeça em concordância. O paletó, o relógio de bolso... Ele tinha visto fotos suficientes do diretor para reconhecer seu estilo de longe.

– O diretor Crawford.

Aos risos, Jordan se afastou, pondo as mãos enluvadas na cabeça.

– Isso é loucura. Que diabos esse cara podia ter para tratar com a CIA?

– Não sei – admitiu Dan. Ele pegou as folhas grampeadas. – Mas, o que quer que fosse, aposto que a resposta está aqui.



---

CAPÍTULO

---

23



A sala de informática era isolada e estéril, um cômodo longo e estreito, escondido nas entranhas do alojamento Erickson. Dan ficou aliviado ao ver que havia duas portas, uma em cada ponta da sala, o que tornava o lugar mais parecido com um *bunker* do que uma sala de estudos. Como era noite de Dia das Bruxas, não havia ninguém ali, e o aquecimento parecia estar desligado. Lá dentro estava um gelo.

Uma das luzes pálidas do teto estava acesa, zumbindo loucamente, um som irritante o suficiente para fazer o olho de Dan começar a tremer.

Abby estava no chão, ao lado do computador de Jordan, usando o celular de Dan e a foto que ele tirou para tentar reconstruir de forma aproximada o panorama do quadro-negro. O diário da infância do diretor ainda estava escondido junto ao seu corpo. Dan queria muito começar a ler, mas só faria isso quando estivesse sozinho.

– Jordan, me faz um favor? – pediu Abby, tirando as luvas e o gorro e largando no chão. – Pega essa lista de nomes e vê se encontra alguma coisa no site da faculdade. Os ex-alunos voltam para trabalhar aqui muitas vezes, então de repente damos sorte e encontramos alguém que tenha acompanhado essa história toda.

– Ótima ideia – falou Jordan, com um tom de admiração genuíno na voz. Ele pegou a lista e começou a digitar. – Acho que já dá para ter certeza da ligação do diretor com os Scarlets. Aquele coro dizendo o nome dele... Argh. Não quero nem pensar nisso.

Dan também não.

Ele voltou sua atenção para as folhas grampeadas, sentado na beirada de uma mesa a alguns metros da cadeira onde estava Jordan, sacudindo nervosamente a perna. Quando entraram no alojamento, foram recebidos por uma lufada de ar quente, mas agora o frio parecia ter encontrado o caminho de volta para dentro de seus ossos.

As folhas de cima estavam manchadas com círculos escuros, como se tivessem servido de apoio para xícaras de café. Algumas anotações a lápis nas margens tinham desaparecido com o tempo. Dan apoiou as folhas nos joelhos, com medo de desmanchar a pilha caso manuseasse demais os papéis. Havia um bilhete preso com clipe na primeira página.

– Kentucky, 1953 – ele leu baixinho. – Nessa época, ele já devia estar na ativa.

– Então você tem certeza de que foi ele que escreveu isso? – perguntou Jordan.

– Sim – respondeu Dan, passando para a página seguinte. – Eu já conheço a letra dele.

*Ontem choveu o dia todo, e hoje de manhã também. Erroneamente, acreditei que na primavera o tempo aqui seria mais quente, mas os dias estão frios e nublados, e a chuva parece nunca parar. O dr. Forester acredita que isso pode atrapalhar a concentração dos objetos de pesquisa, e expressou seu desejo pela continuidade dos dias de calor mais ameno. Tentei compartilhar minha teoria a respeito de uma abordagem tríplice – física, sensorial e espiritual –, mas Forester insiste em explorar apenas o aspecto físico. Sua falta de visão será sua ruína. Tenho certeza disso.*

*Talvez eu não deva me exasperar com Forester e sua abordagem científica. Não se trata de um experimento financiado com recursos próprios. Precisamos cortar todos os Ts e colocar todos os pingos nos Is. Mesmo assim, acho que todas as possibilidades devem ser exploradas se quisermos desvendar os segredos da mente, e isso pode não ser possível usando apenas substâncias químicas e sugestionamento.*

Dan passou para a página seguinte. Metade do que estava vendo era ilegível, fichas com anotações que só um médico conseguiria decifrar. Não havia nenhuma menção ao nome dos pacientes, apenas números, provavelmente para manter algum tipo de

anonimato. Ele se perguntou se haveria uma lista em que a identidade dos pacientes fosse revelada.

O relato do diretor voltava na página seguinte.

*Como eu esperava, quando a droga foi administrada, os objetos de pesquisa começaram a alucinar e balbuciar coisas sem sentido, e não estamos nem perto de produzir bons resultados. Uma prostituta – de cujo nome me esqueci – perseguiu a própria sombra durante quatro horas. Não foi a revelação que esperávamos. O paciente 67 recebeu dietilamida do ácido lisérgico por oito dias consecutivos. Forester pretende continuar com essa dosagem. Só não diz por quanto tempo.*

*Porém, tudo isso permanece sendo irrelevante. Quando arranquei aquela joia da mão do dr. Maudire, pensei que algum dia a usaria para algo maior. Posso não me considerar um patriota, mas a ideia de ter o controle sobre a mente de uma pessoa no longo prazo... Preciso tolerar as tolices de Forester para me aproximar da resposta, fazendo o papel do assistente cooperativo.*

Ontem choveu o dia todo, e hoje de manhã também.  
Erroneamente acreditei que na primavera o tempo  
aqui seria mais quente, mas os dias estão frios e  
nublados, e a chuva parece nunca parar. O dr. Forester  
acredita que isso pode atrapalhar a concentração  
dos objetos de pesquisa, e expressou seu desejo pela  
continuidade dos dias de calor mais ameno. Tentei  
compartilhar minha teoria a respeito de uma abordagem  
tríplice - física, sensorial e espiritual, mas Forester  
insiste em explorar apenas o aspecto físico. Sua falta  
de visão será sua ruína. Tenho certeza disso.

Atrey eu não devo me exasperar com Forester e sua  
abordagem científica. Não se trata de um experimento  
financiado com recursos próprios. Precisamos cortar  
todas as tá e cobrir todos os furos nos Tá. Temos  
assim, acho que todas as possibilidades devem ser  
exploradas se quisermos decifrar os segredos da  
mente, e isso pode não ser possível usando apenas  
substâncias químicas e sugestivamente.

*Ele continua convencido de que vamos encontrar uma maneira de produzir o mais poderoso dos soros da verdade, além de uma forma de reprogramar a mente. Um simplório poderia ser transformado em um gênio, e um gênio em um tolo. As implicações disso para a espionagem e a dinâmica da guerra são imensas. Mas não é aí que reside meu interesse. Controlar o presente é uma coisa simples, mas e controlar o futuro? É isso que eu pretendo.*

Por um longo momento, Dan ficou olhando para a página em seu colo. Aquilo tudo envolvia muito mais do que ele esperava. Caso a data no bilhete estivesse correta, o diretor vinha criando as bases para os experimentos que executaria no Brookline desde muito antes de se tornar o diretor da instituição. Qualquer que fosse a pesquisa iniciada em Kentucky, ela teve continuidade de formas muito mais angustiantes no manicômio.

Abby começou a falar de repente, virando o pescoço para olhar para Jordan do lugar onde estava sentada no chão.

– O que é dia... tila... mida... do ácido lisérgico? – ela ergueu uma folha de papel e mostrou para ele. – Essa coisa. O que é?

– No que eu estou lendo também tem isso – falou Dan.

Jordan pegou o papel e abriu outra aba no navegador, digitando rápida e ruidosamente.

– Hã. Que estranho. É LSD.

– Ácido? – perguntou Abby, fazendo uma careta. – Não pode ser.

– Clica ali na primeira entrada – falou Dan. Por cima do ombro de Jordan, ele estava vendo o artigo da Wikipédia a respeito. – Dá uma lida.

– Ei... – Jordan falou baixinho enquanto lia, e depois mais alto. – Uau. Ei – ele apontava freneticamente para a tela, virando o corpo para voltar os olhos arregalados para Dan. – A CIA fez experimentos com essa coisa. Eles achavam que podiam usar a droga para o controle da mente, e jogar bombas com essa coisa na Rússia. Guerra química, um negócio sinistro. Meu professor de História falava sem parar sobre isso. Eu pensei que fosse só conversa fiada –

ele se virou de novo para a tela e se sentou direito. – MKUltra. Era isso. Era sobre isso que ele ficava falando sem parar na quinta série.

– Parece que o diretor não ficou muito feliz com a maneira como os experimentos estavam sendo feitos – comentou Dan. Ele fez as contas mentalmente. – Mil novecentos e cinquenta e três... Eisenhower era o presidente nessa época.

– Isso explica a foto – Abby pegou a imagem do chão.

– Então o diretor foi escolhido para fazer parte dos experimentos da CIA, foi para Kentucky, ficou insatisfeito com o que estava rolando, mas e daí? Ele veio para cá e começou a conduzir seus próprios experimentos com doentes mentais?

Era mais informação do que tinham antes, mas para Dan ainda faltava alguma coisa. Havia a menção ao dr. Maudire e à joia. E, no seu diário de infância, o diretor se referia a sua pedra especial como “estrela incandescente”. Poderia ser a mesma joia que estava no colar de Lucy? O que tudo isso tinha a ver com Felix?

Seus dedos estavam coçando para pegar o outro volume, o que ainda estava escondido sob seu casaco. Em vez disso, olhou para a página seguinte entre as que tinha no colo. Era uma anotação curta, de apenas algumas linhas. Ele não imaginava que a letra de alguém pudesse parecer furiosa, mas era isso que estava vendo.

*Forester é um tolo sem nenhuma visão. Continua a se opor a mim, e chegou até a me repreender por contestar os parâmetros do experimento. Eu! Sendo repreendido! Quando ele é o elo mais fraco da corrente! Talvez, se fosse meu paciente, eu pudesse revelar seu verdadeiro potencial e ele não fosse mais tão tedioso e limitado.*

As anotações foram se tornando cada vez mais curtas.

*Forester me dispensou definitivamente hoje. O que é ótimo. Tive uma epifania, como suspeitava, e isso só foi possível através da abordagem tríplice. A droga, a cirurgia, a pedra. Ainda falta aperfeiçoar, mas descobri o segredo de como criar meus próprios agentes. Controle. Enfim eu consegui.*

Algumas páginas adiante, não havia mais quase nada escrito.

*Sanctum, um lugar sagrado ou santificado – o que pode ser mais sagrado do que ter poder sobre seus verdadeiros pensamentos? Sanctum. É ao mesmo tempo a fechadura e a chave.*

Quando Dan chegou às anotações seguintes, o papel parecia bem mais novo, e não estava manchado nem amassado. Mais uma vez, havia um bilhete preso com um clipe, e a data chamou sua atenção – 1960. Sete anos mais tarde. Era um lapso e tanto. Ele estremeceu ao pensar no que o diretor poderia ter feito durante todos esses anos.

*Enfim eu o encontrei. O objeto de pesquisa perfeito para meu estudo. Haverá outros, tenho certeza, mas esse foi o primeiro. Alcoólatra, sem teto, sua ausência não será sentida por ninguém. Cento e setenta e quatro dias com as drogas no organismo. É surpreendente que não tenha lesões cerebrais permanentes. Não foi difícil realizar a cirurgia e garantir que tudo ocorresse sem nenhum incidente.*

*Agora só resta o terceiro e último passo, reprogramar sua mente com a hipnose, com sua exposição à joia do dr. Maudire. Nunca acreditei no poder de amuletos. Raciocínio, lógica, conhecimento, ciência – nisso tudo eu acredito. Mas objetos? É uma tolice até pensar no assunto... mas meu poder de hipnose é muito maior quando uso a pedra do velho golpista. Existe alguma propriedade única nessa pedra, estou convencido disso. Mesmo um homem da ciência é obrigado a adaptar suas crenças quando vê o mesmo resultado ocorrer várias e várias vezes.*

*Maudire disse tê-la roubado do túmulo de uma solteirona louca, e que foi o fato de ter sido roubada de um cadáver em sua sepultura que deu à pedra esse terrível poder. Uma fantasia*

*delirante, tenho certeza, criada com a intenção de aguçar a imaginação de uma criança solitária.*

*Funcionou, mas talvez não a favor do velho tolo. Seu poder teria se tornado ainda maior quando estrangulei seu antigo dono?*

*Não importa. O que importa é que consegui minha cobaia perfeita, meu querido Harry Cartwright, e logo ele estará sob meu controle.*

Então Maudire estava mesmo morto. Dan não havia se encontrado com o homem, e sim com uma aparição. Como isso funcionava? O velho mágico teria deixado para trás alguma espécie de rastro? Ver as memórias de outras pessoas era uma coisa, ter uma conversa com um morto era outra completamente diferente. Estremecendo, Dan voltou os olhos para a página.

– Escutem só isso...

Ele leu essas últimas anotações para os amigos, sentindo o ambiente ficar ainda mais gelado à medida que prosseguia. Pensando bem as palavras que diria a seguir, ele enfiou a mão dentro do casaco e sacou o diário da infância do diretor. Não era certo escondê-lo. Era um tanto perturbador, na verdade, que seu primeiro impulso tenha sido esse.

– O que é isso? – perguntou Abby, um tanto boquiaberta.

– Encontrei hoje à noite. Naquela primeira casa... Não queria contar na frente do Micah.

– Acho que o cara é confiável – disse Jordan. – Sei que a gente ficou meio assim no começo, mas ele não precisava fazer aquilo para facilitar a fuga.

– Será que ele está bem? – Abby olhou bem para os dois. – Estou quase achando que é melhor chamar a polícia.

– Sei lá – respondeu Dan. – Mas o cara é durão. Aposto que conseguiu fugir. Só o que eu quero agora é entender tudo isso – ele entregou o diário para Abby, que o pegou usando apenas dois dedos, como se fosse uma coisa nojenta e fedida. – Acho que o diretor foi criado naquela casa. Encontrei um alçapão escondido

debaixo do tapete com uma latinha antiga e esse diário. Ele escrevia bastante quando era criança. É... uma coisa meio triste, na verdade.

– “Hoje Patrick subiu no telhado. Acorda, Patrick, eu falei, acorda e levante voo!” – leu Abby, abrindo em uma página aleatória. – “Quando chegou lá embaixo ele estava todo arrebitado, com a cabeça deformada.”

– Acho que Patrick é um dos irmãos dele – explicou Dan. – Ele diz que quer assumir o controle sobre os irmãos. Era muito maltratado por eles. O que é estranho, porque parece que Daniel era o mais velho. Foi isso que o pastor Bittle me contou no verão. Mas pelo jeito havia um quarto irmão.

– Espere, vamos esclarecer um pouco as coisas – interrompeu Jordan. – Ele estava puto com o irmão e empurrou o moleque do telhado?

Dan sacudiu a cabeça.

– Empurrou não. Hipnotizou.

Do lugar onde estava no chão, Abby soltou um suspiro abafado de susto.

– Ai, meu Deus, ele fez até um desenho.

Ela ergueu o caderno para que os outros dois pudessem ver. Abaixo da rápida descrição da queda de Patrick, havia um desenho infantil feito com giz de cera de um menino caído de costas, com os membros contorcidos em posições antinaturais. O menino ferido usava blusa listrada e calça curta. Os olhos de Dan se arregalaram – não era o pequeno Daniel que ele andava vendo em suas alucinações. Havia uma única linha escrita depois do desenho.

*Patrick vai ficar quieto agora.*







CAPÍTULO

24



— Então o diretor era um cretino do mal desde criança – comentou Jordan, tirando os óculos e limpando as lentes na blusa. – Bom saber.

– Não é só isso – respondeu Dan, um tanto impaciente com a maneira irreverente de Jordan. – Já sabemos da obsessão que ele tinha por seu legado, mas tem mais coisa aí. Ele não conseguia controlar seus irmãos, não conseguia controlar Forester, não conseguiu controlar esse tal de Maudire, que morreu estrangulado...

– Mas acabou arrumando um jeito de fazer isso – argumentou Abby. Ela pôs o diário no chão e o afastou de si, como se não suportasse mais tocá-lo. – Ele se aproximou de Harry Cartwright durante esses experimentos, e o procurou de novo mais tarde. Vocês acham que foi assim que ele acabou voltando para Camford?

– Humm... – Jordan se recostou na cadeira, inquieto. Ele juntou as mãos e olhou para o teto. – Ele foi escolhido para participar de experimentos da CIA, achou tudo uma perda de tempo... o que era verdade aliás. Eles nunca conseguiram fazer porcaria nenhuma com o LSD, segundo o sr. Chandahar...

– Quem diabos é esse sr. Chandahar? – questionou Abby.

– Meu professor de História... o doido da teoria da conspiração! Enfim, o maluco do Crawford... sem querer ofender...

Dan soltou uma risadinha de deboche.

– Claro.

– ...ele conseguiu dominar Harry Cartwright com drogas e intervenção cirúrgica, e depois que os experimentos acabaram, Cartwright seguiu sua vida e cruzou o caminho de Caroline e talvez de outras mulheres também. Aí o diretor piradão... sem ofensas...

– Fica frio.

– ...ele descobriu que o velho Harry veio para Camford trabalhar como carteiro, e então o diretor apareceu por aqui e as mulheres começaram a sumir e, ei! Será que foi para ele que Harry levou as

garotas? Para o diretor? Talvez ele ainda não estivesse no Brookline. Talvez estivesse precisando de mais cobaias.

Dan estremeceu ao se lembrar da visão do diretor na casa de Harry Cartwright, manipulando-o claramente a seu bel-prazer. Não era à toa que o sujeito era dócil. Crawford tinha feito uma lobotomia parcial nele.

– Ah, que se dane tudo isso, preciso comer alguma coisa – Jordan se levantou da cadeira, bocejando e se espreguiçando. – Uau. Já é quase uma da manhã. Vou procurar uma máquina de doces e salgadinhos. Vocês querem alguma coisa?

– Cuidado, Jordan, aqueles doidos ainda podem estar procurando por aí – falou Abby.

Ela ficou de pé, e começou a se espreguiçar também.

– Eu não demoro – ele garantiu.

– Vou querer uma água – acrescentou Abby. – Dan?

– Quero água também. Fica esperto, Jordan, é sério.

– Pode deixar – respondeu Jordan, tomando o caminho da porta. – E não, essas não são minhas últimas palavras. Minhas últimas palavras vão ser épicas. Enfim, se eu não voltar em dez minutos, me mandem o Wentworth Miller e uma pizza de queijo.

Dan pôs de lado os papéis, esfregando os olhos. Estava um pouco cansado – ou melhor, seu corpo estava, pois sua mente ainda se mantinha desperta e alerta. Apesar de todas as informações que conseguiram, o quebra-cabeça ainda não estava completo. Por que Felix queria que descobrissem tudo isso?

Ele olhou para Abby, que estava sentada na cadeira que Jordan deixou vaga. Ela sorriu para Dan, apoiando o queixo em uma das mãos.

– Não tivemos um minuto para respirar desde que chegamos aqui – ela comentou. – Como você está?

– Isso tudo é... não é pouca coisa. Quer dizer, eu até sabia que a gente estava lidando com um criminoso, mas a coisa vai muito além do que eu imaginava.

Dan estava começando a ficar com dor de cabeça. Era isso que acontecia quando ficava muito tempo sem tomar seus remédios.

– Parece mesmo ser uma coisa que vai muito além do nosso alcance – concordou Abby. – Mas e você, como está? Fora tudo isso.

– Quero que acabe logo. Quero poder relaxar e me divertir com vocês. Com você – ele ficou vermelho e olhou para baixo. – Quer dizer... Eu gosto de estar com você. Queria fazer isso mais vezes. Estava esperando que me levasse para ver a instalação da Lara.

– Eu também, Dan. Gosto de pensar que, quando tudo isso acabar, eu e você vamos poder... Bom... – ela deu risada, sacudindo a cabeça. – Minha nossa, conversar sobre LSD e a CIA parece ser mais fácil, quem diria. Enfim, o que estou tentando dizer é: não sei em que pé estamos agora, mas gostaria de descobrir.

Dan balançou a cabeça, contente por ela ser capaz de expressar o que ele não conseguia. Sua única certeza era que olhar para ela tornava seus medos e suas dúvidas mais suportáveis. Mesmo que isso não fosse amor, era algo que valia a pena manter.

– Eu também gostaria. É que... Nas últimas semanas pareceu que você e o Jordan andavam meio distantes. Ou foi só minha imaginação?

Foi a vez de Abby ficar vermelha.

– Não posso responder pelo Jordan, mas eu estava assustada, sabe? Tipo, nós tivemos um verão bem barra-pesada juntos, e a culpa não foi só sua, mas... Acho que comecei a sentir que queria virar a página, me afastar disso tudo, e de você também. Além disso, não queria me apegar e depois ver você indo para a UCLA ou coisa do tipo. Acho que estava me afastando para me proteger, mas isso não seria justo.

– Não – Dan sacudiu a cabeça algumas vezes. – Na verdade faz todo sentido. E você tem razão de se preocupar e se resguardar. Quem é que sabe até onde as coisas vão chegar entre nós? É melhor esperar até que tudo volte ao normal.

– Ao normal? Você está vendo coisas, eu estou ouvindo vozes... Acho que o normal não é uma possibilidade muito concreta para a gente no momento.

Ela deu risada, mas Dan estava distraído, pensando em algo que ela havia falado...

– Que foi? Dan? O que aconteceu?

– Minhas alucinações – ele murmurou, desejando que sua boca fosse tão veloz quanto seus pensamentos. – Elas começaram quando cheguei aqui, certo?

*Ainda falta aperfeiçoar, mas descobri o segredo de como criar meus próprios agentes. Controle. Enfim eu consegui.*

– O diretor – continuou Dan, pegando as folhas grampeadas e virando as páginas enlouquecidamente. – Ele diz que conseguiu... ou chegou perto disso. Ele falou que podia ter agentes, hipnotizar as pessoas... e a droga era parte disso. E se for por isso que estou tendo alucinações? Escute só... – ele começou a reler as anotações. – “Descobri o segredo de como criar meus próprios agentes.” Esses agentes... eles podem estar tentando drogar a gente. Talvez já estejam fazendo isso.

– Eles quem? – questionou Abby. Dan sabia que estava perto de uma descoberta importante, mas Abby não parecia nem um pouco convencida disso. – Drogando a gente? Você não acha que está forçando a barra, mesmo depois de tudo o que aconteceu?

– Não seria muito difícil, certo? Nós comemos coisas preparadas por outras pessoas. Bebemos as coisas que eles servem. Pode até ser uma forçada de barra, mas é *possível*.

– Tem certeza de que não está só... *querendo* que seja isso? Tipo, você se sentiria melhor se soubesse que as alucinações estão sendo provocadas por outras pessoas, não?

Ela estava certa nesse ponto, mas Dan não chegou nem a considerar essa hipótese. Sua mente estava girando a mil, combinando mais e mais peças do quebra-cabeça em sua tentativa de montar o que parecia ser um cenário plausível.

– O tempo todo nós acreditamos que a influência do diretor se resumia ao Brookline, mas e se não for só isso? E se a faculdade inteira estivesse participando de seus experimentos? A *comunidade* como um todo? Faz sentido, Abby. Como ele conseguiria encobrir tudo o que fazia sem ajuda? Alguém deveria estar fazendo cobertura para ele enquanto aquelas coisas aconteciam no manicômio.

– Vá com calma, Dan – falou Abby. – Vá com calma.

– Ele queria ter controle. Esse sempre foi seu objetivo. Desde o início. Eu queria controlar as pessoas, desbloquear seu verdadeiro

potencial, de acordo com os meus parâmetros.

– Dan! – ela estava quase gritando agora. Abby pulou da cadeira, foi até onde ele estava e o sacudiu pelo braço. – Dan! Pare com isso!

– Que foi? – Dan estava ofegante.

Eles ficaram se olhando em silêncio por um breve e tenso momento, e então Abby o sacudiu pelo braço de novo, só que com mais sutileza.

– Você está falando na primeira pessoa. Não está escutando? *Eu* fiz isso... *Eu* queria aquilo...

Isso era irrelevante. Ela estava interrompendo sua linha de raciocínio, e ele precisava ir adiante. Precisava anotar tudo antes que acabasse esquecendo.

– Isso não vem ao caso – Dan murmurou, desviando os olhos de Abby.

– Vem ao caso, sim, Dan. Claro que sim. Vou ser bem sincera, não estou nem aí para o que tal diretor Crawford fez ou deixou de fazer quarenta anos atrás. Estou preocupada com *a gente*, Dan. Com a minha tia Lucy. Me preocupo com as pessoas que ainda estão vivas, e só voltei para este lugar maldito para que todo mundo pudesse melhorar e seguir em frente. Mas você não está melhorando. Está se transformando.

E toda trêmula, Abby deu um passo atrás, como se estivesse assustada com o que viu no rosto dele.

– Ainda sou eu mesmo – ele falou, aflito. – Daniel. Daniel Crawford. Eu... sou *eu!*

– Dan Crawford – ela rebateu, quase em um sussurro, com a voz áspera.

– Quê?

– Dan. Você nunca diz que seu nome é Daniel.

Dan sentiu sua própria obsessão perder a força. Estava tão preocupado em saber mais sobre as vidas que foram arruinadas pelo diretor que perdeu de vista a maneira como *e/le* estava afetando a existência das pessoas com quem mais se importava no mundo. Caso continuasse assim, eles não teriam mais uma amizade, e sim um trauma coletivo, algo que os manteria juntos em uma espécie de prisão mental.

– Droga – ele falou, segurando a cabeça entre as mãos. – Você tem razão. Eu preciso separar uma coisa da outra.

– De agora em diante, é melhor a gente tomar algumas precauções – ela falou, ainda mantendo distância. – O Jordan vai voltar com umas garrafas de água. Acho melhor só comer e beber coisas saídas das máquinas automáticas. Não vamos ficar mais muito tempo aqui, isso não deve ser muito difícil.

– É uma boa ideia – concordou Dan. – Podemos fazer um estoque para hoje à noite.

– Dan... Mesmo se a água daqui estiver “batizada” ou coisa do tipo, sou obrigada a dizer que, apesar dos pesadelos, das vozes e tudo o mais, comigo e com Jordan não está acontecendo nada parecido com isso que está rolando com você – Abby prendeu uma mecha dos cabelos atrás da orelha e suspirou. – Não estou querendo desmerecer sua teoria nem nada...

– Eu sei. E você... tem razão sobre isso também. Ainda não é a explicação ideal.

Jordan apareceu na porta, com os braços carregados de garrafas de água, um refrigerante *diet*, três pacotes de salgadinhos e uma embalagem enorme de doces.

– Que foi? – ele falou ao ver que os dois o encaravam. – Eu estou em fase de crescimento. Aqui está – ele entregou uma água para cada um. – Minha nossa. Como o ambiente aqui está bem carregado. O que está acontecendo?

– O Dan acha que alguém está tentando drogar a gente – explicou Abby, alisando a parte da frente da blusa. Dan agradeceu em silêncio por ela não ter mencionado seu descontrole. – De agora em diante, só vamos comer e beber coisas pré-embaladas.

– Uau – Jordan voltou a se sentar na cadeira onde estava e abriu um saco de Doritos. – Isso... não é muito fácil de entender. Mas é melhor prevenir que remediar, eu acho.

– Acho que essa história toda vai muito além do manicômio – acrescentou Dan. – E talvez até da faculdade.

Jordan posicionou o pacote de salgadinhos acima da cabeça e o sacudiu até que uma avalanche de triângulos laranja começasse a

cair em sua boca. Ele deu um gole no refrigerante e voltou a ler sobre o projeto MKUltra na Wikipédia.

No chão, o celular de Dan vibrou, se arrastando pelo carpete. Ele o apanhou e estreitou os olhos para ler a tela acesa.

Era uma mensagem de texto. De Micah.

*Eles sabem que vcs estão no Erickson. Saiam daí.*

O celular voltou a vibrar na mão de Dan. Mais uma mensagem chegou, dessa vez de um número desconhecido.

*Estamos vendo você.*

Antes que ele pudesse começar a falar, Jordan resmungou:

– Eeeei. Qual é? Esse negócio pifou...

Ele bateu com a mão espalmada no monitor. Dan ficou paralisado, vendo todas as telas dentro da sala se apagarem uma a uma.

– Precisamos ir – murmurou Dan. – Agora.

– Para onde? – gritou Abby, se ajoelhando para recolher as fotos e os papéis.

– Peguem tudo que puderem levar – ele falou, guardando o celular.

– Eu tive uma ideia.



CAPÍTULO

25



— É melhor isso funcionar — murmurou Jordan, ao lado de Dan, todo inquieto atrás da moita. — Essa porcaria de mato está entrando na minha roupa...

— Shhh — Abby estava escondida mais à esquerda, atrás de uma fileira de juníperos.

A temperatura havia caído significativamente e, agachado atrás de uma moita com folhas molhadas roçando seu rosto, Dan estava fazendo força para impedir que seu queixo começasse a tremer. Ele segurava firme o diário e as anotações junto ao peito. Caso seus dentes batessem, ou até se ele *respirasse* mais alto, seu esconderijo seria revelado.

Os minutos se arrastavam. Talvez ele estivesse errado. Talvez o alerta tivesse sido apenas isso, um alerta, e ninguém apareceria. Dan decidiu esperar mais cinco minutos. Se ninguém chegasse, eles teriam que bolar outro plano.

Trêmulo, deprimido, Dan estava prestes a desistir de ficar escondido quando ouviu o barulho da borracha de solas de calçados se arrastando na grama molhada. Uma figura vestindo manto, depois duas, seguidas de mais duas... No total, seis pessoas apareceram, escondidas sob mantos vermelhos e máscaras de caveira. Dan se encolheu todo quando viu uma máscara se virando em sua direção. Não dava para dizer se ele havia sido visto ou não.

Por fim, os Scarlets entraram no alojamento. Dan só voltou a respirar quando a porta se fechou atrás do último deles.

— São eles mesmo — murmurou Abby. — Os Scarlets. Quantos eles são?

— Se contarmos os ex-alunos, podem ser centenas. Talvez milhares.

— Você está começando a parecer o meu professor de História — falou Jordan. — E o mais assustador é que parece estar certo.

— Eles vão sair daqui a pouco — lembrou Dan. — Vamos ficar quietos.

Menos de dez segundos depois, a porta do auditório se abriu com um estrondo. Dan se agachou um pouco mais quando viu três dos seis estudantes aparecendo. O da frente era alto, provavelmente um homem, e estava olhando de um lado para o outro sob a luz do poste. Jordan cutucou Dan no ombro e apontou para o outro lado. Dan seguiu seu dedo por entre os galhos e as folhas caídas no chão e viu um par de docksides.

– Vamos embora! – a voz de Cal reverberou pelo gramado. – Já verificamos todas as saídas. Seus idiotas. Como deixaram aqueles imbecis escapar? Você! – ele deu um passo à frente e empurrou um dos Scarlets. – Avisou para eles, não foi?

– Cai fora, eu não fiz nada disso.

O coração de Dan disparou. Era a voz de Micah abafada por uma daquelas máscaras horrendas.

– Isso é o que nós vamos ver – Cal o empurrou outra vez, com ainda mais força. – Se estiver mentindo, já sabe o que ela vai fazer com você, e dessa vez nem o esquisitão do seu avô vai ser suficiente para salvar sua pele.

– Você pensa que eu não sei disso? – Micah o empurrou de volta, cravando os punhos no peito de Cal.

Cal ignorou o empurrão, e se manteve bem próximo.

– Ela está preparando tudo isso há anos, seu idiota. Se estragar tudo, ela vai acabar com a sua vida. Duvido que a faculdade ainda queira você por aqui quando todo mundo souber o *verdadeiro* motivo da sua prisão.

– Você não sabe do que está falando – ele rebateu, chegando bem perto do rosto de Cal.

– Roubo, né? É isso que conta para as pessoas? Que piada. *Você* é uma piada.

– É melhor você calar essa boca – grunhiu Micah, dando outro empurrão em Cal. – Agora.

– Não é à toa que você se esforça tanto para ser amigo de todo mundo – com uma risadinha de deboche, Cal deu as costas para Micah e deu alguns passos na direção da moita que escondia Jordan.

– Pensa que as pessoas ainda vão puxar seu saco quando

descobrirem que você ficou bêbado e enfiou o carro em uma árvore? Como era mesmo o nome da coitada da menina? Julie? Jessie?

Micah desferiu um soco com toda força, mas Cal conseguiu se esquivar.

– Cuidado aí – avisou Cal, estalando a língua. – Você já está bastante encrencado sem fazer isso.

Grunhindo e ofegante, Micah deu um passo atrás, jogando as mãos para o alto. Seus ombros caíram, como se ele estivesse admitindo a derrota.

– Eu não sei da nada, Cal. Pare com isso.

– Vamos ver se não sabe mesmo. E diz para a sua ex-namorada que ela precisa andar na linha, caso contrário vai ter que *acordar* também, entendeu?

– Deixa a Lara fora disso – rugiu Micah.

Os três Scarlets faltantes voltaram, e os seis foram embora, primeiro andando, depois correndo. Dan ergueu a mão, fazendo um sinal para seus amigos esperarem. Caso deixassem seu esconderijo nos arbustos cedo demais, acabariam sendo vistos, e ele não queria descobrir o que os Scarlets fariam com eles nesse caso.

Os Scarlets estavam quase saindo das vistas quando Dan engatinhou para fora de seu esconderijo. Abby saiu cambaleando de trás do junípero, limpando as folhas secas do casaco.

– Odeio ter que dizer isso, mas precisamos ir atrás deles – falou Dan.

Jordan olhou para Abby e depois para ele.

– Eles estão em um número muito maior!

– Podemos andar sempre um pouco atrás, para que eles não vejam a gente. Jordan, precisamos ir logo! – disse Abby, começando a correr. – Eles estão quase sumindo das vistas.

Juntos, eles foram correndo na direção para onde tinham ido os Scarlets. Dan conseguiu ver apenas um vulto vermelho desaparecendo ao virar à esquerda. Ele não queria fazer muito barulho, mas cochichou algumas palavras:

– Aposto que sei onde fica o último endereço passado pelo Felix – ele sussurrou. – Eles estão levando a gente para lá.



Esgueirando-se pelas sombras das árvores que encontravam pelo caminho, eles seguiram as seis figuras de manto para o norte e depois para oeste do campus. Dan nunca tinha se afastado tanto assim da faculdade a pé e, quando olhou por cima do ombro, notou que a capela no alto do campus não estava mais visível. As casas modestas que cercavam a faculdade deram lugares a residências mais espaçosas e luxuosas em um bairro de ruas bem conservadas.

Havia cada vez menos lugares para se esconder, com moitas e arbustos podados em ângulos retos. Casa após casa, Dan tentou correr de esconderijo em esconderijo sempre no momento exato, quando não estivesse passando nenhum carro e nenhum dos Scarlets estivesse olhando.

Uma parte dele ainda se recusava a acreditar no que Cal falou sobre Micah, mas por que outro motivo alguém como ele entraria em uma seita? Até mesmo Dan conseguia entender a tentação – juntando-se aos Scarlets, uma mancha em seu passado poderia ser apagada. Micah não havia dito que era um bolsista da faculdade?

Por fim Cal e seus comparsas saíram da calçada e entraram em uma mansão de três andares. A casa parecia ter sido esculpida em um bloco gigantesco de pedra cinzenta. Ao contrário de todas as outras ao redor, que estavam com as luzes apagadas, a não ser por uma ou outra varanda acesa, aquela estava totalmente iluminada. Em todas as janelas dava para ver uma vela vermelha no parapeito. Mesmo à distância, Dan conseguiu reconhecer sua forma. Eram caveiras.

Ele tinha visto uma vela como aquelas no quarto de Micah, e outra na festa.



– Aqui é um centro acadêmico ou coisa do tipo? – Abby perguntou em voz alta, chegando mais perto de Dan.

Eles se esconderam atrás de arbustos podados em formas arredondadas e simétricas. Algumas frutinhas do arbusto tinham caído de maduras, manchando a grama aos seus pés.

– Não estou vendo nenhum carro – respondeu Dan. – E é bem longe do campus...

– Como a gente provavelmente não vai sair vivo dessa, quero aproveitar para dizer que eu estava certo sobre os docksides – murmurou Jordan.

– Certo. Tudo bem. Estava certo sobre os docksides – falou Dan. – Estamos orgulhosos de você.

– Qual é o plano agora? – perguntou Abby, aflita. – A gente não pode simplesmente aparecer e bater na porta.

– Não tem plano nenhum. Precisamos ver mais de perto o que tem lá dentro. Assim vamos saber quem mais está com eles.

– E se ainda estiverem todos de máscara? – Abby espiou pela lateral de um dos arbustos, mordendo o lábio.

– Então vamos ter que pensar em alguma outra coisa – falou Jordan. – Precisamos ter pelo menos ideia do número de malucos com que estamos lidando.

– Vamos tentar a porta dos fundos – sugeriu Dan com um sussurro, se inclinando para a frente. – Podemos seguir pela entrada da garagem e ficar longe das janelas.

– Não sei, não... – Abby ficou remexendo nas luvas, se sacudindo sobre os calcanhares. – Nós estamos em um número muito menor. Pode ser melhor esperar até amanhã cedo. Não vai ter ninguém aí de dia, e podemos ver se a casa tem alguma fechadura que o Jordan consiga abrir.

Eles não tinham tempo para discutir, não depois de chegar tão perto.

– Eu não posso voltar atrás agora, Abby – Dan disse por fim. – Felix falou para eu ir atrás deles, e é isso que vou fazer.

– Mas se existirem outros jeitos de...

– Não, Abby, tem que ser assim. Você pode ficar aqui se quiser, mas eu quero dar uma olhada mais de perto. Preciso saber quem está atrás da gente. E quero saber quem estamos enfrentando.

Ele estava assustado e morrendo de frio, com a paciência se esgotando. Por que ela não conseguia entender? Ele também não estava gostando nada daquilo, mas simplesmente não era uma questão de *gostar*.

O legado do diretor, e quem quer que estivesse por trás daquilo, jamais deixaria de atormentá-los enquanto o que quer que ele tenha criado ainda estivesse em funcionamento.

– Mas, Dan, se a gente esperar...

– Eu só quero acabar logo com isso, Abby. Só quero descobrir um jeito de resolver tudo de uma vez por todas.

Dan não estava disposto a esperar mais. Eles podiam ir junto ou ficar escondidos, mas ele não esperaria nem mais um segundo.

Dan saiu em disparada de trás dos arbustos, correndo pela entrada da garagem na direção da casa. De perto, parecia ainda mais alta. Era uma construção fria e sem vida, um retângulo de pedra com janelas simetricamente distribuídas e um telhado discreto e ligeiramente inclinado.

Quando chegou ao fim do caminho de cimento, conseguiu ver a porta da frente, com a garagem para três carros vazia à sua direita. Havia um vão entre a garagem e a casa, e ele correu para lá. Na lateral da construção, ele se encostou à parede e ficou um pouco ali parado, recuperando o fôlego.

Assim que Jordan e Abby apareceram, escondendo-se ao seu lado, uma onda de culpa invadiu seu corpo. O estresse e o medo o deixavam impaciente e irritadiço, e seus amigos não mereciam isso. Foi ideia dele voltar para aquele lugar. Era dele que os Scarlets estavam atrás. Mas, mesmo assim, seus amigos estavam ao seu lado.

– Desculpe – ele murmurou quando eles se reuniram do lado de fora da casa. – Eu só queria...

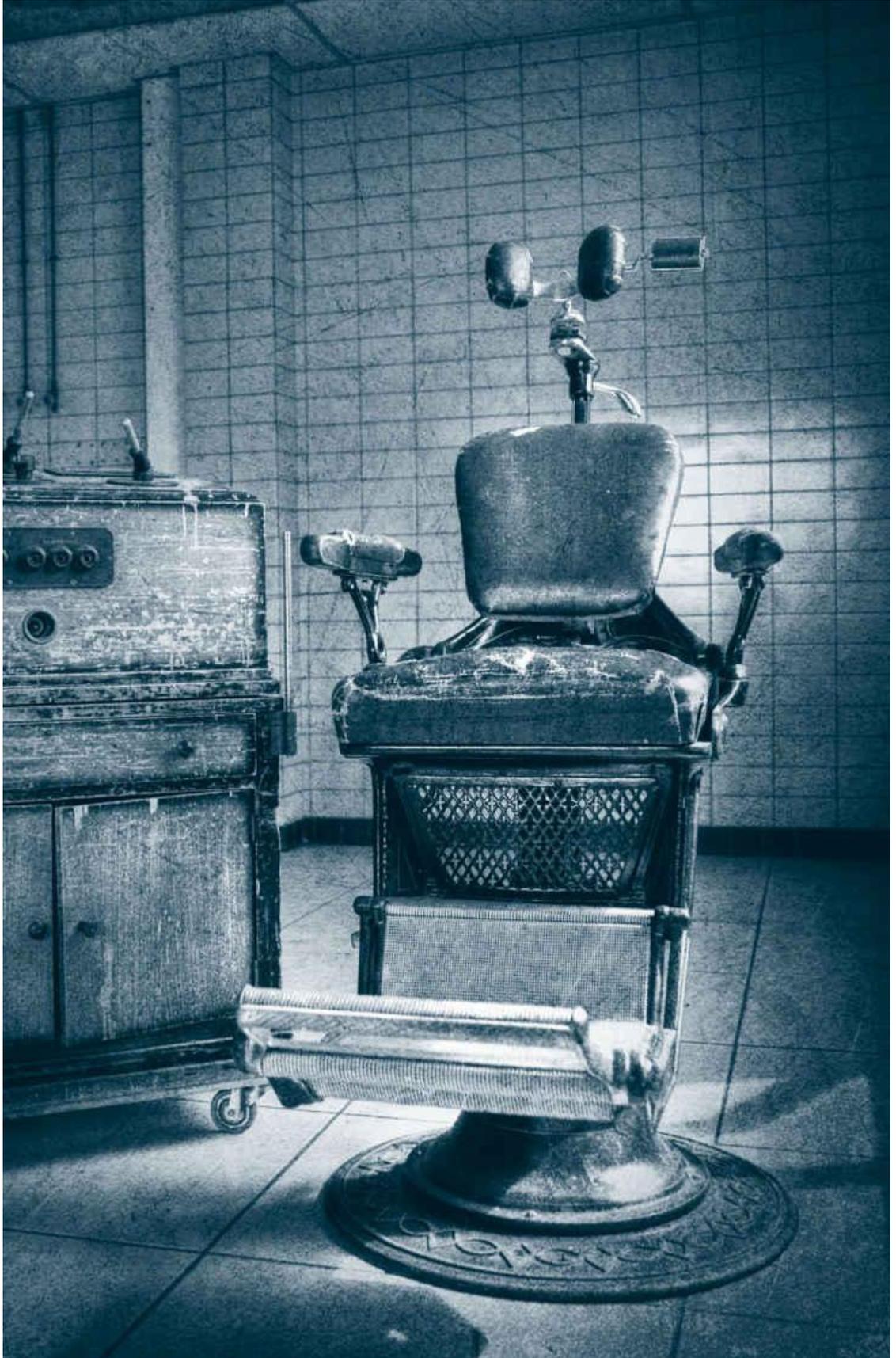
– Eu entendo. Não dá para voltar atrás depois de tudo isso – respondeu Abby. – Principalmente agora.

– Bom, seja lá qual for seu plano, que tal acelerar as coisas? Meus dedos do pé estão ficando dormentes, e esse lugar me dá arrepios.

Jordan tinha razão. Eles estavam perdendo tempo. Dan os conduziu até perto de uma das janelas. Não era muito alta e, caso não se abaixasse, sua cabeça se tornaria visível lá de dentro. Os três foram agachados até debaixo da janela, onde Dan, todo tenso e com as mãos quase congeladas, ergueu o corpo com cuidado, só o suficiente para espiar lá dentro.

Por sorte ninguém o viu, mas ele prendeu a respiração mesmo assim, fazendo um sinal para que os outros espiassem também.

Do outro lado da janela havia uma sala comprida e de pé--direito alto, com um piso de madeira reluzente. Um lustre com velas vermelhas estava pendurado bem no centro do cômodo, e a cera vermelha derretida que pingava nos aparadores parecia cachoeiras de sangue. Figuras usando mantos vermelhos, mais de uma dezena, formavam um semicírculo em torno de uma cadeira com espaldar alto. Dan se agarrou com força ao parapeito. Ele conhecia aquela cadeira. Era quase idêntica à que viu no porão da fraternidade.



– O que os Scarlets estão dizendo? – Abby cochichou em seu ouvido.

Eles estavam entoando algo em um tom grave que foi ficando cada vez mais audível até que Dan conseguisse entender o que estavam dizendo.

– Era construído de pedra... Era construído de pedra...

Por que isso parecia tão familiar?

Do lado direito do semicírculo ele viu os docksides de Cal, mas ainda estavam todos encapuzados. Quando o coro ficou alto o bastante para sacudir a janela diante de seus olhos, as palavras foram interrompidas subitamente. Uma sombra se projetou de uma porta aberta, e então outra figura de manto vermelho apareceu, seguida de outras três.

– Essa não é...? – murmurou Jordan.

Ela não estava de máscara nem de capuz.

– Isso mesmo – Dan a reconheceu de imediato, os cabelos escuros e curtos, a falha entre os dentes. – É a professora Reyes. E eu já vi aquele altão lá no campus. Acho que também é professor. A loira estava lá no parque de diversões, Kelly não--sei-o-quê. Minha nossa, é a candidata ao Senado estadual.

– Não acredito nisso... – Abby sacudiu a cabeça e desviou os olhos.

Dan abriu um sorriso preocupado.

– Eu acredito.

Ela se dirigiu solenemente à cadeira e se pôs de pé logo atrás do móvel. Em torno de seu pescoço, um pedaço de pedra vermelha reluziu sob a luz bruxuleante das velas.

– Vejam só – murmurou Dan. – Essa é a joia sobre a qual ele tanto escrevia a respeito. É a pedra do diretor.

– Como foi que ela conseguiu isso? – questionou Abby.

– Sei lá. Vai ver ela era uma seguidora dele.

– Ou uma vítima – Jordan sugeriu baixinho.

A professora Reyes pôs as mãos sobre o espaldar da cadeira, olhando para as pessoas reunidas ao seu redor por um longo momento. Eles estavam correndo o risco de ser vistos na janela imediatamente diante dela. Dan estava torcendo para que as luzes

do lado de dentro dificultassem a visão do lado de fora, que estava escuro, mas se agachou um pouco, só por precaução.

Mesmo de trás do vidro, Dan conseguiu ouvir muito bem quando a professora Reyes ergueu a cabeça e falou:

– Onde está ele?

– Nós... Nós perdemos a pista dele, e dos outros dois também.

Foi Cal quem respondeu, remexendo nervosamente os pés calçados com os docksides.

– Não *e/e*, o outro. O traidor.

Se Dan já se sentia culpado por ter feito Jordan e Abby voltar ali, esse sentimento só aumentou quando viu outras três figuras arrastando Micah para dentro da sala. Uma mão enluvada cobria sua boca. Dan trocou um olhar com Abby, sentindo seu estômago se embrulhar.

Micah parecia dopado e machucado, com marcas escuras no queixo e no lado direito do rosto. Era mesmo uma boa ideia enfrentar aquele pessoal? Micah não era um cara pequeno, de forma nenhuma, e Dan havia visto troféus de Artes Marciais em seu quarto. Mesmo assim, ele estava largado sobre os ombros das pessoas que os carregavam. Uma lente de seus óculos estava quebrada, e a outra faltando.

– Precisamos fazer alguma coisa – murmurou Dan.

– Tipo o quê?

Ao ouvir as palavras de Jordan, Abby apertou com ainda mais força os dedos de Dan.

– Sei lá... Mas ele ajudou a gente a fugir. Precisamos fazer alguma coisa para ajudar.

O nó em seu estômago se tornou ainda maior quando Abby murmurou:

– Jordan tem razão.

Os Scarlets fizeram Micah se sentar na cadeira de espaldar alto diante da professora e prenderam suas mãos com as amarras. Os grilhões de ferro prenderam seus tornozelos também. Dan ficou só observando, sentindo sua garganta se fechar de pânico quando um deles tirou uma correia de dentro da túnica e passou pela testa de Micah, mantendo sua cabeça presa à cadeira.

– Minhas ferramentas? – a professora Reyes falou secamente, como quem pede um café.

Uma das figuras de manto fez uma mesura e saiu da sala, voltando momentos depois com uma bandeja prateada com apenas três objetos – um pedaço de gaze, um martelo e um instrumento de ponta afiada.

– Ai, não. Não, não, não – Jordan falou com um suspiro de susto.

Micah começou a se debater, de repente se dando conta de sua situação e tentando começar a resistir.

– Quietos aí – rugiu a professora Reyes. Seus olhos pretos brilhavam. – Não vai querer que eu erre a mão. Não temos tempo para conversa, mas nem mesmo sua linhagem familiar é capaz de resguardar você de soluções mais *permanentes*.

As mãos de Abby começaram a suar junto às de Dan.

– Que isso seja um lembrete do que acontece quando você desobedece. Quando se *intromete*. Você poderia ter dado um susto nele, principalmente agora, quando estou tão perto da resposta... – ela caminhou até a lateral da cadeira, pegou o instrumento pontudo e o martelo, se inclinou sobre Micah e posicionou a ponta com cuidado acima da pálpebra direita dele. – Segurem firme. Está na hora de acordar...

Duas figuras obedeceram a suas ordens.

Os olhos de Micah percorreram desesperadamente a sala antes de se cravarem nos de Dan, do outro lado da janela. Dan respirou fundo, mordendo a língua para não gritar. O martelo atravessou o ar, ganhando impulso para o impacto. Dan sentiu Abby se encolher toda, escondendo os olhos. Ele se recusou a desviar o olhar.

Quando o martelo atingiu o instrumento cirúrgico, ele foi capaz de jurar ter visto Micah dizer a palavra “corram”.



CAPÍTULO

26



O som chegou até ele imediatamente, um baque surdo como o de um pedaço de carne sendo jogado no chão. Dan se arrependeu de ter olhado. E desejou que alguém pudesse ter impedido aquilo.

– Vocês não podem ficar aqui.

Dan se virou, desviando o olhar da lobotomia de Micah para ver um Scarlet parado bem diante deles. Ninguém abriu a boca. Dan sentiu o frio ao redor roubar suas palavras e até seu fôlego.

A figura ergueu os braços e arrancou a máscara, revelando um rosto bonito, apesar de contorcido em uma careta. Dan demorou um instante para reconhecê-la.

– Lara! – Abby praticamente gritou de alívio. – Espere! Você está com esses monstros?

– Estava. Não estou mais. Não que exista um jeito de sair, mas... nunca pensei que eles fariam isso com um de nós. Com *Micah* – seus lábios tremiam, e seus olhos estavam cheios de lágrimas. Em seguida ela piscou algumas vezes, e a expressão assustada sumiu de seu rosto, dando lugar à determinação. – Vocês não podem ficar aqui. Se eles encontram vocês... É melhor nem pensar. Venham comigo, certo? Este lado da casa está praticamente vazio. Ninguém vai ver a gente.

– Que lugar é este? – perguntou Dan, já perdendo o ímpeto de entrar ali.

Ele já havia visto o bastante.

– A professora Reyes mora aqui. Ela herdou a casa do diretor Crawford, e se refere a ele como pai, mas duvido que sejam parentes. Ele deixou a propriedade para ela em testamento – Lara os conduziu para os fundos da casa, agachando-se sempre que passavam por uma janela. – Agora vão embora, certo? Vocês não podem ser vistos aqui.

– Para onde a gente pode ir? – murmurou Jordan. – Você está aqui, Cal é um psicopata, Micah está... A gente *não tem* para onde ir.

– Encontrem um lugar para se esconder. O centro acadêmico nunca fecha... Peguem uma salinha lá e tentem não ser vistos por ninguém. Deixem os celulares ligados. Se eles descobrirem onde vocês estão, mando uma mensagem.

– Lara... – Abby foi até ela e o segurou pelo pulso. – Por que está fazendo isso? Se eles descobrirem, vão machucar você também.

– Não posso me preocupar com isso agora. Não é assim que... Não é isso que eu quero ser... – Lara não diminuiu o passo, continuou correndo pela escuridão até chegarem a uma fileira de árvores que separava a mansão da propriedade localizada nos fundos. – Pensei que fosse uma organização acadêmica, para conseguir bons contatos! Eles disseram que iriam pôr minha arte na galeria que eu quisesse em Nova York. Ou então me arrumar uma vaga na faculdade de Medicina se eu *mudasse de ideia*. Rá – ela parou, olhando ao redor para garantir que não estavam sendo seguidos. – Tentem se manter em segurança. Eu vou entrar em contato quando puder. Arrumem um jeito de sair do campus. Peguem um ônibus, um avião... Sumam daqui.

– Espere aí – falou Dan, bem sério. – Eu tenho mais algumas perguntas...

– Não agora. Logo eles vão me procurar – ela soltou um suspiro e pôs de volta o capuz. – Me ligue amanhã. Depois eu respondo às suas perguntas.

– Dan, ela precisa ir. A gente não pode criar problemas para ela – Abby o segurou pelo braço e o puxou para o meio das árvores. – Se cuida, Lara.

– Vocês também.

Em seguida, ela atravessou de volta o quintal, e em pouco tempo se transformou apenas em um vulto escarlate.

Eles tomaram o caminho do campus, percorrendo cuidadosamente as ruas ao redor, parando nas sombras das construções e das árvores e correndo para não ser vistos. Não era muito difícil, pois já era bem tarde.

Quando enfim chegaram ao Pavilhão Wilfurd, estavam exaustos, e foram se esgueirando pelos corredores mal iluminados até encontrarem um corredor escondido usado para descarregar os

caminhões de comidas e bebidas. Eles despencaram com as costas apoiadas à parede, e ficaram em silêncio por um bom tempo.

Uma lâmpada quase queimada piscava de leve mais acima, zumbindo de forma intermitente. As máquinas de doces e salgadinhos no corredor à esquerda faziam um barulho parecido.

– Eu quero rever tudo isso que descobrimos – murmurou Dan, tirando os diários e as anotações de dentro do casaco.

– A gente não pode ficar em paz por pelo menos dez minutos? – resmungou Jordan. – Eu só preciso... Sei lá. Digerir as coisas? O que a gente acabou de ver... Todas aquelas pessoas lá. Que diabos está acontecendo aqui?

– Dan estava certo – falou Abby, tirando as luvas e deixando os braços caírem sobre as coxas. – Isso tudo vai muito além do que a gente imaginava.

– Tipo, por que as pessoas iriam querer fazer parte de um grupo como esse? – questionou Jordan.

Ele apoiou a cabeça na parede e fechou os olhos.

– Você ouviu o que a Lara falou... contatos, prestígio. Micah contou que o tio dele estudou aqui, e aposto que era um Scarlet também. E, não que isso faça muita diferença agora, mas Micah ainda poderia estar no reformatório se eles não tivessem mexido seus pauzinhos – Dan esfregou os olhos. Ele não podia dormir. Ainda não. – O pai do Cal era o reitor, então no caso dele devia ser uma lance de família.

– E o irmão da Lara é um ex-aluno – comentou Abby. – Provavelmente fazia parte também.

– Meu palpite é que se tratava de uma sociedade secreta como outra qualquer até o diretor entrar em cena. Aposto que as pessoas nem deviam saber que tudo o que estavam fazendo era em benefício dele. E, o que quer que fosse que ele estivesse tentando, parece que a professora Reyes está levando adiante. Queria saber o que ela quis dizer quando falou que estava perto de uma resposta. Que resposta será essa?

– O que eu quero saber é se essa sociedade secreta tem alguém infiltrado na polícia de Camford – murmurou Jordan.

Dan nem tinha parado para pensar nisso ainda.

– Você conseguiu alguma coisa cruzando os nomes do quadro-negro com os dos ex-alunos antes de o computador dar pau?

– Não.

– Eu ainda estou com isto aqui – falou Abby, mostrando alguns jornais dobrados. – Lembra? Estavam na mochila do Cal lá no parque de diversões.

Uma faísca de esperança surgiu no peito de Dan pela primeira vez em um bom tempo, mas não o suficiente para despertá-lo de vez.

– Vamos dar uma olhada.

– Fiquem à vontade – murmurou Jordan. – Eu vou tirar um cochilo.

– A gente pode se revezar – Abby alisou as fotocópias dos jornais e as posicionou entre suas pernas e as de Dan. – Eu vou programar o alarme do celular...

– Que foi? – perguntou Dan.

Abby parecia preocupada, e Dan deu uma olhada no celular dela.

– Minha bateria está fraca. Muito fraca. E a sua?

Dan tirou o telefone do bolso e fez uma careta.

– A mesma coisa. Droga. Meu carregador está no quarto do Micah, e eu não tenho como entrar lá. A não ser que... que o Jordan consiga arrombar a fechadura.

Esse comentário tirou Jordan de seu momento de descanso.

– Não. Sem chance, Dan, você só pode estar de brincadeira. Eu não ponho mais os pés naquele alojamento. Se fizer isso, vou acabar servindo de inspiração para um novo episódio “totalmente fictício” de *Law and Order*.

– E como vamos fazer contato com a Lara? A sua bateria ainda tem carga?

Jordan olhou para o iPhone largado sobre sua barriga.

– Está pela metade. Vou deixar desligado até amanhecer, para economizar.

– Vou mandar uma mensagem com o número dele para Lara – falou Abby. – Pelo menos assim ela ainda vai ter como falar com a gente.

– Beleza. Me acordem quando for a minha vez de ficar de vigília – falou Jordan, já quase pegando no sono outra vez.

Dan se inclinou sobre os papéis, passando os dedos por títulos de reportagens e editoriais. A maioria era trivialidade pura, notícias sobre esportes e espetáculos. Sua vista ficou borrada, e ele não conseguiu mais ler, dominado pela tristeza a ponto de não conseguir fazer sua mão parar de tremer. A mão de Abby pousou sobre a sua, transmitindo um calor reconfortante.

Enquanto cochilava, Jordan repetia baixinho sequências de números, misturando as palavras umas com as outras.

– Eu lamento muito, Dan. Sei que você gostava dele.

– Ele deve ter virado um vegetal a esta altura – ele comentou, amargurado. – Tipo... uma página em branco. Isso se tiver sobrevivido. Ele era um bom sujeito... eu acho. Quer dizer, pelo menos tentou ajudar a gente, apesar de ter feito o que fez no passado.

– Vai ver ele estava tentando melhorar, sabe? Deve ter percebido que os Scarlets não estavam no caminho certo – sugeriu Abby. – E se a gente ainda estivesse com ele? A gente ia ser pego também, e ia acontecer o quê? O mesmo que aconteceu com ele. Sei que é uma situação difícil, mas precisamos ser bem frios e racionais agora.

– Ha. Que engraçado.

– O quê?

– Uma artista me pedindo para ser frio e racional. Mas você tem razão... Eu sei. Não é isso. O problema é não termos feito nada para ajudar – Dan soltou um suspiro, forçando seus olhos a se concentrar no papel. – Parece que é isso que está acontecendo desde o verão que passamos no Brookline... as coisas não param de acontecer ao nosso redor, mas não fazemos nada a respeito.

– Mas nós podemos, e vamos conseguir – garantiu Abby. – Essa história ainda não chegou ao fim.

Dan balançou a cabeça positivamente, engolindo em seco por cima do nó na garganta. Ele detestava aquela sensação, como se estivesse prestes a chorar ou a vomitar, ou então as duas coisas. Ele virou a página e encontrou uma reportagem sobre uma irmandade que estava organizando um evento beneficente para ajudar com as despesas médicas de um professor. Dan estava prestes a passar

para a folha seguinte quando a mão de Abby bateu na página e a pôs de volta no chão.

– Essa menina – ela falou, apontando para a foto das garotas sorridentes da irmandade. – Ela não lembra alguém?

Estreitando os olhos, Dan viu uma garota de pernas e braços cruzados que não parecia nada contente em posar para a foto. Isolada no canto esquerdo da fila, estava fazendo cara feia, na verdade. Estava mais magra, e o corte de cabelo era diferente, mas as feições eram as mesmas.

– A professora Reyes – ele falou. Dan encolheu os ombros, sem entender a importância que poderia ter aquela foto. – Então ela fazia parte de uma irmandade. E daí?

Abby mordeu o lábio e franziu a testa, olhando fixamente para o papel, pensativa.

– Quê? – questionou Dan. – O que foi?

– É só um palpite, eu acho. Quer dizer... A gente já sabe que o diretor controlava Harry Cartwright, que estava envolvido no desaparecimento de mulheres na cidade. Lembra da carta que a gente encontrou na casa dele? A da Caroline? Ela fazia parte dos Scarlets, e detestava, queria sair...

– *Caroline* – Dan arregalou os olhos de curiosidade. – Você acha que Caroline Martin e a professora são a mesma pessoa?

Ele leu a pequena legenda sob a foto. E lá estava, em letras pequenas em preto e branco, o primeiro nome à esquerda: *C. Martin*.

– Reyes deve ser o nome de casada dela – especulou Abby. – Ou então ela escolheu usar outro nome depois de passar pela lavagem cerebral do diretor. Talvez *e/le* tenha escolhido. Faz sentido, não? Se ela tivesse descoberto o que o diretor andava tramando com os Scarlets e quisesse sair, ele faria o que fosse preciso para impedir que a história se espalhasse.

– Então ele silenciou Caroline fazendo um de seus experimentos nela, que agora faz isso com seus próprios seguidores – falou Dan, balançando a cabeça. – E as outras mulheres, as outras desaparecidas... Deve ter acontecido a mesma coisa. Elas estavam prestes a revelar tudo.

– Assim como Micah... – constatou Abby, com tristeza. – E Lara também, se eles descobrirem que ela está ajudando a gente.

– É um ciclo. A professora Reyes só está fazendo o que foi programada pelo diretor para fazer.

– Isso é deprimente – ela passou o dedo pelo nome da professora na legenda da foto. – Você acha mesmo que ela foi hipnotizada? Uma coisa como essa pode durar tanto tempo assim? Como será que a pessoa sai da hipnose? O diretor deve ter feito isso com ela há uns trinta anos.

– O que significa que talvez os Scarlets sejam todos escravos dela e nem saibam disso – comentou Dan. Com as informações que conseguiram sobre os experimentos do diretor, mais e mais peças começavam a se encaixar, por mais terrível que fosse o cenário que revelavam. – Talvez Cal tenha sofrido uma lavagem cerebral completa. Ou a sua tia Lucy. Tipo, ela estava totalmente diferente da última vez. E o Felix... Vai ver foi isso que aconteceu com ele também!

Ao ouvir isso, Abby corrigiu sua postura.

– Felix? Mas foi ele que deu os endereços para a gente descobrir tudo...

– O que mostra que ele está tentando resistir. No verão, às vezes Felix parecia ser ele mesmo, e em outros momentos estava sendo o Escultor. Então talvez a lavagem cerebral não tenha funcionado totalmente no caso dele. A professora Reyes pode não ter a mesma capacidade do diretor. Ela tem a pedra e provavelmente a receita de um coquetel de drogas, mas as anotações dele ficaram na fraternidade. Talvez ela nunca tenha lido...

A faísca de esperança brilhou de novo dentro dele, ainda que mais fraca.



– Então talvez dê para reverter o processo – falou Abby, otimista.

Dan pensou em seu encontro com Maudire, ou seu fantasma, ou a visão do diretor Crawford, o que quer que tenha sido aquilo.

*Você não pode refazer o que já foi feito, mas pode desfazer. Não é fácil, mas você pode desfazer.*

Caso a lavagem cerebral do diretor pudesse mesmo ser desfeita, talvez o salvo-conduto mencionado por Maudire estivesse escondido naqueles diários. Dan balançou a cabeça, dobrando as páginas do jornal, parecendo determinado.

– Espero que dê para reverter, porque, assim que tivermos ajudado todo mundo, vamos precisar fazer isso comigo também.

– Espera, você acha que...

– Acho, sim. E já estou pronto para ter minha mente de novo só para mim.







—————  
CAPÍTULO  
—————

27



O velho hipnólogo tinha dentes afiados como punhais escondidos sob a barba emaranhada. À distância parecia limpo, porém chegando mais perto era possível ver a sujeira acumulada nas rugas profundas de seu rosto.

Velhice significava fragilidade. Velhice significava poder ser subjugado até por um garotinho.

Dentro da barraca, o cheiro era de frutas silvestres misturado com um perfume elegante de mulher. Ele sabia que aquele cheiro ficaria impregnado em sua roupa durante dias, e que sua mãe o repreenderia por isso. Por onde você andou? Que cheiro é esse? Vai incomodar o bebê! Ele teria que inventar uma mentira quando voltasse para casa com Patrick e Bernard.

Mas naquele momento ele precisava mesmo da pedra e da corrente. Se quisesse que Patrick subisse no telhado, teria que estar com a pedra. Dentro da barraca havia todos os tipos de coisas estranhas – um pássaro de penas vermelhas e um olho só que pulava de um lado para o outro no poleiro gritando “Turco! Turco!”, e candelabros pesados com cera roxa borbulhante.

Ele era o favorito do velho, o que significa que o encontraria de guarda baixa.

– Sabe onde consegui essa pedra? – o hipnólogo ria o tempo todo. Ria depois de cada frase, às vezes cada palavra. – O velho Maudire a tirou de um túmulo, menino, o que acha disso? Ha, ha!

– Turco! Turco!

Daniel olhou feio para o pássaro. Ele se perguntou se a ave o denunciaria, já que sabia falar. Não importava. Ele precisava da pedra se quisesse fazer Patrick se calar.

– Era uma viúva amarga, que só queria que os filhos fizessem o que ela mandava, garoto, enlouqueceu todos eles, ha, ha! Orgulhosa. Dramática. Tem gente que me chama de dramático, mas não é nada disso. Peguei a pedra no túmulo da viúva, em sua

fazenda, a Fazenda Arnaud, uma casa branca, bonita, com árvores ao redor e um riozinho. Um dos filhos dela se afogou nesse rio. A menina rachou o crânio na árvore. Ha, ha! Eu sussurrei quando a desenterrei, eu sussurrei: "Acorde, chérie, acorde!". A maldita viúva foi enterrada em segredo, garoto, e ninguém além de mim teve coragem de pegar suas joias! Eu, o velho Maudire...

– Turco!

– Posso ver de novo? – pediu Daniel.

Ele não deu ouvidos à história. Não estava interessado. Talvez a pedra fosse mágica, mas talvez fosse uma joia qualquer. Fosse o que fosse, era capaz de hipnotizar as pessoas de uma forma muito especial. Havia funcionado com ele, não? E esse tipo de truque nunca funcionava com ele.

– Mais uma vez, menino, só mais uma vez, e depois você precisa ir para casa!

O hipnólogo sacou a pedra vermelha e reluzente do bolso do colete e sacudiu diante dos olhos de Daniel. Parecia o sangue da terra, algo cruel e primitivo saído das profundezas do mundo.

Estava quente em sua mão, apesar da aparência fria.

– Turco! Turco!

Daniel olhou para a pedra por um longo tempo, e esperou até que o hipnólogo se virasse para se servir de uma xícara de chá no fogãozinho fumegante no canto. Então pôs a pedra no bolso, apanhou um dos candelabros pesados e golpeou com a maior força de que era capaz. A cera roxa escorreu sobre sua mão, mas ele mal sentiu. Saiu mais sangue do que ele esperava, e escorria daquela cabeça arreventada tão rápido, tão grosso...

O candelabro era pesado demais para suas mãozinhas. Ele o largou no chão, montou sobre Maudire e fechou as mãos em torno do pescoço do hipnólogo. O fato de ele ser velho e frágil veio a calhar. Seu pescoço parecia apenas um tubo morno e pulsante entre as mãos de Daniel, da largura de uma garrafa de leite, no máximo.

A cera roxa em seu pulso esfriou e rachou, e sob suas mãos Maudire parou de se mexer.

– Turco!

*Daniel detestava aquele pássaro. Ele pegou outro candelabro e o virou, derramando a cera quente sobre a ave. Suas asas eram cortadas, e ele não podia voar, mas gritou bem alto ao ser escaldado e queimado pela cera. Em seguida ele golpeou o pássaro também, porque o odiava, porque não queria ouvir de novo aquela palavra.*

*Que história era aquela de turco afinal?*

*Daniel limpou as mãos no tapete listrado e manchado e saiu da barraca.*

*Quando atravessou de volta o parque de diversões, estava sorrindo. Ele estava com a pedra, e no dia seguinte Patrick se calaria de vez.*



CAPÍTULO

28



Nos últimos tempos, Dan nunca acordava tranquilamente. Ele se sentou às pressas, sentindo uma mão segurando seu braço. Por um instante teve certeza de que eram os Scarlets, ou então o velho barbado de seus sonhos, mas era só Abby.

Ela o sacudiu de leve, com o celular vibrando na outra mão.

– Que horas são? – ele perguntou, ainda grogue.

– Oito da manhã – murmurou Abby. – Eu... hã, peguei no sono também. Mas parece que ninguém encontrou a gente. Então... eba?

Jordan não estava lá, mas apareceu logo depois no corredor, com os braços carregados de *junk food*. O estômago de Dan roncou de expectativa.

– A sopinha está pronta – falou Jordan, todo sorridente apesar das olheiras. Ele entregou para Dan uma garrafa de suco de laranja e um rocambole de canela em uma embalagem plástica. – Você parece estar meio mal. Teve sonhos desagradáveis?

– E os sonhos não são sempre desagradáveis? – rebateu Dan, abrindo a garrafa de suco e dando um gole.

– Os meus também foram – Abby disse baixinho. Ela se inclinou para a frente e prendeu os cabelos em um rabo de cavalo. – Lucy e Lara estavam me perseguindo, só que não tinham rosto. Eu só sabia que eram elas por causa das risadas – ela estremeceu. – Foi horrível.

– E então, o que vamos fazer agora? – Jordan se apoiou na parede oposta à que eles estavam e ligou o celular. Ele olhou desanimado para o aparelho enquanto mastigava um *donut* que esfarelava a cada mordida. – Vamos ficar esperando pela ligação da Lara? E se ela não ligar?

– Ela vai. Ela precisa ligar.

Dan não estava tão convicto assim. *Torcia* para que Abby estivesse certa, mas, depois de ver o que aconteceu com Micah, não iria mais subestimar a professora Reyes e o que ela era capaz de fazer para

manter seus seguidores sob controle – e o que ela faria para encontrá-lo.

Ele suspirou e engoliu um pedaço de rocambole. Não seria uma boa ideia tomar seus remédios de estômago vazio. Dan ficou contente por carregá-los sempre consigo, caso contrário arrombar a fechadura do quarto de Micah se tornaria uma necessidade incontornável. Como ele faria para pegar suas coisas de volta, aliás? E se eles nunca mais vissem Micah?

– Talvez a Lara possa dizer em quem podemos confiar por aqui. Ela é uma Scarlet, então deve saber quem *não é*. Ainda pode ter uma chance de a polícia não estar envolvida.

– O que eu quero saber é por que ninguém caiu fora quando a coisa começou a ficar bizarra – falou Jordan, brincando com o telefone nas mãos. – Seria de se esperar que, depois da primeira lobotomia, alguém resolvesse abrir a boca.

– Ah, sim, do mesmo jeito que a gente foi embora assim que o clima azedou por aqui no verão – Abby rebateu, irônica.

– *Touché*.

Abby chegou mais perto, pegando as anotações de Dan e dando uma olhada nelas enquanto Jordan se sentava e examinava as notícias de jornais tiradas dos arquivos.

– É estranho olhar para ela assim – comentou Jordan ao abrir a foto com as meninas da irmandade. – Ela parece... normal. Vocês acham que nessa época ela já estava envolvida com o diretor?

– Eu acho que sim – respondeu Daniel. Seus dentes estavam ásperos. Ele não se lavava nem escovava os dentes desde a manhã anterior. – A época foi bem essa.

– Então mesmo aqui ela estava... – Jordan se interrompeu, cruzando os dedos diante dos olhos. – Enfeitiçada ou coisa do tipo.

– O que é isso? – leitora voraz, Abby já tinha visto a maior parte das folhas. – “Sanctum, um lugar sagrado ou santificado” – ela leu. – “O que pode ser mais sagrado do que ter poder sobre seus verdadeiros pensamentos? Sanctum. É ao mesmo tempo a fechadura e a chave.” – com um resmungo intrigado, ela desviou os olhos da página. – Vocês acham que aquela casa que encontramos

podia ser esse santuário? Como era a casa dele, acho que faz sentido.

– Provavelmente – respondeu Dan –, ou então podia ser o Brookline. Na verdade podia ser até aquela pedra idiota dele.

Ele pensou em seu sonho, no jovem Daniel Crawford estrangulando o hipnólogo como se não estivesse fazendo nada de mais. Mandando seu irmão mais velho pular do telhado porque o maltratava. A única coisa sagrada para uma pessoa assim só poderia ser seus próprios pensamentos.

– Que frase mais esquisita – continuou Abby. – Logo ele, que parecia tão obcecado por lógica, ciência e conhecimento. Esse monte de bobagens sobre coisas sagradas parece não ter nenhuma relação com o resto.

– A esta altura, eu não descartaria nenhuma possibilidade – falou Jordan e então se interrompeu, tendo um sobressalto ao ver seu celular vibrar sobre o carpete. – Eu atendo?

– Pode deixar comigo – falou Abby, pegando o aparelho.

Ela prendeu os cabelos atrás da orelha três vezes, apesar de eles não terem saído do lugar na primeira.

O rocambole de canela se revirou dentro do estômago de Dan. Seu medo era que a professora Reyes estivesse do outro lado da linha.

– Alô? Lara? Ai, graças a Deus que você está bem. Claro... Está tudo... Sim, a gente pode ir até aí. Ah... Só eu? Humm... não sei. Quer dizer, sim, claro, eu posso ir sozinha – Dan sacudiu a cabeça negativamente, mas Abby o ignorou. – Não tem problema. Vou até aí assim que puder – Abby desligou e respirou fundo, segurando o celular com força. – Ela parecia assustada.

– E você também não estaria? – murmurou Jordan.

– Ela quer que eu vá sozinha... Vocês vão ter que esperar um pouco. De repente conversando ela se acalma.

– Você deveria ter perguntado se ela estava sozinha – falou Dan. *Principalmente porque estava assustada.* – Onde vocês vão se encontrar?

– No ateliê dela no prédio de Artes – respondeu Abby, pegando as luvas, o casaco e ficando de pé. – Lá onde eu fui ver a instalação dela. Fica meio fora de mão, então acho que não vai ter ninguém

por lá em um domingo de manhã... Só um ou outro funcionário da manutenção, no máximo.

– Você sabe que isso é uma armadilha, né? – perguntou Jordan, ajudando Abby a vestir o capuz do casaco, que tinha se enroscado.

– Claro que sim – ela respondeu com uma risada de cansaço. – Mas quais são as nossas opções no momento?

– A gente não vai deixar você ir até lá sozinha – falou Dan, vestindo o casaco e recolhendo os papéis. – Preciso esconder essas coisas – ele continuou. – Se vamos entrar nessa armadilha, a última coisa que eu quero é que a professora Reyes ponha as mãos nas nossas anotações. Toma aqui – ele arrumou os papéis em uma pilha e entregou para Abby. – Põe no banheiro das meninas, em uma saída de ventilação ou coisa do tipo.

Ela desapareceu no corredor por um instante, e voltou com o casaco fechado e o gorro enterrado até as orelhas.

– Armadilha ou não – Abby falou –, acho que eu tenho uma ideia.



CAPÍTULO

29



Enquanto esperavam do lado de fora do prédio de Artes, tremendo de frio sob o sol fraco, Dan se perguntou se conseguiria se aquecer de novo em algum momento da vida. Ele não esperava sentir falta do corredor desconfortável onde tinham passado a noite, mas qualquer coisa era melhor que ouvir seus próprios dentes batendo e sentir seus pés começarem a ficar dormentes.

O prédio de Artes era baixo e comprido, com duas colunas ao lado da entrada. O perfil robusto e o formato incomum as faziam parecer um par de bulldogues guardando a porta.

– Quando você disse que tinha uma “ideia”, pensei que fosse algum tipo de *plano*, não apenas ir entrando com armas invisíveis em punho – comentou Jordan, batendo os pés no chão e baforando nos próprios dedos.

Abby fez um gesto para que ele se calasse. Jordan e Dan estavam escondidos um de cada lado da porta, longe das vistas de quem estivesse lá dentro.

– É um plano, e você entenderia se ficasse quieto e me ouvisse – ela pegou o telefone de Jordan e tirou a luva para digitar o número. Antes de fazer isso, ela explicou. – Vou ligar para a Lara e dizer que a porta está trancada, que não estou conseguindo entrar. Ela vai ter que vir até aqui. Quando abrir a porta, a gente pode puxá-la para fora e fugir. Assim, se tiver alguém esperando lá dentro, vai perder viagem.

– Isso... Na verdade, é um bom plano – admitiu Jordan, encolhendo os ombros.

– Shhh, está chamando. Se preparem, porque a gente não vai ter muito tempo para fugir.

Silêncio. Dan esfregou os braços furiosamente, tentando voltar a senti-los. Parecia que eles estavam esperando o carrasco chegar. Mesmo se Lara conseguisse ajudá-los, primeiro teria que estar disposta a cooperar e se voltar contra os Scarlets. Por um momento,

ele fechou os olhos e se imaginou em casa, quentinho, com um chocolate quente nas mãos e um cobertor no colo.

– Caiu na caixa-postal – falou Abby, e em seguida tentou ligar de novo. – Ela não atende... Droga. Última tentativa.

– Espere aí – Jordan chegou mais perto dela, o máximo que podia sem ser visto pelas janelas de vidro que cercavam a porta. – Você está ouvindo isso?

Abby colou a orelha à porta.

Dan não estava ouvindo nada além de alguns pássaros piando uns para os outros no alto do prédio ao lado.

– Está tocando “Monster Mash”?

– É o toque do celular dela – falou Abby, desligando o telefone. – Talvez seja melhor a gente entrar.

– Ligue de novo, só para ter certeza – sugeriu Dan.

Ele chegou mais perto para ouvir o toque do celular, e logo depois que Abby apertou o botão de rediscagem começou a escutar um ruído distante, que foi crescendo até se transformar em melodia. O fato de ela não atender ao celular depois de três chamadas era preocupante. E não fazia nenhum sentido. Caso houvesse alguém à espera deles lá dentro, já teria silenciado o celular, ou interrompido as chamadas, ou talvez até *atendido*.

– A gente precisa entrar – falou Abby, entregando o celular para Jordan. – Ela já deveria ter atendido.

– Nessa eu estou com você – concordou Dan. – Tem alguma coisa errada – ele estendeu o braço e pôs a mão na maçaneta, impedindo que os outros entrassem por um momento. – E, se tiver mesmo alguém lá dentro, é só a gente correr e se separar. Assim fica mais difícil para eles. Se conseguirem escapar, liguem os celulares de novo e marcamos um lugar para a gente se encontrar.

– Certo – falou Jordan.

– Tentem fazer silêncio – acrescentou Abby, afastando a mão de Dan e abrindo a porta. – Podemos dar uma olhada rápida e cair fora.

Dan logo percebeu que só uma “olhada rápida” estava fora de cogitação. Eles encontraram algo caído no chão assim que puseram os pés no *hall* de entrada. Ele deteve o passo, mas Abby saiu correndo até lá e se agachou para pegar.

– Hã, o que é isso? – sussurrou Jordan, apontando freneticamente.

– Uma mão – respondeu Abby, falando baixinho. – Uma mão de manequim – ela franziu a testa, desviando os olhos dos dedos de plástico para encarar Dan. – Faz parte do projeto dela.

Dan foi andando cautelosamente até o corredor que atravessava o *hall* de entrada. Do lado esquerdo estava vazio, com várias portas que davam acesso ao que ele imaginou serem salas de ensaio. Já à direita...

– Tem mais uma ali – Abby falou, já correndo para recolher. Dessa vez era um pé. – Meninos... Eu não estou gostando nada disso. Lara jamais faria isso com o próprio trabalho. Essa instalação é importante demais para ela.

– Onde fica o ateliê dela? – Dan perguntou, apesar de isso na verdade não ser necessário.

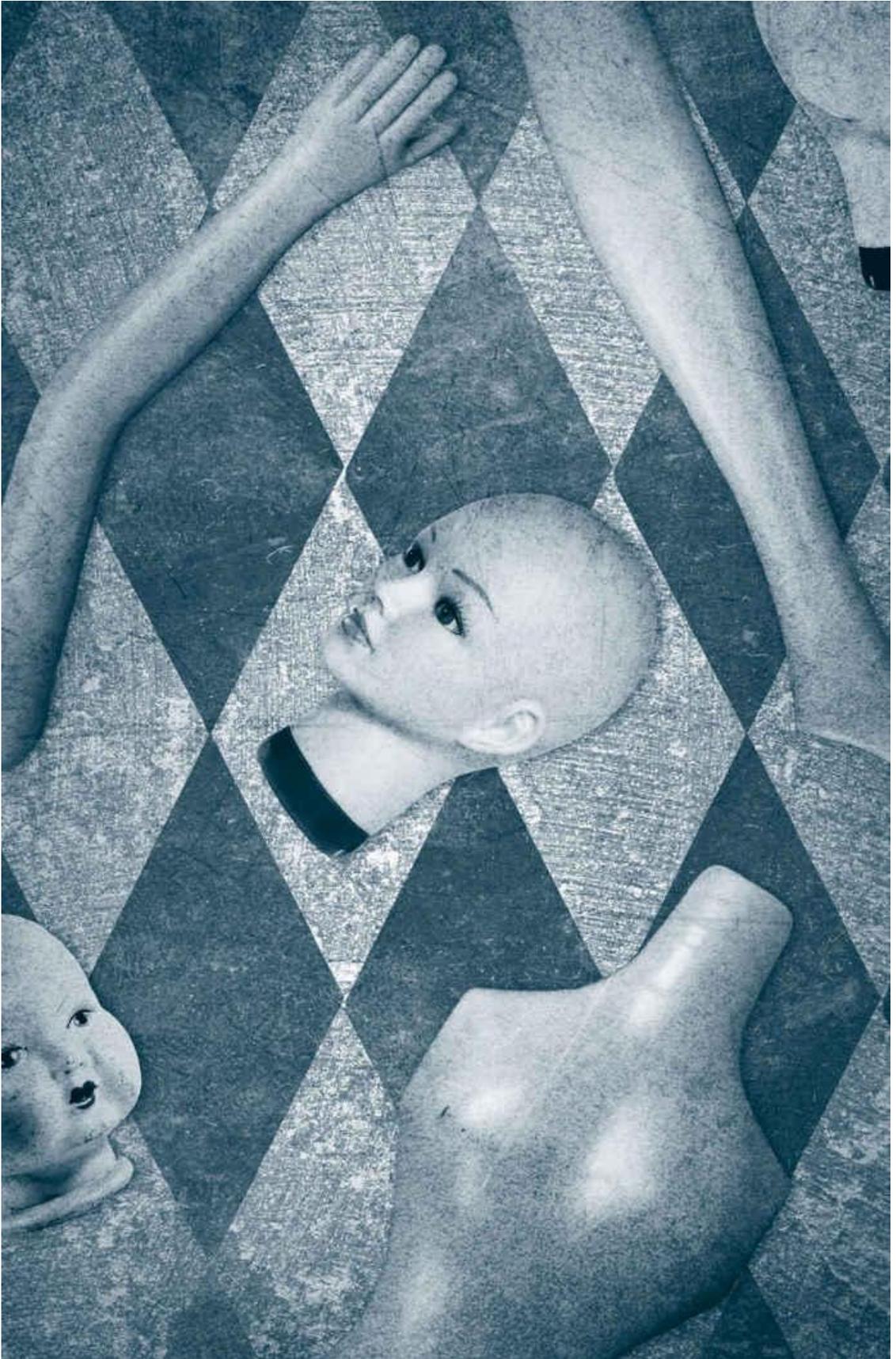
Dava para ver outro pedaço de manequim largado mais adiante. As partes de corpos formavam uma trilha pelo corredor. Abby assumiu a frente, parando para ver cada pedaço deixado no caminho. Uma coxa... um antebraço... uma cabeça.

Quando chegaram ao tronco, Dan percebeu que eles estavam diante de uma porta semiaberta. Abby foi logo querendo entrar, mas Dan a deteve. A mão dela tremia descontroladamente quando ele a segurou.

– Seja o que for que tenha aí dentro – ele murmurou, olhando para os dois –, a gente não pode gritar.

Abby pôs a mão espalmada na superfície de madeira e empurrou. As dobradiças rangeram e a porta se abriu, revelando mais uma trilha de pedaços de manequins. Havia cordas e arames arrebatados no teto, ainda balançando, como se tivessem acabado de ser cortados, com pregos e parafusos nas pontas. Os manequins deviam estar pendurados, ele pensou, desejando ter visto como a instalação era originalmente.

Ao seu lado, Abby soltou um suspiro de susto, percorrendo com os olhos a mórbida trilha de pedaços de plástico até chegar a um corpo de carne e osso caído no centro do ateliê.



Ele quase ignorou sua própria recomendação, sentindo um grito subir com força por sua garganta.

Era Lara, caída no chão com a cabeça inclinada para o lado. Estava quase sorrindo, como alguém que havia pensado em alguma coisa engraçada e mal poderia esperar para dizer em voz alta. Suas mãos estavam escondidas sob o corpo. O sangue ainda escorria, e Abby precisou dar um passo para o lado para não pisar nele com seus tênis.

– Ai, meu Deus – Abby falou, levando sua mão toda trêmula à boca.

Com cuidado, Dan e Jordan atravessaram o ateliê até onde ela estava. Abby seguia alguns passos atrás. Cal, ou a professora, Dan pensou consigo mesmo, poderiam aparecer a qualquer momento e agarrar Abby enquanto ela ainda limpava as lágrimas do rosto.

– Eu sei que isso é uma tragédia, Abby, mas a gente precisa sair daqui – sussurrou Dan.

– Não... Ela não pode ficar aqui desse jeito...

Ele começou a puxá-la para longe do corpo. Um dos pedaços de manequim escapou das mãos de Abby, caindo ruidosamente no chão.

– Nós não podemos ser vistos aqui – rebateu Dan. Jordan se ajoelhou e limpou com a jaqueta as partes dos manequins que Abby tinha tocado. – Se não formos embora agora mesmo, vamos ser pegos. É isso que a professora Reyes quer, que detenham a gente e que eu seja encontrado.

Abby se livrou de seu toque e se virou para Dan.

– Dá para esquecer essa conversa do diretor por um minuto? Estamos falando de uma pessoa! Uma pessoa de carne e osso! Ela não pode ficar aqui. Precisamos chamar a polícia, precisamos fazer alguma coisa.

– Ab, ela está morta – Jordan disse baixinho. – Não podemos fazer nada – ele se virou para Dan e apontou para a porta. – De repente a gente pode ligar para a polícia e desligar. Pelo menos alguém viria até aqui.

– Precisamos sair daqui – rebateu Dan, tomando o caminho da porta. Ele não estava nem um pouco disposto a levar a culpa por uma morte com a qual não tinha nenhum envolvimento. Talvez se ela estivesse viva eles pudessem fazer algo, mas não era o caso. – Se for mesmo uma arapuca, a polícia pode já estar a caminho, vocês não entendem?

Dan olhou para o teto, à procura de câmeras. Eles não deveriam ter ido até lá.

– Ela não pode ficar aqui abandonada – Abby disse por fim, cruzando os braços.

– Então faz companhia para ela – grunhiu Dan. – Mas eu é que não vou ficar nem mais um minuto aqui.

Jordan hesitou, mas foi atrás de Dan. Alguns segundos depois, eles ouviram Abby correndo atrás deles pelo corredor.

– Dan...

– Venham comigo – ele falou bruscamente. – Eu já sei o que fazer.

– Dan, espere...

Abby o segurou pelo braço, mas ele não deteve o passo até chegar ao fim do corredor, à saída de emergência. Logo ao lado na parede havia uma caixinha vermelha com uma alavanca.

– Espere – ela falou de novo, implorando.

– Eu não posso fazer nada, Abby, nem você – ele apontou para o alarme de incêndio. – Quando estiver pronta, pode puxar. Escute só, sei que você ficou abalada. Eu também fiquei. Mas também estou *com medo*, sabia? Era para você ter vindo sozinha. Já esqueceu? Sozinha. Era uma tremenda armadilha.

– Mais um motivo para ela merecer nossa solidariedade! – rebateu Abby. – E não... isso que estamos fazendo! Ela foi *assassinada!*

– A gente não pode ficar aqui e esperar a polícia. Isso não é uma opção, então toca o alarme se quiser, e se não quiser não toca. Eu estou caindo fora.



CAPÍTULO

30



O frio do lado de fora o atingiu como um tapa na cara. Ele correu, enfiando as mãos nos bolsos e batendo com os pés no chão com mais força do que o necessário. Pelo menos assim ele poderia se esquentar. Não muito, mas qualquer coisa era melhor do que deixar a imagem de Lara caída e sem vida voltar à sua mente.

Aquilo não era coisa da professora Reyes. Era coisa do diretor. Mas ele não poderia fazer nada contra o diretor, então a professora teria que levar a culpa. Ela havia atacado Micah, e depois Lara. Não era preciso pensar muito para concluir que eles eram os próximos. Soltando um palavrão, ele piscou várias vezes, tentando conter o pânico que parecia prestes a tomar conta de seus nervos.

Atrás deles, o ruído agudo do alarme de incêndio ressoava e, com Abby e Jordan ao seu lado, ele se sentia mais culpado do que nunca.

Dan sabia que era a coisa certa a fazer, caso contrário seriam pegos pela polícia ou pelos Scarlets, e nenhuma das duas opções significava que sairiam de Camford em segurança.

Abby seguia bem ao seu lado. Quando pararam para descansar um pouco, ela parou alguns metros à frente. Em seguida se virou e voltou até ele.

– Eu não gostei nem um pouco do que a gente acabou de fazer – falou Abby, resoluta. – E não me interessa se é perigoso ou não, vou procurar a polícia.

– Quê? Abby, você sabe que isso não é uma boa ideia.

– Nós temos informações – ela rebateu, quase gritando.

Jordan apareceu ao lado dela, segurando-a pelo braço e afastando-a um pouco mais do prédio.

– A gente não pode ter essa conversa aqui – ele alertou.

Jordan conduziu Abby a um local mais distante do prédio de Artes, um estacionamento pavimentado de formato circular. A essa altura, já havia alguns prédios acadêmicos entre eles e a cena do crime.

– Você não concorda comigo, Dan, já entendi, mas a gente sabe quem foi que matou a Lara! E eu sei que acha que a cidade inteira está metida nessa conspiração, mas isso... Isso é ridículo! – ela recobrou o fôlego, juntando as mãos. – Não temos nenhuma prova de que o caso vai além dos limites da faculdade.

– E o Harry Cartwright? E a candidata ao Senado? E a cidade inteira aparecendo naquele parque de diversões idiota? – Dan rebateu, exaltado. – Ele trabalhava no correio. O diretor parecia ter livre acesso à correspondência da cidade. E aquela mulher, a política, nem piscou quando eles... quando eles machucaram o Micah.

– Mas, quando a gente estava invadindo aquelas casas, o próprio Micah ficou com medo de ser pego pela polícia, e ele é um Scarlet.

Dan batia com os pés no chão, ansioso, ouvindo o barulho da sirene dos bombeiros cada vez mais próximo.

– Devia ser só uma encenação dele para enganar a gente.

– Mas era você quem dizia que a gente podia confiar nele – argumentou Jordan, sem se exaltar, com as sobrancelhas erguidas. – Parece que a gente só conhece metade da história aqui, e... E, por mais que eu pense que você pode estar certo, Dan, não me parece certo fugir quando a gente pode pelo menos tentar falar com a polícia.

– Ah, sim, porque eles fizeram um ótimo trabalho no verão! – Dan teve que se segurar para não gritar.

Os Scarlets podiam estar de olho neles naquele exato momento. Provavelmente estavam. Quem matou Lara ainda devia estar por perto, acompanhando sua discussão e se deliciando com tudo aquilo.

– Incompetência não é a mesma coisa que envolvimento em corrupção – rebateu Abby. – Eu não sei mais o que fazer. Lara estava tentando sair.

Ela pegou o celular, e Dan viu o aplicativo de mapas surgir na tela.

– Eu posso ir sozinha, não tem problema. Vocês dois podem ficar aqui e ir atrás de uma solução milagrosa.

Dan precisou suprimir o impulso violento de arrancar o celular das mãos dela, que estava pegando o endereço da delegacia.

– Eu vou com você, Ab. Não quero que vá sozinha – falou Jordan, pondo a mão no ombro dela.

– Sei que o que estamos fazendo pode dar certo – insistiu Dan, em tom de súplica. – Estamos bem perto de uma resposta. O que Felix quis que a gente visse, quis que os seguíssemos. E tem a minha visão! O Maudire disse que existe um jeito de desfazer tudo! Ele saberia, não? Estamos bem perto.

– Pode até ser – Abby se virou, seguindo o caminho apontado pelo mapa no telefone. – E ainda podemos continuar o que estamos fazendo depois de falar com a polícia. Nós dois podemos estar certos, Dan, e prefiro basear minhas decisões em coisas mais concretas do que uma *visão*.

– Por favor, não vá – ele disse baixinho, mas os dois já estavam tomando o caminho da cidade.

Abby olhou para trás e abriu um sorriso tristonho. Apesar de querer ir atrás deles, Dan não conseguiu desgrudar os pés do chão.



CAPÍTULO

31



Uma dor de cabeça persistente começou a se instalar na base da nuca de Dan. Era de preocupação, ele sabia, uma preocupação que estava se manifestando como dor física.

– Não foi por orgulho – ele insistia. – Só estou seguindo minha intuição.

Mesmo que fosse orgulho, ele precisava acreditar que tinha tomado a decisão certa. Depois de ver Abby e Jordan sumirem morro abaixo, só restava a ele esperar e esperar.

Eles mudariam de ideia, depois de caírem em si. A qualquer minuto apareceriam correndo ladeira acima. Ele podia segui-los, talvez, à distância, para garantir que não fossem interceptados pelos Scarlets.

Estranhamente, Dan se sentia mais seguro assim, em campo aberto. Pelo menos ali havia a chance de correr e escapar. A pele de seu rosto começou a queimar de frio, então ele resolveu andar, a princípio sem rumo, mas depois com mais propósito, com uma ideia surgindo em sua mente. Ele seguiu na direção onde seus amigos tinham ido, pegando o caminho que atravessava o campus e depois mergulhava morro abaixo até a cidade. Quando começou a descida, ele virou à esquerda, indo até o pequeno cemitério em que pararam no dia em que chegaram.

A garrafa vazia que serviu de travesseiro para o garoto da fraternidade ainda estava lá, recoberta de gelo.

Dan passou pelo portãozinho que cercava o cemitério, ouvindo a grama endurecida pela geada estalar sob seus pés. Mesmo quando estava parado, sem se movimentar, seu coração ainda estava disparado. Era impossível desviar seus pensamentos de Abby e Jordan. Ele estava permitindo que fossem pegos. Ele havia deixado seus amigos na mão.

Mesmo assim, continuava convencido do que falou: devia haver um jeito de reverter a hipnose. Caso contrário, eles e seus amigos tinham voltado para o campus e arriscado a vida de novo à toa.

Dan não conseguiu conter um sorriso, ainda que irônico, diante da lápide aos seus pés. Como ele esperava, as rosas que formavam o crânio dos Scarlets estavam no túmulo de Roger L. Erickson. Alojamento Erickson. Ele olhou para as datas. Esse sr. Erickson tinha morrido um ano e meio antes. O que Micah havia contado? O pai de Cal era o reitor? Quantas coisas os Scarlets não devem ter aprontado no campus contando com a colaboração do reitor? *Amado como pai, filho, mentor...*

– Desgraçado.

Dan nem precisava se virar para saber quem estava atrás dele.

– Ele era mesmo. Ninguém gostava do sujeito, muito menos eu.

Um par de docksides apareceu ao lado dos pés de Dan. Cal não estava usando o manto vermelho dessa vez, apenas uma blusa grossa, calça de veludo e suas luvas de couro elegantes. Ele suspirou, talvez de saudade, e estalou a língua.

A pulsação de Dan disparou de vez. Seu peito reverberava ao contemplar as possibilidades. Ele não era nenhum atleta, e Cal parecia forte e ágil o suficiente para subjugar-lo.

– Vou fazer um telefonema – Cal avisou, sacando o celular do bolso. – Alô, polícia? Daqui a pouco dois idiotas vão aparecer aí na delegacia. Vocês podem fazer o favor de trazer os dois aqui pra cima para mim? Pra você também. Tchau.

– O desgraçado é você – murmurou Dan.

– Provavelmente – respondeu Cal, sem se deixar abalar.

– Ligue de novo para lá, diga para a polícia deixar meus amigos em paz.

– Ou o quê? – ele deu risada, afastando os cabelos arruivados do rosto. – Seus amigos precisam ficar mais dóceis, ou então vão acabar mortos, como seu querido Micah.

Dan fez uma careta. Morto?

– Esse é você mesmo falando, Cal, ou é sua versão “mais dócil”?

Isso pareceu deixar Cal meio sem jeito. Ele levou as mãos aos cabelos e suspirou.

– Quer saber, essa foi a coisa menos tediosa que já saiu da sua boca. Quase me fez querer ter uma resposta para dar. Eu comecei muito cedo. Meu pai estava metido nisso até o pescoço. Quando se

toma ácido há tanto tempo quanto eu, não dá para dizer quais pensamentos são seus e quais são de outra pessoa.

Com a mão já no bolso, Dan conseguia alcançar facilmente seu celular. Ele tentou acessar o número de Abby no menu de chamadas rápidas, torcendo para que tivesse bateria suficiente para completar a chamada. Mas e depois? Talvez já fosse tarde demais... Mas talvez, se ela atendesse e ouvisse a conversa dos dois, talvez dessem meia-volta e fugissem.

Dan ouviu o som da grama e do cascalho do caminho sendo pisoteado atrás deles. Mais Scarlets, ele imaginou.

– Você se saiu muito bem, Cal, assim como nosso Felix... – era a professora Reyes.

Dan se virou para ela, e sentiu um frio na espinha ao notar seu sorriso sereno.

Ele saiu em disparada, tentando pular a cerca do cemitério, mas Cal foi mais rápido.

Quando sentiu o aperto implacável de Cal em seus braços, Dan parou de resistir e encarou com frieza a professora Reyes. Ele estava esperando por esse momento, mas agora, diante dela, não se sentia pronto. Ela vestia calça e cardigã pretos. O único tom diferente era o da pedra vermelha pendurada na corrente em seu pescoço.

– Eles não fizeram tudo direitinho, Daniel?

– É Dan – ele respondeu secamente. – O Felix... ele está envolvido nisso também?

– Claro que sim – ela deu risada, um som que o deixou todo arrepiado. – Aquele menino não dá um suspiro sem permissão.

– Por que você está fazendo isso? – murmurou Dan. Suas mãos pareciam congeladas, e o aperto dos braços de Cal expulsava o ar de seus pulmões. – Por que não para com isso e não deixa a gente em paz?

– Você mais do que ninguém sabe que não posso fazer isso – ela deu risada outra vez, jogando a cabeça para trás. – Agora vai vir comigo para termos uma conversinha. Felix já fez sua parte, assim como Cal.

Com um sorriso, ela deu um passo ameaçador na direção dele. A pedra em seu pescoço brilhou.

– Sim, minhas marionetes fizeram bem seu trabalho – ela falou, tocando carinhosamente a pedra –, e cumpriram sua parte. Mas a sua parte, Daniel Crawford, está só começando.

Ele tentou jogar o corpo para trás, para atingir Cal com a cabeça, mas o outro estava atento e antecipou seus movimentos. A professora Reyes sorriu, sacando uma seringa comprida do bolso da calça. Ele sentiu seu perfume exagerado, viu o brilho ambicioso em seus olhos. A ponta da agulha entrou em seu braço antes mesmo que ele pudesse gritar.



CAPÍTULO

32



**E**le pensou que o resultado seria melhor. O método tinha sido refinado... Como poderia ter falhado bem agora, quando ele se sentia tão confiante em suas técnicas? Mas o que estava feito estava feito. Não havia por que se apegar ao fracasso.

Ao seu lado, a jovem estava imóvel, ainda se recuperando. Um cobertor grosso envolvia seus ombros. Ele não teria como manter seus métodos em segredo. Era o preço a pagar – que ele iria pagar – pela perfeição. Pelo controle.

– Olhe para elas, Caroline – ele falou.

Ela estava olhando para os próprios pés, e não para as caixas compridas de madeira sobre a grama. Atrás deles, a construção permanecia em silêncio, com suas pedras parecendo ainda mais escuras e frias sob as nuvens pesadas de chuva. A névoa circundava a base da construção, pairando sobre o jardim.

As mulheres seriam enterradas no jardim. O cemitério era arriscado demais, sua influência sobre a faculdade e o governo local ainda não era absoluta.

– Olhe para elas – ele repetiu, em um tom mais severo.

Caroline ergueu a cabeça raspada. Os cabelos escuros estavam ameaçando reaparecer, como plantas que começavam a brotar em uma terra recém semeada. Na parte de trás da cabeça, porém, seus cabelos escuros continuavam lá. Os pontos em seu crânio ainda eram recentes e doloridos. Sua cirurgia tinha ido muito bem. As das outras... muito mal. Ele deveria ter realizado as operações primeiro, em vez de perder tempo com as drogas.

Enfim, lição aprendida. Sem errar, não era possível acertar.

– Só vamos ter que praticar mais – ele disse com um suspiro. – A técnica com o instrumento pontiagudo é mais sutil, mas exige uma mão mais treinada do que a minha está no momento.

Caroline o encarou, ainda sem disposição para olhar para as caixas que seriam enterradas.

*– Tinha tanto sangue – ela murmurou. Suas mãos seguravam o cobertor, e estavam começando a tremer. – Tanto sangue.*

*Ela estava certa, obviamente. Crânios abertos envolviam inevitavelmente muita secreção.*

*– Ora, ora, Caroline, não seja vulgar. Se quiser discutir o procedimento nós podemos, mas em termos científicos, sem esse drama todo.*

*Ele pôs a mão no ombro dela em um gesto paternal.*

*– Eu vou ensiná-la. Vamos praticar juntos! Vai ser divertido, não? Tenho certeza de que você vai se revelar uma aluna excelente.*



---

CAPÍTULO

---

33



Dan acordou com a cabeça girando, e demorou um instante para se lembrar do cemitério, da professora, da seringa...

Ele tentou se levantar, mas sua cabeça doeu tanto que sentiu ânsia de vômito. Sua boca estava seca e inchada, e sua garganta quase fechada. Aos poucos, foi conseguindo abrir os olhos. Apesar de grogue e ainda drogado, Dan reconheceu as prateleiras empoeiradas e o cheiro de mofo do subterrâneo. Armários de arquivo... Uma mesa comprida... Ele estava de volta ao escritório do diretor.

Ao Brookline.

Seria de se esperar que estivesse amarrado, mas nada restringia seus movimentos daquela vez. Alguém o havia sentado na velha cadeira do diretor. Quando ficou de pé, seus músculos doíam como se tivesse levado uma surra. As velas em forma de crânio ardiem em cada superfície, com a cera vermelha escorrendo sobre os pires e se solidificando sobre os armários. O Brookline estava fechado para os alunos, mas a professora Reyes ainda usava o local para atividades com estudantes de psicologia.

– Ótimo, você acordou de novo – ela entrou pela porta envidraçada do diretor e a deixou aberta.



Suas roupas não eram mais as sóbrias de antes, e sim um manto dos Scarlets.

– De novo? – perguntou Dan com a voz rouca, levando a mão à garganta seca.

– Hum-hum. Nós acordamos você apenas pelo tempo suficiente para garantir que a hipnose tinha funcionado – ela sorriu para ele, escancarando a falha entre os dentes da frente. – E tenho ótimas notícias! Funcionou.

A adrenalina invadiu suas veias, e o pânico tomou conta de seu corpo. Ele levou a mão ao nariz, e depois à testa.

– Você não fez isso...

– Ah, não. Ainda não – ela apontou com o queixo para uma bandeja com instrumentos médicos diante dele. Dan reconheceu o de ponta afiada da noite anterior. – Só mais tarde.

– Por que mais tarde? – Dan precisava distraí-la. Talvez por tempo suficiente para pegar o instrumento afiado da bandeja. Ela não era muito grande. Poderia ser mais fraca que ele. – Por que esperar?

– Porque o processo pode ser... imprevisível, e você tem informações que eu preciso conseguir antes de seu cérebro ser transformado em gelatina – ela abriu um sorrisinho e apontou para a cadeira da qual ele tinha levantado. – Sente-se, Daniel, para podermos conversar como dois adultos civilizados.

– Nada disso – ele respondeu, juntando todas as forças que lhe restaram para pegar o instrumento afiado e partir para cima dela.

Suas mãos estavam quase se fechando quando ela falou:

– Você não vai encostar nisso, Daniel.

Foi como se ela tivesse cravado um prego na cabeça de Dan, e uma dor lancinante se espalhou de seu crânio por toda sua coluna vertebral até que ele decidisse obedecer. Estava paralisado, incapaz de fazer seu corpo obedecer a seus próprios pensamentos e comandos.

– Agora que tal se sentar? – ela perguntou calmamente.

A professora Reyes se acomodou do outro lado da mesa com um suspiro impaciente.

– O que você fez comigo?

– O mesmo que faço com todo mundo que não consegue se controlar e ser civilizado. Agora sente-se.

Ela tirou o capuz da cabeça, e em seguida os próprios cabelos. Era uma peruca, e Dan notou que os cabelos não tinham voltado a crescer ao redor das cicatrizes da lobotomia.

Sem saber o que fazer, ele se sentou, sem tirar os olhos da bandeja com os instrumentos.

– Saiba que você não vai conseguir me machucar – ela falou com toda a tranquilidade. – Você está sob meu controle agora.

A mente de Dan estava a mil. Devia haver uma maneira de sair daquela armadilha. Devia existir uma forma de reaver o controle de sua mente.

– Você não precisa fazer isso. Pode me deixar ir – ela ouvia sem muita atenção. Dan se apressou em continuar. – Não é culpa sua, Caroline. Ele tomou o controle de tudo... de uma fraternidade, dos Scarlets, de você e depois da faculdade. Você não teve a menor chance. Foi sequestrada por ele e transformada em uma de suas marionetes. Você é uma vítima, não uma vilã.

Caroline hesitou, e seu lábio inferior tremeu. Em seguida ela deu risada, uma gargalhada tão forte que um pouco de baba caiu sobre o manto.

– Boa tentativa. Um discurso *bem* comovente. Mas acho que você está enganado, Daniel. Eu não sou uma vítima, sem dúvida nenhuma sou a vilã. Não tive muita escolha na vida, mas isso fui eu que decidi: sou, *sim*, a vilã – ela se virou na cadeira e chamou pela porta aberta. – Já pode trazê-los.

Era uma visão tristemente familiar. Abby e Jordan foram trazidos para dentro, mais uma vez amarrados a macas. Quem as empurrava era Cal, uma de cada vez. Quando estavam todos dentro da sala, Cal se recolheu a um canto, sorrindo presunçosamente para Dan.

– Seus amigos ficam bem melhor quando estão amarrados, né? Ficam mais *dóceis*.

Abby e Jordan estavam acordados, ambos se debatendo para se livrar das correias que os prendiam. Dan ficou observando, amargurado, enquanto Cal dobrava as pernas e as rodas das macas

e os punha em posição vertical contra a parede. Seus amigos gritavam, de frente para ele, amarrados como múmias.

– Por que não hipnotizou os dois também? – murmurou Dan.

– Quem disse que eu não fiz isso? – a professora Reyes ficou de pé e foi até Jordan, olhando-o de cima a baixo com um desdém visível.

– Na verdade, não eu, mas nosso amigo Escultor. Ou era Felix? Ou Felix era o Escultor? – ela gargalhou, e Dan levantou da cadeira num pulo, mas em seguida sentiu uma queimação terrível se espalhar dentro de sua cabeça.

– Os pesadelos... as vozes... Você nem imaginou? – a professora Reyes estalou a língua de forma brincalhona. – Ele levou vocês lá embaixo, até a sala de operações. Munido do meu conhecimento, era natural que quisesse se divertir um pouco. Mas ele não é dos mais capazes. Não consegui controlar você. Mas eu sim.

– Deixe os dois fora disso – falou Dan, agarrado à mesa do diretor. O calor das velas dentro da sala era incômodo. Sentindo-se fraco e todo suado, ele despencou de volta na cadeira. – Você disse que queria informações, tudo bem. Isso eu posso dar.

A professora Reyes fez um gesto de cabeça para Cal, que obedientemente foi até a bandeja e pegou o martelo e o instrumento de ponta afiada. Quando ele voltou a ficar do lado de Jordan, Dan sentiu sua pele se arrepiar de medo.

– Acho que você quer as anotações – falou Dan, tentando desviar os olhos de Jordan. – Mas eu não sei onde estão.

– Mas você leu tudo – ela respondeu, escancarando os dentes.

Não dava para chamar aquilo de sorriso.

– Sim, eu li.

– Era isso que eu queria. Aposto que você estava se achando muito esperto, decifrando as coordenadas, recolhendo todas as migalhas que deixei. As anotações estavam lá à sua espera, e como vocês são parentes... Eu sabia que ia entender tudo melhor que ninguém. Havia sempre uma peça faltando. Você consegue vê-lo, né? Nos sonhos, na vida real... Consegue ver o diretor. Consegue ver coisas que as outras pessoas não enxergam, Daniel. Por isso tinha que ser *você*. Não dava para eu desenterrar Maudire e interrogá-lo pessoalmente, certo?

Seus lábios se contorceram quando ela disse isso. Caroline tirou a corrente do pescoço, inclinou-se para a frente balançou a pedra de um lado para o outro diante de Dan. Ele não conseguiu desviar o olhar, sentindo-se estranhamente fascinado.

– Felix guiou você direitinho. Eu guiei você direitinho. O parque de diversões, as fotos... Se eu conseguisse despertar as lembranças certas, sabia que você ia me dar uma resposta. Foi Maudire quem falou para você sobre a senha. Tão simples. Tão incrivelmente simples. Como foi que não pensei nisso antes? Você descobriu, né? Conhece a palavra que desfaz toda a programação, toda a obra dele...

Ela ergueu uma das mãos e a bateu contra a mesa. Dan se inclinou para trás, todo trêmulo.

– Eu não sei do que você está falando...

E era verdade. Ela estava certa sobre Maudire afirmar que havia uma palavra de segurança, mas ele nunca disse exatamente qual era...

– Vá em frente – ela grunhiu e, paralisado, Dan observou enquanto Cal erguia o instrumento pontiagudo e o posicionava acima de um dos olhos de Jordan.

– Ei! – Jordan fez uma careta, mas em seguida ficou totalmente imóvel. – Não... não faça isso. O Dan vai dizer qual é a palavra. Claro que vai! Não vai, Dan? Você vai falar, né?

O suor escorria pela testa de Jordan. Sua voz estava esganiçada por causa do pânico.

Dan sacudiu a cabeça lentamente. Ele não sabia. E por que não sabia?

*Pensa... Pensa...*

– Para! Eu vou falar! – disse Dan, mas só para ganhar mais tempo.

Ele não conseguia se concentrar, não conseguia pensar. Não sabia o que ela queria ouvir. Tentou visualizar mentalmente os papéis e as anotações, mas, por mais que tentasse, as palavras pareciam todas borradas.

– Me diga qual é – gritou Caroline, movendo a pedra cada vez mais depressa diante de seus olhos. Parecia uma estrela, vermelha, incandescente, abrindo seu crânio para que as palavras dela

entrassem em contato direto com seu cérebro. – Me diga a senha, Daniel Crawford, para eu poder ter controle sobre mim mesma outra vez. Eu vou ser libertada. O resto de vocês pode apodrecer até a morte, mas eu vou ficar livre. *Me diga.*

Com o canto do olho, Dan viu Cal puxar o martelo para trás. Ele iria atacar.

– Eu sei qual é! – gritou Dan. – Não faça nada com ele, eu sei a senha!

Abby estava berrando e se debatendo contra as amarras.

Por que ele não sabia? Por que ele não conseguia ajudar seus amigos?

– Sabe *mesmo*? – a professora Reyes sorriu para ele atrás da pedra. – Talvez eu esteja usando o incentivo errado. Talvez seja mais parecido com ele do que eu imaginava – os olhos dela se voltaram para a bandeja com os instrumentos. – Pegue o bisturi, Daniel, e encoste contra seu pescoço.

Era como se sua mente e seus braços fizessem parte de corpos distintos. Ele não conseguia mais controlar a mão que segurava o instrumento cortante.

– Bom menino.

Dan viu a lâmina se aproximar cada vez mais, até a ponta fria do instrumento tocar seu pescoço. Sua boca se abriu em um grito silencioso e indefeso de pavor.

– Não está preocupado com seus amigos, ameaçá-los não significa nada. Você só se preocupa consigo mesmo... Como ele – ela baixou o tom de voz e começou a falar em um sussurro impassível e sem nenhuma emoção. – Agora diga a palavra que vai me libertar ou vai ter que começar a cortar.

Os olhos dele se desviaram para Abby, e depois para Jordan. Os dois ficaram olhando para ele, sem piscar, e Abby murmurava palavras que ele não conseguia entender. As lágrimas desciam pelo rosto dela. Dan visualizou os papéis mentalmente de novo, mas não havia nada lá.

– Ele não anotou a palavra – balbuciou Dan, tropeçando nas próprias palavras. – Ele não anotou... Sei que não. Eu me lembraria.

Ele não anotou, eu juro! Juro que não. Ai, meu Deus, não me obrigue a fazer isso...

Quando ela abrisse a boca de novo, Dan seria obrigado a obedecer. O condicionamento da professora era poderoso demais, e Dan não tinha como se defender.

– Acorde, Daniel, e *corte*.

A princípio ele sentiu apenas uma picada de leve na pele, quando a lâmina começou a passear lentamente por seu pescoço. Em seguida sentiu algo úmido e quente nos dedos, e a sala começou a girar. Não havia mais como julgar Micah, nem Lara, nem mesmo Cal – ele faria o que Caroline ordenasse sob o efeito daquela combinação de hipnose e drogas. Ele tentou resistir, mas sua mente estava adormecida, e seu corpo parecia pertencer a outra pessoa.

– Vamos ver se o medo ativa sua memória – Caroline murmurou, implacável. – E se não conseguir se lembrar... Bem...

O sangue estava escorrendo mais depressa, mas ele não conseguia parar e, como não sabia a resposta, a tendência era sangrar cada vez mais.

Foi então que ele ouviu algo atravessar o pano preto que cobria sua mente. Foi uma explosão de cor, de inspiração, e assim que ouviu aquilo ele conseguiu pensar de novo. Dan estava livre.

– Sanctum! – gritou Abby, e depois de novo, mais alto e com mais convicção. – Sanctum! A senha é sanctum!

Caroline piscou algumas vezes antes de se voltar para Dan. Então do vazio de sua expressão surgiu um sorriso maligno, e ela começou a avançar em sua direção.

– É isso! É essa a senha! E é tão simples! Estou até me sentindo meio burra. Mas era só para isso que precisava de você – ela falou.

– Você não é mais necessário. Agora eu posso encerrar o último resquício da linhagem daquele monstro!

Ele viu e ouviu o instrumento de ponta afiada cair no chão. Cal o tinha derrubado. Caroline saltou para trás da mesa, agarrando Dan pela garganta. Ele começou a ver estrelas. Ele ergueu o bisturi e usou seu último fôlego para cravá-lo nas costas da professora.

Ela o largou e desabou sobre a mesa, tentando arrancar a lâmina das costas. A pedra caiu de sua mão, quicando sobre os papéis

espalhados na mesa do diretor. Dan a apanhou e saltou sobre o móvel, ignorando o tremor em suas mãos e o sangue que as cobria enquanto tentava soltar Abby. Cal já tinha começado a desamarrar Jordan.

Com a respiração acelerada, Dan deu uma olhada para Cal, que estava dobrado sobre si mesmo, sacudindo a cabeça como se tivesse levado um soco na cara e não conseguisse se recuperar.

– Eu vou matar você! – Caroline gritava, ainda se debatendo na mesa, tentando arrancar o bisturi das costas. As velas caíram e saíram rolando pelo chão e, apesar de algumas terem se apagado, outras espalharam suas chamas pelos arquivos e livros espalhados pelo piso. – Vou matar todos vocês!

As chamas atingiram o manto de Caroline, que não parecia se decidir entre lidar com o fogo ou com a lâmina nas costas.

Dan soltou uma última fivela, a que prendia a cabeça de Abby à maca. Ela caiu nos braços dele.

– Precisamos cair fora daqui – gritou Jordan, puxando Dan pela manga do casaco. – Agora!

Jordan se encaminhou para a porta, com Dan e Abby logo atrás, mas de repente viu seu caminho obstruído. Cal entrou em sua frente, com seu belo rosto franzido e castigado pela exaustão. O brilho que existia em seus olhos quando Dan o viu pela primeira vez não estava mais lá. Dan não queria ter que brigar, mas não ficaria parado ali, não quando as chamas já estavam devorando o escritório e começando a transformar o recinto em uma fornalha.

– Podem ir – falou Cal, empurrando Jordan na direção da porta. – Fora daqui!

Os outros dois saíram correndo, mas Dan parou logo depois de cruzar a porta.

– Você pode vir com a gente – ele disse, ofegante, virando--se para Cal.

Atrás dele, o fogo rugia, com os velhos livros e papéis servindo como combustível, inflamando-se imediatamente. Não demoraria muito até as chamas alcançarem a porta.

– Não – respondeu Cal com um sorriso triste. – Ela não pode sair. Precisa desaparecer junto com este lugar. Leve os seus amigos

daqui. Me deixe fazer pelo menos uma coisa decente na vida – ele deu as costas para Dan, e por cima do ombro acrescentou. – Agradeça a sua namorada por mim.

– Dan! Vamos embora! – Abby o puxou pela gola do casaco, obrigando-o a segui-la pelo corredor.

Ele se lembrava muito bem do caminho da saída, como se até o dia anterior ainda circulasse pelas entranhas do Brookline. O cheiro de queimado e de fumaça preenchia o ar, e ele ainda conseguia sentir o calor do fogo enquanto corria para longe do escritório. Quando estavam quase chegando ao saguão do velho manicômio, Dan olhou para trás para ver as chamas que saíam pela porta do antigo escritório do diretor.

A porta de acesso do porão estava trancada. Jordan não perdeu tempo tentando abrir a fechadura – golpeou a estrutura de metal e madeira até que ela cedesse, abrindo caminho para o ar mais fresco do alojamento desativado.

– Pelos fundos – falou Jordan, já começando a correr. Dan conseguia ouvir o crepitar das chamas se espalhando nos subterrâneos. – Não podemos ser vistos saindo daqui.

Enquanto se dirigiam para a porta dos fundos do Brookline, Dan viu a alavanca vermelha do alarme de incêndio. O ar frio da tarde o atingiu quando Abby e Jordan abriram as portas e Dan acionou o alarme. A sirene começou a tocar, ecoando em um volume ensurdecedor pelos corredores vazios.

Do lado de fora o sol já se punha, pintando o céu de laranja e roxo sobre as copas das árvores. Dan se afastou alguns passos da porta e se virou, tentando recuperar o fôlego enquanto ouvia um rugido distante e gutural.

Em seguida houve um estalo de estourar os tímpanos, e o prédio inteiro se abalou. As fundações estavam se desintegrando. O Brookline estava prestes a desabar.



CAPÍTULO

34



As chamas se espalharam mais rapidamente do que Dan esperava. Quando ele, Abby e Jordan chegaram à frente do edifício, já havia uma multidão aglomerada por lá.

– A polícia ficou com os nossos celulares – murmurou Jordan, desolado. – Espero que alguém chame os bombeiros, e que eles resgatem Cal.

Dan e Abby o encararam com um silêncio de perplexidade.

– Que foi? – ele resmungou. – Cal devia ser um cara legal antes da lavagem cerebral. Se bobear, os docksides não foram nem ideia dele.

Abby bateu de leve no ombro dele.

– Espero que consigam tirá-lo de lá.

Um caminhão de bombeiros parou ruidosamente no gramado, espalhando a multidão de espectadores. Dan tentou ajeitar suas roupas desalinhas, com medo de parecer que havia acabado de escapar do cenário de destruição do Brookline. A última coisa que ele queria era ter que explicar o que aconteceu lá dentro.

– Dan! Seu pescoço! – Abby apareceu diante dele, tirando um punhado de lenços umedecidos do bolso. Ela abriu uma das embalagens com os dentes e pressionou o lenço com firmeza contra o corte em seu pescoço. O ferimento começou a doer ainda mais. – Por sorte acho que não é muito profundo.

– Pois é – ele falou com uma risadinha sarcástica. – Por sorte.

Os bombeiros desceram às pressas do caminhão, organizando rapidamente sua estratégia e localizando o hidrante mais próximo. Dan reconheceu alguns dos candidatos a alunos da faculdade no grupo que se aglomerava no gramado.

Ele sentiu os dedos de Abby se entrelaçando com os seus e se virou para ela, conseguindo abrir um sorriso, apesar da exaustão. Ela trocou a bandagem do corte, comprimindo-o para o sangue parar de escorrer.

– Como foi que descobriu? – ele perguntou baixinho. – A senha... Quer dizer, eu sei que você também leu as anotações dele, mas o que fez lá embaixo foi incrível.

– Foi uma coisa que me ocorreu – ela respondeu com modéstia, encolhendo os ombros. – Aquilo não combinava muito bem com o restante das bobagens dele, então imaginei que fosse uma coisa importante. Para ser bem sincera, foi mais um palpite. Eu ia começar a gritar palavras aleatórias se aquela não funcionasse.

– Ainda bem que nós escondemos aqueles papéis idiotas – ele murmurou.

– Será que não é melhor pegar de volta? – ela perguntou.

– Mais tarde. Cal me pediu para agradecer você – acrescentou Dan. Ele viu os bombeiros gritando uns com os outros, e o fogo agora era visível no andar térreo, as janelas brilhavam como lâmparas de Dia das Bruxas. – Talvez ele ainda consiga agradecer pessoalmente.

– Puxa, espero que sim. Ele não deveria ter ficado lá – Abby apertou uma última vez a mão dele antes de soltá-la. – Vou ver como está o Jordan. Você vai ficar bem?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Sim, eu só estou... só estou ansioso para voltar logo para casa.

Enquanto Abby caminhava na direção de Jordan, Dan se perguntou o que diria a Paul e Sandy sobre seu pescoço. *Talvez esteja na hora de contar a verdade sobre tudo.*

Alguns bombeiros saíram do Brookline carregando uma maca. Mesmo do local onde eles estavam, dava para ver que Cal tinha escapado de lá com vida. A alguns metros de distância no gramado, Dan viu Abby e Jordan conversando lado a lado. Os ombros de Jordan desabaram de alívio. Dan foi andando até seus amigos, sentindo-se finalmente entregue ao cansaço.

– E agora? – questionou Dan, mas sem dirigir sua pergunta a ninguém em particular. Era mais uma pergunta retórica. Ele enfiou a mão no bolso e passou os dedos pela superfície lisa da pedra. – A gente sai por aí gritando “sanctum” para as pessoas para ver o que acontece?

– Não sei – respondeu Abby, encolhendo os ombros. – Mas estou feliz por poder ir para casa.

Dan segurou a mão de Abby e cerrou os dentes, vendo o Brookline queimar. As chamas escapavam pela janela, dançando ao sabor da brisa. Dan não disse nada, mas torceu para que nenhuma outra maca saísse do Brookline, que o monstro em que Caroline Reyes havia se transformado desaparecesse para sempre, sepultada no local mais apropriado que ele poderia imaginar.



CAPÍTULO

35



Duas horas depois, enquanto esperavam o transporte para ir embora da cidade, uma chuva leve começou a cair. Abby pôs o capuz do casaco e enfiou as mãos enluvadas no bolso.

– Só vou ficar mais um dia – ela falou –, só para visitar a tia Lucy e ver se está tudo bem com ela. Não precisam se preocupar. Vou mandar mensagem a cada cinco minutos.

– Isso não me consola em nada, Ab. Estou odiando a ideia de você ficar mais um minuto que seja aqui – Jordan respondeu, amargurado.

Dan balançou a cabeça em concordância, mas sua mente estava longe. Ele não conseguia parar de pensar na pedra em seu bolso. Estava esfregando sua superfície lisa e polida com o polegar, olhando para um ponto distante da rua por cima do ombro de Abby.

A chuva se acumulava em poças d'água, e ele sentia cada gota cair sobre sua cabeça, movimentando o dedo sobre a pedra naquele mesmo ritmo.

– Dan? – Abby sorriu para ele, ficou na ponta dos pés e deu um beijo em seu rosto. – Está tudo bem? Você parece meio chateado.

– Estou só... pensando. Tipo, para todos os efeitos, a gente “resolveu o mistério” ou o que quer que seja, mas e daí? E se a gente voltar para casa e perceber que isso tudo não aconteceu por causa de algum tipo de hipnose ou lavagem cerebral, e sim por causa do trauma do verão?

– Se for assim, a gente vai ter que virar a página e seguir em frente – falou Abby. – Como todo mundo.

Ela apontou para trás de si, onde os outros candidatos garantiam aos seus preocupados pais que o prédio que pegou fogo estava vazio.

– Além disso, a gente *não foi* hipnotizado. Foi tudo culpa das drogas, lembra? – provocou Jordan.

– Muito engraçado, Jordan – resmungou Dan.

– Enfim, agora você tem esse monte de anotações e papéis para tentar descobrir alguma coisa sobre a sua família – acrescentou Jordan. – Mas, enquanto isso, tente se animar, certo? Estamos indo para casa.

– Você tem razão – concordou Dan. Ele olhou para Abby e sorriu. – Virar a página... é isso aí.

Em pouco tempo ele estaria de novo com Paul e Sandy, em segurança e com a distração proporcionada pela escola, pela escolha da faculdade, todas as coisas que deveriam ser as mais importantes de sua vida.

– O seu ônibus chegou, Jordan – falou Abby, apontando para a rua. Em meio à chuva insistente e à névoa, um par de luzes alaranjadas apareceu. – Vamos manter o contato. Vocês dois se cuidem, certo?

Ela deu outro beijo apressado no rosto de Dan e um abraço em Jordan. Logo em seguida atravessou a rua, antes que o ônibus estacionasse. Dan ficou observando enquanto ela desaparecia no mesmo caminho que usaram para subir até o campus dois dias antes. O ônibus parou junto ao meio-fio, obstruindo a visão de Dan. Jordan se preparou para embarcar, e Dan ficou esperando logo atrás.

– Boa viagem, Dan. Foi legal encontrar você de novo, apesar de toda a sua chatice. – Jordan o abraçou, e Dan deu uma risadinha, vendo seu amigo entrar no ônibus.

Quando chegou sua vez de ir embora, Dan pegou sua mala abarrotada com os diários e papéis de sua pesquisa e enfiou no porta-malas do táxi. O motorista mal olhou para sua cara quando ele entrou no carro.

Dan tirou a pedra vermelha do bolso e ficou olhando para ela. O taxista esperava uma brecha no tráfego para arrancar com o carro. Era estranho pensar que o Brookline provavelmente não existia mais àquela altura, que era apenas uma carcaça carbonizada e fumegante à espera da demolição.

A maior parte da história sórdida do lugar estava com ele agora, enfiada em sua mala e aninhada na palma de sua mão.

Dan olhou pela janela e sentiu seu coração disparar dentro do peito. Seus dedos ficaram dormentes, e ele não conseguia mais

sentir o peso da pedra na mão.

Do outro lado da rua, no caminho que Abby percorrera poucos momentos antes, ele viu um rosto familiar. Não era o fantasma de Patrick, mas era quase certeza se tratar de um fantasma. Era alto e forte, com óculos com armação fina e cavanhaque, e acenou para o táxi quando o motorista arrancou. Seus olhos eram bem pretos, e um sangue grosso e coagulado escorria por uma das narinas.

Micah.

– Sanctum – murmurou Dan, embaçando o vidro. – Sanctum.

Não importava quantas vezes ele dissesse aquilo. Pálido como um espectro, Micah continuava lá, observando sua partida.

Dan estreitou os olhos, pressionando o nariz contra o vidro, sem acreditar no que estava vendo. Micah acenava sem parar, com as duas mãos, e um carro se aproximou. Dan fez uma careta e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, Micah havia sumido, como se nunca tivesse estado lá.



---

## AGRADECIMENTOS

---

Como sempre, minha família e meus amigos são fundamentais para a escrita de qualquer livro. A paciência, o apoio e o amor de cada um deles me acompanharam durante todo o processo. Quero também deixar meu reconhecimento à colaboração de Andrew Harwell, e agradecer sua orientação e seus conselhos. Para variar, eu jamais conseguiria escrever estes livros sem Kate McKean, minha superagente. Por fim, agradeço imensamente a Olivia DeLeon, Kim VandeWater e a fantástica equipe da HarperCollins.



As imagens reproduzidas neste livro são fotomontagens criadas pelo Faceout Studio com base em imagens reais de antigos parques de diversões itinerantes.



TÍTULO	DO ACERVO DE
<a href="#">Fundo texturizado</a>	Naoki Okamoto/Getty Images
<a href="#">Menina assustadora na escuridão</a>	TomaB/Shutterstock.com
<a href="#">Perfil borrado da menina</a>	Eva van Oosten/Trevillion Images
Papel rasgado <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	STILLFX/Shutterstock.com
Acrobata/contorcionista <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	©Walter Lockwood/Corbis
Mágico <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	Imagno/Getty Images
Corvo <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	Marina Jay/Shutterstock.com
Roda-gigante <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	Neil Lang/Shutterstock.com
Topo da tenda <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	Lars Christensen/Getty Images
Brookline <a href="#">1</a> , <a href="#">2</a> e <a href="#">3</a>	Biblioteca do Congresso, Divisão de Fotografia e Impressão, HABS CA-2721-J-2
<a href="#">Duas crianças</a>	frescomovie/Shutterstock.com
<a href="#">Roda-gigante de gaiola</a>	Evoken/Shutterstock.com
<a href="#">Túmulo</a>	Dr. Ajay Kumar Singh/Shutterstock.com
<a href="#">Inscrição</a>	kornphoto/Shutterstock.com
<a href="#">Buquê de rosas</a>	suvijakra/Shutterstock.com
<a href="#">Homem no cavalo com anão</a>	Acervo Everett/Shutterstock.com
<a href="#">Trupe de circo diante da tenda</a>	Acervo Everett/Shutterstock.com
<a href="#">Acrobatas na corda-bamba</a>	Acervo Everett/Shutterstock.com
<a href="#">Mulher barbada</a>	chippix/Shutterstock.com
<a href="#">Dois homens de <i>collant</i></a>	Brand X Pictures/Getty Images
<a href="#">Artista com o guarda-chuva</a>	Acervo Everett/Shutterstock.com

<a href="#">Carrossel</a>	Sean Nel/Getty Images
<a href="#">Mansão vitoriana antiga</a>	Woody Upstate/Getty Images
<a href="#">Malotes postais</a>	mcpix/Getty Images
<a href="#">Fantasma no canto</a>	Eric Vega/Getty Images
<a href="#">Porta-retratos antigo</a>	Eric Vega/Getty Images
<a href="#">Elefantes e palhaços de circo</a>	Acervo Everett/Shutterstock.com
<a href="#">Homem equilibrando carrinho de mão</a>	chippix/ Shutterstock.com
<a href="#">Colar (corrente)</a>	Sundraw Photography/Shutterstock.com
Geodo	Dana White/Getty Images
<a href="#">Cera derretida</a>	Leigh Prather/Shutterstock.com
<a href="#">Máscara de caveira</a>	Jupiter Images/Getty Images
<a href="#">Cartão-postal e envelopes</a>	LiliGraphie/Shutterstock.com
<a href="#">Jornal antigo</a>	val lawless/Shutterstock.com
<a href="#">Biblioteca (prateleiras)</a>	Tom Grundy/Shutterstock.com
<a href="#">Menino na névoa</a>	Faceout
<a href="#">Arquivos antigos na prateleira</a>	Fiorentini Massimo/Shutterstock.com
<a href="#">Letra de mão</a>	Faceout
<a href="#">Placa de madeira</a>	Picsfive/Shutterstock.com
<a href="#">Circo</a>	CreativeNature.nl/Shutterstock.com
<a href="#">Homem sem olhos</a>	Brenda Bailey/Shutterstock.com
<a href="#">Sobrado antigo</a>	lunatic67/Shutterstock.com
<a href="#">Nuvens escuras</a>	Serg64/Shutterstock.com
<a href="#">Desenho do menino de blusa listrada</a>	Cara Petrus
<a href="#">Parede descascada com moldura</a>	Anan Kaewkhammul/Shutterstock.com
<a href="#">Criança engolindo espada</a>	chippix/Shutterstock.com
<a href="#">Casal com facas e machados</a>	Acervo Everett

<a href="#">Homem com espadas em chamas</a>	chippix/Shutterstock.com
<a href="#">Palhaço e mulher</a>	chippix/Shutterstock.com
<a href="#">Anotação no caderno de Danny</a>	Faceout
<a href="#">Livro antigo aberto</a>	spaxiax/Getty Images
<a href="#">Porta e janela com tábua</a>	Andrew Zyk/Getty Images
<a href="#">Cadeira antiga de dentista</a>	Daniel Schmitt/Shutterstock.com
<a href="#">Lousa antiga</a>	nuwatphoto/Getty Images
<a href="#">Envelopes antigos</a>	DrObjektiff/Shutterstock.com
<a href="#">Três crianças enfileiradas</a>	chippix/Shutterstock.com
<a href="#">Portão e casa antigos</a>	marcoventuriniautieri/Getty Images
Galhos	rodho/Shutterstock.com
<a href="#">Cadeira antiga de dentista</a>	Gurgen Bakhshetsyan/Shutterstock.com
<a href="#">Mulheres diante da porta</a>	Peter Dedeurwaerder/Shutterstock.com
<a href="#">Escultura de madeira de figura masculina</a>	Alfred Eisenstaedt/Getty Images
<a href="#">Partes de manequim</a>	RicoK/Shutterstock.com
<a href="#">Cabeça de manequim antiga de porcelana</a>	Pinkyone/Shutterstock.com
<a href="#">Cabeça de manequim feminina</a>	redefine images/Shutterstock.com
<a href="#">Mesa de escritório abandonada</a>	Dina Tulchevska/Getty Images
<a href="#">Óculos</a>	carl ballou/Shutterstock.com
<a href="#">Gancho</a>	Peter Zijlstra/Shutterstock.com
	igor gratzer/Shutterstock.com

[6](#), [8](#), [18](#), [23](#), [34](#), [42](#), [55](#), [67](#), [76](#), [83](#), [92](#), [110](#), [121](#), [140](#), [153](#), [174](#), [195](#), [212](#), [218](#), [225](#), [247](#), [253](#), [267](#), [274](#), [286](#), [296](#), [311](#), [324](#), [328](#), [334](#), [343](#), [348](#), [354](#), [357](#), [371](#), [375](#), [380](#).

Textura (papel); Eky Studio/Shutterstock.com

Fundo de losangos; Carol Abram/Shutterstock.com

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE!  
Mande um e-mail para [opinioao@vreditoras.com.br](mailto:opinioao@vreditoras.com.br)  
com o título deste livro no campo "Assunto".

CONHEÇA-NOS MELHOR EM:

[vreditoras.com.br](http://vreditoras.com.br)

• [/vreditorasbr](http://vreditorasbr)

• [VREditorasBR](https://www.facebook.com/VREditorasBR)

• [@vreditorasbr](https://www.instagram.com/vreditorasbr)